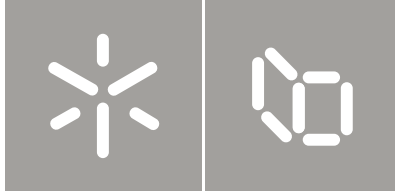


Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Idalete Maria da Silva Dias

**Sinonímia - campo semântico - contexto - texto.
Uma análise sinonímia com particular
relevância para as expressões idiomáticas.
Estudo sistemático e contrastivo.**



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Idalete Maria da Silva Dias

**Sinonímia – campo semântico – contexto – texto.
Uma análise da sinonímia com particular
relevância para as expressões idiomáticas.
Estudo sistemático e contrastivo.**

Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem
Área de Conhecimento em Linguística Alemã

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Hans Schemann

DECLARAÇÃO

Nome: Idalete Maria da Silva Dias

Endereço electrónico: idalete@ilch.uminho.pt Telefone: 253 601637

Número do Bilhete de Identidade: 12678557

Título dissertação □/tese □ :

Sinonímia – campo semântico – contexto–texto.

Uma análise da sinonímia com particular relevância para as expressões idiomáticas.

Estudo sistemático e contrastivo.

Orientador(es):

Professor Doutor Hans Schemann

Ano de conclusão: 2010

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Doutoramento em Ciências da Linguagem; Área de conhecimento em Linguística Alemã

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 20/10/2010

Assinatura: _____

Aos meus pais
Aos meus irmãos
Aos meus sobrinhos, Domenick e Nikita

AGRADECIMENTOS

Antes de mais os meus agradecimentos são dirigidos ao Prof. Doutor Hans Schemann, pela orientação, pelas sugestões, pelos ensinamentos, pelo apoio constante e por toda a disponibilidade demonstrada. Agradeço-lhe ainda ter-me possibilitado participar nos seus projectos lexicográficos.

Ao Prof. Doutor José João Almeida do Departamento de Informática da Universidade do Minho agradeço o apoio, as sugestões e o intercâmbio de ideias em torno da compilação e do tratamento do *Dicionário Idiomático Português-Alemão*.

Ao saudoso Prof. Doutor Erwin Koller.

Aos colegas do Departamento de Estudos Germanísticos e Eslavos, em especial à colega e amiga Natália Nunes, aos colegas e funcionários do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, que com palavras amigas me ajudaram na minha caminhada.

À Alice, à Júlia, à Ana Maria, ao Paulo estou grata pela amizade e pelo apoio na fase final da dissertação.

Agradeço aos meus pais pela força, pelo carinho e por todo o amor que me deram ao longo dos anos. Aos meus irmãos e aos meus sobrinhos, agradeço a amizade, as palavras de incentivo e o apoio incondicional.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado.

A todos os alunos que através das suas palavras e gestos me deram força.

SINONÍMIA – CAMPO SEMÂNTICO – CONTEXTO – TEXTO

Uma análise da sinonímia com particular relevância para as expressões idiomáticas.

Estudo sistemático e contrastivo.

RESUMO

O presente estudo centra-se na análise da sinonímia no domínio das expressões idiomáticas. Numa primeira parte apresentam-se os critérios que definem as expressões idiomáticas, começando por reflectir sobre a linguagem figurada, focando os tropos *metáfora*, *metonímia* e *sinédoque*. Em virtude do papel que os conceitos de ‘imagem’ (*Bild*) desempenham no âmbito da idiomática e da sinonímia, procede-se à distinção entre a imagem mental viva (*Vorstellung*) e a imagem enquanto figura do discurso (*Redefigur*). Segue-se a caracterização dos elementos que fazem parte do contexto linguístico e do contexto extra-linguístico das expressões idiomáticas.

Na segunda parte abordam-se os factores que intervêm directamente na sinonímia idiomática. Servem de ponto de partida para esta análise os seguintes fenómenos: o eufemismo, a personificação, a comparação, o símbolo, conceitos como o de ‘*path*’/‘caminho’, actos de fala específicos e modelos de construção com tendência para a generalização. Os factores que resultam desta análise servem de base para uma comparação entre os factores da sinonímia não idiomática e da sinonímia idiomática.

Por último, procura-se completar a reflexão sobre a sinonímia idiomática através da oposição que esta estabelece com a equivalência idiomática.

SYNONYMY – SEMANTIC FIELD – CONTEXT – TEXT

An analysis of synonymy between idioms.

A systematic contrastive study.

ABSTRACT

The main purpose of the present study is to shed light on the nature of synonymy between idioms. The first part of the thesis is dedicated to the criteria used to define idiomatic expressions. It begins with a discussion on figurative language and focuses on the distinction between the tropes *metaphor*, *metonymy* and *synecdoche*. The difference between the concept of ‘image’ as *Vorstellung* and the concept of ‘image’ as figure of speech (*Redefigur*) will also be addressed.

The second part of the thesis is concerned with the factors that play a crucial role in idiomatic synonymy. The following phenomena will serve as starting points for the analysis: euphemism, personification, comparison, symbol, concepts such as the concept of ‘path’, specific speech acts and certain construction models which can be applied in a generalized manner. The results of this analysis will provide the basis for a comparison between those factors involved in idiomatic synonymy and those involved in non-idiomatic synonymy.

The last part of this thesis consists of a comparison between idiomatic synonymy and idiomatic equivalence.

Índice

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1	
ELABORAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE DEFINIÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	17
1.1. LINGUAGEM FIGURADA OS TROPOS: METÁFORA	
– METONÍMIA – SINÉDOQUE	17
1.1.1. A problemática da delimitação dos tropos	17
1.1.2. Critérios de diferenciação dos tropos	20
1.2. OS CONCEITOS DE METÁFORA E IMAGEM.....	26
1.2.1. Imagem mental viva (<i>Vorstellung</i>) vs. imagem enquanto figura do discurso (<i>Redefigur</i>)	26
1.2.2. Caracterização da imagem enquanto figura do discurso (<i>Redefigur</i>).....	27
1.2.2.1. A forma da imagem	27
1.2.2.2. A estrutura da imagem.....	33
1.2.2.3. As funções da imagem.....	34
1.3. A PROBLEMÁTICA DA ABORDAGEM COGNITIVA DA METÁFORA...	41
1.4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO LINGUÍSTICO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	42
1.4.1. Delimitação do conceito de <i>contexto</i>	42
1.4.2. Caracterização das restrições morfo-sintáticas e léxico-semânticas das expressões idiomáticas	45
1.4.3. O contexto lexemático	54
1.4.4. O contexto semântico	56

1.5. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EXTRA-LINGUÍSTICO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS:	
Deixis – Situação – Actos de Fala – P(l)ano de Fundo.....	58
1.5.1. Notas preliminares.....	58
1.5.2. Deixis.....	59
1.5.3. Situação.....	65
1.6. O PLANO DAS PRESSUPOSIÇÕES.....	75
1.6.1. O conceito de ‘pressuposição’.....	75
1.6.2. As pressuposições lógicas, semânticas e pragmáticas.....	76

Capítulo 2

O <i>SYNONYMWÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN REDENSARTEN</i> – CORPUS DE REFERÊNCIA NO DOMÍNIO DA SINONÍMIA IDIOMÁTICA ALEMÃ.....	83
2.1. Descrição da micro- e macroestrutura do <i>Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten</i>	83
2.2. Quadro estatístico da sinonímia na idiomática alemã.....	88

Capítulo 3

A SINONÍMIA NO PLANO DA IDIOMÁTICA.....	107
3.1. Os Eufemismos.....	107
3.2. A Personificação.....	115
3.3. A Comparação.....	118
3.4. O conceito de ‘ <i>path</i> ’/‘caminho’.....	131
3.5. Expressões vinculadas a actos de fala específicos (<i>Sprechaktrestringierte Idioms</i>).....	141
3.6. Modelos de construção com tendência para a generalização.....	151
3.6.1. Modelo de construção com o constituinte nuclear <i>wohl</i>	152
3.6.2. Modelos de construção característicos de categorias específicas.....	159
3.6.2.1. Categoria: Um colectivo de pessoas.....	160
3.6.2.2. Categoria: Um colectivo de coisas.....	161
3.6.2.3. Categoria: ‘por tudo e por nada’/‘nada – absolutamente nada’/‘nada de nada’.....	162

3.7. A sinonímia não idiomática <i>versus</i> a sinonímia idiomática	167
3.7.1. Comparação dos factores de diferenciação de sinónimos nos planos não idiomático e idiomático	167
3.7.2. Sistematização dos factores que intervêm na sinonímia idiomática	191
 Capítulo 4	
SINONÍMIA – EQUIVALÊNCIA – TEXTO	193
4.1. A equivalência idiomática	194
4.2. Estudo de caso: análise da relação de equivalência entre a expressão portuguesa <i>dar cabo de</i> e as expressões de partida alemãs	206
4.2.1. Metodologia	206
4.2.2. Análise estrutural e semântica da expressão <i>dar cabo de (qc/alg)</i>	207
4.2.3. Inversão da perspectiva: análise da equivalência interlingual a partir dos equivalentes alemães da expressão <i>dar cabo de alg</i>	210
4.3. O funcionamento da sinonímia e da equivalência no plano do texto	218
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	221
1. Dicionários	221
2. Bibliografia Geral	222
 ANEXOS	
Anexo 1	235
Macro e microestrutura do <i>Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten</i>	
Anexo 2	241
Descrição pormenorizada do processo de compilação electrónica do <i>Dicionário Idiomático Português – Alemão/Idiomatik Portugiesisch – Deutsch</i>	241

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objecto de estudo a sinonímia no plano das expressões idiomáticas. O primeiro capítulo centra-se nos critérios de definição das expressões idiomáticas, estando subdividido em seis subcapítulos. O primeiro subcapítulo ocupa-se da descrição dos tropos *metáfora*, *metonímia* e *sinédoque*, enquanto factores constitutivos de idiomaticidade, e da formulação da problemática relacionada com a delimitação e diferenciação dos mesmos. Dada a relevância dos conceitos de *imagem* (*Bild*) no âmbito das expressões idiomáticas, considera-se prioritário apresentar, no segundo subcapítulo, o que distingue o conceito de ‘imagem’ enquanto imagem mental viva (*Vorstellung*) do conceito de ‘imagem’ enquanto figura do discurso (*Redefigur*). Neste quadro coloca-se em destaque a natureza – a forma, a estrutura, as funções – da imagem enquanto figura do discurso. No terceiro subcapítulo apresenta-se de forma sintética a diferença entre a abordagem cognitiva da metáfora de Lakoff & Johnson e a abordagem da metáfora aqui em análise. Os últimos três subcapítulos assentam no modelo de classificação dos contextos que intervêm nas expressões idiomáticas elaborado por Schemann (2003), modelo que distingue entre contexto linguístico, contexto extra-linguístico e contexto das faculdades biológicas. Assim sendo, o quarto subcapítulo ocupa-se da caracterização do contexto linguístico das expressões idiomáticas, desde a caracterização das restrições morfo-sintácticas e léxico-semânticas, às quais estas unidades estão sujeitas, à caracterização dos contextos lexemático e semântico. O quinto subcapítulo trata do contexto extra-linguístico das expressões idiomáticas, investigando, em particular, fenómenos relacionados com o contexto de situação, o contexto do plano de fundo (*Grund*) e o contexto pragmático. O último subcapítulo é dedicado ao funcionamento do conceito de ‘pressuposição’ – pressuposições lógicas, semânticas e pragmáticas – no domínio da idiomática. O desenvolvimento do primeiro capítulo permite ao leitor aperceber-se do conjunto de factores que entram em jogo na análise das expressões idiomáticas, factores esses que servirão de suporte à análise da sinonímia no âmbito da idiomática.

Dada a relevância do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten* de Schemann (1992) para o presente estudo, o segundo capítulo é dedicado à descrição dos princípios metodológicos subjacentes à concepção deste *corpus* de referência no domínio da

sinonímia idiomática alemã, recurso que, em virtude da conjugação de várias perspectivas lexicográficas, constitui uma mais-valia para o ensino e a aprendizagem do alemão como língua estrangeira. O capítulo termina com a apresentação de um quadro estatístico dos campos semânticos que no *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten* são compostos por cinco ou mais expressões sinónimas.

O terceiro capítulo diz respeito à análise do funcionamento da sinonímia no plano da idiomática com o intuito de indagar e sistematizar os factores que contribuem para a relação de sinonímia entre expressões idiomáticas. Este capítulo encontra-se organizado segundo determinados fenómenos que desempenham um papel preponderante no plano da idiomática. São eles: o eufemismo, a personificação, a comparação, o símbolo, conceitos como o de ‘*path*’/‘caminho’, actos de fala específicos e modelos de construção com tendência para a generalização. O capítulo conta ainda com uma reflexão sobre os factores da sinonímia não idiomática por oposição aos factores da sinonímia idiomática. Os exemplos apresentados neste capítulo provêm do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten* (Schemann, 1992).

O objectivo do quarto capítulo consiste em mostrar de que forma a sinonímia idiomática se distingue da equivalência idiomática. Começa-se por apresentar a tipologia de equivalência interlingual proposta por Larreta (2001), tipologia desenvolvida com base em relações de equivalência entre somatismos. Seguidamente, procede-se a um estudo de caso que envolve a análise da relação de equivalência entre a expressão portuguesa *dar cabo de* e as expressões equivalentes alemãs. Como *corpus* de referência para este estudo toma-se o *Dicionário Idiomático Português – Alemão* (Schemann/Dias, 2005) que apresenta uma perspectiva lexicográfica bifacetada: uma perspectiva interlingual (expressão portuguesa → equivalentes em alemão) e uma perspectiva intralingual (relação sinonímica entre os equivalentes alemães).

No Anexo 2 encontra-se uma descrição pormenorizada do processo de compilação electrónica do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*. Introduce-se considerações gerais sobre o processo de etiquetagem e processamento de textos electrónicos e apresentam-se os passos envolvidos na criação do corpus electrónico anotado do Dicionário. Por fim, apresenta-se uma relação das expressões idiomáticas portuguesas

do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* com mais de duas expressões equivalentes alemãs. Sublinhe-se que esta relação pode servir de recurso de referência, por um lado, para estudos que visam abordar a equivalência interlingual entre o português e o alemão e, por outro, para o ensino e a aprendizagem do alemão como língua estrangeira. No âmbito desta última aplicação, este recurso pode servir de suporte a uma reflexão didáctica em torno das expressões idiomáticas alemãs mais relevantes para falantes do português que estudam o alemão como língua estrangeira.

CAPÍTULO 1

ELABORAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE DEFINIÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1.1. LINGUAGEM FIGURADA

OS TROPOS: METÁFORA – METONÍMIA – SINÉDOQUE

1.1.1. A problemática da delimitação dos tropos

A temática dos tropos constitui uma problemática ampla que tem sido objecto de muita investigação¹. De particular relevância para o estudo das expressões idiomáticas são os tropos metáfora, metonímia e sinédoque, dado serem, segundo Schemann, “die wichtigsten Idiomatizitätsfaktoren” (1993: XXVI), os principais factores constitutivos de idiomaticidade. A pluralidade de perspectivas sobre estas figuras do discurso e a diversidade dos modelos de classificação e das definições propostas torna necessário definir como encaramos estes mecanismos de expressão no nosso trabalho². Para tal, servir-nos-emos da taxionomia das figuras do discurso elaborada por Fontanier. Ainda que esta taxionomia tenha sido publicada entre 1821 e 1830, no entanto reveste-se de importância para o nosso estudo pelas seguintes razões, retiradas da introdução de Gérard Genette à obra *Les Figures du Discours* de Fontanier (1968: 5-17):

- (i) Fontanier fornece uma definição rigorosa do conceito de ‘figura’;
- (ii) a tipologia em questão baseia-se na oposição ‘sentido figurado-sentido literal’ (*sens figuré-sens littéral*): “l’opposition pertinente n’est donc pas *figuré/usuel*, mais *figuré/littéral*: le figuré n’existe qu’en tant qu’il s’oppose au littéral, la figure n’existe qu’autant qu’on peut lui opposer une expression littérale” [sublinhado pelo autor] (*ibidem*: 10)³;

¹ O termo ‘tropos’ descende da expressão grega τρῶπος (tropos) que significa ‘expressão, direcção’ (*Wendung, Richtung*). Aplicado à retórica, o termo ‘tropos’ designa “Wörter oder Wendungen, die nicht im eigentl.[ichen] Sinne, sondern in einem übertragenen, bildlichen gebraucht werden” (*Metzler Lexikon Sprache*, 1993: 653).

² Para uma visão global da história e da problemática dos tropos poderão consultar-se, entre outros, Du Marsais, *Traité des Tropes*, ((1730), 1981); Fontanier, *Les Figures du Discours*, 1968; Richards, *The Philosophy of Rhetoric*, ((1936), 1965). Para um tratamento detalhado deste assunto na tradição alemã, ver Lausberg, *Elemente der literarischen Rhetorik*, 1963 e Plett, *Einführung in die rhetorische Textanalyse*, 1973.

³ Como teremos oportunidade de verificar adiante, a oposição ‘sentido figurado-sentido literal’ desempenha um papel importante na definição do conceito de idiomaticidade.

- (iii) a abordagem de Fontanier põe em evidência a intersecção entre a dimensão paradigmática e a dimensão sintagmática do discurso (*ibidem*: 16);
- (iv) Fontanier propõe uma divisão clara e precisa das figuras do discurso, divisão que Genette classifica de “l’un des chefs-d’œuvre de l’intelligence taxinomique” (*ibidem*: 13)⁴. Fontanier distingue sete classes de tropos⁵, sendo que a metáfora, a metonímia e a sinédoque pertencem à classe das figuras de significação (*figures de signification*).

Antes de analisarmos, com algum pormenor, a distinção entre as figuras do discurso – metáfora, metonímia, sinédoque – estabelecida por Fontanier, modelo de classificação que servirá de orientação teórica para a análise do comportamento destas figuras de transposição a nível das expressões idiomáticas, vejamos a divergência de opiniões no que respeita a delimitação destes mecanismos de expressão.

A dificuldade de uma demarcação nítida entre estes três tropos prende-se, em parte, com o facto de a metáfora ter merecido em estudos de natureza retórica e linguística desde Aristóteles um estatuto privilegiado em relação à metonímia e à sinédoque⁶. No que diz respeito à fronteira entre a metonímia e a sinédoque deve ter-se em conta que existem fundamentalmente duas orientações:

- (i) de modo geral, as teorias mais recentes que se debruçam sobre a temática dos tropos não atribuem à sinédoque uma individualidade própria, preferindo ‘encaixar’ a sinédoque no domínio da metonímia. Importa destacar a posição de Lakoff & Johnson, teóricos da linguística cognitiva, a este respeito: “We are including as a special case of metonymy what traditional rhetoricians have called *synecdoche*, where the part stands for the whole” (1980: 36). Para estes autores, a sinédoque é um caso especial de metonímia, ou seja, a relação geral ‘a parte pelo todo’ é tida como um conceito metonímico que obedece aos parâmetros da contiguidade.
- (ii) teóricos que, tal como Fontanier, defendem uma divisão nítida entre a metonímia e a sinédoque⁷. Jakobson, no seu artigo intitulado *Parts and Wholes in Language*,

⁴ Genette, fazendo alusão ao cientista Lineu, cujo modelo de classificação dos grupos botânicos é, ainda hoje, tido como modelo de referência, refere-se a Fontanier como o “Linné de la rhétorique” (*ibidem*: 13).

⁵ Fontanier propõe as seguintes sete classes de tropos: figuras de significação (*figures de signification*), figuras de expressão (*figures d’expression*), figuras de dicção (*figures de diction*), figuras de construção (*figures de construction*), figuras de elocução (*figures d’élocution*), figuras de estilo (*figures de style*) e figuras de pensamento (*figures de pensées*).

⁶ Veja-se, a título de exemplo, o modo como Ullmann na secção “Das Wesen der Bildlichkeit” da obra *Sprache und Stil* (1972: 195-225) desenvolve a questão das figuras do discurso (*Redefiguren*). Este autor reduz o tratamento das figuras do discurso ao tratamento da metáfora.

⁷ Genette critica a tendência da retórica moderna para encarar não somente as relações metonímicas como também as relações sinédoquicas como relações de contiguidade. Este autor reconhece que na prática casos há em que a

sublinha, por um lado, o carácter multifacetado das relações parte-todo e todo-parte e, por outro, o papel fundamental que as mesmas desempenham a nível do funcionamento da linguagem, chamando a atenção para a necessidade de se investigar a articulação entre o todo e as suas partes e a inter-relação entre as partes do todo: “In spite of the manifold aspects of interdependence between wholes and parts in language, linguists have been prone to disregard this mutual relationship” (1990: 110). E, mais adiante:

“If the whole is a “pattern of relations”, then the part, as Nagel notes, may also refer to “any one of the elements which are related in that pattern on some occasion of its embodiment” (1963: 137)⁸. Thus he touches upon the fundamental difference between design [type] and token, a whole-part relation which linguists have recognized, but without drawing all the obvious and far-reaching inferences. (...) Indeed a rich scale of tensions between wholes and parts is involved in the constitution of language where *the part for the whole* and, on the other hand, *the whole for the part*, *the genus for the species*, and *the species for the individual* are the fundamental devices” (1990: 114).

Para completar a reflexão sobre a problemática da delimitação destes tropos, há que abordar a demarcação entre a metáfora e a metonímia. Independentemente da perspectiva a partir da qual se analise a relação metáfora – metonímia, é comumente aceite que estamos perante dois processos distintos de transposição. Neste contexto, merece referência especial a secção sugestivamente intitulada “The Metaphoric and Metonymic Poles” do ensaio *Two Aspects of Language and Two Types of Aphasic Disturbances* de Jakobson (*ibidem*: 115-133). Este linguista considera que existe um paralelismo entre as relações de similaridade e contiguidade, relações que, do ponto de vista estruturalista, formam a base das estruturas linguísticas a vários níveis, e os dois tipos básicos de perturbações em pessoas que sofrem de afasia: por um lado, perturbações caracterizadas por uma perda completa ou parcial da capacidade para estabelecer relações de similaridade, ou seja, para realizar operações de selecção entre unidades linguísticas em determinado contexto paradigmático; por outro lado,

separação entre estes dois tropos não é clara, no entanto, enfatiza que faz todo o sentido distingui-los, uma vez que existe uma oposição lógica entre os mesmos. Lê-se na sua introdução à obra *Les Figures du Discours*: “Opposition d’une grande valeur logique, même si certains cas sont difficiles à distribuer en pratique, et il est dommage qu’elle se soit perdue dans la conscience r[h]éthorique moderne, qui amalgame les deux rapports sous le même concept de *contiguïté*” [sublinhado pelo autor] (1968: 14-15).

⁸ Jakobson desenvolve a sua análise sobre as relações parte-todo com base no ensaio *Wholes, Sums, and Organic Unities* de Ernest Nagel (1963).

perturbações caracterizadas por uma perda completa ou parcial da capacidade para estabelecer relações de contiguidade, isto é, para efectuar combinações de elementos linguísticos num encadeamento sintagmático:

“Every form of aphasic disturbance consists in some impairment, more or less severe, of the faculty *either* for selection and substitution *or* for combination and contexture. (...) The relation of similarity is suppressed in the former, the relation of contiguity in the latter type of aphasia”
[sublinhado por mim] (*ibidem*: 129).

Jakobson desenvolve esta ideia da estrutura bipolar da linguagem, estabelecendo uma ligação entre as relações de similaridade – contiguidade e os processos de transposição metáfora – metonímia:

“The development of a discourse may take place along two different semantic lines: one topic may lead to another *either* through their similarity *or* through their contiguity. The metaphoric way would be the most appropriate term for the first case and the metonymic way for the second, since they find their most condensed expression in metaphor and metonymy respectively”
[sublinhado por mim] (*ibidem*: 129).

Como tal, a produção discursiva depende de operações de substituição no eixo paradigmático, baseadas no princípio da similaridade, e de operações de combinação no eixo sintagmático, baseadas no princípio da contiguidade. Ora, se a metáfora e a metonímia operam em planos distintos, tal significa que estes meios de expressão realizam processos de transposição distintos.

1.1.2. Critérios de diferenciação dos tropos

Abordam-se em seguida os principais critérios de diferenciação da metonímia, da sinédoque e da metáfora elaborados por Fontanier (1968), tomando como ponto de partida a metonímia que, neste quadro, é definida como ‘tropo de correspondência’:

“Les Tropes par *correspondance* consistent dans la désignation d’un objet par le nom d’un autre objet qui fait comme lui un tout absolument à part, mais qui lui doit ou à qui il doit lui-même

plus ou moins, ou pour son existence, ou pour sa manière d'être. On les appelle métonymies, c'est-à-dire, changemen[t]s de noms, ou noms pour d'autres noms"⁹ (1968: 79).

Parece-me possível tirar as seguintes conclusões:

- (i) o processo de transposição decorre de uma 'correspondência' entre duas unidades distintas, melhor dizendo, entre duas esferas de significação distintas;
- (ii) a 'correspondência' entre as duas unidades funda-se numa relação de dependência adjacente ou contígua entre a unidade substituinte e a unidade substituída;
- (iii) o estado de contiguidade resulta do facto da unidade substituinte estar de uma ou outra forma ligada a determinada característica do conjunto das características que definem a essência ou o modo de ser da unidade substituída.

Fontanier distingue nove tipos de relações metonímicas, a saber:

- (i) metonímia da causa (*métonymie de la cause*);
- (ii) metonímia do instrumento (*métonymie de l'instrument*);
- (iii) metonímia do efeito (*métonymie de l'effet*);
- (iv) metonímia do conteúdo (*métonymie du contenant*);
- (v) metonímia de lugar (*métonymie du lieu*);
- (vi) metonímia do signo ou do símbolo (*métonymie du signe*);
- (vii) metonímia da matéria ou da substância física (*métonymie du physique*);
- (viii) metonímia de posse (*métonymie du maître ou du patron*);
- (ix) metonímia do objecto (*métonymie de la chose*).

Tendo em conta que estamos perante uma transposição que envolve unidades distintas, Genette fala, a propósito da relação de 'correspondência' que se estabelece entre as unidades, de "dépendance externe"¹⁰.

Consideremos agora a sinédoque que Fontanier designa de 'tropa de conexão':

⁹ Cf. a tradução alemã da definição de metonímia de Fontanier retirada do *Historisches Wörterbuch der Rhetorik* (Ueding, 1996, vol. 5: 1211): "Die Tropen durch Verbindung bestehen in der Bezeichnung eines Objektes durch den Namen eines anderen Objektes, das wie jenes ein völlig für sich bestehendes Ganzes bildet, das aber jenem oder dem jenes selbst mehr oder weniger entweder hinsichtlich seiner Existenz oder hinsichtlich seiner Seinsweise verbunden ist. Wir nennen sie M.[etonymie], d.h. Namensvertauschungen oder Namen anstelle anderer Namen".

¹⁰ Cf. a introdução à obra *Les Figures du Discours* (1968: 14).

“Les Tropes par *connexion* consistent dans la désignation d’un objet par le nom d’un autre objet avec lequel il forme un ensemble, un tout, ou physique ou métaphysique, l’existence ou l’idée de l’un se trouvant comprise dans l’existence ou dans l’idée de l’autre”¹¹ (1968: 87).

Observe-se antes de mais que esta definição da sinédoque assenta na relação ‘unidade/conjunto – elementos/partes constituintes’, que, na sua base, supõe a existência de uma dependência intrínseca ou interna¹² entre (i) os elementos e a unidade genérica, resultante da abstracção das diferenças e particularidades que caracterizam as partes constituintes; (ii) as partes que, em conjunto com outras, formam o todo, a unidade. Nesta linha de pensamento, o que caracteriza essencialmente a sinédoque e a diferencia da metonímia é o facto de estarmos perante um processo de transposição que opera no interior de uma esfera de significação delimitada pela unidade genérica. O todo pode ser definido a partir das partes que o compõem, isto é, a partir de vários pontos de vista que são especificamente diferentes. O acto de especificação baseia-se na oposição genérico – específico e, como tal, encontra-se intimamente ligado à oposição género – espécie. Vemos como a partir da relação parte ↔ todo é possível trabalhar com conceitos como os de género e espécie. Para concretizar o modo como se dá (i) a relação parte ↔ todo e (ii) a relação género ↔ espécie, servir-me-ei de dois exemplos relacionados com o objecto ‘árvore’:

- (i) Numa aula de português língua estrangeira um aprendente coloca a seguinte questão: ‘O que significa a palavra ‘árvore?’’. A forma mais fácil de responder a esta pergunta consiste em apontar para o objecto físico ‘árvore’, melhor dizendo, para um exemplar físico do conceito ‘árvore’. No entanto, se o objectivo é aprofundar o vocabulário da língua portuguesa, a estratégia mais adequada será descrever o objecto designado pela palavra ‘árvore’. Tendo em conta que o objecto ‘árvore’ tem e contém, isto é, possui um conjunto de partes (raiz, tronco, ramo, folhas, etc.), podemos recorrer à descrição do objecto através da resolução do seu ‘conteúdo’:

árvore ↔ raiz – tronco – ramo – folhas ...

¹¹ Cf. a seguinte tradução alemã da definição de sinédoque de Fontanier retirada do *Historisches Wörterbuch der Rhetorik* (Ueding, 1996, vol. 5: 1211): “(...) in der Bezeichnung eines Objektes durch den Namen eines anderen Objektes besteht, mit dem es ein Ensemble bildet, ein entweder physisches oder metaphysisches Ganzes, wobei die Existenz oder Idee des einen in der Existenz oder Idee des andern enthalten ist”.

¹² Genette, na introdução à obra *Les Figures du Discours*, emprega o termo ‘dépendance interne’ para descrever a ligação entre as unidades implicadas no processo de transposição de tipo sinédóquico (1968: 14).

Este processo é um acto de especificação no sentido em que se procede a uma divisão de um todo nos elementos que estão contidos nele.

- (ii) Outra forma de descrever o objecto designado pela palavra ‘árvore’, forma ligada à lógica da resolução de um todo em elementos, consiste em dar exemplos do que pode ser considerada uma ‘árvore’, isto é, ‘resolver’ o género em espécies:

árvore ↔ choupo – carvalho – pinheiro – eucalipto – faia ...

As espécies são exemplares específicos de um mesmo género. A palavra ‘árvore’ não designa uma árvore específica, mas sim uma multiplicidade diferenciada de árvores. Estamos novamente perante um acto de especificação que é simultaneamente um acto de exemplificação.

Schemann (1993: LV) classifica a relação género ↔ espécie referida em (ii) de ‘estática’ e, baseando-se nas observações do Grupo μ do *Centre d’Études Poétiques* da Universidade de Liège, propõe um segundo tipo de relação género ↔ espécie, este de natureza ‘dinâmica’. Entenda-se por relação ‘dinâmica’ uma relação que se funda num acto, numa acção, numa actividade, num processo. Vejamos o seguinte exemplo ilustrativo:

- (1) *töten* ↔ *erwürgen* – *erschießen* – *ertränken*
matar ↔ *estrangular* – *fuzilar* – *afogar*

Ora, se os actos designados pelos lexemas *estrangular*, *fuzilar* e *afogar* são casos específicos da acção genérica ‘matar alguém’, estes lexemas representam formas de ‘pensar’ e ‘apreender’ o conceito geral, pelo que funcionam como formas de exemplificação do mesmo. A relação género ↔ espécie do tipo dinâmico pode ser esquematizada da seguinte forma:

acto/acção/processo/... ↔ caso(s) específico(s) do acto/da acção/do processo/...

Antes de procedermos à reflexão sobre a metáfora, importa lembrar a pertinência para o nosso propósito de uma abordagem das três figuras do discurso que assente na divisão clara das mesmas. Somente uma abordagem deste tipo reúne as características para funcionar como base operacional a partir da qual será possível estudar as

particularidades do funcionamento destes mecanismos de expressão e a articulação entre os mesmos a nível das expressões idiomáticas¹³.

Consideremos agora a metáfora que Fontanier designa de ‘tropo de similitude ou semelhança’:

“Les Tropes par ressemblance consistent à présenter une idée sous le signe d’une autre idée plus frappante ou plus connue, qui, d’ailleurs, ne tient à la première par aucun autre lien que celui d’une certaine conformité ou analogie”¹⁴ (1968: 99).

A partir desta definição torna-se possível delinear alguns pontos essenciais para a compreensão do processo de metaforização. Em primeiro lugar, estamos perante um processo que envolve exprimir uma ideia por meio de uma expressão que tem um sentido próprio. Quer isto dizer que no processo metafórico, aqui o termo ‘metafórico’ entendido em sentido lato¹⁵, intervêm dois planos de significação: o plano do sentido literal e o plano do sentido figurado da expressão ou do enunciado. Em segundo lugar, o facto de ser possível empregar uma expressão com sentido próprio para transmitir um outro sentido, um sentido metafórico, deve-se à existência de algum tipo de relação de semelhança ou similitude entre estes dois planos de significação. A aplicação do termo ‘leão’ para nos referirmos a determinado indivíduo que demonstre ser corajoso e valente baseia-se no facto de reconhecermos nessa pessoa características do animal que designamos de ‘leão’. Um terceiro aspecto a salientar encontra-se ligado à função metafórica. Fontanier faz alusão a duas funções que podem ser desempenhadas pela metáfora: por um lado, a metáfora pode servir para criar ou provocar um efeito de surpresa ou estranheza; por outro, pode servir para facilitar o entendimento de uma ideia complexa através do recurso a uma ideia mais familiar ou conhecida. De facto, como demonstram os estudos dedicados aos somatismos¹⁶, o ser humano procura recorrer a

¹³ Uma metodologia, tal como a adoptada por Lakoff & Johnson (1980: 38-39), que mescla a metonímia e a sinédoque, não se presta para os nossos objectivos, dado que agrupar estas figuras num todo heterogéneo tem como resultado a dissipação das fronteiras que existem entre estes mecanismos de expressão.

¹⁴ Cf. a tradução alemã da definição de metáfora proposta por Fontanier retirada do *Historisches Wörterbuch der Rhetorik* (Ueding, 1996, vol. 5: 1140): “Metaphern bestehen darin, daß «eine Vorstellung [idée] unter dem Zeichen einer anderen, überraschenderen und bekannteren Vorstellung vorgebracht wird, die mit der ersten durch keine andere Verbindung als der einer gewissen Übereinstimmung oder Analogie [conformité ou analogie] zusammengehalten wird»”.

¹⁵ Deve-se observar que a sinergia entre o plano do sentido literal e o plano do sentido figurado também se verifica em relação à metonímia e à sinédoque.

¹⁶ Cf. a afirmação de Dobrovolskij aquando da sua análise de expressões idiomáticas que exprimem a noção de medo: “Wir können unsere Emotionen, seelischen Regungen und psychischen Reaktionen nur dann konzeptualisieren

ideias do domínio do concreto, do palpável, para ‘dar voz’ a fenómenos psicológicos, psíquicos e ‘espirituais’, em suma, fenómenos abstractos, que são difíceis de captar e, conseqüentemente, difíceis de materializar ou transformar em palavras. Quer dizer, e empregando o termo difundido pela Retórica, a metáfora pode ser concebida como um ‘*Sprungtropus*’, isto é, um tropo que envolve um ‘salto’ (*Sprung*) de determinados elementos de uma esfera de significação para outra esfera de significação distinta, de um paradigma para outro paradigma. Postas estas observações, importa integrar aqui uma referência ao tipo de ‘salto’ ou transposição que pode ter lugar entre os dois pólos do processo metafórico. Pode-se tomar como ponto de partida a expressão *mãe galinha*, utilizada para designar uma mãe que gosta de estar sempre rodeada dos filhos e se ocupa deles, protegendo-os demasiado. O lexema *galinha* (*‘Huhn’*) tomado como forma livre refere-se a um animal, mais especificamente à fêmea adulta de uma ave doméstica, cujos ovos e carne são usados na alimentação humana, e à qual associamos determinadas características ligadas ao seu comportamento: a galinha cacareja; movimenta-se sem orientação, andando para trás e para a frente sem norte; procura estar perto dos seus pintos, isto é, procura tê-los sempre ‘debaixo das suas asas’, etc. Ao referir-me à minha mãe como sendo ‘*uma mãe galinha*’ estou, sem dar por isso, a comparar o seu comportamento para comigo com a forma como o animal *galinha* trata os seus pintos. O processo metafórico pode ser descrito da seguinte forma: o traço semântico ‘procura estar sempre perto dos seus pintos/procura ter os seus pintos ‘debaixo das suas asas’’, que faz parte do significado do lexema *galinha*, é transposto ou transferido da classe [+ ANIMADO | – HUMANO], à qual este lexema pertence, para a classe [+ ANIMADO | + HUMANO]. Schemann (1993: LV) classifica a metáfora que consiste na transposição de semas de uma classe para outra de ‘metáfora classemática’ (*klassematische Metapher/Klassenmetapher*)¹⁷. Além da metáfora classemática,

und über sie reden, wenn wir sie aus der „unsichtbaren“ und somit unfaßbaren Welt des Geistes in die „sichtbare“ und somit objektivierbare Welt der physischen Reaktionen herbeiholen. Dort, wo es gilt, uns über die Regungen der Seele klar zu werden und sie zu artikulieren, greifen wir besonders oft auf Reaktionen des Körpers zurück” (1995: 318). Vejam-se, a título de exemplo, as seguintes expressões idiomáticas alemãs e os respectivos equivalentes em português: *eine Gänsehaut kriegen/bekommen* - ‘ficar com pele de galinha’; *weiche Knien kriegen/bekommen* - ‘ficar com as pernas/os joelhos a tremer’; *Blut schwitzen* - ‘ficar em pânico; suar frio; sentir suores frios; cobrir-se de suores frios’. É interessante consultar igualmente o estudo léxico-semântico dos somatismos da língua alemã realizada por Mellado Blanco (2004), *Fruseologismos somáticos del alemán*.

¹⁷ O processo de transposição metafórica acabado de formular também se verifica em relação às seguintes expressões alemãs que apresentam o lexema *Huhn* como constituinte: *ein dummes/blödes/albernes Huhn (sein)*; *ein fideles/ulkiges/lustiges Huhn (sein)* - ‘(ser) uma rapariga engraçada/divertida/cômica’; *ein komisches Huhn (sein)* - ‘(ser) uma rapariga/estranha/esquisita’; *ein vergeßliches Huhn (sein)* - ‘ter uma memória de galinha’; *ein verrücktes Huhn (sein)* - ‘ser/parecer uma Maria maluca’; *wie ein Huhn hin- und herlaufen* - ‘andar para trás e para a frente/para um lado e para outro’. Notar-se-á que estas expressões actualizam alguns dos traços semânticos acima referidos em relação ao lexema que designa o animal ‘galinha’.

Schemann propõe outros dois tipos de metáfora, a saber: a ‘metáfora do campo ou domínio semântico’ (*Bereichsmetapher*) e a ‘metáfora da semelhança pura’ (*reine Ähnlichkeitsmetapher*). A metáfora do campo ou domínio semântico caracteriza-se pela transposição de elementos de significação de um domínio semântico para outro domínio semântico. Quanto à metáfora da semelhança pura: embora não ser possível reduzir a relação de semelhança entre o significado literal e o significado metafórico a um processo de transposição de semas, ‘sentimos’ que essa relação de semelhança existe entre os dois planos de significação.

1.2. OS CONCEITOS DE METÁFORA E IMAGEM

1.2.1. Imagem mental viva (*Vorstellung*) vs. imagem enquanto figura do discurso (*Redefigur*)

A problemática da metáfora encontra-se intimamente ligada ao termo ‘imagem’ (*Bild*). Uma análise do emprego do termo ‘imagem’ em estudos relacionados com a temática da metáfora mostra uma tendência por parte dos linguistas para usarem os termos ‘metáfora’ e ‘imagem’ indiferentemente. Tal como refere Ullmann no capítulo “Das Wesen der Bildlichkeit” (“A essência da imagem”) da sua obra *Sprache und Stil* (1972: 195-225)¹⁸, esta prática pode levantar dificuldades de índole terminológico e interpretativo, na medida em que a palavra ‘imagem’ pode também ser aplicada em outros contextos. Com o intuito de clarificar a relação entre ‘imagem’ e ‘metáfora’, Ullmann (1972: 198) propõe uma distinção nítida entre ‘imagem’ enquanto ‘imagem mental viva/representação mental viva’ (expressão portuguesa que, no meu entender, melhor capta a essência do termo técnico alemão *lebhaftes Vorstellung*) e ‘imagem’ enquanto ‘figura do discurso’ (*Redefigur*).

Nas secções que seguem, proponho-me, com base nas observações de Ullmann (1972), isolar alguns critérios de análise dos dois tipos de ‘imagem’ acima mencionados, segundo os quais se pode estabelecer uma diferenciação pertinente que sirva de suporte ao nosso estudo dos tropos e a sua função nas expressões idiomáticas.

Segundo Ullmann, uma ‘imagem mental viva’ obedece aos seguintes parâmetros:

¹⁸ A edição original desta obra em língua inglesa foi publicada em 1964 sob o título *Language and Style*.

- (i) possui um componente sensível e concreto ligado à percepção das mais diversas sensações por meio dos sentidos; daí o qualificativo ‘viva’ para descrever a ‘imagem mental’ (*‘bildhafte’ Vorstellung*);
- (ii) possui algo de inesperado que provoca o efeito de surpresa;
- (iii) surge espontaneamente (*‘im Nu’*), pelo que prima pela novidade e originalidade;
- (iv) revela um potencial criativo que dá origem a outras imagens, outras ideias, outros mundos.

Analisemos em seguida a ‘imagem’ na sua qualidade de ‘figura do discurso’. Como já foi referido, as observações de Ullmann a este respeito centram-se na análise da metáfora que é tida como ‘imagem’ por excelência. O seu estudo incide sobre as seguintes questões: (i) a forma da imagem, (ii) a estrutura da imagem, e (iii) as funções da imagem.

1.2.2. Caracterização da imagem enquanto figura do discurso (*Redefigur*)

1.2.2.1. *A forma da imagem*

No que diz respeito à forma da imagem, basta fazer um levantamento dos termos utilizados para designar e descrever a metáfora no capítulo acima referido da obra de Ullmann para nos darmos conta de que a metáfora é: (i) por vezes, colocada praticamente ao mesmo nível da ‘comparação’ e/ou da ‘analogia’; (ii) por outras vezes, posta em oposição a estes processos. Vemos além disso que o termo ‘analogia’ é empregue em substituição do termo ‘comparação’ ou em alternativa ao termo ‘semelhança’ (*‘Ähnlichkeit’*). As seguintes citações¹⁹ permitir-nos-ão compreender o acima exposto:

“*Comparer* deux objets aussi éloignés que possible l’un de l’autre, ou, par toute autre méthode, *les mettre en présence d’une manière brusque et saisissante*, demeure la tâche la plus haute à laquelle *la poésie* puisse prétendre” (Breton, *in* Ullmann, 1972: 196).

“Il n’y a pas pire ennemi de la pensée que le démon de *l’analogie*. (...) Quoi de plus fatigant que cette manie de *certaines littérateurs, qui ne peuvent voir un objet sans penser aussitôt à un autre*” (Gide, *in* Ullmann, 1972: 197).

¹⁹ Sublinhado por mim.

“L’image par *analogie* (*ceci est comme cela*) et l’image par identification (*ceci est cela*)”
(Éluard, *in* Ullmann, 1972: 202, *nota*).

“Wie wir soeben sahen, kann ein ‘Bild’ in der für uns relevanten Bedeutung als ‘eine Redefigur zur Bezeichnung einer *Ähnlichkeit* oder *Analogie*’ definiert werden” (Ullmann, 1972: 199).

Em primeiro lugar, note-se que enquanto o surrealista Breton descreve a metáfora (poética) como sendo uma acção de ‘comparar’ ou justapor de forma súbita e comovente dois objectos díspares, Gide refere-se à metáfora como ‘analogia’. Éluard, por sua vez, equipara a analogia à fórmula tradicionalmente utilizada para explicar o funcionamento do mecanismo da comparação: ‘isto é como aquilo’. Em segundo lugar, repare-se que Ullmann na sua definição da metáfora apresenta os termos ‘semelhança’ (*Ähnlichkeit*) e ‘analogia’ (*Analogie*) como sendo equivalentes. À luz destas considerações, a metáfora é tida como ‘comparação’, ‘analogia’ e ‘semelhança’. É pertinente para o nosso estudo que nos interroguemos sobre o que haverá de comum e de diferente a nível formal entre os mecanismos da metáfora, da comparação e da analogia.

Começamos por verificar que não é viável equiparar as noções de ‘analogia’ e ‘semelhança’, dado que o conceito de semelhança corresponde a uma condição de ser entre elementos que legitima o relacionamento por via da comparação, da metáfora e da analogia. A ‘semelhança’ (*Ähnlichkeit*) constitui o denominador comum a estes processos. Quanto à analogia: sem pretender abordar em pormenor as questões que a noção de ‘analogia’ levanta, relevo apenas que se trata de uma relação de proporções comparáveis entre elementos²⁰:

ave = peixe
penas escamas

²⁰ Para uma visão global da problemática do conceito de analogia, remeto para a obra de Coenen, *Analogie und Metapher* (2002).

A equação destas fracções²¹ deve-se ao facto de o termo ‘escamas’ manter com o termo ‘peixe’ a mesma relação que o termo ‘penas’ mantém com o termo ‘ave’ e vice-versa. A simetria das fracções deve-se à dependência proporcional que os termos das respectivas fracções estabelecem um com o outro.

Considere-se em seguida a relação entre a comparação e a metáfora. Convém desde já sublinhar que a metáfora é tradicionalmente definida como sendo uma ‘comparação condensada’ (*kondensierter Vergleich*)²². Tanto no caso da comparação como no caso da metáfora estamos perante duas formas de expressão que para a sua concretização exigem dois elementos (A, B) ligados por algum tipo de relação de semelhança: “Ob es sich um ein explizite oder implizite formuliertes Bild handelt, immer entspringt es letztlich ein und derselben Intuition, ein und derselben ‘Beobachtung von Wesensverwandtschaften’” (Ullmann, 1972: 204). No que respeita a comparação, a relação de semelhança entre os dois elementos em questão, A e B, realiza-se de forma explícita por meio de indicadores linguísticos e gramaticais, como, por exemplo, a conjunção ‘como’ / ‘wie’: ‘A é como B’ / ‘A ist wie B’. O processo analítico subjacente ao mecanismo da comparação consiste em comparar os dois elementos: *Beine* (A) (so dünn) *wie Streichhölzer* (B) *haben* (sentido literal: ‘ter pernas (A) (tão finas) como fósforos (B)’).

No que concerne a metáfora, a relação de semelhança entre os dois elementos, A e B, realiza-se de forma implícita: ‘A é B’. Entre o elemento A e o elemento B estabelece-se, como refere Éluard na citação atrás transcrita, uma relação de identificação. Neste ponto, deveríamos abordar a questão complexa do ‘fundamento’ (*Fundierung*) da identificação entre os elementos. Tomemos como ponto de partida o processo de transposição que dá origem à locução ‘perna da mesa’ (*Tischbein*). A identificação da parte do objecto ‘mesa’ designada ‘perna’ (*Bein des Tisches*) com a parte do corpo humano denominada ‘perna’ (*Bein des Menschen*) processa-se de maneira clara e óbvia. Perceber a transposição da esfera de significação ‘perna de uma pessoa’ para a esfera de significação ‘perna do objecto ‘mesa’ não levanta problemas, uma vez que a

²¹ A palavra ‘fracção’ alude às origens da palavra ‘analogia’ enquanto termo técnico da área da matemática: “In der griechischen Antike wurde der Fachterminus ‘Analogie’ zunächst auf die Gleichheit von Zahlenverhältnissen bezogen, dann auch auf die Gleichheit anderer Relationen” (*ibidem*: 9).

²² Cf. Ullmann, 1972: 202.

semelhança entre os elementos em questão é evidente e, por conseguinte, susceptível de ser explicada.

Consideremos agora a relação de identificação entre o significado literal e o significado metafórico das seguintes expressões idiomáticas alemãs que apresentam o lexema ‘*Bein*’ como constituinte:

- (1) (a) *auf eigenen Beinen stehen* – ‘ser independente’
(b) *etw. auf die Beine bringen* – ‘pôr qc de pé’
(c) *mit beiden Beinen (fest/...) auf der Erde stehen* – ‘ter os pés (bem/...) assentes no chão’; ‘ter o sentido ou a noção da realidade’
(d) *sich auf die Beine machen* – ‘pôr-se a caminho’
- (2) (a) *die Beine in die Hand/unter den Arm nehmen* – ‘despachar-se (a correr/chegar a um lugar)/dar à(s) perna(s)’
(b) *sich die Beine aus dem Leib rennen* – ‘correr/... que se farta’; ‘correr/... que nem um maluco/doido’

Comparando o significado literal das expressões em (1) com os respectivos significados idiomáticos, diremos que a identificação que se estabelece entre estes dois planos de significação não é aparente. Isto significa que uma análise baseada em pressupostos lógicos e analíticos não dará conta do que está na origem, por exemplo, da expressão ‘*auf eigenen Beinen stehen*’ para transmitir o significado ‘ser independente’. Ao tentarmos desvelar o que está na origem das expressões idiomáticas em (1), verificamos que as mesmas se encontram, de uma ou outra forma, ligadas ao conhecimento que possuímos das pernas enquanto membros do corpo humano, isto é, a um fundo pressuposto que inclui as seguintes vivências: as pernas permitem a locomoção; as pernas precisam de uma base, uma superfície sobre a qual se apoiam; as pernas permitem a realização de determinadas acções como, por exemplo, estar de pé, pôr-se de pé, deitar-se, baixar-se, sentar-se, etc. Sentimos que existe uma força criadora e dinâmica ‘por detrás’ deste grupo de expressões idiomáticas. A imagem ‘*auf eigenen Beinen stehen*’ sugere, por um lado, a experiência na qual se funda e, por outro, sugere o significado da expressão idiomática – ‘ser independente’. Assim entendida, a imagem compreende-se e explica-se pela actualização da perspectiva ou da ‘peça’ do fundo

pressuposto que vai ao encontro da intenção de comunicação (*‘das Gemeinte’*) inserida em determinada situação concreta.

Se nos fixarmos agora nas expressões em (2), verificaremos que, em comparação com as expressões em (1), teremos mais dificuldades em identificar as afinidades que ligam, por exemplo, a expressão *die Beine unter den Arm nehmen* (sentido literal: ‘levar as pernas debaixo do braço’) ao significado idiomático ‘despachar-se (a correr)’. A base concreta e palpável da experiência não existe ou é opaca. Há, portanto, casos em que parece ser mais difícil alcançar o entendimento do que une o significado da expressão literal ao significado metafórico. Pode então dizer-se que a relação de identificação entre os dois pólos da metáfora pode ser estudada no sentido de se chegar a uma explicação dessa relação. Casos há em que a relação de identificação não é analisável, isto é, não é fácil explicar o porquê da relação entre os dois planos de significação.

Na sequência do que ficou registado relativamente à ‘imagem’ como ‘imagem mental viva’ e à ‘imagem’ enquanto ‘figura do discurso’, é possível concluir que, ao contrário do que sucede com esta última, a primeira não se encontra ligada a um fundamento preexistente, isto é, neste caso, não se pode falar de transposição.

Parece-me adequado terminar esta reflexão sobre a forma da metáfora com uma breve referência à classificação, empreendida por Burger (2007: 62-69), das expressões idiomáticas, que consiste fundamentalmente em determinar, numa primeira fase, se a expressão idiomática admite um e/ou duas formas de leitura (*‘Lesarten’*), e, no nível da subcategorização, averiguar a intervenção do significado livre da expressão ou dos componentes da expressão no significado da expressão idiomática; no caso da expressão permitir duas formas de leitura, averiguar a existência de alguma relação entre elas. Uma vez que, segundo Burger, os termos ‘significado literal’ (*wörtliche Bedeutung*) e ‘significado fraseológico/idiomático’ (*phraseologische Bedeutung*) levam a entender que as expressões idiomáticas possuem dois significados quando efectivamente só possuem um significado, designadamente, o significado idiomático (*ibidem*: 62), este linguista propõe o emprego do termo *‘Lesart’*, termo que designa o modo ou a forma de ler ou interpretar as expressões idiomáticas. Com base neste conceito, Burger chega à seguinte sistematização das expressões idiomáticas:

- (i) Expressões que admitem apenas uma leitura ou uma interpretação. Esta categoria inclui, por um lado, expressões, cujo significado pode ser inferido do significado livre dos constituintes da expressão, como, por exemplo *Dank sagen* ('dizer obrigado'); por outro lado, expressões que sendo compostas por 'elementos lexicais únicos'²³ admitem apenas a leitura idiomática do conjunto dos componentes que formam a unidade de significação, tais como: *gang und gäbe* ('ser o pão nosso de cada dia; ser prática comum; ser a coisa mais corriqueira/trivial') e *klipp und klar* ('tomar uma posição clara/inequívoca; dizer qc com todas as letras').
- (ii) Expressões que permitem duas leituras distintas na medida em que "die beiden Lesarten in der Regel nicht in den gleichen Kontexten oder Kommunikationssituationen vorkommen können" (Burger, 2007: 63). A subdivisão desta categoria baseia-se no tipo de relação existente entre as duas leituras possíveis da expressão, a leitura literal e a leitura fraseológica. São três os tipos de relações definidos por Burger:
- a relação entre a leitura literal e a leitura fraseológica é de carácter homonímico;
 - a relação entre as duas leituras é de natureza metafórica;
 - a relação entre a leitura literal e a leitura fraseológica distingue-se pelo carácter fictício da primeira.
- (iii) Expressões que podem realizar a leitura literal e a fraseológica em simultâneo, como é o caso das expressões que fazem referência a gestos que se encontram vinculados a um significado específico. Veja-se a expressão *die Achseln zucken* ('dar de ombros'/ 'encolher os ombros'): fazer o gesto de encolher os ombro equivale a transmitir uma mensagem concreta, que, dependendo do contexto, poderá ser de desinteresse, indiferença, desdém, entre outras. Como vemos, as expressões deste tipo remetem simultaneamente para a leitura literal (a ideia do gesto) e para a leitura fraseológica (o significado da expressão).
- (iv) Expressões que permitem uma leitura mista, isto é, são unidades compostas por constituintes não idiomáticos e constituintes idiomáticos, pelo que tanto a leitura literal dos primeiros, como a leitura que resulta da relação metafórica entre a leitura literal e a leitura fraseológica dos segundos contribuem para o significado

²³ Sobre as características e o funcionamento dos 'elementos únicos' que operam na língua alemã, cf. o artigo de Mellado Blanco (1998) intitulado "Aproximación teórico-práctica a los 'elementos únicos' del alemán actual en su calidad de fósiles léxicos".

da unidade idiomática. Burger cita as seguintes expressões, cujo(s) constituinte(s) idiomático(s) se encontra(m) entre parênteses {}: *einen Streit {vom Zaun brechen}* – ‘provocar uma discussão’; *frieren {wie ein Schneider}* – ‘morrer de frio/passar um frio de rachar’; *sich {die Lunge aus dem Hals} rennen* – ‘correr até ficar com a língua de fora/deitar os bofes pela boca’; *jmdm. {ein Loch in den Bauch} fragen* – ‘crivar alg de perguntas/massacrar alg com perguntas’.

1.2.2.2. A estrutura da imagem

Voltemo-nos agora para a estrutura da metáfora, começando por abordar as divergências terminológicas que existem para designar as partes que intervêm no processo de metaforização. Richards propõe o emprego dos termos *teor* (‘tenor’) e *veículo* (‘vehicle’):

“A first step is to introduce two technical terms to assist us in distinguishing from one another what Dr. Johnson called the two ideas that any metaphor, at its simplest, gives us. Let me call them the *tenor* and the *vehicle*. One of the oddest of the many odd things about the whole topic is that we have no agreed distinguishing terms for *these two halves of a metaphor* (...). For the whole task is to compare²⁴ the different relations which, in different cases, *these two members of a metaphor* hold to one another (...). At present we have only some clumsy descriptive phrases with which to separate them. ‘The original idea’ and ‘the borrowed one’; ‘what is really being said or thought of’ and ‘what it is compared to’; the ‘underlying idea’ and ‘the imagined nature’; ‘the principal subject’ and ‘what it resembles’ or, still more confusing, simply ‘the meaning’ and ‘the metaphor’ or ‘the idea’ and ‘its image’” [sublinhado por mim] ((1936), 1965: 94).

No âmbito da linguística cognitiva são utilizados os termos ‘*source-domain*’ e ‘*target-domain*’ para designar o *domínio fonte* e o *domínio alvo* da metáfora. Os termos alemães ‘*Bildspender*’ e ‘*Bildempfänger*’, para além de focarem o processo de transposição de um domínio que ‘dá/oferece’ a ‘imagem’ para outro domínio que ‘recebe’ essa ‘imagem’, explicitam o facto de que falar de metáfora implica necessariamente falar de ‘imagem’.

Para além do *teor* e do *veículo*, o modelo metafórico de Richards é composto por um terceiro elemento, designadamente o *fundamento* (‘*Grund*’) que determina a existência

²⁴ Repare-se que Richards emprega a palavra ‘*compare*’ (‘comparar’) para descrever o que se faz quando se analisa a relação entre o *teor* e o *veículo*. Como já tivemos oportunidade de verificar, não se trata de uma comparação.

do nexa entre o *teor* e o *veículo*. Ullmann acrescenta um quarto elemento ao esquema de Richards, a saber, o tipo de transposição que se dá entre o *teor* e o *veículo*. Estes quatro elementos deram origem a quatro propostas de classificação da metáfora²⁵. Uma vez reconhecida a importância da acção conjunta destes elementos, impõe-se destacar o factor introduzido por Ullmann que incide sobre o processo de transposição propriamente dito. A abordagem de Ullmann é, a este respeito, restritiva porque se cinge ao tipo de transposição classemática que assenta sobretudo no carácter concreto e abstracto do teor e do veículo: ± concreto ↔ ± abstracto.

1.2.2.3. *As funções da imagem*

Se atendermos agora, finalmente, ao terceiro dos pontos apresentados por Ullmann para dar conta do que está em causa quando se fala de metáfora, – o das funções da metáfora –, não é sem razão de ser que as seis funções²⁶ focadas por este linguista se apliquem especificamente à obra literária. A reflexão sobre o papel da metáfora na obra literária remonta à Antiguidade, mais concretamente à *Poética* de Aristóteles e à *Arte Poética* de Horácio, obras que tratam da produção e composição da obra poética. Estes filósofos reconhecem a existência de uma clivagem entre o discurso poético e o discurso não-poético. Para fundamentar esta posição, Aristóteles emprega as noções de ‘desvio’ e ‘estranhamento’ para caracterizar a linguagem poética ou literária em oposição à linguagem usual. Ao longo dos séculos foram surgindo, no âmbito da actividade e da análise literária, inúmeras tentativas de encontrar critérios para classificar o texto literário, isto é, de chegar a um entendimento claro do conceito de *literariedade*, termo cunhado por Jakobson no seu estudo intitulado “A nova poesia russa” (*La nouvelle poésie russe*) para designar “ce qui fait d’une œuvre donnée une œuvre littéraire” (1973: 15). Segundo este formalista russo, a especificidade de determinada obra literária encontra-se intimamente ligada à função poética que a linguagem desempenha nessa

²⁵ Cada proposta de classificação da metáfora focaliza um dos quatro elementos que intervêm no processo metafórico: (i) o veículo; (ii) o teor; (iii) o fundamento; (iv) o tipo de transposição. Weinrich (*in* Ullmann, 1972: 213, *nota*) critica as propostas de classificação e análise da metáfora que assentam em apenas um dos pólos, chamando a atenção para o facto de que não se pode pensar a metáfora sem ter em conta a interrelação entre o *teor* e o *veículo*. É precisamente na interacção entre os dois elementos ou as duas esferas que reside a essência do processo de transposição.

²⁶ Segundo Ullmann (1972: 217-225), a metáfora poderá desempenhar as seguintes seis funções no âmbito do texto literário: (i) a metáfora empregue em função de símbolo; (ii) a metáfora enquanto elemento funcional na estrutura e na compreensão da obra, isto é, enquanto elemento que contribui para ‘explicar’ o porquê de determinados eventos que constituem o enredo de uma obra; em outros termos: é a partir da metáfora que se compreende a acção; (iii) a metáfora empregue como forma de transmitir juízos de valor de modo indirecto; (iv) a metáfora utilizada para revelar os pensamentos de carácter filosófico e mais íntimos dos autores; (v) a metáfora como meio para ‘dar forma’ a determinados temas que são de difícil compreensão; (vi) a metáfora como via para caracterizar e caricaturar pessoas.

obra. Por outras palavras, a função poética da linguagem é encarada como pilar do texto literário. Chegados aqui, importa precisar como se concretiza “la transformation de la parole en une œuvre poétique, et le système des procédés qui effectuent cette transformation” (*ibidem*: 486). Para tal, sirvo-me das seguintes observações de Fontanier e Wellek & Warren:

“Les figures du discours sont les traits, les formes ou les tours plus ou moins remarquables et d’un effet plus ou moins heureux, par lesquels le discours, dans l’expression des idées, des pensées ou des sentiments, s’éloigne plus ou moins de ce qui en eût été l’expression simple et commune” (Fontanier, 1968: 64).

“WHEN we turn from classifying poems by their subject-matter or themes to asking *what kind of discourse poetry is*, and when, instead of prose-paraphrasing, we identify the ‘meaning’ of a poem with its whole complex of structures, we then encounter, as *central poetic structure*, the sequence represented by the four terms of our title²⁷. (...) Perhaps our sequence – image, metaphor, symbol, and myth – may be said to represent *the convergence of two lines*, both important for the theory of poetry. *One is sensuous particularity*, or the sensuous and aesthetic continuum, which connects poetry with music and painting and disconnects it from philosophy and science; *the other is ‘figuration’ or ‘tropology’* – the ‘oblique’ discourse which speaks in metonyms and metaphors, partially comparing worlds (...) These are both characteristics, *differentiae*, of literature, *in contrast to scientific discourse*” [sublinhado por mim] (Wellek & Warren, 1976: 186).

Estas e outras formulações análogas²⁸ são suficientes para mostrar que os tropos em geral e a metáfora e a metonímia em particular são meios de expressão que tornam possível a criação poética. Procurando em seguida caracterizar devidamente a metáfora enquanto elemento constitutivo da obra literária, ponho aqui em destaque as orientações de Wellek & Warren na citação acima:

- (i) A obra literária é uma estrutura que assenta em quatro elementos: a imagem, a metáfora, o símbolo e o mito.

²⁷ O título do capítulo da obra *Theory of Literature* (1976: 186-211) ao qual os autores se referem é composto pelos seguintes quatro termos: «Imagem, Metáfora, Símbolo, Mito» (*Image, Metaphor, Symbol, Myth*).

²⁸ Cf. a afirmação de Jakobson, que se encontra no seu estudo intitulado “The Speech Event and the Functions of Language”: “What is the empirical linguistic criterion of the poetic function? In particular, what is the indispensable feature inherent in any piece of poetry? To answer this question we must recall the two basic modes of arrangement used in verbal behavior, *selection* and *combination*. (...) The selection is produced on the basis of equivalence, similarity and dissimilarity, synonymy and antonymy, while the combination, the building of the sequence, is based on contiguity. *The poetic function projects the principle of equivalence from the axis of selection into the axis of combination* (1990: 77-78). Tendo em conta a relação estreita estabelecida por Jakobson entre os mecanismos de selecção e combinação e os processos da metáfora e da metonímia respectivamente, é possível concluir que, de acordo com este linguista, a metáfora e a metonímia são componentes essenciais ao discurso poético.

- (ii) O encadeamento destes elementos na ordem proposta – *imagem - metáfora - símbolo - mito* – é determinante para a composição e análise literária. A metáfora poética aparece como parte integrante deste conjunto de elementos²⁹ que intervêm de forma sobreposta e estratificada na estrutura³⁰ e, conseqüentemente, no significado do texto literário. O facto de o termo ‘metáfora’ figurar em segundo lugar nesta série, a seguir ao termo ‘imagem’, sugere que falar de ‘metáfora’ não é o mesmo que falar de ‘imagem’.

Perante este enquadramento da metáfora poética, julgo necessário uma reflexão sobre o modo como os componentes acima referidos se interligam e entrelaçam, para se poder situar a função da metáfora no todo da obra literária. Para tal, comecemos pelo termo ‘imagem’ (*image - Bild*). Wellek & Warren adoptam a definição que Richards fornece do conceito ‘imagem’ na sua obra *Principles of Literary Criticism*: “too much importance has always been attached to the sensory qualities of images. What gives an image efficacy is less its vividness as an image than its character as a mental event peculiarly connected with sensation” ((1924), 1976: 187). Atente-se em como Richards rejeita as teorias que privilegiam o lado mais palpável da ‘imagem’, advogando que a imagem deve ser encarada como algo que ‘brota’ a partir do nexo que se estabelece entre um processo mental e uma impressão sensorial. Reencontramos nesta explicação os factores enumerados no início desta secção para elucidar o termo e o conceito de ‘imagem mental viva’ (*lebhafteste Vorstellung*).

Voltemo-nos agora para a relação entre os conceitos *metáfora* e *símbolo*. Em conformidade com as conclusões de Yeats aquando da sua análise dos símbolos na poesia de Shelley³¹, Wellek & Warren consideram que a ‘metáfora’ adquire o estatuto de ‘símbolo’, sempre que se verifique o emprego recorrente da metáfora ao longo do

²⁹ Wellek & Warren criticam as teorias literárias de não terem dado a devida atenção ao relacionamento entre estes elementos no todo da obra literária: “The whole series (image, metaphor, symbol, myth) we may charge older literary study with treating externally and superficially. Viewed for the most part as decorations, rhetorical ornaments, they were therefore studied as detachable parts of the works in which they appear. Our own view, on the other hand, sees the meaning and function of literature as centrally present in metaphor and myth” (1976: 193). Como se depreende desta afirmação, os conceitos ‘metáfora’ e ‘mito’ encontram-se intrinsecamente ligados ao significado e à função do texto literário.

³⁰ Nas conclusões do já citado estudo, escrevem Wellek & Warren: “Like metre, *imagery* is one component structure of a poem. In terms of our scheme, it is a part of the syntactical, or stylistic, *stratum*. It must be studied, finally, not in isolation from the other strata but as an element in the totality, the integrity, of the literary work” [sublinhado por mim] (*ibidem*: 211).

³¹ Wellek & Warren baseiam-se na colectânea de ensaios intitulada *Essays* de Yeats, publicada em 1924.

texto literário. Tal pressupõe que a metáfora em questão desempenha um papel central no significado do texto tomado como um todo estruturado³².

Antes de abordarmos a relação entre a *metáfora* e o *mito*, importa recapitular o encadeamento entre os primeiros três elementos do conjunto de elementos em análise, recorrendo à seguinte citação de Yeats: “The normal procedure is the turning of images into metaphors and metaphors into symbols” (*ibidem*: 300). Nesta linha de pensamento, o processo que representa a ‘criação’ da metáfora poética não constitui o início do processo de criação da obra literária. Podemos, portanto, afirmar que o plano da ‘imagem’ é primário em relação ao plano da ‘metáfora’. A seguinte abordagem da relação entre os conceitos de *metáfora* e *mito* permite confirmar o que acabámos de dizer.

Relativamente ao termo *mito* importa destacar, em primeiro lugar, que este aparece na *Poética* de Aristóteles como designação do encadeamento dos factos que constituem o fio condutor da acção de uma obra literária (*ibidem*: 190). Trata-se do elemento que estrutura, isto é, dá consistência e coesão à narrativa. Em segundo lugar, o termo *mito* “points to, hovers over, an important area of meaning, shared by religion, folklore, anthropology, sociology, psychoanalysis and the fine arts” (*ibidem*: 190). Assim entendido, o mito encontra-se ancorado em determinada esfera de significação, esfera essa que desempenha um papel fulcral no seio de determinada comunidade de pessoas. A instituição do mito depende da validação do mesmo pela sociedade ou comunidade em questão³³. Da junção destes dois sentidos, é possível inferir que o mito constitui um núcleo de significação que funciona como ponto de referência que orienta e guia a acção humana. Atendendo à relevância indubitável da religião na história de toda a Humanidade e na concepção e visão do mundo das sociedades e dos indivíduos, não é de estranhar que o mito religioso seja interpretado como “the large-scale authorization of poetic metaphor” (*ibidem*: 192). Significa esta afirmação que o mito religioso tem carácter de fundamento, de algo que constitui terreno fértil para a criação de metáforas

³² Para além do factor ‘recorrência’, Yeats propõe um segundo factor que influi na passagem de uma metáfora a símbolo, a saber: o veículo da metáfora deverá ser de natureza concreta e sensorial (*concrete-sensuous/konkret-sinnlich*), isto é, ter existência material, que seja apreensível pelos sentidos (*ibidem*: 300).

³³ Cf. Wellek & Warren (*ibidem*: 191): “the myth is social, anonymous, communal. In modern times, we may be able to identify the creators – or some of the creators – of a myth; but it may still have the qualitative status of myth if its authorship is forgotten, not generally known, or at any event unimportant to its validation – if it has been accepted by the community, has received the ‘consent of the faithful’”.

poéticas. Para ilustrar a filiação existente entre o mito religioso e a metáfora, sirvo-me de dois conjuntos de expressões idiomáticas alemãs que apresentam os lemas ‘*Gott*’ (‘Deus’) e ‘*Teufel*’ (‘diabo’) respectivamente:

- (3) (a) *das/etwas liegt (ganz) bei Gott* – ‘isso só Deus (é que) sabe; isso depende da vontade do Senhor’
(b) *jn. hat Gott im Zorn erschaffen* – ‘Deus estava enfurecido/enraivecido quando criou alg’
(c) *dieser Mann/... ist von Gott gesandt!* – ‘este homem/...foi(-nos/...) enviado por Deus!; é/foi Deus que (nos/...) envia/enviou este homem/...!’
- (4) (a) *wie der leibhaftige Teufel aussehen* – ‘parecer o diabo em pessoa’
(b) *vom Teufel besessen sein/den Teufel im Leibe haben* – ‘estar possesso do diabo; ter o diabo no corpo’
(c) *mit dem Teufel im Bunde stehen/sein* – ‘ter (assinado) um pacto com o diabo; vender a alma ao diabo’
(d) *etwas fürchten wie der Teufel das Weihwasser* – ‘fugir de qualquer coisa como o diabo da cruz’

Como justificar a génese destas expressões idiomáticas, a não ser pela sua ligação com o sistema complexo de crenças, princípios e práticas no qual a religião cristã assenta. As expressões em (3) têm como ponto central a figura de Deus, considerado como Ser Supremo, do qual o ser humano depende. O sentido literal de cada expressão aponta em duas direcções: (i) traz ao pensamento, isto é, sugere determinada perspectiva do mito. Cada expressão actualiza apenas um dos inúmeros atributos que a tradição cristã associa a Deus; (ii) sugere o sentido metafórico. A expressão (3a) evoca a convicção de que Deus todo-poderoso determina o curso da vida das pessoas; daí se depositar confiança na vontade de Deus, isto é, deixa-se ‘as coisas’ nas mãos Dele. A expressão (3b) torna presente o reconhecimento de Deus enquanto Criador do Universo. Lê-se no primeiro livro do Antigo Testamento, *Génesis*: “Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus”³⁴. Por outras palavras, Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança. Por seu turno, a expressão (3c) sugere a visão de Deus como Ser Superior que olha pelos fiéis, atendendo às suas necessidades e súplicas. Estas ‘*suggestions*’ que advêm da mesma esfera de significação (*Bereich*) constituem uma desagregação do núcleo. Justamente porque a noção de ‘desagregação’ pressupõe a noção de ‘base’ ou

³⁴ Cf. *Biblia Sagrada*, Génesis 1:27, p.18.

‘fundamento’, este desdobramento (*Entfaltung*) das expressões contribui para tornar o núcleo da esfera de significação mais lúcido e transparente. Por outras palavras, as expressões idiomáticas em (3) convergem no sentido de tornarem a imagem que temos de Deus mais transparente.

As considerações precedentes mantêm-se válidas em relação ao conjunto de expressões em (4). Neste caso, a esfera de significação tem como núcleo a figura do demónio, que de acordo com a religião cristã representa o mal em antítese ao bem, à virtude. As expressões (4a) e (4b) evocam a crença de que o diabo é um ‘espírito mau’ que incita o Homem a pecar e a fazer o mal. No que respeita a expressão (4b), *vom Teufel besessen sein*, que significa ‘agir como se tivesse o diabo no corpo’, ‘agir de forma que faz lembrar o diabo/ a nossa imagem do diabo’, recordemos, recorrendo ao Evangelho de S. Lucas do Novo Testamento, o comportamento de uma pessoa possuída pelo demónio: “Mestre, peço-Te que olhes para o meu filho (...) Há um espírito mau que toma posse dele e de repente o faz gritar e o sacode com violência até o fazer deitar espuma pela boca. Não larga enquanto não o deixa completamente arrasado”³⁵. Por sua vez, os exemplos (4c) e (4d) trazem ao pensamento a oposição entre o ‘bem’ e o ‘mal’. A expressão (4c) sugere que está nas nossas mãos decidir se nos colocamos do lado do bem ou do lado do mal. A expressão (4d) evoca a ideia do diabo que enquanto ‘força do mal’ sente aversão a tudo o que simbolicamente esteja ligado a Deus, como, por exemplo, a água benta, utilizada em cerimónias litúrgicas como forma de purificação, e a cruz, símbolo do Cristianismo e da morte e paixão de Cristo. Tal como sucede nas expressões em (3), também aqui o sentido literal de cada uma das expressões traz à mente uma parte específica do conhecimento que possuímos do núcleo da esfera de significação, ou seja, do diabo.

Trata-se agora de aplicar a análise anterior da relação entre o mito e a metáfora realizada no âmbito das expressões idiomáticas à estruturação da obra literária e do complexo metafórico subjacente. Tomemos como ponto de partida o modo como Mallarmé concebe a essência da metáfora poética: “Tout le mystère est là: établir les *identités secrètes* par un deux à deux qui *ronge* et *use* les objets, au nom d’une *centrale*

³⁵ Cf. *Bíblia Sagrada*, Lucas 9:38, p. 1376.

pureté” [sublinhado por mim] (in Ullmann, 1972: 195). Desta asserção é possível extrair as seguintes conclusões:

- (i) Mallarmé, ao utilizar a expressão ‘*centrale pureté*’, sublinha o facto de que a unidade de uma obra poética se deve ao sentido nuclear, ponto central para onde convergem todas as atenções.
- (ii) Se o objectivo da criação é ‘abrir caminho’ para o entendimento do núcleo em questão, é necessário ‘usar’ e ‘(des)gastar’ as metáforas que permitem focar o núcleo de vários ângulos. Vemos assim como este processo dinâmico do desdobramento (*Entfaltung*) das metáforas se baseia numa tentativa analítica de classificar e explicar a ideia central da obra.
- (iii) Ao recorrer à noção de ‘*identités secrètes*’ (‘afinidades secretas’), Mallarmé acentua que a identificação entre a metáfora poética e o fundo pressuposto não se processa de forma clara e evidente. Quer dizer, encontramos-nos no plano das ‘*suggestions*’: a metáfora poética ‘sugere’ o significado.

Daqui é preciso reter que (i) a metáfora não se compreende isoladamente. O próprio conceito de trans-posição (*Über-tragung*), conceito inerente ao processo metafórico, implica um processo que parte de algo já existente, melhor dizendo, de um fundo pressuposto. Uma vez que o nosso estudo incide sobre as expressões idiomáticas, convém assinalar que falar de expressões idiomáticas, não implica necessariamente falar de ‘transposição’, isto é, existem expressões idiomáticas, cujo sentido literal não se encontra ligado a um fundo identificável, palpável. Veja-se, a título de exemplo, a expressão idiomática alemã ‘*jm. auf der Nase herumtanzen*’ que significa ‘fazer gato-sapato de alg; fazer o que se quer de alg; abusar de alg’. Deparamos com dificuldades quando tentamos identificar a base que terá motivado a criação desta expressão alemã com o sentido literal ‘dançar em cima do nariz de alg’. Neste caso é difícil falar de ‘transposição’; (ii) a análise e o entendimento do significado metafórico pressupõem a activação da informação no plano da significação literal, plano que, por sua vez, remete para determinada esfera de significação. Assim sendo, o processo metafórico pode ser concebido como uma tentativa de explicar e tornar a ‘imagem’ (*Vorstellung*) mais transparente. Pensar por meio de metáforas é uma actividade que depende da intencionalidade do autor. Justamente porque o objectivo desta actividade é tornar a ‘imagem mental viva’ o mais transparente possível, o autor procurará empregar ou criar

uma expressão que leve à actualização do fundo pressuposto que mais se aproxime da sua intencionalidade.

Posto isto, impõe-se reconhecer que as funções da metáfora propostas por Ullmann (vd. nota 26) assentam no seguinte denominador comum: a metáfora é empregue pelo autor da obra literária com o objectivo de ‘penetrar’ a ideia central da obra. Temos aqui a ver com a metáfora na sua dimensão poética, isto é, a metáfora enquanto mecanismo que permite a ‘descoberta’ da essência da obra literária. Partindo do princípio de que um texto literário integra pelo menos uma “Bildfolge, die ein Zentralerlebnis von vielen Seiten beleuchtet” (Ullmann, 1972: 206), está-se perante metáforas que constituem variações da mesma ideia, contribuindo, portanto, para a ‘descoberta’ dessa ideia. Como terei oportunidade de demonstrar ao longo deste estudo, é possível estabelecer um paralelismo entre a rede de metáforas que convergem em direcção à mesma ideia na obra literária e a natureza da relação de sinonímia que se estabelece entre expressões idiomáticas.

1.3. A PROBLEMÁTICA DA ABORDAGEM COGNITIVA DA METÁFORA

Atendendo à relevância que a teoria cognitiva da metáfora de Lakoff & Johnson³⁶ tem vindo a assumir na investigação sobre este mecanismo de expressão, importa assinalar, em breve síntese, o que caracteriza esta abordagem e a diferencia do acima exposto. Segundo estes autores, falar de ‘metáfora’ é falar de ‘conceito metafórico’ (*‘metaphorical concept’*) (Lakoff & Johnson, 1980: 6). Veja-se, a título de exemplo, algumas expressões que correspondem ao conceito metafórico ‘TEMPO É DINHEIRO’: *poupar tempo, perder tempo, ganhar tempo, ficar sem tempo, investir tempo em alguém ou algo*. Neste caso, o conceito ‘tempo’ é perspectivado a partir do conceito ‘dinheiro’: *poupar dinheiro, perder dinheiro, ganhar dinheiro, ficar sem dinheiro, investir dinheiro*. Nas palavras de Lakoff & Johnson, esta concepção da metáfora envolve “comprehend[ing] one aspect of a concept in terms of another” (*ibidem*: 10). Com efeito, na base desta abordagem está o estabelecimento de uma ligação entre conceitos

³⁶ Aludo essencialmente à obra que Lakoff & Johnson publicaram em 1980 e que tem como título *Metaphors We Live By*, estudo este que foi aprofundado por Lakoff na conhecida obra *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, publicada em 1987. No que diz respeito ao tratamento das expressões idiomáticas do ponto de vista da semântica cognitiva, ver o artigo de Kövecses e Szabó sugestivamente intitulado “Idioms: A View from Cognitive Semantics”.

já existentes. Se o conceito de ‘dinheiro’ não existisse na nossa cultura, não teríamos as expressões acima indicadas³⁷. Como vemos, estamos perante uma concepção da metáfora que parte do plano dos conceitos.

A concepção da metáfora em estudo neste trabalho diferencia-se da teoria cognitiva da metáfora acima pelo facto de se situar no plano do significado. O mecanismo da metáfora encarado sob este ponto de vista está, como tivemos oportunidade de observar neste capítulo, intimamente ligado: (i) a um fundo (*Grund*) que pode ser uma imagem no sentido de ‘imagem mental viva’ (*Vorstellung*), um símbolo, um mito, uma pressuposição, objectos ou factos reais; (ii) à intencionalidade do autor da metáfora (*Ausdrucks-Ziel* → *Idee*), correspondente às funções da metáfora de Ullmann. Entre os pólos *Grund* e *Ziel* temos a imagem (*Bild*) enquanto figura do discurso, a metáfora: *Grund – Bild – Ziel*. Neste contexto, a imagem cria significado, funcionando como ponte entre o fundo (*Grund*) e a intencionalidade do autor (*Ziel*). Esta dimensão poética e criativa da metáfora está ausente da teoria cognitiva da metáfora de Lakoff & Johnson.

1.4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO LINGUÍSTICO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1.4.1. Delimitação do conceito de *contexto*

À semelhança do que se verifica em relação à clarificação da natureza e delimitação dos tropos, as dificuldades encontradas para explicar e delimitar o conceito de ‘contexto’ derivam, em larga medida, da forma heterogénea como a investigação linguística tem abordado esta questão³⁸. Uma análise não exaustiva do emprego do termo *contexto* mostra uma certa relutância por parte dos linguistas em especificar o tipo de ‘contexto’ de que se trata, optando, caso exista necessidade para tal, pelo emprego dos termos genéricos *contexto linguístico – contexto extra-linguístico* e, integrado neste último, o emprego do termo *contexto da situação*: “It will be recalled that the term ‘context’ has been used consistently in such a way as to include ‘situation’” (Lyons, 1972: 81). Visto

³⁷ Para um desenvolvimento aprofundado da abordagem cognitiva da metáfora e do funcionamento do ‘conceito metafórico’, veja-se a obra de Vilela intitulada *Metáforas do Nosso Tempo* (2002).

³⁸ Em comparação com o número de estudos que incidem sobre a temática dos tropos, o número de estudos que se debruçam sobre o que se entende ou deve entender por ‘contexto’ é reduzido.

que “situations are infinitely various”³⁹ (Firth, 1957: 28), não é pois surpreendente que, à semelhança do que acontece com o termo *contexto*, também o termo *contexto da situação* (*‘context of situation’*) seja empregue como expressão genérica a que se deita a mão para resolver alguma dificuldade mais específica. Perante a tendência para a imprecisão e indefinição, Lyons insiste na necessidade de se proceder a uma delimitação do conceito de *contexto*, defendendo que

“the *situational context of an utterance* cannot simply be identified with the non-verbal matrix of the ‘speech-event’, as some authors have suggested. A much wider and more abstract notion of context must be adopted; one that brings the verbal and the non-verbal ‘components’ together under one head. The *context of the utterance* must be held to include, not only the relevant external objects and the actions taking place at the time, but the knowledge shared by speaker and hearer of all that has gone before” [sublinhado por mim] (1972: 82-83).

Não obstante esta tomada de posição, este linguista não formula critérios precisos com que se possam distinguir os diferentes tipos de contexto e captar a multiplicidade dos factores que operam nos vários níveis contextuais. Antes de mais, importa sublinhar que uma reflexão sistemática sobre a problemática do ‘contexto’ reveste-se de grande importância para este estudo, uma vez que um dos meus objectivos principais é precisamente a caracterização da essência das expressões idiomáticas através da análise dos factores e das condições contextuais que intervêm na sua constituição. Como já tivemos oportunidade de constatar no capítulo anterior, uma abordagem adequada do conceito de ‘metáfora’, figura do discurso que desempenha um papel fundamental no domínio das expressões idiomáticas, implica necessariamente falar de ‘contexto’. Por outras palavras: os conceitos de ‘metáfora’ e ‘contexto’ são correlativos⁴⁰.

Tomemos como ponto de partida para a nossa sistematização do conceito de ‘contexto’ aplicado às expressões idiomáticas a metodologia de análise do significado de determinada unidade linguística proposta pelo contextualista britânico Firth. Segundo este autor, tal como o espectro resulta da dispersão de um feixe de luz, também o

³⁹ Derrida na sua defesa do uso da palavra escrita em detrimento da fala coloca a seguinte questão: “But are the conditions of a context ever absolutely determinable? (...) Is there a rigorous and scientific concept of *context*? Or does the notion of context not conceal, behind a certain confusion, philosophical presuppositions of a very determinate nature? (...) I shall try to demonstrate why a context is never absolutely determinable, or rather, why its determination can never be entirely certain or saturated” (1990: 1170). Derrida sublinha o facto de que é impossível captar a ‘situação’ na sua totalidade.

⁴⁰ Encontram-se estudos dedicados à temática da metáfora que não têm em conta o factor ‘contexto’, posição esta que, pela razão acima referida, me parece contestável.

significado de uma palavra resulta da decomposição de uma rede de níveis contextuais (Firth, 1957: 192). Nesta perspectiva o entendimento global do significado de uma palavra pressupõe um processo de contextualização (*'contextualization'*), isto é, de 'reconstituição' dos vários níveis contextuais, processo que envolve a análise das relações que operam no interior de cada nível contextual e entre os vários níveis contextuais. A tipologia dos contextos elaborada por Firth aliada ao processo de 'contextualização' foi fundamental para o tratamento e aprofundamento da problemática do 'contexto' por parte de alguns linguistas, a saber: Halliday, Pike e Schemann⁴¹.

Neste trabalho, baseio-me no modelo de classificação dos contextos elaborado por Schemann pelas seguintes razões:

- (i) o modelo de Schemann prima pela forma rigorosa como classifica e distingue os diferentes tipos de contexto;
- (ii) Schemann desenvolve a sua reflexão sobre os tipos contextuais em torno das expressões idiomáticas.

Neste sistema, o contexto divide-se em três tipos contextuais primários, designadamente o contexto linguístico, o contexto não-linguístico e o contexto das faculdades biológicas. O contexto linguístico subdivide-se em contexto lexemático e contexto semântico. Por sua vez, o contexto não-linguístico é composto por três subcontextos, a saber: o contexto de situação, o contexto do plano de fundo e o contexto pragmático ou dos actos de fala. É possível representar esquematicamente este modelo da seguinte forma:

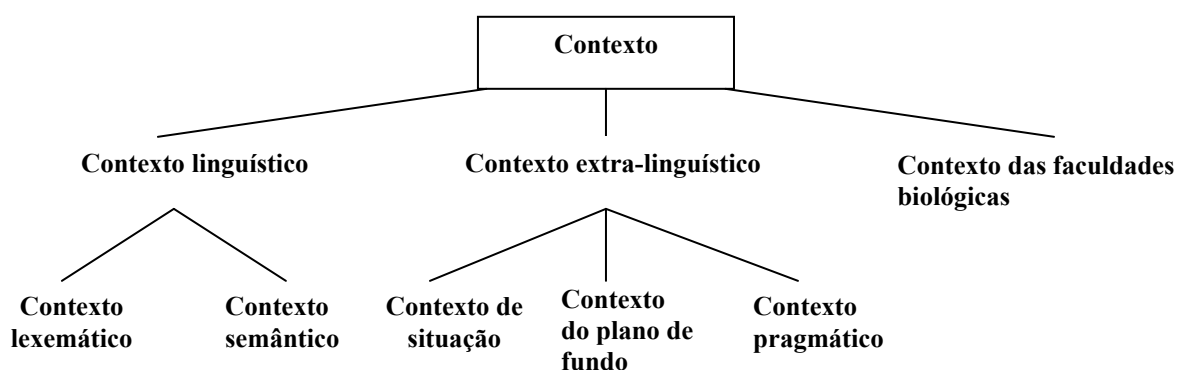


Fig. 1: Esquema da tipologia dos contextos elaborada por Schemann

⁴¹ Para uma visão global dos aspectos principais que caracterizam os modelos do contexto desenvolvidos por Malinowski, Firth, Halliday e Pike, poderá consultar-se a obra *Kontext – Bild – idiomatische Synonymie* da autoria de Schemann (2003).

Antes de qualquer tentativa de abordar e adaptar, na medida em que isso se revelar necessário, a proposta de classificação dos contextos de Schemann, impõe-se identificar e esclarecer os critérios comumente utilizados para definir uma expressão idiomática⁴². Para que determinada unidade de expressão seja considerada uma expressão idiomática, ela deve obedecer às seguintes condições:

- (i) deve ser uma unidade multi-palavra (*Polylexikalität*);
- (ii) apresentar rigidez e fixidez nos planos psico-linguístico, formal (morfo-sintático e semântico-lexical) e pragmático (*Festigkeit*);
- (iii) deve ter por base a discrepância entre o significado da expressão idiomática e o significado livre das palavras constituintes da expressão (*Idiomatizität*).

Consideremos, num primeiro momento, o critério relacionado com a fixidez estrutural das expressões idiomáticas.

1.4.2. Caracterização das restrições morfo-sintáticas e léxico-semânticas das expressões idiomáticas

Do mesmo modo que na retórica os tropos são tidos como ‘desvio’ em relação ao uso corrente da língua, também os linguistas do estruturalismo e da gramática transformacional caracterizam as expressões idiomáticas em termos de um conjunto de ‘desvios’. É com base na concepção das expressões idiomáticas enquanto unidades linguísticas que apresentam um comportamento ‘desviante’ em relação ao conjunto das regras de organização gramatical, morfo-sintática e lexical de uma língua que surgiram inúmeros estudos relacionados com as irregularidades funcionais e transformacionais subjacentes às expressões idiomáticas. Conceber a expressão idiomática como ‘desvio’ implica determinar e caracterizar o padrão a partir do qual se institui o desvio. As regras transformacionais, que derivam da realização de operações que envolvem alterações de ordem estrutural e lexical às unidades linguísticas em análise, permitem determinar se as mesmas estão em conformidade com os padrões morfo-sintáticos e lexicais da língua. Em Burger (2007: 20-24) encontramos a aplicação de algumas operações de

⁴² A apresentação que aqui faço baseia-se principalmente na obra de Burger intitulada *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen* (2007).

transformação empregues na classificação dos itens lexicais, sequências sintagmáticas e construções frásicas às expressões idiomáticas, análise que resultou no estabelecimento dos seguintes tipos de irregularidades e restrições no plano formal:

- (i) irregularidades morfo-sintáticas;
- (ii) restrições morfo-sintáticas;
- (iii) restrições léxico-semânticas.

No que respeita a categoria das irregularidades morfo-sintáticas, Burger começa por referir as expressões idiomáticas que manifestam características morfológicas e sintáticas de um estado mais remoto da evolução da língua. Estas formas cristalizaram-se e, tal como seria de esperar, não são formas sincronicamente produtivas.

- (5) (a) *auf gut Glück geraten*⁴³
(b) *jn. in Teufels Küche bringen*⁴⁴

Em (5a) o adjectivo *gut* em função atributiva não se encontra flexionado de acordo com o género e o número do substantivo que qualifica. Segundo as regras actuais da língua alemã, esperaríamos o morfema flexional *-es*: ‘*auf gutes Glück geraten*’. A expressão (5b) apresenta um elemento no caso genitivo em função atributiva precedido por um artigo definido – *des Teufels Küche*. Polenz (1999), na sua descrição das tendências morfo-sintáticas da língua alemã nos séculos XIX e XX, refere-se ao emprego do caso genitivo em função atributiva da seguinte forma:

“Das vorangestellte Genitivattribut mit bestimmten Artikel (*des Kaisers Gebot*) (...) wird längst nur noch archaisch-pathetisch verwendet, während es mit Nullartikel bei Eigennamen relativ stabil ist (*Giselas Beruf, Meyers Haus*) (...), ebenso Genitivattribute bei Orts- und Raumnamen (*Bonns Prominenz, Bayerns Stoiber, Triers Porta Nigra, Nürnbergs Damenmannschaft*)” (Polenz, 1999: 346).

Em segundo lugar, Burger alude às expressões que apresentam irregularidades a nível pronominal. Tal como a própria designação ‘pronome’ revela, os ‘pro-nomes’ têm como função substituir um nome ou um sintagma nominal numa frase ou num enunciado. Significa isto que, os pronomes constituem mecanismos que possibilitam a retoma

⁴³ Port.: *sair assim conforme calha; sair ao calha; sair meio à sorte*.

⁴⁴ Port.: *meter alg num sarilho/em sarilhos; tamar alg*.

anafórica ou catafórica de determinada unidade nominal numa sequência textual. Consequentemente, os pronomes que obedecem a este princípio são considerados ‘constituintes’⁴⁵ (*Satzglieder*) do sintagma ou da frase⁴⁶. Como interpretar o elemento ‘*es*’ na expressão abaixo:

(6) *es schwimmt jm. vor den Augen*⁴⁷

Embora ao nível do significante o elemento ‘*es*’ aparente ser um pronome, não desempenha as funções de pronome acima mencionadas, isto é: (i) não é possível substituir este elemento por um substantivo ou sintagma nominal; (ii) este ‘pseudopronome’ não funciona como mecanismo de retoma pronominal.

Como último ponto das irregularidades morfo-sintáticas, Burger refere as expressões idiomáticas que contêm um núcleo verbal cuja valência no contexto da expressão idiomática difere da valência do constituinte verbal enquanto forma livre.

(7) (a) *jm. auf der Nase/dem Kopf herumtanzen*⁴⁸

(b) *jm. auf die Finger sehen*⁴⁹

(c) *jm. die Worte im Mund(e) herumdrehen*⁵⁰

(8) (a) *jd. tanzt um etw./jn. herum*⁵¹

(b) *jd. sieht jn./etw.*⁵²

(c) *jd. dreht etw./jn. herum*⁵³

Comparando a valência dos verbos das expressões (7a) a (7c) tidos como constituintes das expressões idiomáticas com a valência dos verbos tidos como lexemas livres nas expressões (8a) a (8c)⁵⁴, diremos que:

⁴⁵ Para determinar se dada palavra ou sequência de palavras possui o estatuto de ‘constituente’ de uma frase realiza-se, regra geral, três tipos de operações, a saber: a substituição, a deslocação e a retoma pronominal.

⁴⁶ O exemplo e a explicação fornecida por Burger nesta categoria não são particularmente felizes: “Eine andere Gruppe enthält Irregularitäten in der Verwendung des Pronomens, insofern sich das Pronomen textlinguistisch “auf nichts” bezieht, also weder anaphorisch noch kataphorisch verstanden werden kann (*es schwer haben*) (2007: 20). Neste exemplo, o elemento ‘*es*’ desempenha a função de correlato (*Korrelat*), uma vez que o mesmo remete para a oração subordinada que segue a oração principal: *es schwer haben, etw. zu tun*. Ao contrário do que afirma Burger, verifica-se que o elemento ‘*es*’ retoma cataforicamente a oração ‘*etwas zu tun*’, isto é, refere-se a ‘algo’.

⁴⁷ Port.: *foge a vista a alg; alg vê tudo a andar à roda*.

⁴⁸ Port.: *fazer gato-sapato de alg; fazer o que se quer de/com alg; abusar de alg*.

⁴⁹ Port.: *andar (sempre) em cima de alg; andar de olho em cima de alg; trazer alg debaixo de olho*.

⁵⁰ Port.: *trocar/alterar tudo o que se diz; alterar/trocar o sentido das palavras de alg*.

⁵¹ Port.: *dançar à volta de qc/alg*.

⁵² Port.: *ver qc/alg*.

⁵³ Port.: *virar qc/alg*.

- (i) como mostra o exemplo (9a), o verbo *herumtanzen*, enquanto forma livre, selecciona dois argumentos obrigatórios, designadamente um argumento no caso Nominativo com função gramatical de sujeito e um argumento sob forma de um sintagma preposicional (*Präpositionalergänzung*) composto pela preposição ‘*um*’ e o sintagma nominal no caso Acusativo. Por sua vez, como é visível no exemplo (9b), o verbo *herumtanzen*, considerado no contexto da expressão idiomática, exige três argumentos obrigatórios: o argumento no caso Nominativo com função gramatical de sujeito; o argumento no caso Dativo (*Pertinenzdativ*) e um argumento preposicional composto pela preposição *auf* e o sintagma nominal – *dem Kopf/der Nase* – no caso Dativo.

- (9)(a) *Die ganze Klasse tanzt um den Baum herum.*⁵⁵
 (b) *Die ganze Klasse tanzt ihr auf dem Kopf herum.*⁵⁶

- (ii) o verbo *sehen*, tomado como forma livre, selecciona dois argumentos: um argumento desempenha a função de sujeito, o outro de complemento directo. Por outro lado, o verbo *sehen* considerado parte integrante da expressão idiomática *jm. auf die Finger sehen* realiza um conteúdo proposicional complexo com três argumentos: um argumento com a função gramatical de sujeito, um segundo argumento que realiza o caso Dativo com a função gramatical de complemento e, por último, um argumento preposicional formado pela preposição *auf* e o sintagma nominal – *die Finger* – no caso Acusativo.

- (iii) o verbo *herumdrehen*, na qualidade de forma livre, selecciona obrigatoriamente dois argumentos (sujeito e complemento directo), podendo também admitir um complemento circunstancial de lugar (vd. exemplo (10a)); já na qualidade de núcleo verbal da expressão idiomática *jm. die Worte im Mund(e) herumdrehen*, o verbo *herumdrehen* selecciona três argumentos (vd. exemplo (10b)).

- (10)(a) *Meine Nachbarin dreht den Schlüssel (im Schloß) herum.*⁵⁷
 (b) *Meine Nachbarin dreht einem die Worte im Munde herum.*⁵⁸

⁵⁴ Limito-me aqui a considerar as estruturas sintácticas básicas dos verbos em questão.

⁵⁵ Port.: *A turma inteira dança à volta da árvore.*

⁵⁶ Port.: *A turma inteira faz dela gato-sapato.*

⁵⁷ Port.: *A minha vizinha dá a volta à chave (na fechadura).*

Voltando à nossa reflexão inicial, que nos fez pensar sobre o comportamento ‘desviante’ das expressões idiomáticas, podemos afirmar que se começa aqui a desenhar o quadro do que distingue uma forma livre ou um sintagma livre de uma forma ‘fixa’ ou um sintagma ‘fixo’. No plano das expressões idiomáticas o núcleo verbal não pode ser examinado isoladamente.

No que diz respeito à categoria das restrições morfo-sintáticas, Burger procede a uma série de processos de transformação da estrutura sintáctica e morfológica dos constituintes das expressões idiomáticas alemãs *Das ist kalter Kaffee*⁵⁹ e *Otto hat einen Narren an Emma gefressen*⁶⁰. A primeira operação de transformação envolve mudar a posição de um constituinte na estrutura sintagmática da expressão, processo que, regra geral, leva a uma alteração da função sintáctica desse elemento na expressão. Vejamos os seguintes exemplos que representam o processo de transformação que consiste em mover o adjectivo que ocorre anteposto ao substantivo para outra posição sintáctica onde passa a exercer a função de nome predicativo do sujeito. Para identificar quais os constituintes de determinada expressão idiomática que são empregues em sentido transposto, isto é, em sentido não literal, adopto doravante o sinal gráfico ({}).

- (11) (a) *Das ist {kalter Kaffee}*. → *Der Kaffee ist kalt*.
(b) *Das ist ein {dicker Hund}*⁶¹ → *Der Hund ist dick*.
(c) *Das ist eine {harte Nuss}*⁶² → *Die Nuss ist hart*.
(d) *Das ist ein {alter/uralter Hut}*⁶³ → *Der Hut ist alt/uralt*.

Em primeiro lugar, constatamos que as expressões idiomáticas (11a) a (11d) admitem um sentido literal. No plano literal é possível parafrasear estas expressões transformando o adjectivo adnominal em adjectivo predicativo, sem que haja alterações do conteúdo proposicional da expressão linguística da qual partimos. O mesmo não se verifica em relação às expressões no plano idiomático, isto é, o processo de deslocar o adjectivo para uma posição sintáctica na qual o mesmo desempenha a função de nome predicativo do sujeito tem como consequência a perda total do valor idiomático. Daqui

⁵⁸ Port.: (sentido literal) *A minha vizinha dá volta às palavras na boca de uma pessoa*.

⁵⁹ Port.: *qc é trivial/é mais que sabida/é o que toda a gente está farta de saber/é um segredo de polichinelo*.

⁶⁰ Port.: *andar/estar apanhado (de todo) por alg/por qc; ser/estar/andar louco/maluco por alg*.

⁶¹ Port.: *essa é de cabo de esquadra; essa é forte; essa é de calibre; já é preciso descaramento*.

⁶² Port.: *ser um quebra-cabeças; ser um caso bicudo; ser um osso duro/difícil de roer; ser um bico de obra*.

⁶³ Port.: *ser (mais) velho (do que a Sé de Braga); qc já tem barbas*.

resulta, com efeito, que a significação idiomática das expressões acima deve-se, em parte, à combinatória fixa {*kalter + Kaffee*}, {*dicker + Hund*}, {*harter + Nuss*}, {*alter/uralter + Hut*} respectivamente.

O segundo processo de transformação diz respeito à construção de uma oração relativa a partir do constituinte da expressão idiomática que desempenha uma função atributiva. De acordo com a norma padrão, a transformação de uma estrutura sintáctica composta por um adjetivo seguido de um substantivo em uma oração relativa, isto é, em uma estrutura sintáctica subordinada posposta ao substantivo ao qual o adjetivo se reporta, não implica a alteração do valor semântico da construção de partida. Posto isto, consideremos agora a mesma transformação do ponto de vista da expressão de partida tida na sua qualidade de expressão idiomática:

- (12) (a) *Das ist {kalter Kaffee}* → * *Das ist Kaffee, der kalt ist.*
(b) *Das ist ein {dicker Hund}* → * *Das ist ein Hund, der dick ist.*
(c) *Das ist eine {harte Nuss}* → * *Das ist eine Nuss, die hart ist.*
(d) *Das ist ein {alter/uralter Hut}* → * *Das ist ein Hut, der alt/uralt ist.*
(e) {*kalte Füße*} *kriegen*⁶⁴ → * *Füße kriegen, die kalt sind.*

Efectivamente sucede que a conversão da estrutura de partida em uma construção relativa implica separar os elementos, Adjectivo + Nome, que formam a unidade, o Sintagma Nominal, resultando na perda do sentido idiomático presente na combinatória inicial: *Das + ist + {kalter + Kaffee}*; *Das + ist + ein + {dicker + Hund}*; *Das + ist + eine + {harte + Nuss}*; *Das + ist + ein + {alter/uralter + Hut}*; {*kalte + Füße*} + *kriegen*. A desintegração estrutural não se encontra em sintonia com os princípios que definem a essência das expressões idiomáticas.

O terceiro processo de transformação relaciona-se com alterações morfológicas dos constituintes de determinada expressão idiomática, mais precisamente alterações referentes à categoria morfológica ‘número’.

- (13) (a) *Das ist {kalter Kaffee}* → * *Das sind kalte Kaffees*
(b) {*kalte Füße*} *kriegen* → * *einen kalten Fuß kriegen*

⁶⁴ Port.: *perder a coragem; ter/ficar com medo; ficar cheio de medo; ficar com cagaço; dar/chegar o medo a alg; sentir um frio pela espinha abaixo.*

(c) *die FüÙe nicht auf dem Boden haben*⁶⁵ → **einen Fuß nicht auf dem Boden haben*

(d) *kein Blatt vor den Mund nehmen*⁶⁶

→ * *kein Blatt vor die Münder nehmen*

→ * *keine Blätter vor den Mund nehmen*

→ * *keine Blätter vor die Münder nehmen*

Em primeiro lugar, repare-se que modificar o número do(s) substantivo(s) de determinada expressão idiomática obriga, regra geral, à alteração da forma morfológica dos restantes constituintes variáveis da expressão, nomeadamente, verbos, determinantes, adjectivos. Estes exemplos ilustram que estas alterações no plano formal têm repercussões no plano da significação. Em segundo lugar, embora estas transformações possam produzir sequências gramaticalmente bem-formadas, o que é certo é que, o resultado da alteração é uma sequência cujo significado, caso a estrutura seja gramatical, não corresponde ao significado idiomático da expressão de partida⁶⁷. Isto vem corroborar a ideia acima exposta de que os constituintes de uma expressão idiomática funcionam em bloco e não isoladamente. Vale ainda a pena relevar que, no que respeita a categoria ‘número’, existem expressões idiomáticas que admitem variantes, isto é, independentemente da forma do substantivo, singular ou plural, que se empregue, o significado idiomático da expressão manter-se-á em tacto: *jm. den Daumen/die Daumen drücken* (‘fazer votos para que algo corra bem’).

A terceira categoria de restrições abordada por Burger, a categoria das restrições léxico-semânticas, resulta da análise do comportamento das expressões idiomáticas quando submetidas a operações de substituição dos constituintes por elementos que pertencem ao mesmo paradigma lexical.

(14) (a) {*kalte FüÙe*} *kriegen*

(b) → *kalte Beine/Hände kriegen*

Através dos exemplos em (14), vemos que o adjectivo *kalt* (‘frio’/‘fria’) pode co-ocorrer com os substantivos que designam as partes do corpo *FüÙe* (‘pés’), *Beine* (‘pernas’) e *Hände* (‘mãos’). No entanto, apenas a expressão (14a) admite duas leituras: uma

⁶⁵ Port.: *não ter os pés assentes na terra; não ter os pés no chão; não ter a cabeça assente nos ombros.*

⁶⁶ Port.: *não mandar dizer nada por ninguém; com alg é pão pão queijo queijo; falar sem rodeios; falar francamente/com toda a franqueza; não ter papas na língua.*

⁶⁷ Schemann (1992: xxiii) defende que o carácter fixo das expressões idiomáticas deve ser tratado com rigor na prática lexicográfica. Uma abordagem desta natureza é indispensável no âmbito do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira.

interpretação literal e uma idiomática. Onde reside a diferença entre esta expressão e as expressões representadas em (14b)? Responder a esta questão implica adiantar já elementos que justificarei na secção que se segue relacionada com os contextos lexemático e semântico:

- (i) o significado idiomático da expressão *kalte Füße kriegen* – ‘ficar com medo/perder a coragem’ – assenta na interpretação da combinação sintagmática {lexema ‘*kalte*’ + lexema ‘*Füße*’} + *kriegen*. Esta combinatória de elementos é interpretada como uma unidade de significação fixa. Daí as restrições no que respeita a substituição de qualquer um dos termos que compõem este bloco fixo por outros que pertençam ao mesmo paradigma lexical.
- (ii) o significado literal das expressões *kalte Füße/Beine/Hände kriegen* – ‘ficar com os pés frios’/‘as pernas frias’/‘as mãos frias’ – resulta da soma dos significados dos elementos que as compõem. Por outros termos, os constituintes da expressão são encarados como formas livres. Integradas num discurso, numa frase, num sintagma, estas formas livres são susceptíveis de serem substituídas por formas da mesma classe ou categoria semântica no mesmo ambiente sintagmático.

Como se vê, a oposição entre formas fixas ou sintagmas fixos e formas ou sintagmas livres desempenha um papel importante na elucidação do comportamento e funcionamento das expressões idiomáticas.

Apesar do critério das restrições léxico-semânticas que caracteriza as expressões idiomáticas, casos há em que substituir determinado(s) elemento(s) por outro(s) elemento(s) do mesmo paradigma não implicará, até certo grau, uma alteração do significado idiomático. Trata-se de variantes de determinada expressão idiomática. Os exemplos seguintes, retirados do *Dicionário Idiomático Alemão-Português* (Schemann, 2002), são elucidativos deste fenómeno:

(15) (a) *das macht den **Kohl**/das **Kraut**/den **Braten** (auch) nicht fett*⁶⁸

(16) (a) *mit einem **Fuß/Bein** im Gefängnis stehen*⁶⁹ // *mit einem **Fuß/Bein** im Grab(e) stehen*⁷⁰

(b) *sich die Finger **schmutzig** / **dreckig** machen*⁷¹ // *lange / **krumme** Finger machen*⁷²

⁶⁸ Port.: *isso não vai mudar (em nada/muito) as coisas; isso não vai ajudar muito.*

⁶⁹ Port.: *estar aqui estar na cadeia; arriscar-se (mais dia menos dia) a ir parar à prisão/cadeia.*

⁷⁰ Port.: *estar com os pés para a cova; estar com um pé na sepultura; estar às portas da morte.*

⁷¹ Port.: *andar metido em negócios pouco limpos; sujar as mãos.*

(c) *in der **Brühe**/(ganz schön) im **Dreck sitzen** / **stecken***⁷³

No quadro das observações precedentes cabe ainda assinalar que, existem, embora em número reduzido, expressões idiomáticas que contêm lexemas que são únicos no sentido em que só aparecem naquela expressão específica:

(17) (a) ***Amok** laufen*⁷⁴

(b) *aus/von Anno **Tobak** sein/stammen*⁷⁵

(c) *starker **Tobak** sein – etw. ist starker **Tobak***⁷⁶

(d) *das/es ist zum **Bebaumölen** (mit jm./etw.)*⁷⁷

As palavras assinaladas a itálico não ocorrem como formas livres no sistema linguístico do Alemão. Os elementos constituintes *Amok*, *Tobak*, *Bebaumölen* tomados isoladamente são sincronicamente opacos e apenas ocorrem neste contexto sintático específico. Uma vez que não existe uma ideia, um conceito destas palavras a nível do sistema linguístico, não é possível estabelecer relações semânticas (sinonímia, antonímia, hiponímia, etc.) com outros lexemas.

Com base no conjunto das transformações linguísticas aqui expostas, é possível concluir que as expressões idiomáticas apresentam fundamentalmente irregularidades de dois tipos:

- (i) irregularidades de natureza funcional, isto é, existem restrições no que diz respeito à deslocação de elementos da expressão idiomática para outras posições sintáticas e às variações formais dos substantivos (singular/plural);
- (ii) irregularidades de natureza lexical e semântica no sentido das restrições à substituição dos constituintes da expressão idiomática por elementos compatíveis, tanto no eixo sintagmático como no eixo paradigmático e à inserção de elementos na construção idiomática.

Como se depreende da exemplificação feita até aqui, a oposição ‘forma regular’ – ‘forma irregular’ encontra-se intimamente ligada à oposição ‘forma livre’ – ‘forma

⁷² Port.: *deitar a mão/unha a qc; meter qc ao bolso; fazer mão baixa; surripiar qc.*

⁷³ Port.: *estar (mesmo/...) tramado/lixado; estar (mesmo/...) metido numa alhada/nuns assados; estar (mesmo/...) frito; estar (mesmo/...) à rasca.*

⁷⁴ Port.: *perder a cabeça; entrar em parafuso; estar como doido; pirar.*

⁷⁵ Port.: *ser do ano de 1900 e troca o passo; ser do tempo da Maria Cachucha; ser do tempo dos nossos avós; ser do tempo dos candeeiros de petróleo; ser do tempo dos afonsin(h)os.*

⁷⁶ Port.: *(já) é demais; é incrível; passa das marcas; (aquela/essa) é forte.*

⁷⁷ Port.: *isto é de dar em maluco/doido (com alg/qc).*

fixa'. Poderíamos, então, definir provisoriamente o que se entende, por um lado, por 'forma livre' ou 'sintagma livre' (*freies Syntagma*) e, por outro, por 'forma fixa' ou 'sintagma fixo' (*gebundenes Syntagma*): uma 'forma livre' é, em princípio, concebida como forma regular, visto que obedece às regras morfo-sintáticas e semânticas da língua; por seu turno, uma 'forma fixa' é considerada uma forma irregular que apresenta, salvo casos especiais, restrições morfo-sintáticas e léxico-semânticas. Como tivemos oportunidade de demonstrar, as expressões idiomáticas são estruturas fixas, pelo que, regra geral, qualquer tipo de modificação morfológica, sintática e/ou lexical, terá repercussões para o significado da expressão.

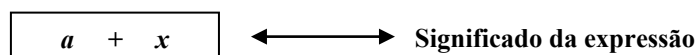
A partir desta distinção entre 'sintagmas livres' e 'sintagmas fixos' estamos em condições de considerar uma caracterização mais precisa do contexto linguístico das expressões idiomáticas, isto é, uma caracterização do contexto lexemático (*lexematischer Kontext*) e do contexto semântico (*semantischer Kontext*).

1.4.3. O contexto lexemático

Para Schemann, o contexto lexemático constitui uma dimensão fundamental no funcionamento das expressões idiomáticas, contexto que, segundo este autor, tem sido descurado pelos linguistas, em geral, e pelos estudiosos que encaram as expressões idiomáticas como estruturas 'desviantes' do sistema linguístico da língua, em específico. Começemos pela definição do contexto lexemático proposto por Schemann:

Der lexematische Kontext hat seinen einheitlichen Kern – und darin sein wesentliches Definitionskriterium – darin, daß ein oder mehrere sprachliche Elemente a/b/c/... nur in der Umgebung eines oder mehrerer, d.h. *spezifischer* anderer sprachlicher Elemente x/y/z/... ihre Funktion erfüllen, d.h. Bedeutung haben können (2003: 66).

Desta definição se pode inferir que determinado elemento linguístico (fonema, morfema, lexema, sintagma fixo) 'a' adquire o seu significado na combinação sintagmática com o elemento linguístico específico (fonema, morfema, lexema, sintagma fixo) 'x'. Temos, portanto, de acordo com esta concepção do contexto lexemático, a seguinte configuração:



O significado da expressão encontra-se ligado à combinação dos elementos específicos ‘a’ e ‘x’ na sequência acima indicada. Para ilustrar este facto, consideremos as seguintes expressões idiomáticas que contêm o lexema verbal *fallen* (‘cair’):

- (18) (a) *j-m in die Hände fallen*⁷⁸
(b) *es fällt jm. (plötzlich) wie Schuppen von den Augen*⁷⁹
(c) *jm. fällt ein Stein vom Herzen*⁸⁰
(d) *aus allen Wolken fallen*⁸¹

Observando as expressões (18a) a (18d), verificamos que, embora o lexema ‘*fallen*’, tomado isoladamente, seja uma forma livre que possui uma esfera de significação, este não funciona como forma livre nos exemplos (18). Aqui o verbo ‘*fallen*’ é um elemento que, em conjunto com uma sequência de outros elementos específicos, participa na formação de uma unidade de significação. No exemplo (18a), o elemento ‘*fallen*’ encontra-se ‘embutido’ no contexto lexemático fixo {*jm. + in + die + Hände + fallen*}, contexto ao qual se atribui o significado ‘*cair em poder de alg*’. Também nos restantes exemplos, o verbo ‘*fallen*’ encontra-se ‘preso’ aos respectivos contextos lexemáticos. As expressões idiomáticas até aqui apresentadas confirmam que: “*alle gebundenen Formen (...) haben eines gemeinsam: den lexematischen Kontext. Das bedeutet: ihre sprachlichen Kontextmöglichkeiten können nicht (eindeutig) begrifflich abgesteckt werden – eben weil sie keine Sphäre haben*” (Schemann, 2003: 59). Repare-se que os significados das expressões idiomáticas em (18) não se encontram relacionados com o significado do verbo ‘*fallen*’ enquanto forma livre. Vejamos, por exemplo, que não existe relação de necessidade entre o significado da expressão ‘*aus allen Wolken fallen*’ – ‘*ficar estupefacto*’ – e o significado livre do verbo ‘*fallen*’. Perante esta relação entre o contexto lexemático e o significado da expressão idiomática, levanta-se a questão da ‘génese’ de determinado contexto lexemático, isto é, do(s) processo(s) de criação e formação desse conjunto fixo de lexemas. O contexto lexemático, contexto do plano linguístico, parece, assim, estar ligado a um plano primário de cariz extra-linguístico. Reencontramos aqui as reflexões tecidas na secção deste estudo intitulada “*Os conceitos*

⁷⁸ Port.: significado idiomático – *cair em poder de alg/ficar à mercê de alg*; equivalente(s) – *cair nas mãos de alg; ir ter à(s) mão(s) de alg*.

⁷⁹ Port.: significado idiomático – *algo fica/torna-se (de repente) claro/compreensível para alg*; equivalente(s) – *(de repente/...) abrir os olhos; (de repente/...) começar a ver qc/a coisa toda; (de repente/...) dar-se conta de qc*.

⁸⁰ Port.: significado idiomático – *ficar/sentir-se aliviado*; equivalente(s) – *a alg sai-lhe/...um peso de cima/(de cima) das costas/da consciência*.

⁸¹ Port.: significado idiomático – *ficar surpreso/espantado com algo; ficar estupefacto*; equivalente(s) – *cair das nuvens/dos céus; cair de cu*.

de ‘Metáfora’ e ‘Imagem’” sobre a ‘imagem mental viva’ (*lebhaft* *Vorstellung*), a dimensão poética e criativa da metáfora, a ligação entre a metáfora e o fundo pressuposto e a relação de identificação entre o significado literal e o significado metafórico das expressões idiomáticas. Com base na relação que o contexto lexemático mantém com o contexto extra-linguístico, parece não ser infundamentado afirmar-se que “der sprachlich gebundene Kontext führt, will man ihn einsichtig machen, verstehen, notwendig zum nicht-sprachlichen Kontext und zum Bild” (Schemann, 2003: 62)⁸².

1.4.4. O contexto semântico

Pode-se tomar como ponto de partida para a reflexão sobre o contexto semântico a seguinte definição apresentada por Schemann: “Im Gegensatz zum lexematischen Kontext hat der semantische Kontext sein wesentliches Definitionskriterium darin, daß er sich durch einen Begriff – oder mehrere Begriffe – *definieren läßt*” (2003: 67). Significa esta afirmação que, em oposição ao contexto lexemático, o contexto semântico é um contexto passível de ser definido por um ou mais conceitos. Para esclarecer a natureza e o modo de funcionamento deste contexto, recorro de novo a exemplos que apresentam o item verbal *fallen* (‘cair’):

(19) (a) *Die Regentropfen fallen (dicht)* – ‘Os pingos de chuva caem (com intensidade)’

(b) *Die Blätter fallen (von den Bäumen)* – ‘As folhas caem (das árvores)’

(c) *Das Kind fällt* – ‘A criança cai’

Antes de mais, importa relevar que os exemplos de (19) reportam-se a acontecimentos concretos na medida em que estes se encontram ligados à realidade e podem ser captados pelos sentidos, isto é, estas situações podem ser caracterizadas como sendo, utilizando o termo alemão, “*konkret-anschaulich*”. É precisamente a análise das unidades lexicais, neste caso, do verbo *fallen*, em situações ‘palpáveis’, a partir das quais é possível determinar o seu sentido básico ou nuclear, que servirá de suporte ao tratamento do contexto semântico e da sua ligação com as expressões idiomáticas. Observando o significado do verbo *fallen* nos exemplos de (19), constata-se que, não obstante as diferenças que existem entre o ‘cair’ dos pingos de chuva, o ‘cair’ das folhas

⁸² Schemann chama a atenção para o facto de que os estudos que se debruçam sobre as expressões idiomáticas não versarem a relevância de estudar a ‘origem’ da fixidez formal que caracteriza as expressões idiomáticas.

das árvores e o ‘cair’ de uma criança ou pessoa, nomeadamente no que diz respeito às propriedades de distância vertical e velocidade, o verbo *fallen* realiza, nos três exemplos, o mesmo conteúdo semântico básico ou nuclear: o movimento involuntário de um corpo ou substância física que segue uma direcção de cima para baixo, mais especificamente para o solo ou chão; a dimensão de espaço ou distância vertical de determinado ponto mais elevado até ao nível do solo. Este significado básico e genérico, que resulta da abstracção dos elementos de significação ou semas particulares, representa o conceito ou um dos conceitos que contribui para a definição da esfera de significação, melhor dizendo, do contexto semântico do verbo *fallen*.

Posto isto, impõe-se observar o que se passa com o verbo *fallen* nas expressões abaixo:

(20) (a) *Der Soldat fällt/ist gefallen* – ‘O soldado morre/morreu (em combate)’

(b) *Die Stadt fällt/ist gefallen* – ‘A cidade é/foi tomada/conquistada’

(c) *Dieses Tabu ist gefallen* – ‘Este tabu foi quebrado’

Repare-se que, nos exemplos (20), o verbo *fallen* é utilizado para exprimir um outro significado, isto é, um significado que se afasta do sentido básico e concreto em direcção a um sentido mais abstracto. No que diz respeito ao exemplo (20a), ainda que seja possível interpretar a expressão *der Soldat fällt* literalmente, *o soldado cai (para o chão)*, esta expressão lexicalizada, composta pelo contexto lexemático *der Soldat* + *fällt*, encontra-se presa ao significado “o soldado morreu”. A questão que se coloca é, portanto, a seguinte: em que medida é que o significado nuclear do verbo *fallen* ainda é perceptível, isto é, ainda se faz sentir no significado da expressão. Neste caso, pode dizer-se que o pensamento de um soldado que morre em combate, está associado à ideia do corpo de um militar que ao ser alvejado mortalmente cai para o chão. Quer dizer, o significado de *fallen* neste contexto lexemático deixa transparecer os seguintes elementos constitutivos do significado nuclear do verbo *fallen* acima expostos: o movimento descendente e a dimensão espacial considerada desde um ponto acima do solo até ao nível do solo. Do mesmo modo que o significado do verbo *fallen* na expressão (20a) sugere certos elementos do significado básico do verbo *fallen* enquanto forma livre, expressões há que sugerem outros elementos do significado nuclear do verbo. Já no que se refere aos exemplos (20b) e (20c), observa-se alguma dificuldade em reconhecer ‘*suggestions*’ dos elementos que compõem o significado básico do verbo *fallen* no significado das expressões apresentadas.

Estabelecida a pertinência do contexto semântico no processo de metaforização, cabe sublinhar a inter-relação entre o contexto lexemático e o contexto semântico:

“Der *semantische Kontext* (...) ist (...) ein Kontext, *der den lexematischen Kontext bereits voraussetzt*: der Begriff ‘entsteht’ (erst) in der Distanzierung von etwas, was, weniger distanziert, schon vorliegt bzw., weniger oder sogar gar nicht distanziert, zunächst gegeben ist: dem Bild. *Der lexematische Kontext ist also zugleich genetisch wie strukturell primär*” (Schemann, 2003: 69).

1.5. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EXTRA-LINGUÍSTICO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS:

DEIXIS – SITUAÇÃO – ACTOS DE FALA – P(L)ANO DE FUNDO

1.5.1. Notas preliminares

No capítulo anterior empreendi uma descrição das expressões idiomáticas do ponto de vista de orientações de índole estruturalista, focando especificamente a natureza rígida e fixa destas construções nos planos sintáctico e léxico-semântico. Proponho-me, no presente capítulo, levar a efeito um tratamento específico das expressões idiomáticas ao nível pragmático, objectivo que implica:

- (i) observar o complexo de problemáticas que se põem a este nível. Por outras palavras, analisar e correlacionar as principais teorias e os respectivos métodos que se inscrevem no plano do uso da língua, isto é, no nível da comunicação;
- (ii) alargar e aplicar a reflexão em (i) à caracterização e análise do funcionamento das expressões idiomáticas, com relevo para o critério da *fixidex (Festigkeit)* de ordem pragmática.

Antes, porém, de abordar estes aspectos, convirá recordar que a disciplina da pragmática surge como resposta aos princípios metodológicos sustentados pela linguística do sistema, princípios esses baseados na análise da língua enquanto sistema formal de elementos. A observação do facto de que o homem faz uso dos elementos da língua e da sua competência linguística em situações concretas e específicas de comunicação, conduziu ao desenvolvimento de várias teorias de índole pragmática que, focando o ‘universo’ da comunicação linguística de pontos de vista diferentes, visam a

caracterização e sistematização dos elementos e factores que influem nos actos de comunicação, em geral, e nos actos discursivos, em específico. Resulta desta heterogeneidade de perspectivas a dificuldade que experimentamos em definir a essência da pragmática. Tentarei, por conseguinte, caracterizar alguns pressupostos teóricos que constituem uma referência importante no domínio da pragmática e, tal como acima referido, estabelecer os pontos de contacto entre estes pressupostos e as expressões idiomáticas.

1.5.2. Deixis

Começo por esquematizar as propriedades do modelo *organon* da linguagem proposto por Bühler (1932, ³1999), modelo axiomático inspirado na definição da função da linguagem apresentada por Platão na sua obra *Crátilo*: “die Sprache sei ein *organum*, um einer dem andern etwas mitzuteilen über die Dinge” (Bühler, 1999: 24). Esta definição parte do princípio da linguagem como instrumento⁸³ que é empregue por um emissor para comunicar a um receptor algo sobre as coisas, isto é, o emissor dirige-se ao seu interlocutor com o intuito de lhe comunicar algo. De observações desta natureza resultou o modelo de comunicação de Bühler constituído pela tríade do emissor, do receptor e do referente. Partindo desta matriz, Bühler identificou e caracterizou três funções da linguagem correspondentes aos três elementos que compõem o seu modelo: o enunciado produzido pelo sujeito enunciadador desempenha (i) uma função expressiva no sentido em que é expressão (*‘Ausdruck’*) das ideias, das opiniões, dos sentimentos do emissor; (ii) uma função apelativa na medida em que constitui um apelo (*‘Appell’*) ao destinatário por parte do emissor; (iii) uma função referencial no sentido em que é uma representação (*‘Darstellung’*) de informações sobre o objecto da enunciação. Da aplicação destes pontos de referência que compõem o seu modelo teórico do processo de comunicação ao fenómeno verbal concreto, isto é, ao fenómeno designado por *face-to-face communication*⁸⁴, Bühler põe em evidência o facto de que este assenta na tríade deíctica *eu-aqui-agora* (*ego-hic-nunc; ich-jetzt-hier*). Esta fórmula clássica representa o quadro de referência dos elementos que determinam a perspectiva a partir da qual a

⁸³ O termo *organon* deriva do grego e significa ‘instrumento’.

⁸⁴ Na altura em que Bühler e outros desenvolveram a sua teoria da comunicação, predominava o tipo de comunicação designada por *‘face-to-face communication’*. A fixação e o desenvolvimento dos meios de comunicação tecnológicos, como, por exemplo, a comunicação através da televisão, da internet e de ficheiros vídeo e áudio, meios que possuem propriedades específicas, teve como consequência: (i) o surgimento de novos mecanismos linguísticos; (ii) o emprego de meios linguísticos já existentes, mas com outras funções.

situação de comunicação se realiza: (i) o sujeito falante (*eu*); (ii) determinada realidade espacial (*aqui*); (iii) determinada realidade temporal (*agora*). Os referentes para os quais os indicadores linguísticos de ‘pessoa’ (*personale Deixis*), de ‘lugar’ (*lokale Deixis*) e de ‘tempo’ (*temporale Deixis*) ‘apontam’, variam consoante as instâncias concretas do discurso⁸⁵. De facto, se observarmos o enunciado ‘*Ich werde da heute noch anrufen*’ (‘(Eu) telefono para lá ainda hoje’/‘Ainda hoje telefono/ligo para lá’) desenquadrado do conjunto de factos ou circunstâncias com que se relaciona, verificamos que é praticamente impossível ‘localizar’ as referências para os quais os elementos deícticos, designadamente o pronome pessoal ‘*ich*’ (‘eu’), o advérbio de lugar ‘*da*’ (‘lá’) e o advérbio de tempo ‘*heute*’ (‘hoje’), remetem. Estes deícticos funcionam, em determinada situação de comunicação, como meios linguísticos que ajudam à ‘localização’ do locutor e do conjunto de circunstâncias espaço-temporais envolventes. Repare-se que o processo de localização desencadeado pelos deícticos no exemplo acima tem como ponto de referência o enquadramento espaço-temporal do sujeito falante: o processo de localização accionado pelo advérbio de lugar ‘*da*’ (‘lá’) realiza-se a partir do ‘*hier*’ (‘aqui’) do falante⁸⁶.

Postas estas observações relacionadas com o locutor e o seu posicionamento no seio do acto comunicativo, resta-me considerar a posição do alocutário neste quadro de referência. De acordo com o modelo de Bühler, a concretização da relação «EU-TU» no âmbito de determinada situação de comunicação decorre da intenção com que o sujeito falante se dirige ao(s) seu(s) interlocutor(es). A ‘localização’ da(s) pessoa(s) a quem se fala, «TU»/«VÓS», é determinada pela sua relação com a pessoa que fala, «EU».

⁸⁵ A propósito dos signos linguísticos portadores de função deíctica importa observar com Blühdorn que existem “Sprachelemente, die ausschließlich zur deiktischen Informationskodierung verwendet werden (exklusive Deiktika), es gibt aber auch viele Elemente, die sowohl zur deiktischen als auch zur nicht-deiktischen Informationskodierung geeignet sind. Ferner können deiktische Repräsentationsanweisungen auch ohne Benutzung manifester Deiktika, nämlich entweder sprachlich-implizit oder aber nicht-sprachlich (gestisch oder mimisch), übermittelt werden” (1993: 47).

⁸⁶ Além das três categorias clássicas da deixis supramencionadas, Levinson (1983: 62-63) faz referência a outras duas categorias, a saber: a deixis discursiva ou textual e a deixis social. Blühdorn (1993: 44-62) propõe uma classificação complexa dos fenómenos deícticos que se manifestam na língua alemã contemporânea. Limite-me aqui a transcrever as categorias propostas em língua alemã: (i) grammatische Deiktika und lexikalische Deiktika (deiktische Verben/Substantive/Artikelwörter/Pronomen/Adverbien/Adjektiven/Präpositionen); (ii) exklusive und nicht-exklusive Deiktika; (iii) Gesichtspunkt der Anknüpfung an Bestandteile des Laufwissens (Ereignis-, Partner-, Nachrichten-, Zeichen-, Zirkumstanten-, Lokal- und Temporaldeiktika); (iv) Gesichtspunkt der Bestimmung von Bestandteilen der zu bildenden Sachverhaltsrepräsentation (Gegenstands-, Lokal-, Temporal-, Direktional- und Intensitätsdeiktika); (v) Gesichtspunkt der relativen Lokalisierung (Nahdeiktika, Ferndeiktika, distanzneutralen Deiktika); Gesichtspunkt der Situationsdeiktika (richtungsneutrale und richtungsspezifisierende Deiktika); Gesichtspunkt der Temporaldeiktika (periodisierende und nicht-periodisierende Deiktika); (vi) perspektivneutraler, senderperspektivischer, nachrichtenbestandteilsperspektivischer, adressatenperspektivischer und zirkumstantenperspektivischer Deixis.

Trata-se agora de aplicar a fórmula de base do modelo de comunicação de Bühler e os fenómenos a este associados ao plano das expressões idiomáticas⁸⁷. Encaremos em primeiro lugar a deixis espacial:

(21) (a) *hier/da/... am falschen Fleck/Platz (sein)*⁸⁸

(a') "Die beiden haben geheiratet und wollen das Studium abbrechen? Hm, um den Günther tut es mir nicht leid, der ist *an der Universität* sowieso am falschen Platz; aber die Christa ist begabt und geistig interessiert; um die ist es wirklich schade".

(b) *hier/dort/bei .../in .../... herrscht/(ist) dicke Luft*⁸⁹

(b') "Heute kommst du besser nicht mit zu uns zum Mittagessen. *Da* herrscht dicke Luft."

(c) *hier ist/da war/bei/auf/... ist/... der Teufel/die Hölle los*⁹⁰

(c') "Mit seinem lockeren Mundwerk hat er der Gertrud etwas Schönes eingebrockt! - Wieso? - Er hat so getan, als führe sie ein sehr leichtfertiges Leben, ihr Vater hat davon Wind bekommen, und jetzt ist *bei ihr zu Hause* der Teufel los."

(d) *in dieser Sache/... steckt/ist/(sitzt) der Wurm drin*⁹¹

(d') "... *In diesen Verhandlungen* steckt der Wurm drin! Jedesmal, wenn man meint, man käme endlich zu konkreten Ergebnissen, kommt sofort wieder irgendetwas dazwischen."

Ao observar estas expressões idiomáticas e os respectivos enunciados, verificamos que estamos perante estruturas que exigem a realização de um constituinte indicativo de lugar: *wo ist man am falschen Platz?*; *wo herrscht dicke Luft?*; *wo ist die Hölle los?*; *wo steckt der Wurm drin?*. Este constituinte poderá, dependendo do enquadramento espacial em relação ao falante e ao ouvinte e da organização do enunciado, assumir vários modos de expressão. Relativamente aos enunciados acima, distinguem-se duas formas de realização do constituinte indicativo de lugar: por um lado, temos os advérbios de lugar – *hier* ('aqui'), *da* ('ali'), *dort* ('acolá') – que, apesar de serem parte integrante das respectivas expressões idiomáticas, funcionam da mesma forma que os deícticos de lugar – *hier*, *da*, *dort* – enquanto formas livres. Por outro lado, temos os

⁸⁷ Todos os enunciados apresentados no âmbito desta secção foram retirados do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002).

⁸⁸ Port.: *estar aqui/ali/...no lugar errado*.

⁸⁹ Port.: *aqui/...a atmosfera está tensa; aqui/...o ar está carregado; aqui/...anda trovada no ar*.

⁹⁰ Port.: *ali anda/andou/... o diabo à solta*.

⁹¹ Port.: *há ali/aqui/...qualquer coisa que não bate certo; a coisa (parece que) está enguiçada/não anda/não quer andar para a frente*.

sintagmas preposicionais que têm como núcleo uma preposição com valor locativo seguida de um sintagma nominal (vd. exemplo (21d')). Tal como acontece com os advérbios de lugar, observa-se que os sintagmas preposicionais, que integram as expressões idiomáticas acima, apresentam um comportamento sintático-semântico e deíctico idêntico ao que manifestam enquanto sintagmas preposicionais livres. Note-se por fim que, fora das respectivas situações de enunciação, é possível, *mutatis mutandis*, substituir estes elementos de localização por outros elementos do mesmo paradigma. Tal significa que estes constituintes mantêm o seu significado livre no interior das respectivas unidades idiomáticas.

Passamos agora a analisar a deixis temporal no contexto das expressões idiomáticas:

(22) (a) *jetzt/gleich/... geht der Tanz (wieder) los*⁹²

(a') "... Ach du liebes bißchen, *jetzt* geht der Tanz wieder los! Der Korbach schimpft schon, noch ehe der Walter ganz im Büro ist."

(b) *jetzt/dann/... ist Schluß (mit etw.)*⁹³

(b') "Wer zum Teufel hat mir denn schon wieder das Portemonnaie hier weggenommen? *Jetzt* ist aber Schluß mit dem Unsinn!"

Verifica-se, ao observar os enunciados (22a') e (22b'), que o valor referencial dos advérbios de tempo *jetzt*, *gleich* e *dann* apenas pode ser identificado a partir do acto específico da enunciação. Assim sendo, estamos perante advérbios com função deíctica. Deriva igualmente desta análise que: (i) o significado destes advérbios enquanto constituintes das respectivas expressões idiomáticas corresponde ao seu significado enquanto formas livres; (ii) existe um número bastante restrito de advérbios de tempo passíveis de figurarem como constituintes das expressões acima. É oportuno, neste ponto, constatar, que estas expressões idiomáticas se encontram vinculadas a situações de comunicação e enunciação que apresentam um determinado conjunto de circunstâncias específicas. Perante estas observações, interessa-nos de modo particular averiguar se o modelo de comunicação de Bühler acima exposto dá satisfatoriamente conta do papel que os advérbios de tempo *jetzt*, *gleich* e *dann* desempenham nos enunciados (22). Por outras palavras, será lícito reduzir a acção destes termos à sua

⁹² Port.: *lá/...vai começar/começa a (mesma) cena (de sempre)/o (mesmo) teatro (de sempre)*.

⁹³ Port.: *e agora/...acabou-se; e acabou-se a brincadeira; agora/...acabou-se qc; chega/basta de qc*.

função deíctica? Para responder a esta questão, recorreremos, novamente, à classificação das funções da linguagem proposta por Jakobson. Recorde-se que este modelo, que visa um alargamento da concepção do acto de comunicação de Bühler, inclui, para além das funções da linguagem apresentadas por este linguista – a função expressiva ou emotiva, a função apelativa, a função referencial ou denotativa –, as seguintes três funções: a função fática, a função metalinguística e a função poética. Detenhamo-nos, neste ponto, na caracterização da função fática da linguagem:

“There are messages primarily serving to establish, to prolong, or to discontinue communication, to check whether the channel works (“Hello, do you hear me?”), to attract the attention of the interlocutor or to confirm his continued attention (“Are you listening?” or in Shakespearean diction, “Lend me your ears!” – and on the other end of the wire “Umhum!”). This set for CONTACT, or in Malinowski’s terms PHATIC function (1953), may be displayed by a profuse exchange of ritualized formulas, by entire dialogues with the mere purport of prolonging communication” (Jakobson, 1990: 75).

Como se depreende da descrição de Jakobson, a função fática da linguagem engloba um complexo de actos de comunicação que assentam em (i) mecanismos linguísticos que servem para iniciar, prolongar e terminar determinada situação de comunicação; (ii) recursos linguísticos que permitem verificar as condições de recepção da mensagem e (iii) formas que visam atrair a atenção do interlocutor. Para esclarecer de que modo o comportamento do advérbio de tempo *jetzt* nos enunciados (22a’) e (22b’) se encontra ligado à função fática da linguagem, convém realizar o seguinte teste que consiste em produzir estes enunciados sem empregar este advérbio:

(23) (a) “... Ach du liebes bißchen. *Der Tanz geht wieder los! Der Korbach schimpft schon, noch ehe der Walter ganz im Büro ist.”

(b) “Wer zum Teufel hat mir denn schon wieder das Portemonnaie hier weggenommen? *Schluß mit dem Unsinn!”

Se compararmos as frases (22a’) e (22b’) com as frases correspondentes em (23), diremos que o advérbio *jetzt* funciona como mecanismo de focalização, isto é, funciona como uma chamada de atenção para algo que se considera importante. O sujeito falante emprega o advérbio numa tentativa de levar o seu ouvinte a prestar atenção a um momento específico da situação de enunciação: os factos para que foram requeridos a

atenção. Indo mais longe, parece ser possível inferir que, ao fazer incidir a atenção do(s) seu(s) interlocutor(es) em determinado aspecto do contexto situacional, o sujeito falante deixa transparecer a sua posição ou atitude face ao seu próprio enunciado. Se nos fixarmos no enunciado (22b'), verificaremos que o advérbio *jetzt* contribui para marcar a posição do locutor. A análise aqui efectuada serve para ilustrar a dimensão pragmática do funcionamento destes advérbios de tempo enquanto constituintes de determinada expressão idiomática em contexto de comunicação. Como se pôde avaliar pelos exemplos apresentados, estes elementos funcionam como conectores pragmáticos, isto é, encontram-se presos a este significado específico, a situações específicas de comunicação e a posições específicas do falante.

Voltemo-nos agora para o funcionamento da deixis pessoal ao nível das expressões idiomáticas:

(24) (a) *du bist/der Karl ist/... wohl vom blauen Affen gebissen!*⁹⁴

(a') "Was, du willst schon wieder zehn Mark?! *Du* bist wohl vom blauen Affen gebissen! Jeden Tag und jeden Tag kommst du und willst Geld. Du bist wohl verrückt, was?!"

(b) *du verstehst wohl/er versteht wohl/... kein Deutsch?*⁹⁵

(b') "Gerd? - Ja? - Wasch' dir die Hände vor dem Essen. Gerd? - Ja? - Wasch' dir die Hände vor dem Essen. Gerd!! Verdammt nochmal! *Du* verstehst wohl kein Deutsch, was? Jetzt sag' ich dir zum dritten Mal, du sollst dir vor dem Essen die Hände waschen."

(c) *du tötetest/der Gerd tötet/... mir den (letzten) Nerv!*⁹⁶

(c') "Paul, mußt du denn immer und immer wieder meinen Bruder bei anderen schlecht machen?! *Du* tötetest mir den Nerv, Kerl! Wirklich! Du machst mich derart kribbelig damit, daß ich irgendwann nicht mehr mit dir umgehe!"

Primeiramente, importa destacar que, embora nos enunciados (24a') a (24c') estejamos perante a concretização da relação «EU-TU», é possível encontrar situações de comunicação correspondentes em que o sujeito falante se refere a terceiros «ELE(S)»/«ELA(S)». Escusado será dizer que estes pronomes pessoais, constituintes das respectivas expressões idiomáticas, desempenham, à semelhança do que se verifica em

⁹⁴ Port.: *estás/o Carlos está/...doido varrido; estás/o Carlos está/...completamente doido/maluco; não estás/o Carlos não está/...bom do miolo/da cabeça; estás/o Carlos está/...com febre; estás/o Carlos está/...a delirar; que bicho te/...mordeu?*

⁹⁵ Port.: *não percebes/percebe/...o que eu digo (ou quê)?; eu falarei chinês?!*

⁹⁶ Port.: *tu dás-me/ele dá-me/...cabo da paciência.*

contextos não idiomáticos, funções deícticas e anafóricas. Em segundo lugar, os exemplos acima expostos deixam já entrever uma questão importante a discutir no quadro pragmático das expressões idiomáticas: a atitude e a opinião do falante em relação ao(s) seu(s) interlocutor(es) (*‘Sprecherhaltung zur Person’*) e em relação à matéria, ao assunto, sobre o qual recai a atenção da interlocução (*‘Sprecherhaltung zur Sache’*). O que aqui se pergunta é se este «DU» exprime ou traduz ‘algo mais’ do que apenas a informação de um «EU» que se dirige a um «TU». Observe-se que, a par da fixidez sintáctica e semântica que caracteriza as construções idiomáticas, as expressões em (24) encontram-se ‘presas’ a determinada atitude específica do sujeito falante em relação ao seu interlocutor ou a terceiros. Ao pronunciar as expressões idiomáticas inseridas nos enunciados (24a’) a (24d’), todo o locutor revela o que pensa em relação ao seu interlocutor e o estado de coisas envolvente. Analisando as sequências (24), verificamos que o emprego destas expressões implica necessariamente emitir certa opinião em relação ao destinatário, designadamente ‘esta situação/o teu comportamento não me agrada (nada)/irrita-me’. Por outras palavras, estas expressões idiomáticas encontram-se ‘presas’ a atitudes específicas do sujeito falante relativamente ao seu interlocutor, isto é, estamos perante atitudes lexicalizadas (*‘lexikalisierte Sprecherhaltungen’*). O facto de ser possível agrupar dadas expressões idiomáticas em torno de determinada atitude do falante face ao destinatário, vem reforçar a ideia da lexicalização da relação ‘expressão – atitude (locutor - interlocutor)’ enquanto factor de rigidez pragmática.

1.5.3. Situação

O objectivo desta secção consiste em analisar as expressões idiomáticas do ponto de vista dos princípios elaborados pelos modelos de índole pragmática com base no estudo da situação específica em que os interlocutores se encontram quando proferem determinado enunciado e da natureza do vínculo entre a situação de comunicação particular e o comportamento linguístico a ela associado. A motivação de tais modelos reside na constatação de que existem determinados tipos de situações comunicativas que podem ser designadas de ‘hábitos’ do nosso quotidiano no duplo sentido: por um lado, são situações de comunicação que se repetem com bastante frequência como, por exemplo, situações que implicam saudar, agradecer, felicitar alguém; por outro lado, são situações que se encontram intimamente ligadas a formas linguísticas próprias, melhor

dizendo, formas estandardizadas que os interlocutores têm ao seu dispor para a realização dos actos em questão. Sem pretender entrar em questões terminológicas, adopto aqui o termo ‘*Routineformeln*’ (‘fórmulas de rotina/hábito’) utilizado por Coulmas (1981: 13) para designar

“Muster für die Konstituierung von Handlungen, und zwar von solchen Handlungen, die sich in der alltäglichen kommunikativen Praxis jeder Sprachgemeinschaft wiederholen. Sie sind an rekurrente Situationen des sozialen Verkehrs gebunden und sind als Resultat dieser Situationsstandardisierungen zu betrachten. Sie sind in der Sprache verfestigte organisierte Reaktionen auf soziale Situationen”.

Esta citação de Coulmas acentua o facto de que a correlação íntima entre as fórmulas de rotina e as respectivas situações específicas de uso se baseia em convenções de tipo sócio-cultural e institucional. Assim, uma questão importante a discutir é o que se entende pelo conceito de ‘convenção’ e quais são os princípios determinantes deste fenómeno da prática social. Para tal, sirvo-me da descrição deste fenómeno feita por van Dijk, na obra intitulada *Textwissenschaft*:

“Eine Konvention bestimmt, welche möglichen oder notwendigen Relationen zwischen Teilnehmern in einer bestimmten Situation existieren und wie geartet diese Relationen beim Verlauf der Interaktion sind. Zwar haben Konventionen eine kognitive Basis - aufgrund der Tatsache, daß die sozialen Teilnehmer sie *kennen* müssen -, sie sind jedoch auch von sozialer Natur, da sie eine *Gruppe* oder *Gemeinschaft* kennzeichnen, bzw. das gemeinsame Wissen, und da sie die sozialen Interaktionen in dieser Gruppe oder Gemeinschaft festlegen. Das bedeutet, daß die meisten Teilnehmer der Gemeinschaft diese Konventionen auch wirklich kennen müssen und anwenden können und daß sie dies auch voneinander wissen müssen, so daß man in den meisten Situationen *erwarten* kann, welche *möglichen* oder *notwendigen* Handlungen der andere tun wird, was, wie wir schon sahen, eine wichtige Bedingung für sinnvolle und effektive Interaktion ist. Konventionen können sehr unterschiedlich sein: sie können für eine kurze *Zeit* und eine geringe *Anzahl von Teilnehmern* gelten (wie etwa Verabredungen, sich während einiger Monate jede Woche zu treffen), oder aber sie sind allgemein und mehr oder weniger permanent für die gesamte Gemeinschaft (wie etwa Sprach- und Kommunikationsregeln). Konventionen können für die Gesellschaft *explizit* sein oder nicht: bestimmte Gebräuche werden niemals als solche formuliert, erst recht nicht (schriftlich) fixiert, während andere Konventionen wiederum gerade diese Formulierung und Fixierung erfordern, wie etwa Gesetze und Vorschriften. Schließlich sind Konventionen mehr oder weniger *zwingend*: einen konventionellen Gruß braucht man eventuell nicht zu erwidern, auf einer Sitzung braucht man nicht zu erscheinen, jedoch ist man echt an Gesetze und andere Konventionen gebunden, die (juristische)

Verpflichtungen beinhalten. Das Durchführen von Handlungen und Interaktionen, die nicht mit den aus Konventionen ableitbaren Vorschriften übereinstimmen oder durch Konventionen explizit verboten sind, wird in der Regel zu *Sanktionen* führen” (1980: 230-231).

Parece-me possível tirar as seguintes conclusões no que diz respeito ao conjunto de princípios considerados relevantes à compreensão do fenómeno interpessoal e social designado de ‘convenção’:

- (i) uma convenção define o tipo de comportamento que é exigido aos intervenientes em determinado tipo de situação. Ora, se existe um conjunto de normas que delimita a actuação dos participantes em determinada situação, é de esperar que este condicionamento ao nível do comportamento tenha repercussões ao nível da prática linguística;
- (ii) as convenções comportam uma dimensão cognitiva e uma dimensão social. A dimensão cognitiva pressupõe o conhecimento das regras de conduta que devem ser observadas pelos actores sociais nas mais variadas situações de interacção e comunicação. A dimensão social baseia-se no princípio de que o conjunto de normas estabelecidas no seio de determinado grupo social é identificador desse mesmo grupo. Fica assim patente o papel que a competência comunicativa e a competência social desempenham na interacção verbal. Para além destas competências, há ainda que salientar uma terceira, designadamente a competência linguística dos intervenientes. A partir da interacção entre estas competências, torna-se possível, principalmente em situações de comunicação do quotidiano, antever o comportamento linguístico do(s) nosso(s) interlocutor(es).
- (iii) as convenções podem ser caracterizadas pela sua natureza explícita ou implícita. As convenções de carácter explícito encontram-se registadas formal e fisicamente, como é, por exemplo, o caso das normas de procedimento que regulam as cerimónias oficiais e os actos públicos⁹⁷. A não observância dos formalismos pode ocasionar a invalidação do cumprimento do acto. Embora as convenções de carácter implícito não se encontrem explicitamente regulamentadas, são, no entanto, tacitamente aceites e estão enraizadas nos usos como norma de agir em

⁹⁷ Veja-se, a título de exemplo, o acto declarativo pronunciado aquando da abertura dos jogos olímpicos. Este evento particular exige a realização ou recitação de uma fórmula específica pelo chefe de estado do país anfitrião ou representante da cidade anfitriã, designadamente: “*I declare open the Games of ... (nome da cidade anfitriã) celebrating the ... (número das olimpíadas) Olympiad of the modern era*”. Existe um documento formal designado de *Carta Olímpica* que consigna os princípios fundamentais do olimpismo e regulamenta o conjunto de práticas a seguir no contexto deste evento.

sociedade. Pensemos, por exemplo, em certos princípios do comportamento social, como princípios de boa educação e delicadeza.

No quadro das observações precedentes cabe assinalar o facto da convenção poder funcionar como suporte ao vínculo entre a fórmula (quase) estereotipada e a situação específica de emprego. A este propósito importa não perder de vista que, ao contrário dos fenómenos deícticos e dos fenómenos relacionados com os actos de fala que são fenómenos do plano da *langage*, o fenómeno da convenção é um fenómeno tanto do plano da *langage* como do plano da *langue*.

Consideremos agora as expressões (quase) estereotipadas a partir de outra perspectiva, designadamente a partir da função que estes meios de expressão desempenham na interacção verbal. Neste contexto, merece referência especial a tentativa levada a cabo por Coulmas (1981: 94-108) de reunir as funções diversificadas que estas fórmulas exercem na comunicação em dois grupos principais: por um lado, o grupo de expressões que desempenham funções discursivas; por outro lado, o grupo de expressões que desempenham funções sociais. Tal como o termo ‘função discursiva’ indica, as fórmulas que integram o primeiro grupo desempenham funções específicas ao nível do discurso, nomeadamente no que diz respeito à construção e estruturação da interacção verbal (Lüger, 2007: 449). Coulmas divide as funções discursivas nas seguintes categorias:

(i) funções de gestão das intervenções dos interlocutores. Tais funções podem ser desempenhadas por fórmulas de abertura e de fecho, fórmulas introdutórias e fórmulas indicativas de toma de palavra (“*turn-taking*”), entre outras.

(25) (a) *um es kurz zu machen / kurz gesagt / mit einem Wort / kurz und gut*⁹⁸

(a') *Lange und beschwörend hat er auf mich eingeredet: daß mir ein Ortswechsel gut täte, daß ich im Süden ein besseres Echo finden würde, daß ich ein besseres Gehalt hätte ... kurz und gut: er hat alles getan, um mir das Angebot schmackhaft zu machen.*

(b) *Wie du siehst: ...*⁹⁹

⁹⁸ Port.: (*para*) ser breve; (*para*) abreviar; (*para*) não entrar em pormenores; em duas palavras; resumindo; enfim; conclusão; numa palavra.

⁹⁹ Port.: Como vês: ...

(b') *Siehst du deinen Bruder oft? - Nein, nur an hohen Feiertagen: an diesem oder jenem Geburtstag, Ostern oder Weihnachten, hin und wieder auch mal bei einem gemeinsamen Besuch irgendwo. **Wie du siehst:** nur selten und bei besonderen Anlässen.*

(c) *Paß mal auf, ...*¹⁰⁰

(c') ***Paß mal auf**, Berta: wenn ich dir sage, das Zimmer wird aufgeräumt, dann wird das Zimmer aufgeräumt. Da gibt's doch nichts zu diskutieren!*

Verificamos, ao observar os enunciados (25a) a (25c), que as fórmulas *kurz und gut*, *wie du siehst* e *paß mal auf* preparam o alocutário para a unidade de intervenção que vem a seguir. Estudos realizados no âmbito da análise conversacional designam tais expressões de 'pré-sequências' (Levinson, 1983: 345-364). Na base da designação 'pré-sequência' ('*pre-sequences*') está a relação sequencial, isto é, formal entre as unidades de intervenção que compõem uma situação de comunicação. Repare-se que esta característica encontra-se intimamente ligada à função deíctica que as expressões em (25a) a (25b) desempenham nos enunciados (25a') a (25c'). Trata-se de fórmulas que remetem simultaneamente para pré-informação e para pós-informação.

(ii) funções de apreciação. As fórmulas em questão funcionam como "evaluative Operatoren" (Coulmas, 1981: 102) na medida em que indicam a posição emotiva e cognitiva do sujeito falante (Lüger, 2007: 450), por um lado, em relação ao assunto de que se trata e, por outro, em relação ao(s) seu(s) interlocutores.

(26) (a) *Es tut mir/... leid, ...*¹⁰¹

(a') *'Sehr geehrter Herr Baumanns, **es tut uns leid**, Ihnen mitteilen zu müssen, daß Ihr Sohn Walter das in ihn gesetzte Vertrauen nicht gehalten hat. Sowohl in seinen Leistungen wie in seiner Pflichtauffassung entsprach er nicht dem, was wir uns von ihm bei seiner Einstellung versprochen hatten.'*

(b) *Ich bin der Meinung,...*¹⁰²

(b') *Ständig sucht der Mertens Druck auf mich auszuüben, daß ich bei den Betriebsratswahlen für ihn stimme. **Ich bin der Meinung**, in solchen Dingen muß jeder tun und lassen können, was er für richtig hält. Diese dauernden Versuche, einen in diese oder jene Richtung zu zwingen ...*

¹⁰⁰ Port.: *Preste atenção (àquilo que vou dizer):...*

¹⁰¹ Port.: *tenho pena; sinto muito; lamento ... (informá-lo).*

¹⁰² Port.: *ser de opinião que...*

Como se vê no enunciado (26a'), a fórmula *es tut uns leid* constitui um indicador para o alocutário de que aquilo que ele vai ouvir a seguir não vai ser do seu agrado, isto é, não vai ser boa notícia. Pode dizer-se que a expressão 'prepara' o alocutário para a informação que vai receber. Mais ainda, ao recorrer a esta fórmula, o locutor dá a entender a sua própria apreciação ou a apreciação da empresa em relação ao assunto ou à situação em questão, apreciação de insatisfação e descontentamento que é posta em evidência no segmento do enunciado que segue a fórmula. Em (26b), a fórmula *Ich bin der Meinung* anuncia o ponto de vista do sujeito falante relativamente à matéria em discussão.

(iii) funções metacomunicativas, exercidas por expressões que incidem, entre outros aspectos, sobre a formação e correcção da direcção temática do discurso e expressões que pretendem averiguar se o alocutário está ou não a acompanhar o raciocínio do locutor.

(27) (a) *zur Sache!*¹⁰³

(a') (Der Angeklagte:) *Und dann hat der Herr Kalbert wieder etwas gegen meine Frau gesagt. Schon vor drei oder vier Jahren hat er ...*

(Der Richter:) *Herr Angeklagter, bitte **zur Sache!** Ich habe Sie gefragt, ob Ihre Frau Herrn Kalbert in Gegenwart Dritter als Bankbetrüger bezeichnet hat. Wollen Sie so gut sein und mir diese Frage beantworten?*

(b) *beim Thema bleiben!*¹⁰⁴

(b') ... *Bitte, Albert, **bleib' beim Thema!** Was du da sagst, gehört gar nicht hierhin/gehört gar nicht in diesen Zusammenhang.*

(c) *ein neues/anderes/... Thema anschneiden!*¹⁰⁵

(c') ... *Und sollten wir in diesem Zusammenhang nicht auch die Frage erörtern, inwieweit die allgemeine politische Lage für den Rückgang unseres Exports mitverantwortlich ist? - Ich glaube nicht, daß wir **dies Thema heute anschneiden** sollten. Das ist ein Komplex für sich.*

(28) (a) *hörst du?*¹⁰⁶

(a') *Diesen Brief gibst du dem Minister persönlich, **hörst du?!** Und niemandem anders! Wenn er in unrechte Hände fällt, kann er allerhand Unheil stiften.*

¹⁰³ Port.: *vamos ao que interessa!*; *cinja-se/...ao assunto!*

¹⁰⁴ Port.: *não sair/se desviar do tema.*

¹⁰⁵ Port.: *abordar um/outro/...tema; encetar novo/...tema.*

¹⁰⁶ Port.: *está claro?*

Inseridas nos respectivos enunciados, as expressões (27a) e (27b) constituem um comentário por parte do locutor em relação (i) ao rumo que as intervenções do alocutário têm vindo a tomar até à sua intervenção e (ii) ao rumo que as intervenções do alocutário deverão tomar a partir desta sua intervenção. Em outros termos, o locutor prescreve em que sentido o discurso do alocutário deve ser desenvolvido. Sublinho aqui dois aspectos que me parecem merecer reflexão: em primeiro lugar, note-se que estamos perante componentes deícticos que, à semelhança do que se verifica em relação às fórmulas em (25), remetem simultaneamente para unidades do acto discursivo que precedem e para unidades que seguem as expressões em questão. Em segundo lugar, importa observar que o emprego destas expressões metacomunicativas nas situações expostas em (27a') a (27c') revela um certo condicionamento no que diz respeito à relação social e institucional entre locutor e alocutário. Esta questão da correlação entre o enquadramento social e/ou institucional e o comportamento linguístico dos intervenientes é particularmente visível na situação (27a): o contexto judicial impõe regras claras relativamente aos papéis a desempenhar pelos actores, tanto ao nível dos procedimentos formais a seguir como ao nível das escolhas linguísticas, nomeadamente no que respeita o grau de formalidade e a forma de tratamento. Importa integrar aqui uma referência aos seguintes dois critérios de felicidade (*'felicity conditions'*) necessários à correcta realização dos enunciados performativos propostos por Austin: "There must be a conventional procedure having a conventional effect" e "The circumstances and persons must be appropriate, as specified in the procedure" (Levinson, 1983: 229). Quer isto dizer que, no exemplo (27a') atrás transcrito, o locutor ao proferir a expressão '*zur Sache!*' realiza um acto ilocutório directivo somente se ele for a individualidade indicada para praticar a acção de ordenar ao alocutário que se cinja ao assunto neste contexto específico, isto é, se for uma figura investida de poder e autoridade judicial, por exemplo, um magistrado ou um advogado. Um juiz pode ordenar ao réu que se cinja a responder às perguntas que lhe são dirigidas, a situação inversa seria de carácter anómalo. Reencontramos aqui a questão da competência comunicativa e pragmática que permite às pessoas agirem adequadamente nas mais variadas situações de comunicação.

Considere-se agora o exemplo (28a'). O primeiro segmento deste enunciado é composto por duas unidades de acção verbal: a primeira unidade, *Diesen Brief gibst du dem Minister persönlich!*, constitui um acto ilocutório directivo, pois ao proferir estas

palavras o locutor ordena ao alocutário que realize o acto expresso pelo conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, entregar a carta em questão em mão própria; a segunda unidade do segmento *hörst du?* tem a forma de uma frase interrogativa, no entanto, ao realizar esta expressão, o locutor não está a inquirir o alocutário relativamente à sua percepção auditiva e não está a pedir informação, está, fundamentalmente, a ordenar (*‘Aufforderung’*) ao alocutário que preste atenção ao seu discurso. Por outras palavras: está-se perante uma interrogação retórica, empregue com o intuito de prender a atenção do alocutário. Neste contexto, a fórmula *hörst du?* constitui uma estratégia de carácter metacomunicativo que tem como objectivo direccionar a concentração do destinatário para a mensagem que o sujeito falante quer transmitir.

(iv) funções de apoio às intervenções do locutor, como é o caso das expressões que funcionam como estratégias para, entre outras funções, preencher as pausas numa enunciação, retardar o desenvolvimento da conversa e assinalar o fim da intervenção do locutor.

(29) (a) ..., **nicht wahr?**¹⁰⁷

(a’) *Sie kennen Herrn von Orlotz, nicht wahr? - Nur von Ansehen. Gesprochen habe ich noch nie mit ihm, persönlich hatten wir bisher nichts miteinander zu tun.*

Com base no exemplo (29), pode afirmar-se que a locução estereotipada *nicht wahr?* assinala o fim da intervenção do locutor e funciona necessariamente como elo de ligação com a intervenção do alocutário. É de notar que esta expressão condiciona a resposta do alocutário no sentido em que opera como pedido de ratificação ou confirmação do conteúdo proposicional do enunciado do locutor. Trata-se, com efeito, de uma referenciação endofórica: a fórmula *nicht wahr?* aponta para ‘dentro’ da conversação, remetendo, por um lado, para a unidade de discurso que a antecede e, por outro lado, para a unidade de discurso que a segue, isto é, para a resposta do alocutário. De acordo com Henne & Rehbock, autores da obra *Einführung in die Gesprächsanalyse*, fórmulas tais como *nicht wahr?*, *nein?*¹⁰⁸, *ja?*¹⁰⁹ “gliedern den

¹⁰⁷ Port.: *não é verdade?; não é assim?*

¹⁰⁸ “... *An die Unterlagen kann doch keiner dran, nein? - Nein, sie sind alle unter Schloß und Riegel - in unserem Safe. Und dazu habe nur ich einen Schlüssel*”.

Gesprächsschritt im Sinne des Sprechers, verstärken den Inhalt und bereiten den Sprecherwechsel vor” (Henne/Rehbock, 1995: 26). Em outros termos: estas expressões, às quais o sujeito falante ‘deita mão’ para resolver determinados tipos de problemas discursivos, desempenham nitidamente um papel importante na organização sequencial da interacção verbal.

Resultam desta análise baseada na tipologia das funções discursivas proposta por Coulmas, os seguintes pontos fundamentais:

- (i) determinada fórmula pode exercer mais do que uma função discursiva. Observando os enunciados (25a’) e (25b’), que serviram para exemplificar a primeira categoria das funções discursivas acima exposta, verificamos que as expressões *kurz und gut* e *wie du siehst* também podem assumir funções metacomunicativas (terceira categoria de Coulmas), uma vez que podem ser entendidas como notas interpretativas e/ou explicativas do discurso do locutor. Como facilmente se compreende, muitas das dificuldades encontradas na elaboração de uma tipologia clara das funções desempenhadas por estas locuções estereotipadas deve-se, em larga medida, ao seu carácter multifuncional (Lüger, 2007: 450);
- (ii) a natureza complexa e multifacetada da realidade comunicativa dificulta o levantamento de todas as funções discursivas possíveis e, conseqüentemente, a concepção de um sistema de classificação rigoroso e abrangente;
- (iii) as expressões em questão revelam uma certa heterogeneidade no plano formal das estruturas;
- (iv) regra geral, estas expressões exercem uma função deíctica na interacção verbal. Tal significa que desempenham um papel essencial no que respeita a coesão entre as intervenções dos interlocutores e entre os segmentos comunicativos que compõem a intervenção do locutor.

Voltemo-nos agora para a categoria das expressões que desempenham funções sociais. As fórmulas que integram este grupo encontram-se presas a normas de comportamento e interacção social. Exemplificando: no acto de me despedir de um amigo posso, *mutatis mutandis*, recorrer às seguintes fórmulas – *auf Wiedersehen!*; *Tschüss!*; *ade!*; *adieu!*; *mach’s gut!*; *lass es dir gut gehen!*; *bis bald!*; *bis später!*; *bis zum nächsten*

¹⁰⁹ “Sieh!, daß du pünktlich kommst heute abend, Herbert, ja?! Wir haben Besuch ... - Ich werde tun, was ich kann, Lisbeth.”

Mal!; bis nachher!. Verifica-se, portanto, uma ligação mútua entre o acto social (*convenção social*) – ‘dizer adeus’ ou ‘despedir-se’ – e as locuções estereotipadas acima referidas (*convenção linguística*)¹¹⁰. Com efeito, abstraindo dos factores que possam influenciar a escolha de determinadas fórmulas em detrimento de outras, estas unidades realizam o mesmo acto linguístico. Convém porém notar que a relação entre a situação comunicativa convencional e as fórmulas a ela ligadas pode ser de natureza mais ou menos flexível: enquanto que certos ‘rituais de comunicação’ (Lüger, 2007: 445) são mais restritivos relativamente às fórmulas de interacção, outros admitem mais opções de escolha¹¹¹. Tendo em conta que os rituais de comunicação são uma constante do nosso dia-a-dia, facto que faz com que as respectivas fórmulas pragmáticas possuem carácter de rotina, uma das questões fundamentais diz respeito à distinção entre “denotative und Gebrauchsbedeutung” (Coulmas, 1981: 74), isto é, à distinção entre o significado denotativo da fórmula e o significado da fórmula no contexto da situação de interacção. Coulmas comenta deste modo a relação entre a função denotativa e a função fática das fórmulas de rotina:

“Es ist wichtig, zu sehen, daß nicht das sprachliche Material *per se* phatisch oder denotativ ist, sondern phatisch oder denotativ eingesetzt werden kann. Es wäre auch eine Vereinfachung, anzunehmen, daß sich diese Funktionen gegenseitig ausschließen; sie greifen auf subtile Weise ineinander, so daß mal die eine, mal die andere dominiert. *Wie gehts, lange nicht gesehen* kann rein phatisch, d.h. nur in Wahrnehmung der Kontaktfunktion verwendet werden, aber auch als thematischer Gesprächsbeitrag (cf. *how are you?*)” (*ibidem*: 96).

Coulmas chama a atenção para os seguintes aspectos: (i) as fórmulas devem ser encaradas a partir da função (denotativa ou fática) que desempenham na situação de comunicação; (ii) a função denotativa e a função fática não se excluem mutuamente, verificando-se uma ligação entre elas na medida em que uma ocorre com carácter

¹¹⁰ Glenk (2009: 198-201), baseando-se no conceito de ‘*Handlungsframe*’ (‘esquema de acção’) desenvolvido por Konecny na sua obra *Frames und lexikalisches Bedeutungswissen* (1993), obra que se insere no domínio da lexicografia cognitiva, sublinha que o vínculo entre o plano da convenção social e o plano da convenção linguística torna possível a elaboração de uma base de dados de carácter onomasiológico estruturada por ‘*frames*’ (‘esquemas’/‘modelos’) e pelos respectivos ‘*scripts*’, isto é, as respectivas fórmulas de interacção. Esta concepção lexicográfica constitui um ponto de partida para a compilação de dicionários bilingues e multilingues que apresentam, como escreve Glenk no abstract do seu já referido artigo intitulado “Probleme der zweisprachigen Phraseografie: die kommunikative Äquivalenz der Formeln des Sprachenpaares brasilianisches Portugiesisch/Deutsch”, “the interactional patterns of both linguistic communities” (*ibidem*: 189). Tais recursos constituem uma base para estudos relacionados com a equivalência comunicativa (‘*kommunikative Äquivalenz*’) e para a aquisição de competência idiomática na língua estrangeira (*ibidem*: 189, 206).

¹¹¹ Glenk fala de “Grade der Fixiertheit” (*ibidem*: 190-191), isto é, ‘graus de fixidez’.

subsidiário e a outra como dominante. Coulmas, na citação abaixo, apresenta algumas das fórmulas de rotina que possuem a função fática como dominante:

“Bei Ausdruckseinheiten wie *Grüß Gott* und vielen anderen Routineformeln – besonders deutlich bei Exklamationen und Flüchen, *mein Gott, du liebe Zeit*, aber auch bei vielen Höflichkeitsfloskeln, in denen Modalverben zur Umschreibung verwendet werden, *darf ich bitten* – tritt die denotative Bedeutung nicht akzidentieller, sondern typischerweise in den Hintergrund” (*ibidem*: 76).

Tratam-se de fórmulas de cumprimento (*Grüß Gott!!Guten Morgen!!Guten Tag! – Bom dia!; Guten Abend! – Boa noite!*), locuções exclamativas (*mein Gott! – meu Deus!!(meu) Deus do céu!; (ach) du liebe Zeit!!(ach) du lieber Gott! – Deus do céu!*) e fórmulas de delicadeza (*darf ich bitten – concede-me a honra/dá-me o prazer*).

À luz do que foi exposto nesta secção, é possível concluir com Burger que as fórmulas de rotina são “pragmatische Idiome” (1973: 58-60), isto é, expressões idiomáticas de cariz pragmático. O estatuto de ‘unidades pragmáticas’ resulta do facto de se tratar de “Ketten, die nicht primär eine (lexem- oder satzäquivalente) Bedeutung haben, sondern vorwiegend als Signale in bestimmten pragmatischen Situationen fungieren” (*ibidem*: 58). O carácter idiomático das fórmulas aqui em análise está relacionado com “den partiellen oder totalen Wegfall der mit den Ketten sonst verbundenen ‘Bedeutung’ zugunsten einer neuen Funktionalität, die allein auf der Ebene der Pragmatik spielt” (*ibidem*: 59).

1.6. O PLANO DAS PRESSUPOSIÇÕES

1.6.1. O conceito de ‘pressuposição’

Neste capítulo, procurar-se-á aprofundar o conhecimento das expressões idiomáticas a partir das dimensões lógica, semântica e pragmática das pressuposições. Convém desde já definir como encaramos a noção de pressuposição, recorrendo, para tal, à analogia que Levinson, na obra intitulada *Pragmatics*, estabelece entre os dois planos constitutivos de uma imagem ou pintura, nomeadamente, o plano da figura (*figure*) e o plano de fundo (*ground*), conceitos-chave procedentes da corrente de psicologia

conhecida por gestaltismo, e os planos constitutivos de um enunciado, respectivamente, o plano da proposição ou do enunciado e o plano da pressuposição:

“A useful analogy here is the notion of *figure* and *ground* in Gestalt psychology: in a picture a figure stands out only relative to a background, and there are well-known visual illusions or ‘ambiguities’ where figure and ground are reversible, demonstrating that the perception of each is relative to the perception of the other. The analogy is that the figure of an utterance is what is asserted or what is the main point of what is said, while the ground is the set of presuppositions against which the figure is assessed” (1983: 180).

Como bem salienta Levinson, do mesmo modo que uma pintura deve ser encarada a partir da interação entre o plano da figura e o plano de fundo que a compõem, também uma proposição ou um enunciado deve ser considerado a partir da correlação existente entre o plano do que é dito ou enunciado e o plano das pressuposições. Assim visto, a análise do plano do enunciado só faz sentido à luz dos elementos e fenómenos, melhor dizendo, das pressuposições que se encontram ‘por detrás’ deste. Isto significa que quando ‘damos voz a alguma coisa’ partimos necessariamente de algo já existente, isto é, de um plano primário ou elementar.

1.6.2. As pressuposições lógicas, semânticas e pragmáticas

Com vista à elucidação da essência do plano de fundo de ordem pressuposicional, passa-se em seguida a examinar o conceito de pressuposição nas suas dimensões lógica, semântica e pragmática. Tendo em conta que o conceito de pressuposição tem a sua origem na Lógica, disciplina tradicionalmente ligada à Filosofia, comecemos por fazer algumas considerações sobre a visão lógica das pressuposições. O principal método de análise empreendido pela Lógica consiste em: (i) submeter determinada frase na afirmativa a um processo de transformação que envolve produzir, por um lado, uma versão na negativa e, por outro, uma versão na interrogativa; (ii) averiguar se as pressuposições subjacentes à frase afirmativa se mantêm válidas nas versões na negativa e interrogativa. Como ilustração desta metodologia, sirvo-me aqui do exemplo utilizado por Linke/Nussbaumer (1988):

- (30) (a) *O cão da tia Emma chama-se Rollo.*
(b) *O cão da tia Emma não se chama Rollo.*
(c) *Como se chama o cão da tia Emma?*

A frase (30a) é tida como logicamente verdadeira, caso: (i) exista uma individualidade conhecida por ‘tia Emma’ e (ii) a tia Emma seja dona de um cão. Observando o exemplo (30b), verifica-se que, embora estejamos perante uma negação do conteúdo proposicional da frase (30a), isto é, a expressão de um outro estado de coisas, as pressuposições lógicas são as mesmas: ‘a tia Emma existe’ e ‘a tia Emma tem um cão’. Estas pressuposições também são verdadeiras em (30c), apesar de se tratar de uma construção interrogativa. Como se vê, a abordagem lógica das pressuposições move-se em torno da análise das condições de verdade de frases declarativas, metodologia que esbarra necessariamente no seguinte problema: os seres humanos não se limitam a constatar factos, isto é, a produzir enunciados constativos analisáveis segundo o seu valor de verdade.

Voltemo-nos agora para a caracterização da natureza de expressões idiomáticas que revelam uma base pressuposicional lógica. Interessar-nos-á sobremaneira a relação lógica de causa-efeito:

- (31) (a) *einen Kloß im Hals/in der Kehle/im Mund (stecken) haben*¹¹²
(b) *jm. den Mund stopfen*¹¹³

Ao analisar a articulação entre o significado literal da expressão (31a), *ter uma almôndega (presa) na garganta*, equivalente à expressão portuguesa *ter um nó na garganta*, com o seu significado metafórico, *não conseguir falar*, constata-se que esta é de natureza lógica. A ideia de um objecto preso na garganta de uma pessoa leva às seguintes conclusões lógicas: (i) o objecto causa a obstrução da garganta e das vias respiratórias; (ii) a pessoa engasga-se e não consegue respirar nem falar. Ora, se o significado metafórico pode ser inferido com base no significado literal, tal significa que estamos perante a relação metonímica de causa-efeito. À semelhança do que se verifica em relação à expressão em (31a), também a ligação entre o significado literal e o significado metafórico da expressão idiomática em (31b) pode ser compreendida e explicada a partir de uma base lógica. A acção expressa pelo significado literal da expressão (31b), meter uma quantidade excessiva de uma substância na boca de uma

¹¹² Port.: significado idiomático – *não conseguir falar*; equivalente(s) – *ter um nó na garganta*.

¹¹³ Port.: significado idiomático – *calar alg*; equivalente(s) – *tapar a boca a alg*; *meter uma rolha na boca a alg*.

pessoa, tem a seguinte consequência lógica: uma pessoa dificilmente consegue falar com a boca cheia ou tapada, isto é, o agente impede o indivíduo de falar, cala o indivíduo. A observação destes exemplos permite captar o esquema do funcionamento geral das formas da metonímia: fundo – imagem – primeiro plano (*Hintergrund – Bild – Vordergrund*). A expressão – o que é dito – forma uma imagem linguística que remete, por um lado, para a pressuposição lógica e, por outro, para o significado da expressão. Posto isto, torna-se agora possível aplicar as noções do plano da figura (*figure*) e do plano de fundo (*ground*) propostas por Levinson ao encadeamento lógico entre o significado literal e o significado metafórico da expressão idiomática. Dado que a noção de efeito pressupõe a noção de causa, ou seja, a causa está ‘por (de)trás’ do efeito, parece, então, legítimo afirmar que o significado literal das expressões idiomáticas serve de ponte ou ligação entre o plano de fundo e o significado metafórico no plano da figura. Neste quadro das pressuposições cabe assinalar a centralidade do conjunto de conhecimentos que o Homem adquire pela interação com o seu meio físico, social e cultural, isto é, a relevância do seu *Umwelt* enquanto elemento que integra o plano do fundo. O elemento *Umwelt* vem assim juntar-se aos restantes elementos que fazem parte do plano do fundo.

Se é verdade que existem expressões idiomáticas que possuem um fundo pressuposto lógico, também é verdade que existem expressões idiomáticas que não admitem uma explicação lógica. Vejamos o que se passa com as seguintes expressões:

(32) (a) *schlafen wie ein Stein*¹¹⁴

(b) *so dumm wie das hinterste Ende vom Schwein sein*¹¹⁵

Está-se perante construções que ao nível formal estabelecem uma comparação entre duas unidades de significação, relação esta que, como já tivemos ocasião de referir, assenta no reconhecimento de algum tipo ou alguma lógica de semelhança entre elas. Onde reside a lógica de comparar o estado de alguém que dorme profundamente com uma ‘pedra’, quando sabemos que o lexema ‘pedra’, designando uma entidade inanimada, não dorme. Nesta perspectiva, o lexema *Stein* pode ser substituído por

¹¹⁴ Port.: significado idiomático – *dormir profundamente*; equivalente(s) – *dormir como uma pedra*.

¹¹⁵ Port.: significado literal – *ser burro como a ponta do rabo de um porco*; equivalente(s) – *ser burro como uma porta*; *ser burro até dizer basta*.

outros lexemas que designam objectos inanimados. Por outro lado, o lexema *Stein* poderá ser entendido no sentido de ‘*das Gestein*’, isto é, de um aglomerado de montanhas, uma massa rochosa de grandes dimensões, que inspira serenidade e calma (‘*die himmlische Ruhe von Gebirgen*’). Sob este ângulo, parece-se possível dizer-se que é a fantasia que joga na criação da expressão (32a). É este elemento que permite estabelecer uma diferença entre a expressão alemã *schlafen wie ein Stein* e a expressão portuguesa *dormir como uma porta*. Coloca-se a mesma questão em relação ao exemplo (32b): onde está a base de comparação entre a qualidade ‘ser-se burro’ e o rabo de um porco (rabo torcido). Está-se perante uma brincadeira (‘*Spielerei*’). Em suma: nem sempre é possível reconhecer um fundo pressuposto que permita explicar as comparações.

Examinando agora as pressuposições semânticas, destaque-se, em primeiro lugar, alguns pontos essenciais para a compreensão da concepção semântica das pressuposições¹¹⁶. Segundo Levinson, as pressuposições semânticas “seem to be tied to particular *words* – or (...) aspects of surface structure in general” (1983: 179). Quer isto dizer que existem lexemas e elementos de natureza estrutural que se encontram ‘presos’ a conteúdo semântico específico, funcionando como “presupposition-triggers” (*ibidem*: 179, 181), isto é, despoletadores do conteúdo pressuposicional a estes associados. O estabelecimento da ligação entre o plano do lexema ou elemento estrutural (plano da figura) e o conteúdo semântico pressuposto (plano de fundo) depende do saber linguístico que o falante de uma dada língua natural possui¹¹⁷. Numa tentativa de levantamento e classificação dos despoletadores de pressuposições de índole semântica, Karttunen (*cf.* Levinson, 1983: 181-185) elaborou uma tipologia composta por 31 categorias, entre as quais cito as seguintes:

- (i) a categoria dos predicadores que apresentam complementos em que a verdade do facto expresso na oração completiva é pressuposta: *lamentar, estar arrependido, estar orgulhoso*;
- (ii) a categoria dos verbos que indicam mudança de estado em termos aspectuais: *parar de, começar, continuar*;

¹¹⁶ Para uma visão global da problemática das pressuposições semânticas, poderão consultar-se, entre outros, Levinson 1983 e Karttunen 1973.

¹¹⁷ Importa colocar a seguinte questão em relação aos ‘despoletadores de pressuposições’: que tipo de informação é que os elementos tidos como despoletadores vão despoletar? Por outras palavras, estes lexemas vão despoletar pressuposições ou vão despoletar relações e propriedades do significado destes elementos, isto é, informação lexicalizada. Deste ponto de vista, a abordagem de Levinson parece-me discutível.

- (iii) a categoria das construções que servem para estabelecer uma comparação: *a Lúcia é melhor vendedora do que a Rita; a Lúcia é a melhor vendedora da empresa.*

A esta apresentação simplificada das pressuposições semânticas, segue-se uma tentativa de aplicação dos princípios semânticos acima expostos ao domínio das expressões idiomáticas. Os exemplos abaixo encontram-se ordenados de acordo com as categorias dos despoletadores ou indicadores de pressuposições acima citadas:

(33) *etw. von/aus ganzem Herzen bedauern*¹¹⁸

(34) (a) *bei Adam und Eva anfangen*¹¹⁹

(b) *grünes Licht haben (für etw.)*¹²⁰

(35) (a) *(so) alt wie Methusalem sein*¹²¹

(b) *(so) arm wie Hiob sein*¹²²

Observando o exemplo (33), verificamos que o núcleo verbal da expressão, o verbo *bedauern* ('lamentar'), mantém, no contexto lexemático da expressão idiomática – *etw. + {von/aus + ganzem + Herzen} bedauern* – o seu significado livre e, conseqüentemente, pressupõe a verdade do conteúdo expresso na oração complemento. Como explicar a relação entre o sentido literal do constituinte *{von/aus + ganzem + Herzen}* e o seu sentido transposto, 'profundamente, sinceramente', a não ser pelo facto de que o coração (*das Herz*) é, no Ocidente, o símbolo de afectividade, dos sentimentos e das emoções. A expressão (34a) é composta pelo núcleo verbal *anfangen* ('começar'), elemento que mantém o seu significado literal e pelo constituinte *{bei + Adam + und + Eva}*. Na base deste constituinte está o facto de que, na doutrina cristã, Adão e Eva representam ou simbolizam o primeiro homem e a primeira mulher criados por Deus. Observando o exemplo (34b) no sentido de perceber o que está por 'de(trás)' do constituinte *{grünes Licht}*, conclui-se que a ligação da cor verde com o sentido 'autorização para x' decorre da função que esta cor desempenha em determinados dispositivos, como, por exemplo, no semáforo, sinal luminoso constituído pelas cores verde, amarela e vermelha, que acendem de forma alternada. A cor verde significa: autorização para avançar. As construções em (35) apresentam a seguinte estrutura: (so)

¹¹⁸ Port.: *Lamentar profundamente/sinceramente; lamentar do fundo do coração.*

¹¹⁹ Port.: *começar a contar a vida toda/a história toda/... desde pequenino*

¹²⁰ Port.: *ter luz verde (para fazer qualquer coisa)*

¹²¹ *ser (tão) velho como Matusalém*

¹²² *ser pobre como Job; não ter onde cair morto*

x wie y ¹²³. O termo de comparação *Methusalem* refere-se a um personagem do Antigo Testamento (Génesis 5:21-27); por seu turno, o termo de comparação *Job* refere-se à uma personagem bíblica descrita como sendo extremamente pobre. Como vemos, as referências históricas, culturais e bíblicas são elementos que fazem parte do plano de fundo.

Face ao até aqui exposto, é possível concluir que:

- (i) na prática, não há uma clara linha de demarcação entre as dimensões lógica, semântica e pragmática das pressuposições;
- (ii) a análise do fundo pressuposto das expressões idiomáticas supõe a contaminação e a sinergia entre as pressuposições lógicas, semânticas e pragmáticas;
- (iii) como tivemos oportunidade de verificar, a noção de pressuposição constitui instrumento que permite um melhor entendimento do que está ‘por detrás’ da criação das expressões idiomáticas.

As diversas considerações que tenho vindo a fazer, têm como objectivo mostrar, em primeiro lugar, que a imagem linguística (*sprachliches Bild*) se baseia num plano de fundo (*Grund*). Em segundo lugar, as pressuposições constituem apenas um dos elementos que podem fazer parte do complexo que é o plano de fundo. Outros elementos que podem funcionar como fundo são: a imagem mental viva (*Vorstellung*), os símbolos, os mitos, as referências históricas, culturais e bíblicas, o *Umwelt* e o *Lebenswelt* do Homem.

¹²³ Esta estrutura de natureza comparativa será abordada na secção 2.4.

CAPÍTULO 2

O *SYNONYMWÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN REDENSARTEN* – CORPUS DE REFERÊNCIA NO DOMÍNIO DA SINONÍMIA IDIOMÁTICA ALEMÃ

2.1. DESCRIÇÃO DA MICRO- E MACROESTRUTURA DO *SYNONYMWÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN REDENSARTEN*

Uma vez que os dados e os exemplos apresentados no capítulo III provêm do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten* (*Dicionário de Sinónimos de Expressões Idiomáticas Alemãs*), propõe-se nesta secção abordar os princípios metodológicos subjacentes à sua concepção e assinalar a pertinência deste recurso lexicográfico enquanto corpus de referência no domínio da sinonímia idiomática alemã.

Antes de procedermos à caracterização da parte sistemática ou onomasiológica do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten*, importa referir que para além desta secção, este dicionário contém ainda uma parte alfabética ou semasiológica e um índice ordenado por palavras-chave. Note-se que o *Synonymwörterbuch* conjuga três perspectivas lexicográficas. Isto significa que o utilizador pode aceder às expressões idiomáticas a partir de três modos de pesquisa diferentes. A parte onomasiológica permite ao utilizador consultar as unidades linguísticas que exprimem ou realizam determinado conceito, como, por exemplo, as expressões que exprimem o conceito Bc 1 – *gesund* ('são', 'de boa saúde'). Nesta abordagem o ponto de partida é o conceito. A secção semasiológica permite ao utilizador consultar uma dada expressão, como, por exemplo, *fit sein* ('estar em boa forma') e, a partir da indicação do campo semântico no qual a expressão se encontra, aceder aos sinónimos correspondentes na secção onomasiológica. O índice associativo possibilita a pesquisa das expressões idiomáticas através de palavras-chave de ordem genérica. Exemplificando: se o utilizador estiver interessado em consultar expressões que realizam a noção de 'força ou robustez física', ele pode aceder a essas expressões através da palavra-chave *stark* ('forte', 'robusto').

Passemos agora à análise da parte onomasiológica do *Synonymwörterbuch*. Para tal, tomo como ponto de referência o Anexo 1 que reproduz esquematicamente a estrutura hierárquica do dicionário com base no campo semântico B: *Leben – Tod* ('vida – morte'). Em primeiro lugar, chamo a atenção para o método utilizado por Schemann para compilar este dicionário de sinónimos:

“Bei der Anlage des SYNONYMWÖRTERBUCHS DER DEUTSCHEN REDENSARTEN bin ich [Schemann] nach den dargelegten Prinzipien konsequent von unten nach oben gegangen und habe zunächst die Ausdrücke zusammengestellt, die fast bedeutungsgleich sind und sich in verschiedenen Kontexten austauschen lassen; dann habe ich mehrere solcher Blöcke zu größeren Gruppen zusammengefaßt usw.” (1992: XXV)

Observe-se que a primeira etapa da construção do *Synonymwörterbuch* consistiu no agrupamento das expressões idiomáticas em blocos sinonímicos. Assim sendo, as unidades linguísticas que se encontram no mesmo bloco são tidas como unidades sinónimas ou quase-sinónimas e entre as expressões dos diferentes blocos existem diferenças de significado. Não obstante as diferenças de significado que possam existir entre os blocos, por exemplo, os blocos Ba 1.1, Ba 1.2 e Ba 1.3, eles têm como denominador comum o arquilexema Ba 1– *Geburt* ('nascimento'). Adopto aqui o termo 'arquilexema' utilizado por Schemann¹²⁴ para designar as unidades da estrutura (Ba 1 (*Geburt*), Ba 2 (*sterben*), Ba 3 (*sich töten*); Bb 1 (*noch jung*), Bb 2 (*älter, alt*); Bc 1 (*gesund*), Bc 2 (*(tod)krank*), Bc 3 (*schwindlig*)), unidades que estabelecem o elo de ligação entre o patamar não-linguístico e o patamar linguístico da estrutura. Convém chamar a atenção para o facto de que nem sempre é possível encontrar uma unidade lexical que delimite de forma adequada o conteúdo de determinado campo semântico. Quando confrontado com esta dificuldade, Schemann recorre, por um lado, à utilização de mais do que um arquilexema e, por outro, à utilização de expressões idiomáticas que constam do campo semântico e que possam servir de marcos no interior desse mesmo campo semântico. Veja-se, a título de exemplo, a informação que se encontra no patamar do arquilexema do campo semântico Cc 6¹²⁵:

¹²⁴ Escreve Schemann na Introdução ao *Synonymwörterbuch* (1992: XXVII): “Der ein Feld verklammernde Oberbegriff kann im übrigen in einer (Einzel-)Sprache als Wort vorhanden sein – man nennt ein solches »Wort« oder »Lexem« dann ein »Archilexem«. Certos linguistas, como Dobrovolskij e Larreta, empregam o termo ‘*Deskriptoren*’ ('descritores') para designar as unidades que Schemann designa de 'arquilexemas' (Larreta, 2002: 41).

¹²⁵ É oportuno, neste ponto, referir que o processo de definir um arquilexema ou arquilexemas envolve, regra geral, um certo grau de subjectividade. Cf. Larreta (*ibidem*): “Die Subjektivität des Lexikographen bei der Wahl der

schlechte Gesellschaft, Abwege: auf die schiefe Ebene geraten, krumme Wege gehen; jn. aus der Bahn werfen; schlechten Umgang haben; den Halt verlieren, suchen; jn. wieder auf den richtigen Weg bringen; wieder ins Gleis kommen

A própria noção de campo semântico exige a existência de um arquilexema ou de arquilexemas, uma vez que é este o patamar que define os limites entre campos semânticos contíguos. Chegado ao patamar do arquilexema, Schemann procedeu à ligação dos campos semânticos (Ba 1, Ba 2, Ba 3) através da definição de conceitos genéricos (Ba *Geburt – Tod*) que traduzem a essência das ideias expressas por esses campos. O último patamar da estrutura de Schemann diz respeito ao agrupamento dos conceitos genéricos em macroconceitos, isto é, ideias-chave que reflectem uma dada visão do mundo (*Welt-Bild*): por exemplo, os conceitos Ba (*Geburt – Tod*), Bb (*jung – alt*) e Bc (*gesund – krank*) pertencem ao macroconceito B *Leben – Tod* ('vida – morte'). Da aplicação da metodologia acima descrita resultou um sistema de ideias, isto é, um sistema ideológico composto por nove macroconceitos, a saber: A. *Zeit – Raum – Bewegung – Sinnesdaten*; B. *Leben – Tod*; C. *Physiognomie des Menschen*; D. *Stellung zur Welt*; E. *Haltung zu den Mitmenschen*; F. *Einfluß – Macht – Verfügung – Besitz*; G. *Kritische Lage – Gefahr – Auseinandersetzung*; H. *Präferenzen*; I. *Quantitäten – Qualitäten – Relationen*.

Com o intuito de elaborar um sistema ideológico intersubjectivo que servisse de base para a estruturação de um dicionário bilingue espanhol – alemão, Larreta, no artigo intitulado *Theoretische und methodologische Kriterien zur makrostrukturellen Einteilung eines zweisprachigen phraseologischen Wörterbuches* (2002), faz uma análise comparativa do sistema ideológico de Schemann e dos sistemas elaborados por Ettinger/Hessky (1997) no dicionário *Deutsche Redewendungen. Ein Wörter- und*

Deskriptoren kann (...) im Prinzip nicht vollständig vermieden werden". Baldinger chama a atenção para as dificuldades com as quais o lexicógrafo se depara na concepção de um dicionário de cariz onomasiológico: "Ist schon die Abgrenzung eines einzelnen Begriffes, bzw. Bezeichnungsfeldes ein schwieriges Unterfangen, so ist die Gliederung der Begriffe und Bezeichnungsfelder unter sich noch sehr viel schwieriger. Wir stellen zunächst fest, daß es nicht in allen Bereichen der Sprache gleich schwierig ist. Es gibt Bereiche, wo die Gliederung sich geradezu aufdrängt, so bei den Farben, bei den Himmelsrichtungen, bei den Körperteilen, bei den Verwandtschaftsnamen, usw. (...) Soweit kann man auch sagen, daß die begriffliche Gliederung 'weitgehend naturgegeben' ist. (...) In anderen Bezirken ist dies viel schwieriger. Außerdem steigen die Schwierigkeiten, je weiter wir in dieser begrifflichen Pyramide nach oben in Richtung auf das Ganze vorstoßen. Hallig-Wartburg betonen denn auch in ihrem Vorwort: „Jede Ordnung dieser Art ist subjektiv, durch viele Faktoren bedingt, die Weltbild und Lebensansicht ihrer Urheber bestimmt haben (S. XXII)". Es gibt also keine objektiv vorgegebene Ordnung, weder im großen noch im kleinen (...) Eines der größten Paradoxa der Wissenschaften besteht darin, daß sie Grenzen ziehen müssen, wo realiter keine Grenzen sind. Genau das tut ja die Sprache" (1960: 529).

Übungsbuch für Fortgeschrittene e por Bárdosi/Ettinger/Stölting (1998) no dicionário bilingue *Redewendungen Französisch/Deutsch: thematisches Wörter- und Übungsbuch*. Examinando a estrutura ideológica – onomasiológica proposta por Larreta (2002: 48-49), constatamos que esta, à exceção de algumas alterações no que respeita a ordem das categorias, corresponde à estrutura de Schemann:

	Schemann		Larreta
A	Zeit – Raum – Bewegung – Sinnesdaten	A	Der Mensch und die Außenwelt
Aa	Zeit	Aa	Zeit
Ab	Raum, Bewegung	Ab	Raum, Bewegung
Ac	Sinnesdaten	Ac	Sinnesdaten/ - Wahrnehmung
B	Leben – Tod	B	Leben und Tod
Ba	Geburt – Tod		
Bb	(noch) jung – (schon) alt		
Bc	gesund – krank		
C	Physiognomie des Menschen	C	Der Mensch: wie er ist, wie er sich verhält
Ca	äußeres Erscheinungsbild	Ca	äußeres Erscheinungsbild
Cb	seelisches Erscheinungsbild	Cb	der Mensch und seine Gefühle, seine Gemütsverfassung
Cc	moralisches Erscheinungsbild	Cc	der Mensch und die Moral
Cd	geistiges Erscheinungsbild	Cd	der Mensch und sein Geist
		Ce	der Mensch und sein Handlungswille, seine Initiative
D	Stellung zur Welt	D	Menschliches Wissen und Denken
Da	Notwendigkeit oder Schicksal?	Da	sprechen, informieren, bekanntmachen
Db	Denken, Meinen	Db	lernen, erfahren
Dc	Reden, Schweigen	Dc	denken, nachdenken
Dd	Handeln		
De	Wille; Anstrengung, Arbeit; Erfolg, Mißerfolg		
E	Haltung zu den Mitmenschen	E	Haltung, Einstellung, Beziehung zu den Mitmenschen/zur Welt
F	Einfluß – Macht – Verfügung – Besitz	F	Einfluß, Macht
G	Kritische Lage – Gefahr – Auseinandersetzung	G	Besitz, Verfügung, materielle Lage des Menschen
Ga	Fertigwerden in schwerer Lage		
Gb	Haltung in der Gefahr		
Gc	Kampf und Streit		
H	Präferenzen	H	Kritische Lage
Ha	Gewicht, Bedeutung, Wert, Sinn	Ha	Schwierigkeiten, Risiko, Mißerfolg
Hb	Vor- und Nachteil	Hb	Kampf, Konkurrenz
Hc	Lust - Unlust	Hc	Widerstand leisten, Hilfe leisten/bekommen
Hd	Genuß		
I	Quantitäten – Qualitäten – Relationen	I	Präferenzen
		Ia	Genuss, Lust, Unlust
		Ib	Gewicht, Bedeutung, Vor- und Nachteile

Como se pode depreender da sinopse acima, a categorização ideológica elaborada por Schemann para a língua alemã também funciona para a língua espanhola.¹²⁶ Daqui se conclui que a estrutura ideológica desenvolvida por Schemann é uma estrutura sólida que pode ser tomada como referência no quadro da concepção de dicionários ideológicos – onomasiológicos.

Para completar a reflexão sobre o *Synonymwörterbuch*, há ainda que referir as relações semânticas inerentes aos campos semânticos:

- (i) relações de sinonímia no interior do mesmo bloco sinonímico (Ba 1.1);
- (ii) relações de sinonímia entre os blocos pertencentes ao mesmo campo semântico, isto é, referentes ao mesmo arquilexema, como, por exemplo, as relações de sinonímia entre as expressões dos blocos Ba 1.1, Ba 1.2 e Ba 1.3 do campo semântico Ba 1 – *Geburt*;
- (iii) relações de oposição como, por exemplo, as relações de oposição que se estabelecem entre as expressões dos campos semânticos *gesund* – *krank* (‘são – doente’);
- (iv) relações de natureza polissémica na medida em que uma dada expressão pode pertencer a diferentes campos semânticos.

Por último, refira-se ainda que a forma apresentada pelas expressões idiomáticas, que constam do *Synonymwörterbuch*, coincide com a forma da expressão quando empregue em situação concreta de comunicação, isto é, a(s) forma(s) das expressões reflectem as restrições morfo-sintácticas e pragmáticas a que estão sujeitas. Isto é particularmente visível nas expressões vinculadas a actos de fala específicos. A título exemplificativo, vejamos as seguintes expressões do dicionário: *du kannst mir/er kann mir/... gestohlen bleiben!/jemand soll/kann mir/uns/ihm/... (mit etwas) gestohlen bleiben!* e *rutsch/rutscht/... mir (doch) den Buckel runter!/jemand kann/soll mir/uns/... den Buckel (mit etwas) herunterrutschen*. Estas expressões que fazem parte do campo semântico delimitado pelos arquilexemas *schimpfen*, *Schimpfworte* (‘insultar/admoestar’, ‘injúria/insulto’) são utilizadas nas formas citadas para realizar os actos de fala de

¹²⁶ A propósito da subdivisão do macroconceito C – *Physiognomie des Menschen* – em *äußeres Erscheinungsbild*, *seelisches Erscheinungsbild*, *moralisches Erscheinungsbild* e *geistiges Erscheinungsbild* e a sua aplicação ao espanhol, cf. a seguinte afirmação de Larreta (2002: 47): “Diese Kategorisierung ist für den Autor [Schemann] eine Eigenheit der deutschen Sprache, aber bei unserer induktiven Arbeit hat sich herausgestellt, dass diese Einteilung auch dem Spanischen entspricht”.

recusa ou rejeição. Esta característica do *Synonymwörterbuch* constitui uma mais-valia para o ensino e a aprendizagem do alemão como língua estrangeira.

2.2. QUADRO ESTATÍSTICO DA SINONÍMIA NA IDIOMÁTICA ALEMÃ

Para a investigação de questões associadas à sinonímia idiomática considero necessário apresentar um quadro estatístico que dê conta dos campos semânticos que contêm um número significativo de sinónimos. O quadro abaixo foi elaborado com base na relação dos blocos sinonímicos que contêm cinco ou mais expressões idiomáticas compilada por Schemann na sua obra '*Kontext*' – '*Bild*' – '*idiomatische Synonymie*' (2003: 304-311). Enquanto que a lista de Schemann parte de um princípio numérico, o quadro aqui proposto parte da estrutura dos campos semânticos do *Synonymwörterbuch*, facto que permite ao leitor ter uma visão global da distribuição dos sinónimos em todos os níveis da organização hierárquica do dicionário: ao nível do macroconceito, do subconceito, do arquilexema e dos blocos individuais. Com base neste quadro, facilmente se consegue identificar, por exemplo, os blocos semânticos que apresentam mais de dez expressões sinónimas: Cc 26.29 (campo semântico: *schlagen*) – *jm. ein paar kleben* – 28 expressões; Cc 29.9 (campo semântico: *Scham, Scheu*) – *...wäre vor Scham...* – 20 expressões; Aa 7.32 (campo semântico: *initiieren*) – *ran!* – 18 expressões; Fa 23.29 (campo semântico: *Handlungsfreiheit*) – *in js. Hand* – 17 expressões; etc.

A: ZEIT – RAUM – BEWEGUNG – SINNESDATEN [613]		
Aa: Zeit [385]		
Aa 1 Zeitangaben [134]		
15	Aa 1.1	<i>vor langer Zeit</i>
6	Aa 1.3	<i>eine Geschichte/ ... aus alten Zeiten</i>
16	Aa 1.9	<i>seit jeher</i>
7	Aa 1.12	<i>eine halbe Ewigkeit nicht ...</i>
5	Aa 1.16	<i>zu allen Zeiten</i>
6	Aa 1.23	<i>zu nächtllicher Stunde</i>
13	Aa 1.28	<i>in aller Herrgottsfröhe</i>
6	Aa 1.31	<i>bis zum frühen Morgen feiern/ ...</i>
9	Aa 1.40	<i>bis ... läuft noch viel Wasser ...</i>
10	Aa 1.41	<i>in Kürze</i>
6	Aa 1.47	<i>im Jahre ... vor/ ... Christus</i>
8	Aa 1.60	<i>von klein auf</i>
5	Aa 1.71	<i>auf längere Sicht</i>
10	Aa 1.73	<i>in letzter Minute</i>
7	Aa 1.83	<i>in einem Abwasch ...</i>
5	Aa 1.89	<i>Zeit und Ort ...</i>
Aa 2 Dauer		[6]
6	Aa 2.4	<i>eine Zeitlang</i>
Aa 3 wiederholt		[34]
7	Aa 3.1	<i>hin und wieder</i>
6	Aa 3.9	<i>in einem durch</i>
10	Aa 3.17	<i>sommers wie winters</i>
5	Aa 3.18	<i>jedes zweite Mal</i>
6	Aa 3.19	<i>jeden zweiten Tag</i>

Aa 4 Usus, Angewohnheit, Manie		[5]
5	Aa 4.16	<i>alten Kohl aufwärmen</i>
Aa 6 Entwicklung		[38]
7	Aa 6.11	<i>im Anfangsstadium</i>
5	Aa 6.23	<i>seinen Lauf nehmen</i>
9	Aa 6.28	<i>nicht vorangehen</i>
5	Aa 6.55	<i>... und damit nicht genug</i>
7	Aa 6.61	<i>zum Stillstand kommen</i>
5	Aa 6.73	<i>(wieder) flott werden</i>
Aa 7 initiieren		[35]
5	Aa 7.5	<i>den Grund legen für ...</i>
6	Aa 7.13	<i>Anstalten treffen</i>
6	Aa 7.24	<i>ans Werk geben</i>
18	Aa 7.32	<i>ran!</i>
Aa 8 (be-)enden		[30]
5	Aa 8.2	<i>etw. zuendeföhren</i>
6	Aa 8.14	<i>es bei etw. belassen</i>
7	Aa 8.34	<i>Schluß (damit)!</i>
7	Aa 8.35	<i>und damit Schluß!</i>
5	Aa 8.40	<i>Schluß (mit ...)! </i>
Aa 11 sich Zeit lassen		[13]
5	Aa 11.8	<i>in aller Ruhe</i>
8	Aa 11.13	<i>nun mal langsam!</i>

Aa 14 (ganz) schnell		[57]
6	Aa 14.2	<i>im Nu</i>
5	Aa 14.5	<i>in aller Eile</i>
6	Aa 14.7	<i>etw. hopp hopp machen</i>
7	Aa 14.18	<i>auf dem schnellsten Weg</i>
10	Aa 14.25	<i>wie der Blitz davon...</i>
8	Aa 14.36	<i>einen Affenzahn draufhaben</i>
7	Aa 14.41	<i>flink wie ein Wiesel</i>
8	Aa 14.49	<i>hopp hopp!</i>
Aa 16 wieder Luft kriegen, haben		[5]
5	Aa 16.3	<i>wieder zu Atem kommen</i>
Aa 18 pünktlich		[6]
6	Aa 18.1	<i>auf die Minute/...</i>
Aa 19 plötzlich; kurzerhand		[6]
6	Aa 19.2	<i>wie ein Blitz aus heiterem Himmel</i> ...
Aa 20 langweilig, monoton		[5]
5	Aa 20.5	<i>es ist nichts los in/...</i>
Aa 21 veraltet, altmodisch		[11]
6	Aa 21.4	<i>von Anno Tobak stammen</i>
5	Aa 21.14	<i>noch aus der alten Schule sein</i>
Ab: Raum, Bewegung		[108]
Ab 1 Lage, Entfernung		[11]
6	Ab 1.18	<i>ein Katzensprung</i>
5	Ab 1.32	<i>es ist noch ein gutes Stück bis ...</i>

Ab 2 (von, nach) überall; nirgends		[6]
6	Ab 2.9	<i>aus aller Welt ...</i>
Ab 3 Fortbewegung		[17]
7	Ab 3.6	<i>einen Bummel machen</i>
5	Ab 3.56	<i>auf seine vier Buchstaben fallen</i>
5	Ab 3.73	<i>im Sattel bleiben</i>
Ab 4 (ver-)reisen		[13]
6	Ab 4.1	<i>sich ändern/... Wind um die Ohren wehen lassen (wollen)</i>
7	Ab 4.41	<i>zu Wasser und zu Land</i>
Ab 6 Schifffahrt		[8]
8	Ab 6.35	<i>wieder festen Boden/Land unter den Füßen haben</i>
Ab 7 abhauen		[24]
14	Ab 7.9	<i>sich verdrücken</i>
5	Ab 7.11	<i>zusehen, daß man Land gewinnt</i>
5	Ab 7.17	<i>Reißaus nehmen</i>
Ab 8 sich retten, davonkommen		[5]
5	Ab 8.9	<i>nochmal davonkommen</i>
Ab 9 folgen, verfolgen		[6]
6	Ab 9.3	<i>js. Spur verfolgen</i>
Ab 11 weg		[12]
5	Ab 11.1	<i>flötengehen</i>
7	Ab 11.12	<i>etw. abschreiben können</i>

Ab 12 Suche		[6]
6	Ab 12.4	<i>sich die Hacken ablaufen nach ...</i>
Ac: Sinnesdaten		[122]
Ac 1 Wetter		[9]
9	Ac 1.7	<i>es regnet Bindfäden</i>
Ac 2 frieren		[5]
5	Ac 2.12	<i>schweißgebadet</i>
Ac 3 naß		[5]
5	Ac 3.2	<i>keinen trocknen Faden mehr am Leib haben</i>
Ac 4 hell – dunkel		[6]
6	Ac 4.2	<i>stockfinster</i>
Ac 5 Farben		[8]
8	Ac 5.10	<i>pechschwarz</i>
Ac 6 sehen, (sich) (genau...) ansehen		[5]
5	Ac 6.57	<i>war dein Vater Glaser?</i>
Ac 7 Geruch		[5]
5	Ac 7.5	<i>einen fahrenlassen</i>
Ac 8 Notdurft		[15]
9	Ac 8.2	<i>(mal eben) raus müssen</i>
6	Ac 8.7	<i>klein machen</i>
Ac 9 schmutzig – waschen, saubermachen		[6]
6	Ac 9.7	<i>wie ein Stall aussehen</i>

Ac 10 Ordnung – Unordnung, Durcheinander		[17]
6	Ac 10.8	<i>alles/... ist durcheinander</i>
6	Ac 10.9	<i>ein babylonisches Durcheinander</i>
5	Ac 10.14	<i>Platz schaffen für ...</i>
Ac 11 ganz – kaputt		[20]
6	Ac 11.10	<i>in die Brüche geben</i>
7	Ac 11.15	<i>in Scherben geben</i>
7	Ac 11.21	<i>im Eimer sein</i>
Ac 12 zerstören		[21]
8	Ac 12.1	<i>etw. kurz und klein schlagen</i>
8	Ac 12.3	<i>etw. dem Erdboden gleichmachen</i>
5	Ac 12.14	<i>in Flammen aufgehen</i>
B: LEBEN – TOD		[227]
Ba: Geburt - Tod		[114]
Ba 2 sterben (müssen)		[54]
7	Ba 2.3	<i>ein Mann des Todes sein</i>
9	Ba 2.8	<i>den letzten Weg gehen</i>
8	Ba 2.17	<i>den letzten Atemzug tun</i>
8	Ba 2.26	<i>ein jäbes/... Ende finden</i>
5	Ba 2.37	<i>im Krieg bleiben</i>
6	Ba 2.38	<i>den Tod in den Wellen finden</i>
6	Ba 2.52	<i>die letzte Ölung empfangen</i>
5	Ba 2.53	<i>in den Himmel kommen</i>
Ba 3 sich töten		[19]
5	Ba 3.5	<i>sich etwas antun</i>
14	Ba 3.7	<i>den Gashahn aufdrehen</i>

Ba 4 töten		[11]
6	Ba 4.5	<i>jn. kaltmachen</i>
5	Ba 4.14	<i>jm. ein Messer in den Leib stoßen</i>
Ba 5 tot		[17]
7	Ba 5.7	<i>hops sein</i>
10	Ba 5.8	<i>schon/... unter der Erde liegen</i>
Ba 7 Beerdigung, Trauer		[13]
7	Ba 7.2	<i>jm. die letzte Ehre erweisen</i>
6	Ba 7.5	<i>Trauer anlegen</i>
Bb: (noch) jung – (schon) alt		[7]
Bb 2 (schon) älter, alt		[7]
7	Bb2.4	<i>im besten Alter sein</i>
Bc: gesund – krank		[106]
Bc 1 gesund		[15]
6	Bc 1.2	<i>kerngesund sein</i>
9	Bc 1.10	<i>(wieder) in Schuß sein</i>
Bc 2 krank, todkrank		[82]
5	Bc 2.5	<i>sich etwas/... geholt haben</i>
13	Bc 2.6	<i>nicht in Schuß sein</i>
5	Bc 2.9	<i>höllische Qualen ausstehen</i>
11	Bc 2.18	<i>es auf der Lunge haben</i>
12	Bc 2.23	<i>Dünnschiß haben</i>
7	Bc 2.25	<i>kotzen wie ein Reiber</i>
7	Bc 2.30	<i>den Arm/... in Gips haben</i>
7	Bc 2.61	<i>es nicht mehr lange machen</i>
10	Bc 2.62	<i>mit einem Fuß im Grab stehen</i>
5	Bc 2.67	<i>in Lebensgefahr schweben</i>

Bc 3 schwindlig (werden)		[9]
9	Bc 3.1	<i>es dreht sich jm. alles vor Augen</i>
C: PHYSIOGNOMIE DES MENSCHEN		[1008]
Ca: äußeres Erscheinungsbild		[96]
Ca 1 aussehen		[49]
5	Ca 1.3	<i>wie gemalt aussehen</i>
5	Ca 1.11	<i>so ein gewisses Etwas haben</i>
5	Ca 1.16	<i>eine flotte Biene sein</i>
12	Ca 1.31	<i>bleich wie Wachs sein</i>
5	Ca 1.39	<i>Haar wie ...</i>
10	Ca 1.51	<i>in Gala</i>
7	Ca 1.53	<i>geschniegelt und gebügelt</i>
Ca 2 groß – klein		[9]
9	Ca 2.4	<i>eine Bohnenstange sein</i>
Ca 3 stark, kräftig		[8]
8	Ca 3.4	<i>ein Kerl wie ein Bär</i>
Ca 4 dick – dünn, mager		[23]
8	Ca 4.9	<i>eine Tonne sein</i>
5	Ca 4.14	<i>zum Umblasen dünn sein</i>
5	Ca 4.16	<i>ein dürres Gerippe sein</i>
5	Ca 4.20	<i>zu wenig auf den Rippen haben</i>
Ca 5 Haltung		[7]
7	Ca 5.2	<i>wie ein Stock dasitzen/...</i>

Cb: seelisches Erscheinungsbild		[278]
Cb 1 jemandes Art, Eigenart		[5]
5	Cb 1.2	<i>js. Art sein, zu ...</i>
Cb 2 Freude, Glück, Begeisterung, Jubel		[43]
9	Cb 2.7	<i>sich vor Freude nicht zu lassen wissen</i>
11	Cb 2.9	<i>den Himmel voller Geigen sehen</i>
6	Cb 2.22	<i>wie ein Vollmond strahlen</i>
5	Cb 2.25	<i>von ganzem Herzen frohlocken/ ...</i>
7	Cb 2.30	<i>ein Sturm der Begeisterung</i>
5	Cb 2.35	<i>sich glücklich schätzen können</i>
Cb 3 Leid, Sorge; Klage		[11]
5	Cb 3.31	<i>sich Sorgen machen</i>
6	Cb 3.62	<i>wie ein Häufchen Elend ...</i>
Cb 4 gut gelaunt		[5]
5	Cb 4.2	<i>guter Dinge sein</i>
Cb 5 schlecht gelaunt; schmollen		[10]
5	Cb 5.2	<i>schlechter Laune sein</i>
5	Cb 5.8	<i>aussehen, als wäre einem die Frau weggelaufen</i>
Cb 6 (un-)zugänglich		[7]
7	Cb 6.9	<i>ein komischer Vogel</i>
Cb 7 lustiger Kerl		[15]
7	Cb 7.2	<i>eine lustige Haut</i>
8	Cb 7.5	<i>den Schalk im Nacken haben</i>

Cb 9 Spaß		[13]
7	Cb 9.7	<i>jn. auf den Arm nehmen</i>
6	Cb 9.17	<i>Grimassen schneiden</i>
Cb 10 zum Lachen sein, lachen		[30]
8	Cb 10.4	<i>zum Schreien sein</i>
10	Cb 10.5	<i>das ist zum Schießen</i>
6	Cb 10.10	<i>sich totlachen</i>
6	Cb 10.11	<i>sich den Buckel volllachen</i>
Cb 11 weinen; Zeter und Mordio		[13]
7	Cb 11.4	<i>jm. kommen die Tränen</i>
6	Cb 11.22	<i>Zeter und Mordio schreiben</i>
Cb 13 Beleidigung		[20]
9	Cb 13.7	<i>jn. auf den Schlips treten</i>
6	Cb 13.12	<i>jn. tödlich verletzen</i>
5	Cb 13.29	<i>sich auf den Schlips getreten fühlen</i>
Cb 14 Ärger		[8]
8	Cb 14.13	<i>jn. auf dem Zug haben</i>
Cb 16 Zorn		[30]
5	Cb 16.14	<i>auf 80 sein</i>
5	Cb 16.26	<i>geladen sein auf jn.</i>
9	Cb 16.28	<i>am liebsten wäre j. jm. an die Gurgel gefahren</i>
5	Cb 16.40	<i>sich in Wut reden</i>
6	Cb 16.46	<i>jm. finstere Blicke zuwerfen</i>

Cb 17 Mangel an Beherrschung		[6]
6	Cb 17.10	<i>bei jm. gehen die Sicherungen durch</i>
Cb 18 es gibt Theater		[5]
5	Cb 18.17	<i>das kann ja nett werden!</i>
Cb 19 schimpfen, Schimpfworte		[48]
5	Cb 19.4	<i>so ein Mist!</i>
5	Cb 19.6	<i>verflucht!</i>
6	Cb 19.10	<i>Herr des Lebens!</i>
15	Cb 19.16	<i>hol' dich der Teufel!</i>
11	Cb 19.18	<i>der kann mich gernhaben</i>
6	Cb 19.19	<i>leck' mich am Arsch!</i>
Cb 20 sich beherrschen		[9]
9	Cb 20.1	<i>ruhig Blut bewahren</i>
Cc: moralisches Erscheinungsbild		[388]
Cc 1 gute Seele, guter Kern		[5]
5	Cc 1.6	<i>jm. nichts zuleide tun</i>
Cc 2 Herz haben, ans Herz gehen		[15]
9	Cc 2.13	<i>es blutet jm. das Herz</i>
6	Cc 2.15	<i>zum Steinerweichen sein</i>
Cc 5 Pflichtbewußtsein, Vorbild		[13]
6	Cc 5.12	<i>jm. wie ein Schatten folgen</i>
7	Cc 5.16	<i>da kannst du dir eine Scheibe von abschneiden</i>
Cc 6 schlechte Gesellschaft, Abwege		[5]
5	Cc 6.39	<i>jm. auf den rechten Weg (zurück-)bringen</i>

Cc 7 Unehrenhaftigkeit, Schande		[5]
5	Cc 7.6	<i>ein übler Kunde sein</i>
Cc 8 boshaft, gemein		[5]
5	Cc 8.1	<i>ein gemeines Stück sein</i>
Cc 9 frech, unverschämt		[10]
5	Cc 9.3	<i>ein frecher Hund sein</i>
5	Cc 9.5	<i>frech wie Dreck sein</i>
Cc 10 schlechter Ruf		[11]
5	Cc 10.5	<i>ins Gerede kommen</i>
6	Cc 10.10	<i>jn. ins Gerede bringen</i>
Cc 11 Selbstwert		[39]
6	Cc 11.9	<i>sich wichtig tun</i>
8	Cc 11.12	<i>meinen, man wäre wer weiß was</i>
7	Cc 11.19	<i>ein aufgeblasener Frosch</i>
6	Cc 11.29	<i>den großen Herrn spielen</i>
6	Cc 11.41	<i>die Klappe (weit/...) aufreißen</i>
6	Cc 11.43	<i>einen großen Rand haben</i>
Cc 13 nicht falsch		[18]
5	Cc 13.5	<i>um der Wahrheit die Ehre zu geben ...</i>
7	Cc 13.9	<i>ins Schwarze treffen</i>
6	Cc 13.22	<i>im Ernst!</i>
Cc 14 falsch		[5]
5	Cc 14.11	<i>nach Strich und Faden lügen</i>
Cc 15 Schein		[6]
6	Cc 15.14	<i>... nur Theater</i>

Cc 16 Täuschung		[19]
5	Cc 16.17	<i>jn. für dumm verkaufen wollen</i>
7	Cc16.50	<i>ein falscher Hund sein</i>
7	Cc 16.61	<i>jm. in die Falle geben</i>
Cc 19 Diebstahl		[5]
5	Cc 19.5	<i>etw. mitgehen lassen</i>
Cc 20 Justiz		[48]
16	Cc 20.34	<i>vors Gericht bringen</i>
7	Cc 20.81	<i>jm. Fesseln anlegen</i>
7	Cc 20.83	<i>jm. ins Gefängnis stecken</i>
8	Cc 20.84	<i>in den Knast kommen</i>
10	Cc 20.85	<i>sitzen</i>
Cc 21 unschuldig		[5]
5	Cc 21.2	<i>keine Schuld haben</i>
Cc 23 loben, jemandes Lobpreis singen		[5]
5	Cc 23.3	<i>Lobsprüche machen</i>
Cc 24 tadeln, zurechtweisen		[34]
8	Cc 24.8	<i>jm. eins drüber geben</i>
5	Cc 24.15	<i>jm. über den Mund fahren</i>
6	Cc 24.25	<i>mit jm. Fraktur reden</i>
5	Cc 24.46	<i>jn. zurechtstauchen</i>
5	Cc 24.51	<i>jn. zur Sau machen</i>
5	Cc 24.70	<i>eins drauf kriegen</i>

Cc 25 Ausdrücke des Unwillens		[35]
5	Cc 25.16	<i>der wird was erleben!</i>
7	Cc 25.18	<i>da kannst du Gift drauf nehmen</i>
7	Cc 25.26	<i>er kann sich schonmal die Knochen nummerieren lassen</i>
5	Cc 25.27	<i>wenn ich den zu fassen kriege, ...!</i>
6	Cc 25.41	<i>haben wir zusammen gekegelt?</i>
5	Cc 25.43	<i>pack' dich an deine eigene Nase!</i>
Cc 26 schlagen		[62]
7	Cc 26.9	<i>jm. den Buckel vollhauen</i>
9	Cc 26.17	<i>jm. eins drauf geben</i>
5	Cc 26.24	<i>jm. eins auf den Mund geben</i>
28	Cc 26.29	<i>jm. ein paar kleben</i>
5	Cc 26.38	<i>eins auf den Schädel kriegen</i>
8	Cc 26.45	<i>eine gelangt kriegen</i>
Cc 29 Scham, Scheu		[28]
8	Cc 29.2	<i>puterrot werden</i>
20	Cc 29.9	<i>... wäre vor Scham ...</i>
Cc 33 unglaublich!		[5]
5	Cc 33.20	<i>das ist ein dicker Hund!</i>
Cc 35 Religion		[5]
5	Cc 35.19	<i>die Hände (zum Gebet) falten</i>
Cd: geistiges Erscheinungsbild		[246]
Cd 1 verstehen		[14]
7	Cd 1.29	<i>bei jm. funkt es</i>
7	Cd 1.42	<i>wissen, wie der Hase läuft</i>

Cd 2 nicht verstehen			[22]
6	Cd 2.10	<i>einen Quark verstehen von ...</i>	
6	Cd 2.28	<i>so schlau sein wie vorher</i>	
5	Cd 2.29	<i>eine lange Leitung haben</i>	
5	Cd 2.33	<i>zu hoch sein für jn.</i>	
Cd 4 unfähig			[10]
5	Cd 4.15	<i>eine trübe Tasse sein</i>	
5	Cd 4.21	<i>du kannst einpacken ...</i>	
Cd 5 geschickt			[19]
6	Cd 5.6	<i>den Dreh heraushaben</i>	
6	Cd 5.17	<i>ein Näschen haben für ...</i>	
7	Cd 5.21	<i>ein Händchen haben</i>	
Cd 7 klug, helle, weitsichtig			[5]
5	Cd 7.7	<i>ein heller Kopf sein</i>	
Cd 10 dumm			[57]
9	Cd 10.3	<i>keine Leuchte sein</i>	
5	Cd 10.4	<i>kurz von Verstand sein</i>	
5	Cd 10.7	<i>eine dumme Nuß sein</i>	
5	Cd 10.8	<i>für keine 2 Pfennige Verstand haben</i>	
5	Cd 10.10	<i>mit Dummheit geschlagen sein</i>	
6	Cd 10.11	<i>ein ausgemachter Esel sein</i>	
7	Cd 10.14	<i>dümmer als die Polizei erlaubt</i>	
5	Cd 10.17	<i>zum Esel fehlen jm. nur die Ohren</i>	
5	Cd 10.18	<i>ein Riesenroß sein</i>	
5	Cd 10.21	<i>ein blödes Huhn sein</i>	

Cd 12 spinnen, geistig weggetreten			[60]
14	Cd 12.6	<i>einen Dachschaden haben</i>	
8	Cd 12.7	<i>einen (Schlag) weghaben</i>	
5	Cd 12.11	<i>hast du sonst noch Schmerzen?</i>	
7	Cd 12.13	<i>bei jm. piept's (wohl)</i>	
6	Cd 12.21	<i>mit jm. stimmt was nicht</i>	
14	Cd 12.33	<i>nicht ganz richtig im Kopf sein</i>	
6	Cd 12.43	<i>lichte Augenblicke haben</i>	
Cd 16 nicht wissen, im unklaren sein			[7]
7	Cd 16.16	<i>sich keine Vorstellung machen, wie ...</i>	
Cd 17 Bekanntheitsgrad			[10]
5	Cd 17.23	<i>verschrien sein (als ...)</i>	
5	Cd 12.29	<i>es heißt, ...</i>	
Cd 18 sattem bekannt			[10]
5	Cd 18.2	<i>der übliche Kram</i>	
5	Cd 18.7	<i>einen Bart mit Dauervellen haben</i>	
Cd 19 Unterricht			[16]
6	Cd 19.25	<i>sitzen bleiben</i>	
5	Cd 19.32	<i>Privatstunden geben</i>	
5	Cd 19.54	<i>durchfallen</i>	
Cd 20 schreiben			[16]
5	Cd 20.2	<i>eine Sanklaue haben</i>	
6	Cd 20.50	<i>Verse schmieden</i>	
5	Cd 20.75	<i>mit freundlichen Grüßen Ihr...</i>	

D: STELLUNG ZUR WELT			[588]
Da: Notwendigkeit oder Schicksal?			[104]
Da 1 sachlich			[5]
5	Da 1.1	<i>mit beiden Beinen im Leben stehen</i>	
Da 3 Romantik, Einbildung, Theorie			[16]
6	Da 3.18	<i>nach den Sternen greifen</i>	
5	Da 3.22	<i>Schrullen im Kopf haben</i>	
5	Da 3.26	<i>jm. einen Floß ins Obr setzen</i>	
Da 4 Erstaunen			[12]
12	Da 4.9	<i>Mund (und Nase) aufsperrn</i>	
Da 5 überrascht, verblüfft			[19]
9	Da 5.6	<i>jm. bleibt die Spucke weg</i>	
10	Da 5.13	<i>j. wäre beinahe vom Stuhl gefallen</i>	
Da 6 Schrecken, Grausen			[17]
6	Da 6.13	<i>kreidebleich sein/...</i>	
6	Da 6.15	<i>nie angewurzelt ...</i>	
5	Da 6.20	<i>noch in den Gliedern stecken</i> (Schreck)	
Da 7 Ausdrücke des Erstaunens			[10]
5	Da 7.6	<i>Donnervetter!</i>	
5	Da 7.20	<i>mich trifft der Schlag</i>	
Da 8 Ausdrücke der Verblüffung			[14]
7	Da 8.2	<i>ach, du liebes Bißchen!</i>	
7	Da 8.7	<i>mein Gott!</i>	

Da 9 Glück, (gütiges) Schicksal			[6]
6	Da 9.9	<i>jm. lacht das Glück</i>	
Da 10 Unglück, Unstern			[5]
5	Da 10.20	<i>das ist noch nicht das Schlimmste</i>	
Db: Denken, Meinen			[121]
Db 1 Erinnerung			[5]
5	Db 1.10	<i>js. Worte/... noch im Obr haben</i>	
Db 4 Stellungnahmen; Perspektiven			[5]
5	Db 4.19	<i>seine Vor- und Nachteile haben</i>	
Db 10 versichern			[16]
6	Db 10.5	<i>Stein und Bein schwören</i>	
5	Db 10.24	<i>so wahr ich hier sitze!</i>	
5	Db 10.32	<i>ich will tot umfallen, wenn ...</i>	
Db 12 unbeständig			[10]
5	Db 12.1	<i>es jedermann recht machen (wollen)</i>	
5	Db 12.7	<i>eine Wetterfahne sein</i>	
Db 13 Zustimmung			[11]
5	Db 13.37	<i>sehr richtig!</i>	
6	Db 13.47	<i>na gut!</i>	
Db 15 Ausdrücke der Zurückweisung			[32]
6	Db 15.1	<i>der Kuckuck soll mich holen, wenn ...</i>	
5	Db 15.2	<i>lieber sterb' ich, als ...</i>	
5	Db 15.33	<i>untersteb' dich bloß nicht, ...</i>	
6	Db 15.34	<i>das ist meine/... Sache!</i>	

5	Db 15.35	<i>das geht jn. einen feuchten Lehm an</i>	
5	Db 15.43	<i>ach was!</i>	
Db 17 Uneinigkeit			[5]
5	Db 17.1	<i>anderer Meinung sein</i>	
Db 18 Wertschätzung			[10]
5	Db 18.14	<i>das will was beißen!</i>	
5	Db 18.18	<i>ich muß schon sagen: ...</i>	
Db 19 Kritik, Mißachtung, Schmähung			[10]
5	Db 19.9	<i>jn. schlechtmachen</i>	
5	Db 19.10	<i>jn./etw. in den Dreck ziehen</i>	
Db 20 im Recht sein; berechtigt			[6]
6	Db 20.19	<i>was ist dabei, wenn ...?!</i>	
Db 21 Selbsttäuschung, Irrtum			[11]
6	Db 21.3	<i>schwer im Irrtum sein</i>	
5	Db 21.27	<i>auf dem Holzweg sein</i>	
Dc: Reden, Schweigen			[131]
Dc 1 reden			[69]
5	Dc 1.14	<i>sich kurz fassen</i>	
6	Dc 1.20	<i>kurz: ...</i>	
5	Dc 1.24	<i>erzähl keinen Roman!</i>	
8	Dc 1.28	<i>jn. kurz abspeisen</i>	
5	Dc 1.37	<i>js. Mund steht nicht still</i>	
5	Dc 1.53	<i>dauernd am Telefon hängen</i>	
6	Dc 1.73	<i>dummes Zeug reden</i>	
7	Dc 1.90	<i>in den Wind reden</i>	
6	Dc 1.91	<i>in der Wüste predigen</i>	

5	Dc 1.96	<i>ein gottloses Mundwerk haben</i>	
6	Dc 1.104	<i>eine große Klappe haben</i>	
5	Dc 1.111	<i>sich den Mund verbrennen</i>	
Dc 2 schweigen, verschwiegen			[12]
7	Dc 2.14	<i>die Klappe halten</i>	
5	Dc 2.18	<i>nichts verlauten lassen</i>	
Dc 3 offenlegen, offenliegen			[15]
5	Dc 3.28	<i>jm. etw. auf den Kopf zu sagen</i>	
5	Dc 3.83	<i>zutage fördern</i>	
5	Dc 3.100	<i>unter uns gesagt</i>	
Dc 5 Gespräch			[7]
7	Dc 5.110	<i>nur eins: ...</i>	
Dc 7 nicht hören (wollen)			[13]
7	Dc 7.8	<i>hast du keine Ohren?!</i>	
6	Dc 7.10	<i>keinen Rat annehmen</i>	
Dc 8 Gestik, Mimik, Körpersprache			[5]
5	Dc 8.20	<i>jn. in die Seite stoßen</i>	
Dc 9 laut – leise			[10]
5	Dc 9.2	<i>brüllen wie ein Wilder</i>	
5	Dc 9.6	<i>Lärm machen</i>	
Dd: Handeln			[26]
Dd 4 (noch) unentschlossen			[5]
5	Dd 4.19	<i>weder kalt noch warm sein</i>	

Dd 6 Wahl, Entschluß, Entscheidung		[5]
5	Dd 6.32	<i>ent oder weder!</i>
Dd 8 ungeplant		[5]
5	Dd 8.9	<i>und wie es der Zufall so will</i>
Dd 9 Anlaß, Grund		[6]
6	Dd 9.12	<i>aus gutem Grund ...</i>
Dd 11 Verantwortung, Sorge, Last		[5]
5	Dd 11.27	<i>jn./etw. am Hals haben</i>
De: Wille; Anstrengung, Arbeit; Erfolg, Mißerfolg		[206]
De 2 unaufmerksam, zerstreut		[5]
5	De 2.6	<i>ganz in Gedanken sein</i>
De 8 hartnäckig; auf jeden Fall		[11]
11	De 8.5	<i>unter allen Umständen</i>
De 9 eigensinnig, stur, rechthaberisch		[8]
8	De 9.13	<i>ein sturer Bock sein</i>
De 10 Vernunft annehmen		[5]
5	De 10.1	<i>Vernunft annehmen</i>
De 12 Arbeit und Beruf		[22]
5	De 12.9	<i>arbeiten/..., was das Zeug hält</i>
5	De 12.11	<i>sich kaputtarbeiten</i>
6	De 12.16	<i>das ist ja Selbstmord!</i>
6	De 12.19	<i>sein Geld sauer verdienen müssen</i>

De 13 sich anstrengen		[11]
5	De 13.15	<i>sich ins Zeug legen</i>
6	De 13.59	<i>mit aller Gewalt ...</i>
De 14 nichts tun		[21]
10	De 14.7	<i>ein faules Stück</i>
6	De 14.26	<i>da in der Gegend herumstehen/...</i>
5	De 14.28	<i>Löcher in die Luft starren</i>
De 15 Beruf, Berufsleben		[29]
5	De 15.56	<i>in Pension geben</i>
7	De 15.66	<i>in den Sack hauen</i>
6	De 15.74	<i>gegangen werden</i>
6	De 15.78	<i>ohne Arbeit sein</i>
5	De 15.82	<i>den Laden dichtmachen</i>
De 19 leicht		[20]
5	De 19.5	<i>es ist ein leichtes, ...</i>
10	De 19.8	<i>kinderleicht</i>
5	De 19.15	<i>ganz einfach</i>
De 20 schwer		[22]
5	De 20.3	<i>alle Mühe haben, ...</i>
5	De 20.5	<i>an etw. zu knacken haben</i>
5	De 20.12	<i>jm. schwerfallen</i>
7	De 20.41	<i>einen Haken haben</i>
De 22 gut schlafen – schlaflos		[20]
8	De 22.2	<i>schlafen geben</i>
6	De 22.6	<i>schlafen wie ein Bär</i>
6	De 22.8	<i>gute Nacht!</i>

De 23 am Ende seiner Kräfte		[5]
5	De 23.15	<i>bundemüde sein</i>
De 25 Mißerfolg, Ruin, Bankrott		[22]
7	De 25.18	<i>js. Tage sind gezählt</i>
5	De 25.87	<i>schiefgeben</i>
5	De 25.89	<i>sich in Wohlgefallen auflösen</i>
5	De 25.101	<i>kein/... Echo finden</i>
De 28 vergebliche Liebesmüh'		[5]
5	De 28.11	<i>etw. ist das gleiche wie Wasser in ein Sieb schöpfen</i>
E: HALTUNG ZU DEN MITMENSCHEN		[122]
Ea: Umgang		[57]
Ea 3 ungesellig		[13]
5	Ea 13.18	<i>immer in der Wohnung hocken</i>
8	Ea 13.20	<i>keinen Fuß vor die Tür setzen</i>
Ea 4 Kontakte		[5]
5	Ea 4.26	<i>die Beziehungen zu jm. (wieder) anknüpfen</i>
Ea 6 begrüßen		[5]
5	Ea 6.3/5	<i>jm. die Hand/Pfote geben</i>
Ea 9 Grußformeln		[24]
5	Ea 9.1	<i>guten Tag!</i>
7	Ea 9.6	<i>wie geht's?</i>
6	Ea 9.10	<i>Tschüß!</i>
6	Ea 9.11	<i>mach's gut!</i>

Ea 10 Distanz; Abfuhr		[5]
5	Ea 10.30	<i>an die falsche Adresse kommen</i>
Ea 12 schlechtes Benehmen		[5]
5	Ea 12.10	<i>sich benehmen wie der erste Mensch</i>
Eb: Zuneigung – Abneigung		[16]
Eb 1 Zuneigung		[5]
5	Eb 1.27	<i>die Herzen fliegen jm. zu</i>
Eb 2 Abneigung		[11]
5	Eb 2.32	<i>jn. zum Teufel wünschen</i>
6	Eb 2.42	<i>bei jm. unten durch sein</i>
Ed: Liebe		[49]
Ed 1 Liebe, Liebesbeziehung		[11]
5	Ed 1.14	<i>mit den Augen klappern</i>
6	Ed 1.41	<i>jn. hat's erwischt</i>
Ed 2 schwanger		[7]
7	Ed 2.6	<i>in anderen Umständen sein</i>
Ed 3 heiraten		[10]
5	Ed 3.12	<i>um js. Hand anbalten</i>
5	Ed 3.13	<i>jn. zum Weibe nehmen</i>
Ed 4 Eheleute; fremdgehen; sich trennen		[13]
8	Ed 4.6	<i>fremdgehen</i>
5	Ed 4.7	<i>jm. ein Horn aufsetzen</i>

Ed 9 nackt		[8]
8	Ed 9.1	<i>splitterfasernackt</i>
F: EINFLUß – MACHT – VERFÜGUNG – BESITZ		[191]
Fa: Einfluß, Macht, Druck		[100]
Fa 1 (zentrale) Rolle, Mittelpunkt		[5]
5	Fa 1.15	<i>im Mittelpunkt stehen</i>
Fa 3 gespannt, neugierig		[5]
5	Fa 3.2	<i>ganz gespannt sein</i>
Fa 5 »bessere Kreise« – »kleine Leute		[12]
7	Fa 5.2	<i>die Hautevolée</i>
5	Fa 5.13	<i>der Mann aus dem Volk</i>
Fa 7 sich einmischen		[13]
7	Fa 7.16	<i>das geht dich einen Quark an</i>
6	Fa 7.19	<i>j. soll sich um seinen eigenen Dreck kümmern!</i>
Fa 15 gefügig, unterwürfig		[10]
5	Fa 15.4	<i>alles/... mit sich anstellen lassen</i>
5	Fa 15.11	<i>einen Bückling vor jm. machen</i>
Fa 17 schmeicheln		[6]
6	Fa 17.15	<i>jm. Honig um den Bart schmieren</i>
Fa 19 streng, scharf		[10]
5	Fa 19.25	<i>jetzt Pfeift's aus einem anderen Loch</i>
5	Fa 19.33	<i>nicht viel Federlesens machen</i>

Fa 20 zwingen, Druck ausüben		[6]
6	Fa 20.6	<i>jm. die Pistole auf die Brust setzen</i>
Fa 21 Zwang, Zwangslage		[11]
11	Fa 21.11	<i>es bleibt (jm.) nichts übrig als ...</i>
Fa 23 Handlungsfreiheit		[17]
17	Fa 23.29	<i>in js. Hand</i>
Fa 25 spontan, freiwillig		[5]
5	Fa 25.3	<i>aus freiem Antrieb</i>
Fb: Verfügung, Besitz		[91]
Fb 1 Verfügung, Verfügungsgewalt		[7]
7	Fb 1.28/29	<i>etw. nicht mehr aus der Hand geben</i>
Fb 3 (viel) Geld haben, ausgeben		[22]
5	Fb 3.1	<i>eine hübsche Stange Geld ausgeben</i>
5	Fb 3.2	<i>ein Heidengeld kosten</i>
5	Fb 3.5	<i>seine Brieftasche zücken</i>
7	Fb 3.20	<i>ein paar Pfennige</i>
Fb 5 Schulden haben, zurückzahlen		[6]
6	Fb 5.6	<i>tief in Schulden stecken</i>
Fb 6 Wohlstand		[13]
13	Fb 6.18	<i>im Geld schwimmen</i>
Fb 7 Armut		[17]
5	Fb 7.10	<i>ein armer Teufel</i>
12	Fb 7.23	<i>nichts zu beißen haben</i>

Fb 8 verschwenderisch		[10]
10	Fb 8.7	<i>kein Geld in der Hand halten können</i>
Fb 12 teuer		[5]
5	Fb 12.2	<i>ins Geld geben</i>
Fb 13 spottbillig		[13]
13	Fb 13.2	<i>für ein' Appel und ein Ei</i>
Fb 15 Handel und Gewerbe		[5]
5	Fb 15.39	<i>auf Raten kaufen</i>
G: KRITISCHE LAGE – GEFAHR - AUSEINANDERSETZUNG		[167]
Ga: Fertigwerden in schwerer Lage		[73]
Ga 2 js. Kreise stören		[6]
6	Ga 2.3	<i>jm. das Konzept verderben</i>
Ga 3 verwirrt, ohne Halt, unsicher		[5]
5	Ga 3.9	<i>ins Schwimmen kommen</i>
Ga 4 ernste Lage; Zwickmühle		[6]
6	Ga 4.19	<i>aufs Schlimmste gefaßt sein (müssen)</i>
Ga 5 (wieder) in Ordnung		[10]
5	Ga 5.4	<i>wieder ins Gleis bringen</i>
5	Ga 5.11	<i>wieder ins Gleis kommen</i>

Ga 6 zu bewältigen (suchen), klargehen		[17]
6	Ga 6.7	<i>mit ... fertigwerden</i>
6	Ga 6.16	<i>j. wird die Sache schon schmeißen</i>
5	Ga 6.42	<i>aus dem Schlimmsten heraussein</i>
Ga 10 verzweifeln, verzweifelt		[14]
14	Ga 10.15	<i>das ist, um die Wände hochzugehen</i>
Ga 12 Hilfe		[10]
5	Ga 12.30	<i>jm. aus der Klemme helfen</i>
5	Ga 12.38	<i>js. rettender Engel sein</i>
Ga 13 jm. dankbar sein; Dankesformeln		[5]
5	Ga 13.10	<i>Gott sei Dank!</i>
Gb: Haltung in der Gefahr		[34]
Gb 4 Leichtsinn, Risiko, Leichte Ader		[19]
13	Gb 4.10	<i>Kopf und Kragen riskieren für ...</i>
6	Gb 4.13	<i>alles aufs Spiel setzen</i>
Gb 6 Angst		[10]
5	Gb 6.19	<i>j. macht sich noch in die Hose ...</i>
5	Gb 6.36	<i>in Schweiß gebadet sein</i>
Gb 7 Formen der Ermutigung		[5]
5	Gb 7.14	<i>daran stirbt man nicht</i>

Gc: Kampf und Streit		[60]
Gc 2 attackieren, attackiert werden		[5]
5	Gc 2.10	<i>jm. eins vor den Bug knallen</i>
Gc 4 Militär, Kampf		[25]
5	Gc 4.2	<i>zum Militär geben</i>
5	Gc 4.10	<i>ins Feld ziehen</i>
8	Gc 4.21	<i>auf Wache sein/...</i>
7	Gc 4.36	<i>Quartier beziehen</i>
Gc 6 sich zur Wehr setzen		[20]
5	Gc 6.3	<i>die Stellung behaupten</i>
5	Gc 6.16	<i>jm. Trotz bieten</i>
5	Gc 6.34	<i>seinen Schnabel aufmachen</i>
5	Gc 6.42	<i>von d e r Seite darfst du/... mir/... nicht kommen</i>
Gc 7 unnachgiebig		[5]
5	Gc 7.10	<i>keinen Schritt zurückweichen</i>
Gc 11 aufgeben		5
5	Gc 11.7	<i>die Segel streichen</i>
H: PRÄFERENZEN		[233]
Ha: Gewicht, Bedeutung, Wert, Sinn		[76]
Ha 4 wichtig (nehmen)		[6]
6	Ha 4.8	<i>großen Wert legen auf ...</i>

Ha 5 unwichtig (nehmen)		[16]
6	Ha 5.8	<i>keinen Wert legen auf ...</i>
5	Ha 5.13	<i>nicht viel Trara machen um ...</i>
5	Ha 5.33	<i>du hast Sorgen</i>
Ha 8 egal, gleichgültig		[38]
6	Ha 8.3	<i>sich den Teufel scheren um ...</i>
15	Ha 8.8	<i>jm. schnuppe sein</i>
6	Ha 8.9	<i>jn. kalt lassen</i>
6	Ha 8.13	<i>das/... ist dasselbe in grün</i>
5	Ha 8.27	<i>was macht's?</i>
Ha 12 wertlos		[10]
10	Ha 12.4	<i>keinen Schuß Pulver wert</i>
Ha 15 sinnlos; dummes Zeug		[6]
6	Ha 15.10	<i>etw. ist (lauterster/...) Unsinn</i>
Hb: Vor- und Nachteil		[13]
Hb 1 es gut meinen		[8]
8	Hb 1.4	<i>jm. wohlgesonnen sein</i>
Hb 5 schaden, schädigen		[5]
5	Hb 5.8	<i>jm. etwas (Schönes) einbrocken</i>
Hc: Lust - Unlust		[33]
Hc 3 Gefallen finden an		[5]
5	Hc 3.3	<i>Gefallen finden an</i>

Hc 5 keinen Gefallen finden an			[8]
8	Hc 5.4	<i>es macht jm. keinen Spaß, zu ...</i>	
Hc 6 leid sein			[20]
6	Hc 6.2	<i>es leid sein, zu ...</i>	
7	Hc 6.4	<i>die Nase voll haben</i>	
7	Hc 6.9	<i>es satt werden, zu ...</i>	
Hd: Genuß			[111]
Hd 2 (das Leben) genießen			[5]
5	Hd 2.11	<i>sich's wohlgehen lassen</i>	
Hd 4 essen – schmecken – kochen			[39]
6	Hd 4.8	<i>einen Bärenbunger haben</i>	
8	Hd 4.33	<i>fressen, als ob man's bezahlt kriegte</i>	
7	Hd 4.57	<i>wie Stroh schmecken</i>	
5	Hd 4.64	<i>vor/ ... Tisch</i>	
6	Hd 4.83	<i>eine bunte Platte</i>	
7	Hd 4.84	<i>die Suppe/ ... warm stellen</i>	
Hd 6 sich betrinken, betrunken			[49]
9	Hd 6.4	<i>einen saufen</i>	
10	Hd 6.16	<i>zu tief ins Glas geschaut haben</i>	
9	Hd 6.17	<i>einen sitzen haben</i>	
6	Hd 6.18	<i>ganz schön schräg sein</i>	
8	Hd 6.20	<i>sternhagelvoll sein</i>	
7	Hd 6.21	<i>voll wie 1000 Mann sein</i>	

Hd 9 spielen			[7]
7	Hd 9.7	<i>ein gutes/ ... Blatt haben</i>	
Hd 10 Theater, Film			[11]
6	Hd 10.9	<i>ein Stück/ ... zu Gebör bringen</i>	
5	Hd 10.12	<i>eine Rolle/ ... spielen</i>	
I: QUANTITÄTEN – QUALITÄTEN – RELATIONEN			[134]
Ia: Menge			[50]
Ia 1 große Zahl, Menge; voll			[11]
11	Ia 1.21	<i>... in Hülle und Fülle</i>	
Ia 2 (aber auch) alle(s)			[14]
5	Ia 2.8	<i>der ganze Verein</i>	
9	Ia 2.16	<i>der ganze Kram</i>	
Ia 3 geringe Zahl, Menge; Lappalie			[15]
5	Ia 3.18	<i>sich an jeder Kleinigkeit stoßen</i>	
5	Ia 3.19	<i>für alles und für nichts</i>	
5	Ia 3.23	<i>sich über jeden Käse aufregen</i>	
Ia 7 nicht genug			[5]
5	Ia 7.1	<i>vorn und hinten nicht reichen</i>	
Ia 8 jeder beliebige; dies und das			[5]
5	Ia 8.9	<i>dieser und jener/ ...</i>	

Ic: Ausmaß, Wertmaß			[34]
Ic 1 echt, typisch, durch und durch			[18]
13	Ic 1.8	<i>ein ... durch und durch sein</i>	
5	Ic 1.20	<i>ein ... von altem Schrot und Korn sein</i>	
Ic 2 voll und ganz			[11]
5	Ic 2.14	<i>von ganzem Herzen ...</i>	
6	Ic 2.26	<i>wie ein Wilder ...</i>	
Ic 3 perfekt			[5]
5	Ic 3.3	<i>etw. schon singen können</i>	
Id: Maßhalten			[6]
Id 2 (Tendenz zur) Übertreibung			[6]
6	Id 2.61	<i>daran stirbt man nicht</i>	
Ie: Bezug, Beziehung			[5]
Ie 1 Bezug, Beziehung			[5]
5	Ie 1.7	<i>auf gesetzlichem/... Weg</i>	

If: gleich – verschieden			[12]
If 2 ähnlich			[6]
6	If 2.3	<i>sich gleichen wie ein Ei dem anderen</i>	
If 7 unverändert			[6]
6	If 7.16	<i>es geht alles auf die alte Tour</i>	
Ih: sicher – unsicher, (nicht) selbstverständlich, klar			[27]
Ih 1 sicher, klar			[16]
6	Ih 1.15	<i>sich etw. an den Fingern abzählen können</i>	
5	Ih 1.17	<i>das ist doch klar!</i>	
5	Ih 1.18	<i>das sieht man doch ohne Brille!</i>	
Ih 4 (noch) ungewiß			[11]
11	Ih 4.20	<i>weiß der Himmel ...</i>	

CAPÍTULO 3

A SINONÍMIA NO PLANO DA IDIOMÁTICA

Este capítulo sobre a sinonímia idiomática encontra-se estruturado segundo determinados fenómenos que desempenham um papel relevante no âmbito das expressões idiomáticas. São eles: os eufemismos, a personificação, a comparação, os símbolos, conceitos como ‘*path*’ (‘caminho’), actos de fala específicos e modelos de construção com tendência para a generalização. Pretende-se com esta abordagem elaborar os factores que intervêm na sinonímia no plano da idiomática. A última secção do capítulo é composta por uma reflexão que tem como objectivo comparar a sinonímia idiomática com a sinonímia não idiomática e termina com a sistematização dos factores que jogam no plano da idiomática.

3.1. OS EUFEMISMOS

Lausberg define o emprego de uma palavra ou expressão eufémica como “Ersatz eines durch Tabu verbotenen Wortes” (1963: 66). O emprego do eufemismo é neste sentido concebido como uma forma de evitar a infracção ou violação de um tabu. Tendo em conta a ligação estreita entre a função do tabu e a função do meio de expressão eufemístico, impõe-se ressaltar alguns dos aspectos inerentes ao conceito de tabu. Para tal, analisemos a definição da palavra-chave ‘*Tabuwort*’ (‘palavra tabu’) que consta do *Linguistisches Wörterbuch* de Lewandowski (1973, vol. 3: 725):

“T.[abuwörter] sind keine allgemein menschliche Erscheinung, sie sind an bestimmte Gemeinschaften und Epochen gebunden; sie können auch gruppenspezifisch sein. Zugrunde liegen ihnen ein magischer Begriffsrealismus, der Wörter und Namen mit dem von ihnen Bedeuteten/Bezeichneten gleichsetzt, die Vorstellung von der magischen Kraft des Wortes, dessen Aussprechen Veränderungen in der Welt hervorrufen kann, die Scheu vor dem unberührbar Heiligen und die Angst vor dem Bösen, Bedrohlichen, Gefährlichen”.

A primeira observação diz respeito ao facto dos termos tabu terem a sua razão de ser no seio de determinada comunidade, sociedade ou época. Isto significa que o surgimento de certa expressão tabu está dependente de um contexto social e cultural específico, ou

seja, de um paradigma específico. A susceptibilidade das sociedades sofrerem mudanças e mutações das suas estruturas e dos seus padrões socioculturais e políticos ao longo da história, fenómeno que conduz necessariamente à mudança de paradigmas, tem repercussões ao nível do sistema de tabus em vigor. Por outras palavras, uma mudança de paradigma implica, regra geral, um processo de rompimento com os tabus vigentes. Refira-se, em segundo lugar, a relação existente entre o conceito de *tabu* e o conceito de *sagrado*: o sagrado nas suas diversas manifestações é intocável e inefável. Com efeito, a transgressão desta máxima está associada a consequências nefastas. O medo da violação do ‘objecto’ sagrado, o temor e o respeito, por um lado, e a necessidade que o homem tem de pôr em palavras as suas ideias, os seus sentimentos e a sua relação com o meio exterior, por outro, levam ao aparecimento de formas de expressão que encobrem ou disfarçam a sua ligação com o objecto sagrado. Vejamos, a título de exemplo, o segundo mandamento da lei de Deus: “Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus, porque o Senhor não deixará impune quem pronunciar o Seu Nome em vão”¹²⁷. A existência deste preceito das religiões cristãs e judaica assenta na ideia de que a palavra ‘Deus’ ‘é’ o Ser supremo ‘Deus’ em si. Por outras palavras, o poder ‘mágico’ da palavra pode ser descrito da seguinte forma: a palavra/‘o verbo’ = coisa/objecto/ser. Este facto propicia o surgimento de expressões eufémicas que têm como objectivo evitar o emprego explícito de determinado vocábulo que possui o estatuto de vocábulo inefável ou indizível.

Luchtenberg, na sua análise do emprego dos eufemismos na língua alemã, *Euphemismen im heutigen Deutsch* (1985: 24), amplia a definição de Lausberg na medida em que distingue dois tipos de eufemismos: “Verhüllende Euphemismen dienen zur Kommunikation über tabuisierte Begriffe etc. bzw. der Rücksicht auf Gefühle und Wertvorstellungen. (...) Verschleiende Euphemismen haben dagegen die Aufgabe, bestimmte Sachverhalte dem Hörer in einer vom Sprecher ausgewählten Weise darzustellen”. De acordo com estas considerações, os eufemismos têm como funções: (i) comunicar uma mensagem penosa e desagradável de uma forma ‘branda’ e ‘suave’; (ii) transmitir uma mensagem de forma a não dar a perceber toda a verdade. Como teremos oportunidade de verificar através da análise que se segue, existem campos semânticos, contextos semânticos, que são favoráveis ao emprego e à criação de eufemismos. Limitar-me-ei, aqui, ao estudo dos factores que estabelecem sinonímia

¹²⁷ Cf. *Bíblia Sagrada*, Êxodo 20:7, p. 108.

entre as expressões idiomáticas de cariz eufémico que integram o campo semântico da morte.

Começemos por observar o seguinte bloco de expressões idiomáticas do campo semântico Ba2 – *sterben (müssen)* – ‘(ter de) morrer’:

Ba 2.8

- | | |
|---|---|
| 1 den Weg gehen, den wir alle gehen müssen | 6 die letzte Fahrt antreten (müssen) |
| 2 den letzten Weg gehen | 7 die letzte Reise antreten müssen |
| 3 den Weg alles Irdischen gehen | 8 auf die große Reise gehen (müssen) |
| 4 den Weg allen Fleisches gehen | 9 einen schweren Gang tun (müssen) |
| 5 seinen letzten Gang tun | |

Assinalável é, em primeiro lugar, a existência de um denominador comum a estas nove expressões: a ideia da morte como viagem.

Em segundo lugar, refira-se que é possível subdividir as expressões (1) a (9) com base nas seguintes pressuposições:

- (i) A morte é uma realidade incontornável e inevitável da existência humana. Todos os homens, sem excepção, morrem. Este facto encontra-se expresso nas unidades (1), (3) e (4).
- (ii) A morte não é apenas uma das muitas etapas ou viagens que fazem parte da nossa vida; a morte é a última e derradeira etapa ou viagem da vida do homem na terra. Aqui inserem-se as unidades (2), (5), (6) e (7).
- (iii) A morte é uma viagem difícil e penosa para o ser humano, ideia que está patente na expressão (9).

Como se depreende do acima exposto, estas pressuposições são responsáveis pela divisão do bloco sinonímico Ba2.8 em subgrupos sinonímicos. Por outras palavras, as pressuposições funcionam como um primeiro agregador de expressões sinónimas.

Prosseguindo o objectivo de elaborarmos uma tipologia de factores relevantes na formação de expressões sinónimas no domínio da idiomática, detenhamo-nos nas unidades que constituem os subgrupos de expressões acima citados. Observando as expressões pertencentes ao primeiro subgrupo, nomeadamente as expressões (1), (3) e (4), verificamos que a sinonímia no seio deste grupo assenta no conceito de totalidade.

A ideia do conjunto de todos os indivíduos que compõem a classe ‘seres humanos’ e, conseqüentemente, a ideia da morte como fenómeno universal é expressa pelo pronome indefinido *alle/alles*. Quanto às construções em si, reter-se-á que a expressão (1) – *den Weg, den wir alle gehen müssen* – uma frase relativa, constitui uma paráfrase das expressões (3) e (4). Na expressão (1) o pronome *alle* (‘todos’) é de carácter genérico, designando *die Menschen* (‘os homens’) em geral: *den Weg, den alle Menschen gehen müssen*. Se compararmos a expressão (1) com as expressões (3) e (4), notamos que as últimas especificam a ideia geral *alle/alle Menschen* no sentido em que cada uma foca um aspecto específico do homem. A expressão (3) através do constituinte *alles Irdischen* perspectiva o homem a partir da sua condição de ser que habita a terra. Por outras palavras, morrer significa acabar como todos os outros seres que se encontram à face da terra. Por seu turno, o constituinte *allen Fleisches* da expressão (4) alude ao homem enquanto ser constituído por um corpo de carne (e osso). Morrer tem como consequência, no caso de enterramento, a decomposição do corpo ou da carne ou a transformação do corpo em cinzas, no caso de cremação. Ter-se-á presente que o simbolismo da palavra *Fleisch* (‘carne’) nos campos semânticos da vida e da morte está intimamente ligado ao contexto da tradição bíblica.

Resta-me, para concluir a análise das expressões (1), (3) e (4), referir, em primeiro lugar, que as expressões (3) e (4) exprimem a mesma ideia, a ideia da universalidade da morte, a partir de ângulos diferentes. Em segundo lugar, os contextos lexemáticos dos exemplos (3) e (4) apresentam a variação dos constituintes *alles Irdischen* e *allen Fleisches*, sendo idênticos em todo resto: *den + Weg + (alles Irdischen/allen Fleisches) + gehen*. Daqui resulta, com efeito, que é possível substituir o constituinte *alles Irdischen* pelo constituinte *allen Fleisches* e vice-versa na combinação lexemática acima para exprimir a ideia de que todos os homens, sem excepção, têm o mesmo fim.

Analisemos em seguida as relações de sinonímia que se estabelecem entre as expressões que compõem o segundo subgrupo do campo semântico Ba2.8, isto é, as unidades (2), (5), (6) e (7) que exprimem a noção da morte como sendo a última caminhada ou viagem da vida. Estamos perante expressões que apresentam a seguinte estrutura homogénea: *die/den + letzte/letzten + (Weg/Gang/Fahrt/Reise) + (gehen/tun/antreten)*. Repare-se que os constituintes nucleares das expressões – *Weg, Gang, Fahrt, Reise* – mantêm uma relação de sinonímia em muitos contextos fora da estrutura idiomática.

Da análise acima é possível extrair os seguintes factores responsáveis pela relação de sinonímia entre as expressões idiomáticas:

- (i) a existência de uma pressuposição (lógica) que funciona como ponto de referência;
- (ii) o princípio da totalidade que opera como princípio orientador;
- (iii) a relação de sinonímia entre os constituintes nucleares das expressões que apresentam o mesmo contexto lexemático;
- (iv) a particularização ou especificação de uma mesma ideia.

Consideremos agora as expressões que integram o campo semântico Ba7, campo semântico delimitado pelos arquilexemas *Beerdigung* ('funeral') e *Trauer* ('sentimento de pesar pela morte de alguém'). Antes, porém, de abordarmos as expressões de natureza eufémica em específico, importa averiguar os pressupostos que estão na base da organização dos blocos sinonímicos que formam o campo semântico em geral.

<p>Ba 7.1</p> <p>1 die Totenwache halten</p>	<p>Ba 7.2</p> <p>1 jm. die letzte Ehre erweisen 2 jn. auf seinem letzten Weg begleiten 3 jn. auf seinem letzten Gang begleiten 4 jm. das letzte Geleit geben 5 jn. zu Grabe tragen 6 jn. zur letzten Ruhe betten 7 jn. unter die Erde bringen</p>	<p>Ba 7.3</p> <p>1 Friede seiner/ihrer Asche!</p>
<p>Ba 7.4</p> <p>1 die Totenglocke läuten</p>	<p>Ba 7.5</p> <p>1 Trauer anlegen 2 Trauer tragen 3 Trauerkleidung tragen 4 in Schwarz gehen 5 Schwarz tragen 6 in Trauer erscheinen/...</p>	<p>Ba 7.6</p> <p>1 jm. seine (aufrichtige/...) Teilnahme aussprechen 2 jm. seine (aufrichtige/...) Anteilnahme aussprechen 3 jm. sein (herzliches/aufrichtiges) Beileid aussprechen</p>
<p>Ba 7.7</p> <p>1 den Leichenschmaus halten 2 das/js. Fell versaufen</p>	<p>Ba 7.8</p> <p>1 den Totenschein ausstellen</p>	<p>Ba 7.9</p> <p>1 jm. einen Grabstein setzen 2 jm. einen Stein setzen</p> <p>Ba 7.10</p> <p>1 eine Fahne/Flagge auf Halbmast setzen 2 auf Halbmast stehen</p>

Um primeiro plano de análise do campo semântico acima exposto sugere que a sua estruturação assenta em normas e práticas socioculturais que se manifestam aquando do falecimento de uma pessoa. Os blocos Ba 7.1 e Ba 7.2 evocam as etapas ligadas à cerimónia fúnebre: a participação na vigília do corpo da pessoa falecida; a participação no cortejo fúnebre que termina com o enterro do corpo no cemitério. A expressão do bloco Ba 7.3 é empregue para exprimir o desejo de que um ente falecido repouse em paz. A expressão do bloco Ba 7.4 traz à mente o dobrar do sino a finados como anúncio da morte de alguém. O bloco Ba 7.5 consta de expressões que aludem à indumentária numa situação de luto. O bloco Ba 7.6 é composto por expressões que dizem respeito ao acto de manifestação de condolências junto dos familiares e amigos da pessoa falecida. O bloco Ba 7.8 tem como fundo o acto de atestar o falecimento de alguém, acto executado por uma autoridade competente através da passagem de uma certidão de óbito e que constitui um pré-requisito para a realização das cerimónias fúnebres. As expressões do bloco Ba 7.10 evocam o acto institucional de colocar as bandeiras a meia haste como testemunho de pesar pelo falecimento de uma pessoa cara à instituição. Reconhecemos, em primeiro lugar, aqui o papel decisivo que os próprios arquilexemas *Beerdigung* e *Trauer* desempenham enquanto eixos em torno dos quais se organizam os blocos sinonímicos que compõem o respectivo campo semântico. Em segundo lugar, interessa sublinhar que estas expressões encontram a sua razão de ser em convenções sociais e culturais a cumprir ou seguir no caso do falecimento de uma pessoa. É o conhecimento desta realidade que funciona como alavanca para a conversão ou transformação do conhecimento extra-linguístico em expressão linguística. No ensaio *Language as Discourse*, Ricoeur põe em evidência a articulação existente entre as dimensões ‘experiência/realidade’ e ‘linguagem’: “But because we are in the world, because we are affected by situations, and because we orient ourselves comprehensively in those situations, we have something to say, *we have experience to bring to language*” [sublinhado por mim] (1976: 20-21). O processo de transpor para a esfera da linguagem o conhecimento do ‘fundo’ (‘Hintergrund’) antropológico aqui citado vai ao encontro do conceito de “das Worten der Welt” de Weisgerber (1964: 74-83)¹²⁸.

¹²⁸ Sobre o termo e o conceito *Das Worten der Welt*, veja-se a seguinte explicação de Weisgerber (1964: 76): “Das Worten der Welt. (...) Dieser Ausdruck [das Worten] ist 1954 eingeführt worden mit dem Ziele, einen prägnanten Hinweis auf den Kernvorgang der Sprache zu gewinnen. Es handelt sich um eine effektive Bildung; so wie zu *Fürst* ein Verb *fürsten* = zum Fürst machen, zu *Knecht* ein *knechten* = zum Knecht machen gehört, so kann zu *Wort* ein *worten* gebildet werden, um den Prozeß des *zu Wort-Machens* hervorzuheben, und, da zu *Sprache* ein **sprachen*

As expressões do bloco sinonímico Ba 7.2 têm como base o significado ‘participar numa cerimónia fúnebre’, significado que é perspectivado de vários ângulos: a expressão (1) sugere que participar num funeral é prestar uma última homenagem ao ente falecido; as expressões (2) a (4) evocam a ideia de que participar num funeral é acompanhar o defunto na sua última viagem; por último, as expressões (5) a (7) focalizam a parte final da cerimónia fúnebre, mais precisamente, o cortejo fúnebre que consiste em acompanhar o defunto até ao local da sepultura. Assim, o significado ‘participar numa cerimónia fúnebre’ pode ser transmitido a partir de qualquer uma das três perspectivas acima. Está-se perante expressões diferentes que convergem para o mesmo significado idiomático.

Voltemo-nos, agora, para a análise da relação de sinonímia entre as expressões eufémicas do campo semântico Ba 7.2, em particular as expressões (1) a (4). As expressões (2) e (3) apresentam a mesma combinação sintagmática, constatando-se apenas uma diferença no que respeita os elementos nucleares das expressões – *Weg* e *Gang* –, lexemas que, como já foi mencionado, são sinónimos fora do contexto idiomático. Os elementos constituintes destas expressões conservam no contexto idiomático os seus significados enquanto formas livres. Ao comparar o contexto sintagmático das expressões (2) e (3) com o contexto da expressão (4) verificamos que: (i) nas expressões (2) e (3) a noção de ‘acompanhar alguém’, noção comum ao significado das três expressões, é transmitida pelo verbo *begleiten*; (ii) na expressão (4) a mesma noção é expressa pela locução *Geleit* (nomen actionis) + *geben* (verbo suporte). O constituinte *geben* na construção *jm. das (letzte) Geleit geben* é considerado um verbo suporte de predicação. Como tal, a sua função resume-se ao apoio prestado ao substantivo *Geleit*, elemento que funciona como núcleo semântico da expressão. Regra geral, o significado das construções com verbo suporte pode ser explicitado recorrendo a um verbo dotado de sentido pleno. O substantivo que consta da construção com verbo suporte exprime a acção à qual o verbo de sentido pleno faz referência. De acordo com estas observações é possível concluir que a expressão composta por 'substantivo + verbo suporte' (*jm. das Geleit geben*) e o verbo em sentido pleno (*jn. begleiten*) são sinónimos.

schwerer zu passen scheint, ist dieses *worten* gewählt, um den gesamten Vorgang der sprachlichen Weltgestaltung, des Überführens in Sprache zu begreifen. Diese Prägung hat noch den Vorzug, daß sie leicht zwei Weiterbildungen ermöglicht (...): *verworten* und *erworten*, das erstere für das Überführen von etwas bereits Bestehendem in Sprache, das letztere für produktive Eigenschöpfungen der Sprachkraft”.

Passa-se em seguida a analisar o campo semântico Ba 3.7 cujo arquiconceito é *sich töten* ('suicidar-se'):

Ba 3.7	
1 den Gashahn aufdrehen	8 sich die Pulsadern aufschneiden/öffnen
2 Tabletten nehmen	9 sich vor den Zug/vor die Straßenbahn/in die Ruhr/... werfen /schmeißen
3 Schlaftabletten nehmen	10 sich in sein Schwert stürzen
4 sich aus dem Fenster stürzen/aus dem Fenster springen	11 den Giftbecher nehmen/(trinken/leeren)
5 ins Wasser gehen	12 den Becher nehmen/(trinken/leeren)
6 zum Strick greifen	13 den Schierlingsbecher nehmen nehmen (trinken/leeren)
7 sich eine Kugel durch/in den Kopf schießen/jagen	14 sich von den Felsen/... in die Tiefe stürzen

Se nos fixarmos agora na articulação entre o arquiconceito 'suicidar-se' e o conjunto das expressões idiomáticas aqui expostas, verificaremos que as expressões acima exprimem formas diversas de como uma pessoa se pode suicidar, melhor dizendo, exemplificam formas de suicídio. A exemplificação de determinado conceito encontra a sua motivação em casos reais de tentativas de suicídio. O processo de exemplificação pressupõe um conhecimento dos casos ou dos exemplares, que possam elucidar o conceito em questão. É do conhecimento geral que uma pessoa que corte os próprios pulsos ou se deite de uma janela abaixo tem a intenção de se suicidar. Está-se perante formas diferentes que têm o mesmo fim, isto é, correspondem à mesma ideia. Quer isto significar, em primeiro lugar, que o conhecimento que possuímos dessa realidade e desses casos concretos serve de base ou pano de fundo para a realização linguística da ideia 'suicidar-se'. Neste sentido, podemos dizer que "die Welt hat für den Menschen Bedeutung, und diese Bedeutung wird in 'Worte' umgesetzt" (Schemann, 2003: 109). Em segundo lugar, há que abordar no quadro da sinonímia idiomática a inter-relação entre 'a ideia' e as unidades linguísticas que exprimem essa ideia. A articulação entre estes dois planos fica bem patente na seguinte citação retirada da obra *Bild - Sprachbild - Weltbild - Phantasiebild* de Schemann:

"Wer nach der Wesensbestimmung des Worts fragt, wird von einem grundlegenden 'Widerspruch' oder 'Zwiespalt' ausgehen müssen: auf der einen Seite haben wir eine 'Bedeutung', oder einen 'Begriff' oder eine 'Idee' oder eine 'Gestalt' - die Termini sind je nach den methodologischen Ansätzen und Hintergründen äusserst unterschiedlich; auf der anderen Seite 'bezeichnet' oder 'bezieht' (...) es (sich) (immer) auf ein Vielfaches, und zwar ein Vielfaches, (...), in vielfacher Hinsicht" (Schemann, 2005: 9).

Assim visto, a relação de interdependência entre ‘a ideia’ e o conjunto das expressões que a sugerem assenta na oposição ‘unidade – multiplicidade’. A noção de ‘unidade’ pressupõe a noção de ‘multiplicidade’ e vice-versa, uma vez que é a partir do ‘múltiplo’ que é possível constituir o ‘uno’ e é a partir do ‘uno’ que é possível derivar o ‘múltiplo’. Aplicando esta oposição ao bloco sinonímico em análise, facilmente se reconhece que o conceito ‘suicidar-se’ corresponde à ‘unidade’ que pode ser desdobrada em múltiplas expressões que a exemplificam. Deste ponto de vista, e abstraindo das diferenças específicas inerentes a cada uma das formas ou exemplos de suicídio, é possível afirmar-se que as expressões que compõem o campo semântico Ba 3.7 são sinónimas. Todas as acções representadas por essas expressões conduzem à mesma consequência. Noutros termos, os diferentes antecedentes têm o mesmo consequente. Está-se perante a sinédoque dinâmica enquanto factor constitutivo de sinonímia.

Examinando agora a sinonímia no interior do bloco Ba 3.7 da perspectiva dos eufemismos, podemos falar de uma subdivisão em dois grupos: por um lado, as expressões que sugerem o acto de suicídio de forma explícita, não sendo necessária uma contextualização para que as mesmas exprimam o significado ‘suicidar-se’ (4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14); por outro lado, expressões que tomadas isoladamente, isto é, fora do contexto do campo semântico, possuem o significado literal dos seus constituintes (1, 2, 3, 5, 12). Atente-se, por exemplo, nas expressões *Schlaftabletten nehmen, ins Wasser gehen* e *den Becher nehmen/trinken/leeren* que descontextualizadas significam literalmente ‘tomar comprimidos para dormir’, ‘ir para a água’ e ‘tomar/beber/esvazear o copo’ respectivamente. É precisamente no contexto do campo semântico configurado pelo arquilexema *sich töten* que as expressões deste segundo subgrupo de sinónimos funcionam como eufemismos, isto é, sugerem a ideia de suicídio implicitamente. Em síntese: estas expressões constituem variações da mesma ideia.

3.2. A PERSONIFICAÇÃO

Nesta secção pretendo indagar e sistematizar, a partir da análise de expressões que assentam no processo da personificação, os factores intervenientes na constituição de expressões sinónimas. Segundo Fontanier, o processo de personificação

“consiste à faire d’un être inanimé, insensible, ou d’un être abstrait et purement idéal, une espèce d’être réel et physique, doué de sentiment et de vie, enfin ce qu’on appelle une personne; et cela, par simple façon de parler, ou par une fiction toute verbale, s’il faut le dire. Elle a lieu par métonymie, par synecdoque, ou par métaphore” (1968: 111).

Tal como a forma verbal ‘personificar’ indica, está-se perante um mecanismo que envolve dotar entidades inanimadas, que não têm vida, de características específicas de entidades animadas através do recurso a meios linguísticos como a metáfora, a sinédoque e a metonímia. Assim sendo, importa captar com rigor (i) os pressupostos que motivam o acto de personificar; (ii) os meios de expressão que são utilizados para realizar o processo de personificação; (iii) a interacção e a interrelação entre os pontos (i) e (ii) e o estudo da sinonímia ao nível das expressões idiomáticas. Para tal, tomo como ponto de partida a análise do bloco sinonímico Ca 4.16 subordinado ao arquilexema *dick – dünn, mager* (‘gordo – magro, esguio’), arquilexema que se enquadra no campo semântico *äußeres Erscheinungsbild* (‘aspecto exterior’/‘aparência exterior’) do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten*:

Ca 4.16

- 1 **spindeldürr** (sein)
- 2 ein dürres **Gerippe** sein
- 3 ein wandelndes **Gerippe** sein
- 4 ein (richtiges/wandelndes) **Skelett** sein
- 5 ein richtiges/... **Klappergestell** sein

A primeira questão que se coloca diz respeito à correlação entre as ideias que estão na origem das expressões (1) a (5) e o conceito ‘pessoa extremamente magra’. O facto de recorrermos às imagens de um fuso (*Spindel*), de um esqueleto (*Gerippe, Skelett*), de um cavalete (*Klappergestell*) para designarmos ou descrevermos uma pessoa extremamente magra, sugere a existência de uma base de comparação na medida em que a condição de extrema magreza em que uma pessoa se encontra faz lembrar ou evocar a ideia de um fuso (= objecto fino, estreito), um esqueleto (= a estrutura óssea de um corpo morto na posição vertical). A pessoa dá-nos a impressão da coisa (fuso, esqueleto, cavalete). Tal pressupõe a existência de uma relação de semelhança ou de parença entre a fisionomia de uma pessoa extremamente magra e determinadas características específicas dos objectos designados pelos termos ‘fuso’, ‘esqueleto’ e ‘cavalete’. É nesta relação de parença entre o objecto e a pessoa que se constrói o processo de personificação. Destas observações, é possível deduzir-se que um objecto que possua os traços característicos ‘fino, estreito, delgado’ pode servir de base para a criação de uma

locução que exprima a ideia ‘pessoa extremamente magra’, isto é, uma expressão que seja sinónima da expressão (1), *Spindeldürr sein/dürr wie eine Spindel sein*. Os exemplos *dürr wie ein Besenstiel sein* (‘ser magro como um cabo de vassoura’) e *stockdürr* (‘ser magro como um pau ou uma bengala’) são ilustrativos do acima exposto: abstraindo do traço ‘mais ou menos longo’, o cabo de uma vassoura, um pau e uma bengala são objectos finos, com pouco diâmetro, característica que estabelece a relação de semelhança com o estado físico de uma pessoa muito magra.

Efectuada a reflexão sobre os pressupostos que orientam o surgimento das expressões (1) a (5) e a sua relação com a ideia em questão, analisemos em seguida, com algum pormenor, as expressões e os seus constituintes. A expressão (1) apresenta como lexema nuclear o adjectivo *spindeldürr*, palavra composta constituída pelo substantivo *Spindel* e o adjectivo *dürr* (‘magro’), que pode ser parafraseada por meio de uma fórmula que estabelece uma comparação: *so dürr wie eine Spindel sein* (‘ser tão magro como um fuso’). Importa, neste ponto, chamar a atenção para um aspecto que será tratado de forma pormenorizada na secção seguinte. Repare-se que a comparação subjacente às expressões aqui em análise – *so dürr wie eine Spindel/ein Besenstiel/ein Stock/ein Klappergestell/ein Gerippe sein* – é de natureza ficcional ou irreal. De facto, estas expressões focalizam de tal forma a característica ‘fino/delgado/estrito’ dos objectos designados que estas dão a ideia de que estes objectos não possuem outras características. Isto significa que a característica focalizada é apresentada como característica única dos objectos designados. Uma vez que no mundo real a ideia da característica única não existe, estas expressões caracterizam-se pela ficção da unicidade (*unicité* (Schemann, 2003: 126-128)). Ao focalizar a unicidade de determinada característica, estou a dizer que o objecto em questão possui esse traço num grau muitíssimo elevado¹²⁹. Cabe ainda referir que o lexema *dürr* não só designa o aspecto físico de extrema magreza, como ainda se encontra associado à ideia da falta de vida e vivacidade. Repare-se nas locuções *dürrer Boden* (‘solo árido e improdutivo’/‘solo magro’) e *dürres Laub* (‘folhagem seca’) em oposição às locuções *fruchtbarer Boden* (‘solo fértil’) e *frisches/grünes Laub* (‘folhagem verde’). Tratam-se de exemplos que se enquadram em domínios semânticos opostos: ‘vida’ (*Leben*) – ‘morte’ (*Tod*) e ‘são/de boa saúde’ (*gesund*) – ‘doente’ (*krank*). Reportando-nos de

¹²⁹ Como teremos oportunidade de verificar na secção sobre a comparação, Schemann (2003: 114-115) descreve este tipo de comparação como sendo ‘totalisierend’ (totalizante).

novo às expressões (1) a (5) do bloco sinonímico Ca 4.16, podemos afirmar que estas expressões têm como ponto comum o facto de se basearem na ideia de que uma pessoa extremamente magra apresenta uma aparência doentia, um ar de quem não tem saúde, de quem não tem vida. Este aspecto manifesta-se, em primeiro lugar, nos constituintes nucleares das expressões (*Spindel*, *Gerippe*, *Skelett*, *Klappergestell*) que estabelecem uma referência com entidades inanimadas; em segundo lugar, o sentido do lexema *Skelett*, isto é, a estrutura óssea de um corpo morto e descarnado, está intimamente ligado a noções de morte, tais como a ausência de vida e a imobilidade.

Como procurei mostrar com as observações acima, a relação de sinonímia entre as expressões do bloco Ca 4.16 estabelece-se com base nos factores que passo a enumerar: (i) os constituintes *Spindel*, *Gerippe*, *Skelett*, *Klappergestell*, *Besenstiel*, *Stock* são ‘exemplos’ de objectos finos e delgados. É, portanto, por meio do processo da sinédoque exemplificativa que estas expressões evocam a mesma ideia – ‘pessoa extremamente magra’; (ii) as expressões assentam numa mesma pressuposição: uma pessoa extremamente magra não tem saúde ou vitalidade; (iii) a natureza ficcional – ficção da unicidade – que caracteriza a comparação subjacente às expressões.

3.3. A COMPARAÇÃO

Nesta secção proponho-me analisar a sinonímia no seio dos blocos de expressões do *Synonymwörterbuch* cujas unidades estabelecem comparações. Os objectivos deste estudo são, portanto, (i) examinar os pressupostos sobre os quais as expressões de determinado bloco de unidades assentam, avaliando as semelhanças e diferenças; (ii) clarificar a dinâmica que se estabelece entre os pressupostos e o significado idiomático das expressões; (iii) propor, com base nas conclusões dos passos (i) e (ii), uma tipologia de factores que desempenham um papel fulcral no que respeita a comparação no domínio das expressões idiomáticas.

Damos início à nossa reflexão com a análise das expressões reunidas no bloco sinonímico Ca 3.4, bloco que integra o campo semântico delimitado pelos arquilexemas *stark* – *kräftig* (‘forte – robusto – vigoroso’):

Ca 3.4

- 1 ein (richtiger/rechter) Bär sein
- 2 ein Kerl wie ein Bär sein
- 3 stark wie ein Bär sein
- 4 Bärenkräfte haben
- 5 Kräfte wie ein Bär haben
- 6 Kraft haben wie ein Berserker
- 7 Kräfte haben wie ein Berserker
- 8 stark wie ein Löwe sein

Observe-se antes de mais que este bloco de expressões pode ser subdividido em dois grupos de unidades: por um lado, as expressões (1) a (7), que significam literalmente ‘ser forte como um urso’/‘ter a força de um urso’¹³⁰, isto é, expressões que estão de forma mais ou menos explícita ligadas ao animal que na língua alemã é designado pelo lexema *Bär*; por outro lado, a expressão (8), ‘ser forte como um leão’/‘ter a força de um leão’, que deixa transparecer a ligação desta com o animal que na língua alemã é designado pela palavra *Löwe*. Trata-se, como se vê, de expressões que apresentam como referência ou base de comparação (*Vergleichsgrundlage*) um animal: o urso ou o leão. Neste ponto põe-se o problema de tentar perceber como se dá o nexos entre o animal (urso/leão) e o significado idiomático da expressão – ‘ser forte/vigoroso/robusto’. O lexema *Bär* tomado como forma livre refere-se a um animal que conhecemos como sendo de grande corpulência e potência física. Ao proferir um enunciado como o seguinte estou a comparar a constituição física do indivíduo que estou a descrever com a constituição e força física do animal: “*Kein Wunder, daß er solche Bärenkräfte hat! Er ißt auch für drei*”¹³¹. Por outras palavras, a estatura e a força física do indivíduo fazem lembrar a robustez física de um urso¹³². Se compararmos as expressões (1) a (7) com as expressões idiomáticas *eine Bärenkonstitution haben* (‘ter uma constituição de ferro/aço’), *eine Bärennatur haben* (‘ter uma constituição de ferro’; ‘ser rijo que se farta’; ‘ser são como um pêro’) e *eine Bärengesundheit haben* (‘ter uma saúde de ferro’; ‘ter saúde para dar e vender’), expressões sinónimas que no plano literal significam ‘ter a saúde de um urso’, parece ser possível dizer que ambos os grupos de expressões assentam na ideia do urso enquanto animal forte e vigoroso, verificando-se uma extensão ou prolongamento de carácter metafórico da esfera do físico para a esfera do abstracto: o aspecto de robustez física está associado à ideia de saúde, de vida e vitalidade. Como acabámos de demonstrar, o lexema *Bär* no quadro da língua e culturas

¹³⁰ Cf. a expressão equivalente em português: *ser forte como um touro; ter a força de um touro*.

¹³¹ Este exemplo encontra-se no *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002) integrado na entrada correspondente ao lema *Bärenkräfte*.

¹³² É conveniente acentuar que estas expressões reflectem apenas uma forma de olhar para ou perspectivar o animal denominado de ‘urso’.

alemãs aparece como expressão de robustez no plano físico e por extensão metafórica de robustez no plano abstracto (condição de saúde física, mental, psicológica). A condição de símbolo do animal que na língua alemã é designado por *Bär* influi na lexicalização da relação ‘expressão literal (*ein rechter Bär sein* – ‘ser um autêntico/verdadeiro urso’) – significado idiomático (‘ter muita força’)’. Reportando-me de novo ao bloco sinonímico Ca 3.4, direi que as expressões (1) a (5) são sinónimas pelas seguintes razões: (i) baseiam-se na mesma referência ou base de comparação, o urso enquanto símbolo de robustez física e de saúde; (ii) intimamente ligado ao ponto anterior está o facto destas expressões manifestarem o mesmo significado idiomático – ‘ter muita força’.

Postas estas observações, importa determo-nos um pouco sobre a ligação entre as expressões (1) a (5) e as expressões (6) e (7). Trata-se, pois, de descortinar de que forma o significado do lexema *Berserker* se relaciona com o animal – *Bär* – e a ideia que este simboliza. Segundo informa Röhrich¹³³, o lexema *Berserker* designava em antigo nórdico a pele de urso – *Bärenfell*. Nas regiões Norte da Europa os guerreiros tinham como prática cobrir o corpo com a pele de urso como forma de intimidar o inimigo. Na base deste comportamento estava a crença popular de que o guerreiro disfarçado de urso adquiria o poder e a força do animal cuja pele ele ‘vestia’, assumindo, assim, características do animal. A partir daqui compreende-se facilmente que o vocábulo *Berserker* tenha sofrido uma evolução semântica de natureza metafórica (metáfora classemática) e metonímica (metonímia do signo/símbolo), passando também a designar o guerreiro vestido de pele de urso: *Krieger im Bärenfell*¹³⁴. Verificou-se ao longo do tempo uma transformação semântica deste significado mais estrito do lexema *Berserker* em direcção à generalização: o lexema passou a designar qualquer indivíduo que apresenta uma estatura robusta. Tendo em conta que, por um lado, o lexema *Berserker* sincronicamente não deixa transparecer a sua ligação com o animal – urso – e, por outro, os guerreiros acima descritos pertencem a um período histórico longínquo, não é de estranhar que apenas uma pessoa familiarizada com factos e aspectos da condição

¹³³ Cf. a informação documentada no artigo indexado com a palavra-chave *Berserker* que figura no *Das große Lexikon der sprichwörtlichen Redensarten*, doravante designado de Röhrich, (Röhrich, 1991, Vol. 1: 176): “Berserker, aus dem Altnord.[ischen] entlehnt, war urspr.[ünglich] nur die Bez.[eichnung] für das Bärenhemd” (serkr = Hemd, Gewand; Ber = Bär), in das sich die skandinavischen Krieger hüllten, um die Kraft des Bären durch das Fell auf sich zu übertragen”.

¹³⁴ A figura do guerreiro vestido de pele de urso é uma constante nas lendas nórdicas: “Die altisländ.[ische] Saga berichtet von ihrer [den Berserkern] blinden, tierischen Wut, der nichts widerstehen konnte, obwohl sie ohne Waffen kämpften” (*ibidem*: 176). De acordo com esta citação retirada do artigo correspondente à palavra-chave *Berserker*, as lendas evidenciam o comportamento feroz dos guerreiros e a fúria cega com que estes actuavam.

humana dessa época ou um indivíduo conhecedor das lendas, das narrativas fabulosas ou dos mitos próprios do povo escandinavo, estará em condições de estabelecer uma ligação entre as expressões *Kraft/Kräfte haben wie ein Berserker* e o sentido etimológico da palavra *Berserker*. Este processo de opacificação semântica leva à fixação das unidades linguísticas (6) e (7) ao significado idiomático ‘ser forte/vigoroso/robusto’. Assim visto, a relação de sinonímia entre as expressões (6) e (7) e as expressões (1) a (5) deve-se, no meu entender, ao facto de, não obstante a opacidade semântica acima referida, as expressões (6) e (7) assentarem, como ficou demonstrado, na mesma base de comparação das expressões (1) a (5), nomeadamente o urso enquanto símbolo de robustez física e de saúde. Convém notar que ao dizer-se que o urso possui o estatuto de símbolo está a dizer-se que este animal é o expoente máximo da característica a ele associado. Por outras palavras, o urso simboliza o grau mais elevado possível (*höchster Grad*) de robustez física. Outro aspecto que se deve ter em conta na análise da relação de sinonímia entre as expressões (1) a (7) é a estrutura de comparação que está presente de forma explícita ou implícita em todas as unidades: *stark wie ein Bär sein*. Reencontramos aqui a questão da ficção da unicidade.

Resta-me considerar a integração da expressão (8), *stark wie ein Löwe sein*, no bloco sinonímico Ca 3.4. Neste exemplo, o animal que serve de base de comparação para designar um indivíduo que revele grande força física é o leão. Comparando as características físicas do leão e do urso e o comportamento destes nos seus respectivos habitats, parece ser possível afirmar-se que se é verdade que os dois pertencem à classe dos animais tidos como ‘fortes’, ‘vigorosos’ e ‘destemidos’, também é verdade que comparar a ‘força’ de uma pessoa com aquela de um urso ou de um leão não resulta no mesmo, dado que estamos perante ‘forças’ e ‘poderes’ de natureza diferente. Posto isto, impõe-se reconhecer que a expressão – *stark wie ein Löwe sein* – não se enquadra no conjunto sinonímico composto pelas expressões (1) a (7).

Percorrendo o *Synonymwörterbuch*, encontramos com significativa frequência expressões que apresentam constituintes que designam um animal ou algum aspecto específico associado a determinado animal. É interessante consultar a secção introdutória da obra *Deutsche Idiomatik* (1993: CIV-CX) de Schemann que apresenta uma relação dos animais que aparecem como constituintes lexicais nas expressões idiomáticas alemãs com a indicação dos respectivos significados lexicalizados.

De acordo com este linguista, o lexema *Hund* ('cão') é de todos os lexemas que se referem a animais no âmbito da idiomática alemã o estatisticamente mais frequente (*ibidem*: CIV). O esclarecimento desta observação assenta, como vemos abaixo, no número extenso de significados idiomáticos que estão vinculados ao lexema *Hund*:

“**Hund**: bissig, dumm, gemein; Tier, das sehr friert; Beispiel für ‘jedweder’/‘wie man nicht sein soll’; müde; Tier, das anderen nachläuft; treu; Tier, das nichts hat/elendig ist, heruntergekommen, bekannt, falsch, faul, feige, frech, gerissen, räudig, scharf-durchgreifend, dick; Beispiel für etwas, was aus dem Rahmen fällt/ungehörig/‘dick’ ist; Tier, das man prügelt/begräbt/schlecht behandelt/das scheißt, Fährtten folgt/sich (gewöhnlich) nicht erbarmt; Feind der Katze; Tier, das man an der Leine führt, dressiert/das hinter dem Ofen sitzt/Brot nimmt/beißt/schlecht behandelt wird/erbärmlich lebt/bellt (aber nicht mit dem Schwanz), aufpaßt; das andere hetzt; Beispiel für ‘große Tropfen’ (Regen)” (*ibidem*: CV).

Esta citação permite captar claramente o que está em causa no processo que Schemann descreve como “Umsetzung von Welt und Umwelt in (neue) Bedeutungen” (*ibidem*: CIV). Vejamos os seguintes exemplos ilustrativos: *etw. tun/findet statt/...*, *wenn die Hunde mit dem Schwanz(e) bellen*¹³⁵; *jm. nachlaufen wie ein Hund*¹³⁶; *wissen, wo der Hund begraben liegt*¹³⁷; *jn. wie einen (räudigen) Hund behandeln*¹³⁸; *ein fauler Hund sein*¹³⁹; *die schönsten/... Gedanken/Gedichte/... vor die Hunde werfen*¹⁴⁰; *wie Hund und Katze sein/miteinander umgehen*¹⁴¹; *treu wie ein Hund sein*¹⁴²; *wie ein Hund leben*¹⁴³. Como explicar a relação entre o sentido literal destas expressões e o respectivo sentido transposto, isto é, como justificar a génese destas expressões idiomáticas, a não ser pela familiaridade e intimidade que o homem tem com o cão enquanto animal doméstico. Na sequência do que ficou registado, fica bem patente que a relação ‘homem – animal’ desempenha um papel decisivo no domínio da idiomática, isto porque constitui termo básico de referência para a criação das expressões idiomáticas apresentadas. À importância do conhecimento que deriva da convivência do homem com os animais, há ainda que acrescentar um elemento ao qual já aludi aquando da análise da sinonímia no

¹³⁵ Port.: significado literal – *fazer qc/qc terá lugar/... quando os cães ladrarem com o rabo.*

¹³⁶ Port.: *andar atrás de alg (que nem um cão atrás do dono).*

¹³⁷ Port.: significado literal – *saber onde o cão se encontra enterrado; equivalente – saber onde está o busilis da questão.*

¹³⁸ Port.: *tratar alg como um cão; tratar alg abaixo de cão.*

¹³⁹ Port.: *ser um cão preguiçoso.*

¹⁴⁰ Port.: sentido literal – *deitar/jogar os pensamentos/os poemas/... mais lindos aos cães; equivalente – deitar pérolas a porcos; significado idiomático – dar qc valiosa a alg que não a sabe apreciar ou não lhe dá o devido valor*

¹⁴¹ Port.: *ser como o cão e o gato.*

¹⁴² Port.: *ser fiel como um cão.*

¹⁴³ Port.: *levar (uma) vida de cão.*

bloco Ca 3.4, nomeadamente o conhecimento que provém das representações simbólicas dos animais nas fontes literárias (*Tiersymbolik*). As diversas considerações que tenho vindo a fazer têm como objectivo mostrar a centralidade que a fórmula ‘animal $y \rightarrow$ símbolo x ’ (*Tiersymbolik*) assume para se compreender e explicar a sinonímia no seio de grupos de expressões que apresentam como base de comparação ou de referência o mesmo animal, caso do bloco sinonímico Ca 3.4, e/ou expressões que no plano literal se referem a animais diferentes, animais que, no entanto, são símbolos da mesma característica ou do mesmo fenómeno. Pensemos, por exemplo, nas expressões pertencentes ao campo semântico Aa 11, campo delimitado pelo arquilexema *sich Zeit lassen* (‘não ter pressa de’), – (so) *geduldig sein wie ein Schaf* (‘ser (tão) paciente como uma ovelha’)/(so) *geduldig sein wie ein Lamm* (‘ser (tão) paciente como um cordeiro’)¹⁴⁴ – ou nas expressões que se enquadram no campo semântico Aa 14, campo delimitado pelo arquilexema (*ganz*) *schnell* (‘(muito) rápido’) – (so) *flink wie ein Wiesel sein* (‘ser (tão) rápido/ágil como uma doninha’)/(so) *flink wie eine Maus sein* (‘ser (tão) rápido/ágil como um rato’). Podemos, então, concluir que os factores que influem na relação de sinonímia entre as expressões idiomáticas aqui em análise são: em primeiro lugar, a relação ‘homem – animal’; em segundo lugar, a construção sintáctica (so) x wie y ; em terceiro lugar, o estatuto do animal enquanto símbolo, isto é, a relação ‘animal \rightarrow símbolo’; intimamente ligado a este último factor está a ficção da unicidade e a ideia ‘grau mais elevado possível’ (*höchster Grad*) da característica em foco.

Passemos agora a considerar as expressões do bloco Ca 1.31 com o objectivo de examinar outros factores que servem de suporte à constituição de expressões idiomáticas que contêm ou estabelecem uma comparação e, subsequentemente, analisar o contributo destes factores para a sinonímia:

Ca 1.31

- | | |
|---|---|
| 1 wie ausgekotzt aussehen | 7 bleich wie Wachs sein/werden |
| 2 wie ein Gespenst aussehen | 8 wie das heulende/leibhaftige Elend aussehen |
| 3 wie eine lebende/wandelnde Leiche aussehen | 9 zum Gotterbarmen aussehen |
| 4 wie ein lebendiger Leichnam aussehen | 10 wie das Leiden Christi aussehen |
| 5 (bleich) wie der (leibhaftige) Tod aussehen | 11 wie ein Schatten aussehen |
| 6 bleich wie ein Lein(en)tuch (sein) | 12 (nur noch) ein Schatten seiner selbst sein |

¹⁴⁴ Port.: equivalentes – *ter paciência de santo/de anjo/de Job*.

Observe-se antes de mais que o bloco de expressões acima integra o campo semântico delimitado pelo arquilexema *aussehen* ('ter aspecto/ar de') e reúne unidades linguísticas que, abstraindo das diferenças no plano do significado literal, manifestam o mesmo significado idiomático. Quer dizer, qualquer uma das doze expressões pode ser empregue para exprimir a ideia de extrema/acentuada palidez (*bleich sein*). Proponho-me abordar em primeiro lugar as expressões (6) e (7), unidades que apresentam como termos de comparação os lexemas *Leinentuch* ('pano de linho') e *Wachs* ('cera'). Em seguida procedo a uma análise das expressões cujos lexemas nucleares mantêm uma ligação semântica com a ideia da morte. Por último, foco as expressões (11) e (12) que possuem um elemento em comum, nomeadamente o lexema *Schatten* ('sombra').

Comparando a expressão (6) com a expressão (7), podemos depreender o seguinte:

- (i) Estamos, em ambos os casos, perante a mesma estrutura sintagmática: *bleich/weiß + wie + {ein Leinentuch/Wachs} + sein/werden*.
- (ii) A variação paradigmática que se verifica entre os lexemas *Leinentuch* e *Wachs* deve-se ao facto destes lexemas designarem objectos ou substâncias de cor branca ou amarelada. Quando alguém se refere a uma pessoa como estando *bleich wie ein Leinentuch/bleich wie Wachs* ('pálida/branca como um pano de linho'/'pálida como cera'), está a comparar a cor pálida que a pessoa apresenta com a cor do objecto 'pano de linho', ou a cor da substância 'cera'. Uma vez que a base da comparação incide sobre a cor e não o objecto ou a substância em si, segue-se que os constituintes *Leinentuch* e *Wachs* são no contexto lexemático acima empregues de forma metonímica: o emprego do objecto ou da substância pela cor que caracteriza esse mesmo objecto ou substância.
- (iii) A fixidez no plano sintagmático, por um lado, e a fixidez no plano paradigmático, situação que deriva das afinidades semânticas existentes entre os constituintes *Leinentuch* e *Wachs* (cor branca ou amarelada), por outro, são factores decisivos para a formação de novas expressões com o mesmo significado idiomático. Vejamos, a título de exemplo, as seguintes expressões: *bleich/weiß wie Kreide sein/werden* ('estar/ficar pálido/branco como giz/gesso'); *weiß wie Kalk sein/werden* ('estar/ficar branco como cal'); *bleich/weiß wie die Wand sein/werden* ('estar/ficar pálido/branco como a parede'). Como se vê, estas unidades satisfazem as condições formais e semânticas acima referidas: *bleich/weiß + wie + x* (de cor branca/amarelada) + *sein/werden*. Trata-se de uma

construção que funciona como padrão (*Schablone*) a partir do qual é possível formar uma série de variantes que exprimem a mesma ideia. Este processo de formação de expressões variantes também se encontra ligado ao facto de os lexemas *Leinentuch/Wachs/Kreide/Kalk* designarem objectos ou substâncias que são exemplos de objectos ou substâncias que apresentam uma coloração branca ou amarelada. Está-se, portanto, perante a sinédoque exemplificativa enquanto factor constitutivo de sinonímia.

- (iv) Impõe-se reconhecer que circunstâncias há em que o emprego das expressões em questão – a referência à coloração branca ou amarelada da pele de uma pessoa [+ HUMANO] – está necessariamente ligado à ideia de pouca saúde ou doença e falta de vivacidade. Assim, neste contexto, a cor branca e a cor amarelada simbolizam o estado de saúde débil de uma pessoa (*Farbsymbolik*).

Pelo exposto, se depreende que a constituição das expressões idiomáticas em análise e a sinonímia que se estabelece entre as mesmas dependem (i) da associação por contiguidade entre o objecto ou a substância que serve de termo de comparação no plano literal da expressão e a cor que o/a caracteriza; (ii) a sinédoque exemplificativa; (iii) a construção (*so*) y (*bleich*) wie *x* que funciona como padrão; (iv) da fórmula ‘cor y → símbolo *x*’ (*Farbsymbolik*).

Para ilustrar a relevância destes factores no domínio da idiomática, tome-se em consideração o seguinte bloco de expressões cujas unidades apresentam como denominador comum o constituinte *schwarz* (‘preto’, ‘negro’). Cabe ainda referir que este bloco faz parte do campo semântico Ac 5 que se encontra delimitado pelo arquilexema *Farben* (‘as cores’):

Ac 5.10			
1	pechschwarz	5	kohlrabenschwarz
2	schwarz wie Pech (sein)	6	schwarz wie Ebenholz (sein)
3	schwarz wie Kohle (sein)	7	schwarz wie die Nacht (sein)
4	rabenschwarz	8	schwarz wie der Teufel (sein)

Repare-se, primeiramente, que, à semelhança do que se verifica em relação às expressões que se baseiam na estrutura *bleich/weiß* + *wie* + *x* (de cor branca/amarelada) + *sein/werden*, as expressões do bloco Ac 5.10 caracterizam-se pela sua fixidez estrutural: (i) *schwarz* + *wie* + *x* (de cor muito negra/escuro) (+ *sein*) ou (ii) *x* (de cor

muito negra/escuro) + *schwarz*. No entanto, ao contrário do que sucede com as expressões *bleich/weiß wie x sein*, as expressões (1) a (8) do bloco Ac 5.10, unidades que, *mutatis mutandis*, realizam o mesmo significado idiomático ‘muito escuro/negro’, apresentam restrições semânticas. Quer isto dizer que algumas destas expressões se encontram ‘presas’ a determinados contextos semânticos específicos: O emprego da expressão *schwarz wie Ebenholz sein* (‘ser preto como ébano’) restringe-se à descrição de cabelos que apresentam como cor um negro brilhante; quanto à expressão *schwarz wie der Teufel sein* (‘ser escuro como o diabo’), refira-se que é possível, graças ao simbolismo da figura do diabo ou do demónio nas religiões judaica e cristã e na tradição popular, reconhecer vários pontos de contacto entre a palavra *schwarz* e o lexema *Teufel*. Limito-me aqui a mencionar a ligação metonímica do lexema *Teufel* com lexemas, como, por exemplo, *die Hölle* (‘o Inferno’), *das Reich der Schatten* (‘o reino das trevas’), *das Reich des Bösen* (‘o reino do mal’), que se referem ao lugar ‘sombrio’ onde habita o demónio. Daí ser possível a substituição do lexema *Teufel* na expressão (8) pelas locuções acabadas de introduzir: *schwarz wie {die Hölle/das Reich der Schatten/das Reich des Bösen} (sein)*. Estamos, portanto, na presença de expressões que constituem variantes graças à relação metonímica que existe entre o lexema *Teufel* e os lexemas *die Hölle/das Reich der Schatten/das Reich des Bösen*. Justamente porque o lexema *Teufel* designa a figura que representa o mal, o príncipe das trevas, a expressão (8) contém implícita uma dimensão moral. Vemos assim como a cor escura ou preta funciona como símbolo do mal (*Farbensymbolik*). Uma vez que esta dimensão está ausente nas restantes expressões do bloco Ac 5.10, segue-se que a expressão *schwarz wie der Teufel sein* não se enquadra no conjunto sinonímico composto pelas expressões (1) a (7). Importa ainda salientar que a condição de símbolo do diabo leva a que a expressão *schwarz wie der Teufel* esteja associada à noção de ‘grau mais elevado possível’ (*höchster Grad*) da característica *schwarz* (‘preto’), falando metaforicamente, o grau mau elevado possível do mal.

Em segundo lugar, note-se que as expressões (1) a (6) assentam numa base realista, isto é, na realidade tal como ela se apresenta. Para exprimir o significado ‘muito preto/escuro’ (*tiefschwarz*), toma-se como fonte de inspiração e de comparação objectos ou substâncias – *Pech* (‘breu’, ‘asfalto’, ‘azeviche’), *Kohle* (‘carvão’), *Rabe* (‘corvo’), *Ebenholz* (‘ébano’) – que na realidade apresentam uma cor muito escura ou negra: algo é de tal modo escuro ou negro que faz lembrar o preto ou o escuro do asfalto/do carvão/do corvo/do ébano. Recorde-se que também no caso das expressões *bleich/weiß*

wie ein Leinentuch/Wachs/Kreide/Kalk/die Wand sein/werden os termos de comparação designam objectos e substâncias que existem no mundo real: a pele da pessoa apresenta um tom branco ou amarelado que faz lembrar ou evoca a cor branca do pano de linho, do giz, da cal ou a cor amarelada da cera. Estas observações vêm reforçar a ideia defendida por Schemann (2003: 114-115) de que a comparação no domínio da idiomática pode ser de natureza realista na medida em que assenta no conhecimento objectivo de algo que existe, já existiu ou poderá existir na realidade.

Para além do parâmetro ligado à realidade, Schemann aduz mais dois parâmetros a partir dos quais se estabelece a comparação de carácter idiomático:

“Der (idiomatische) Vergleich kann auf verschiedenen Ebenen liegen:

(a) – er kann ‘realistisch’ sein;

(b) – er kann totalisierend sein;

(c) – er kann auf einer Leerformel beruhen” (Schemann, 2003: 114-115).

Relativamente ao parâmetro (b): a comparação opera de forma ‘totalizante’. Veja-se, a título de exemplo, que ao empregar a expressão *so fleißig wie eine Biene sein* (‘ser tão trabalhadora/aplicada como uma abelha’) para exprimir o significado ‘*sehr fleißig sein*’ (‘ser muito trabalhadora’) estou de certa forma a encarar a abelha como um insecto formado somente, melhor dizendo, ‘totalmente’ pela característica ‘*Fleiß*’ (‘esforço/aplicação’). Quanto ao parâmetro (c): a comparação é tida como fórmula vazia na medida em que ao pronunciar a estrutura *so x wie y* (‘tão x como y’) – *so dumm wie Bohnenstroh sein/so dumm wie das hinterste Ende vom Schwein sein/so dumm wie die Nacht finster sein/so dumm wie Stroh sein* – o elemento de comparação (‘*Vergleichselement*’) é irrelevante. Isto porque o contexto lexemático *so + x + wie* por si só suscita no ouvinte a ideia de ‘grau muitíssimo elevado’ (‘*der höchste Grad*’).

Voltemos de novo a nossa atenção para o bloco Ca 1.31. Feita a análise das expressões (6) e (7), aborda-se em seguida as expressões que apresentam uma ligação estreita com a ideia da morte, a saber: as expressões (2) a (5) e a expressão (10). Podemos constatar, em primeiro lugar, que estas expressões apresentam uma estrutura sintagmática homogénea: *wie + {ein Gespenst/eine wandelnde Leiche/ein lebendiger Leichnam/der (leibhaftige) Tod/das Leiden Christi} + aussehen*. Em segundo lugar, interessa analisar o que está na base da interligação entre o sentido literal destas expressões e o

significado idiomático – ‘estar extremamente pálido/sem cor nas faces’. Verificamos, ao considerar o conjunto de constituintes que ocupam a posição *x* no contexto lexemático – *wie* + {*x*} + *aussehen*, que estes assentam no mesmo pressuposto: um cadáver ou um corpo morto apresenta, em oposição a um corpo que transpira vitalidade, um tom lívido, esbranquiçado, descorado. Trata-se, como se vê, de constituintes que se encontram de forma mais ou menos explícita associados à ideia de um ‘corpo morto’: (i) a palavra *Gespent* designa um fantasma que é, por assim dizer, a aparição de uma pessoa morta; (ii) os lexemas *Leiche*, *Leichnam*¹⁴⁵ designam explicitamente um cadáver, um corpo morto; (iii) o substantivo *der Tod* designa ‘a morte’, referindo-se no quadro da expressão *wie der leibhaftige Tod aussehen* à morte que se apresenta em forma de pessoa; (iv) a locução *das Leiden Christi* significa literalmente ‘a Paixão de Cristo’, locução que tomada no contexto lexemático em questão aponta de forma metonímica para o (estado do) Corpo de Jesus Cristo depois da Paixão, isto é, depois do martírio que levou à sua morte. Assim se explica que os constituintes *Gespent*, *Leiche*, *Leichnam*, *der (leibhaftige) Tod* e *das Leiden Christi* se podem substituir entre si na posição *x* do contexto sintagmático *wie x aussehen* e os significados das expressões no plano literal desemboquem todos no mesmo significado idiomático. É com base nestes aspectos que se pode dizer que as expressões (2) a (5) e a expressão (10) são sinónimas e que é possível alargar esta série sinonímica para incluir expressões cujos constituintes susceptíveis de ocupar a posição *x* da cadeia sintagmática *wie x aussehen* designem um corpo morto ou um cadáver. É o caso, por exemplo, da expressão *wie eine wandelnde Mumie aussehen* (‘parecer uma múmia ambulante’): o aspecto pálido e doentio da pessoa faz lembrar uma múmia. Como vemos, estas expressões constituem variações da ideia da morte, em particular, a ideia de um corpo morto ou de um cadáver.

Considerem-se ainda as expressões (1), (8) e (9) do bloco Ca 1.31. Na expressão (1) *wie ausgekotzt aussehen* o constituinte *ausgekotzt* deriva do verbo *kotzen* (‘vomitar’) que designa o processo convulsivo, regra geral, acompanhado de náuseas e salivação, pelo qual uma pessoa num estado de má disposição expelle pela boca substâncias contidas no estômago ou substâncias orgânicas. Como é sabido, uma pessoa que se encontra numa situação destas não tem boa cor, apresentando um aspecto de extrema palidez e de

¹⁴⁵ Observando as locuções *eine wandelnde Leiche* e *ein lebendiger Leichnam*, verificamos que estamos perante expressões personificadas, situação que resulta da tensão que existe entre os substantivos *Leiche* (‘cadáver’) e *Leichnam* (‘cadáver’) marcados pelo traço [- ANIMADO] e os adjectivos *wandelnd* (‘ambulante’) e *lebendig* (‘vivo’) marcados pelo traço [+ ANIMADO].

fraqueza física. Segue-se também que a palidez pode ser comparada com a cor da substância que é expelida. Atente-se, por exemplo, na expressão *uma palidez biliosa*. Parafraseando: a palidez da pessoa faz lembrar a cor amarelada ou esverdeada da biliar. Para terminar esta reflexão sobre a rede de ligações que se estabelece entre o significado do lexema *kotzen* e o significado idiomático da expressão (1) refira-se a intersecção entre o mau aspecto que a substância expelida no acto de vomitar tem e o mau aspecto que uma pessoa extremamente pálida e fisicamente débil apresenta.

A expressão (8), *wie das leibhaftige Elend aussehen*, significa literalmente ‘parecer a dor ou o sofrimento em pessoa’. Quer isto dizer que o indivíduo se encontra num estado de tal forma deplorável que provoca pena, dó, piedade. Daí a expressão (9) *zum Gotterbarmen aussehen* (‘ter um ar que mete dó’). Verifica-se, portanto, que ambas as expressões exprimem a ideia da gravidade do estado da pessoa: ‘de tal forma grave que parece o sofrimento em pessoa’ e ‘de tal forma grave que mete dó’. Voltando a olhar para as considerações tecidas em torno do bloco Ca 1.31, repare-se que, em geral, todas as expressões se deixam parafrasear pela fórmula ‘de tal forma *x* que parece *y*’: de tal forma pálido ou branco que parece cera/cal/gesso; de tal forma desfigurado ou sem vida que parece um cadáver/a morte em pessoa/um desenterrado¹⁴⁶.

Por último, voltemo-nos para as expressões (11) e (12) do bloco Ca 1.31: *wie ein Schatten aussehen* (‘parecer uma sombra’) e *(nur noch) ein Schatten seiner selbst sein* (‘estar/ser uma sombra do que era’). Observe-se antes de mais que ambas as unidades apresentam como constituinte nuclear o lexema *Schatten* (‘sombra’), lexema que inclui na sua esfera de significação um nexo à esfera semântica da morte. Em segundo lugar, note-se que estas expressões diferem uma da outra no que respeita a sua construção sintagmática. Enquanto que a unidade (11) segue a estrutura explicitamente comparativa da maioria das expressões do bloco – *wie x aussehen* –, a unidade (12) não se enquadra neste esquema, nem no esquema das expressões (6) e (7) do mesmo bloco – *bleich/weiß wie x sein/werden*. Ao contrário do que sucede com as restantes expressões do bloco Ca 1.31, a base de comparação em (12) é a pessoa, que se está a descrever, ela própria, isto é, trata-se de uma comparação entre o estado ou a situação de uma pessoa no passado e o seu estado no presente. Decorre do significado da palavra *Schatten* no contexto lexemático *ein + Schatten + seiner + selbst + sein* que entre estes dois estados se dá um

¹⁴⁶ O mesmo poderá dizer-se das expressões do bloco Ac 5.10: ‘de tal forma preto que parece breu/carvão/ébano’.

processo de transformação decadente associado à perda de vigor e vitalidade: a pessoa já não é o que era. Assinalável é também o facto do emprego da expressão (12) não se restringir a um esmorecimento ao nível do aspecto físico da pessoa. Esta expressão pode ser utilizada para descrever que certo indivíduo é uma sombra do que era em relação a determinado aspecto da vida susceptível de sofrer uma perda, por exemplo, de qualidade: uma pessoa já não é o que era em termos da sua capacidade de rendimento/do seu poder de persuasão/do seu espírito de observação/do seu sentido prático. Dadas as diferenças sintáctico-semânticas que a expressão (12) apresenta em relação às restantes unidades do bloco Ca 1.31, parece poder afirmar-se que esta expressão não encaixa neste grupo de sinónimos.

À luz do que foi exposto na secção relacionada com o bloco Ca 1.31, é possível concluir que, independentemente das diferenças ao nível do registo e da frequência de uso, as expressões (1) a (11) exprimem a mesma ideia no plano idiomático: a ideia de extrema palidez. A relação de sinonímia entre estas expressões deve-se aos seguintes factores: (i) as unidades assentam em duas estruturas sintagmáticas fixas, nomeadamente *wie x aussehen* e *bleich/weiß wie x sein/werden*; estas estruturas funcionam como ‘molde’ a partir do qual é possível criar outras expressões; (ii) os lexemas que ocupam a posição *x* nas estruturas formam um paradigma, fenómeno que pode ser assim esquematizado:

<i>bleich/weiß</i>	<i>wie</i>	<i>x</i>	<i>sein/werden</i>
		<i>ein Leinentuch</i>	
		<i>Wachs</i>	
		<i>Kalk</i>	
		<i>Kreide</i>	
	<i>wie</i>	<i>x</i>	<i>aussehen</i>
		<i>ausgekotzt</i>	
		<i>ein Gespenst</i>	
		<i>ein lebendiger Leichnam</i>	
		<i>der (leibhaftige) Tod</i>	
		<i>das leibhaftige Elend</i>	
		<i>das Leiden Christi</i>	
		<i>ein Schatten</i>	

Em primeiro lugar, esta fixidez paradigmática está ligada às semelhanças que se verificam no que toca aos objectos de comparação (*Vergleichsobjekte*) das várias unidades, nomeadamente no que diz respeito às características que estes objectos apresentam na realidade. Como tal, a comparação de natureza realista contribui para a

formação de expressões sinónimas. Em segundo lugar, refira-se o simbolismo de alguns dos constituintes que ocupam a posição *x* das estruturas acima: o simbolismo bíblico dos elementos *Leinentuch* e *das Leiden Christi* e a sua ligação com a oposição semântica ‘vida – morte’. O símbolo traduz a ideia de ‘grau mais elevado possível’ de característica em causa, isto é, de palidez: a morte (*der Tod*) representa o grau mais elevado possível de palidez. Em terceiro lugar, a inserção nas estruturas acima de elementos que apresentam como denominador comum a ideia da morte. Por outras palavras, está-se perante variações da ideia da morte.

3.4. O CONCEITO DE ‘*PATH*’/‘CAMINHO’

O conceito de ‘*path*’ (‘caminho’) assume um valor fundamental no seio da linguística cognitiva. Nesta perspectiva, este conceito é concebido como ‘*concept we live by*’¹⁴⁷, quer dizer, um conceito que desempenha um papel primário e essencial no nosso sistema conceptual. Tomando como ponto de partida a caracterização do esquema inerente ao conceito de ‘*path*’ feita por Lakoff na obra *Women, Fire, and Dangerous Things* (1987), proponho-me, numa primeira fase, identificar e esclarecer os pressupostos orientadores da linguística cognitiva considerados pertinentes para o estudo da sinonímia, especificamente no âmbito da idiomática. Subjacente a esta análise está a procura das razões pelas quais faz sentido abordar o conceito de ‘*path*’. Numa segunda fase, ocupar-me-ei do alcance do conceito de ‘*path*’ no domínio da idiomática da língua alemã e do *modus operandi* deste conceito no que concerne a constituição de expressões sinónimas.

Como referi atrás, parece-me adequado iniciar esta reflexão sobre o conceito de ‘*path*’ com a seguinte explicação de Lakoff (1987: 278):

1. The SOURCE-PATH-GOAL schema is one of the most common structures that emerges from our constant bodily functioning. This schema has all the qualifications a schema should have to serve as the source domain of a metaphor. It is (a) pervasive in experience, (b) well-understood because it is pervasive, (c) well-structured, (d) simply structured, and (e) emergent and well-demarcated for

¹⁴⁷ Utilizo a expressão ‘*concept we live by*’ em analogia à obra de Lakoff & Johnson, *Metaphors We Live By* (1980), e ao primeiro capítulo desta mesma obra, intitulado “*Concepts We Live By*”. A justaposição do título da obra e do título do primeiro capítulo deixa entrever a articulação existente entre a formação de conceitos e o processo metafórico.

these reasons. In fact, characteristics *a-d* provide some criteria for what it means for a structure to “emerge” naturally as a consequence of our experience.

2. There is an experiential correlation between the source domain (movement along a path to a physical location) and the target domain (achievement of a purpose). This correlation makes the mapping from the source to the target domain natural.
3. The cross-domain correlations in the experiential pairing (for example, desired state with final location) determine the details of the metaphorical mapping (for example, desired state maps onto final location).

O primeiro ponto revela que o conceito de ‘path’ integra um esquema conceptual complexo no qual interagem outros dois conceitos, designadamente os conceitos de ‘source’ (fonte, ponto de partida) e ‘goal’ (meta). Um exemplo simples permitir-nos-á compreender a correlação existente entre os conceitos *source – path – goal* (ponto de partida – caminho/trajecto/percurso - meta). Se pensarmos nas fases que compõem uma maratona, prova de atletismo de longa distância, verificamos que esta é composta por três fases: (i) o ponto de partida; (ii) o trajecto ou caminho a percorrer; (iii) a meta, local exacto onde termina a corrida. A concatenação destas fases é essencial para o entendimento do que é uma maratona. Por outras palavras, excluir uma destas fases, terá como consequência a desestruturação do todo. Este facto permite-nos inferir que o esquema *source – path – goal* (ponto de partida – caminho/trajecto/percurso - meta) funciona como *Gestalt*. O termo *Gestalt* refere-se aqui a “ways of organizing experiences into structured wholes” (Lakoff & Johnson, 1980: 81). É preciso ter presente que o esquema aqui em causa serve de alicerce ao nosso entendimento das competições desportivas de uma forma geral: à semelhança do que se verifica em relação às provas de atletismo, também as provas de outras categorias desportivas, tais como corridas equestres, provas de ciclismo, natação, automobilismo, vela, entre outras, pressupõem um ponto de partida, um determinado percurso e uma meta a alcançar. Estas observações sugerem que o esquema composto pelos conceitos ‘ponto de partida – percurso – meta’ decorre do conhecimento que possuímos dos eventos acima referidos. Daí dizer-se que este esquema constitui um “experiential gestalt”, *gestalt* que Lakoff & Johnson definem como sendo “*experientially basic* because they characterize structured wholes within recurrent human experiences. They represent coherent organizations of our experiences in terms of natural dimensions (parts, stages, causes, etc.)” (1980: 117). Com base nesta formulação, convém ainda acrescentar que o esquema conceptual

‘ponto de partida – percurso – meta’ é, como terei oportunidade de demonstrar mais adiante, um esquema recorrente em vários domínios da experiência humana.

Examinando agora o segundo ponto da caracterização do esquema ‘ponto de partida – percurso – meta’ fornecida por Lakoff, comecemos por fazer algumas considerações sobre o modo de funcionamento deste esquema no processo de conceptualização, processo que, sob o ponto de vista da perspectiva cognitiva, assenta na capacidade humana para projectar “metaphorically from structures in the physical domain to structures in abstract domains” (Lakoff, 1987: 281). Surge aqui de forma inequívoca a existência de uma correlação íntima entre o processo de conceptualização e o mecanismo da metáfora. Tratemos de exemplificar o que está aqui em causa. Voltando ao exemplo da prova de atletismo, identifiquemos algumas situações e circunstâncias que estão ligadas às etapas ‘(i) ponto de partida – (ii) percurso – (iii) meta’:

- (i) Uma corrida começa bem para um atleta que efectue uma partida lançada, ganhando vantagem sobre os restantes participantes. Como tal, este passo constitui meio caminho andado para o atleta vencer a prova. Por outras palavras, ele está no bom caminho para atingir o objectivo de cortar a meta em primeiro lugar. Em oposição, considera-se que um atleta que parte em último lugar e que fica atrás dos outros concorrentes começa mal a corrida. Um atleta que inicia uma corrida antes do sinal de partida, isto é, fora do momento preciso, efectua uma partida em falso, o que tem como consequência a repetição do acto de início de partida.
- (ii) Ao pensarmos no caminho a percorrer desde a linha de partida até à linha da meta, verifica-se que no início do percurso o atleta ainda está longe da meta, isto é, ainda tem um longo caminho a percorrer até chegar à meta; ao aproximar-se da meta, ele está, em comparação com o ponto inicial, mais perto da meta e, conseqüentemente, mais perto de atingir o objectivo final. Uma deficiente preparação física poderá obrigar o corredor a ficar pelo caminho: a desistir a meio do percurso ou a pouca distância da meta. Neste último caso, o concorrente esteve perto de atingir a meta, mas ao mesmo tempo esteve longe porque no fim de contas não conseguiu chegar a cortar a meta. Uma vez que o trajecto a percorrer é um caminho previamente determinado, um corredor que se afaste do caminho que vai dar à meta, quer dizer, saia da linha traçada e siga um caminho errado, sofrerá sanções, entre outras a desqualificação da prova. As condições e as características do caminho podem dificultar a concretização do objectivo. Por exemplo, um

caminho sinuoso, irregular, um terreno com elevações e depressões, isto é, com altos e baixos pode constituir obstáculo para a realização de uma boa prova.

- (iii) Cortar a meta constitui o objectivo final de todos os que arrancaram da linha de partida: é o fim que se tem em vista.

Convirá registar que existem outras experiências da vida humana que assentam nos conceitos de ‘ponto de partida’, ‘caminho’ e ‘meta’. Sirva de exemplo a experiência de fazer uma viagem. Uma viagem implica um local de partida, um caminho ou uma distância a percorrer e um lugar de destino. Há vários ‘caminhos’ que podem ser tomados para chegar ao mesmo destino: por um lado, caminhos que se fazem sem grande esforço, por outro, caminhos que exigem mais esforço ou que se fazem com mais dificuldade; caminhos que implicam menos tempo de viagem e/ou menos distância entre o ponto de partida e o ponto de chegada (= tomar o caminho mais rápido e/ou mais curto) em oposição a caminhos que implicam mais tempo de deslocação; caminhos já conhecidos em oposição a caminhos desconhecidos (= conhecer novos caminhos)¹⁴⁸.

Identificadas algumas situações e experiências concretas que se enquadram no complexo conceptual *source – path – goal* (ponto de partida – caminho/trajecto/percurso - meta), consideremos, agora, as seguintes expressões idiomáticas retiradas do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten*:

- (1) (a) *auf dem besten Weg sein, etw. zu tun/werden/erreichen/...* – ‘estar/ir no melhor caminho para fazer’
- (2) (a) *den Startschuß (zu etw.) geben* – ‘dar o sinal de partida’
- (3) (a) *nicht vom rechten/(geraden) Weg(e) weichen* – ‘não se desviar do bom caminho’
(b) *auf dem richtigen/rechten Weg sein* – ‘ir por/estar no bom caminho’
(c) *auf dem falschen/verkehrten Weg sein* – ‘ir por mau caminho/estar no caminho errado’
- (4) (a) *etw. ist ein dorniger/steiniger/... Weg* – ‘qc é um caminho espinhoso/árduo’
- (5) (a) *den Anschluß verpassen* – ‘perder o comboio’
(b) *auf halbem Weg stecken bleiben (mit etw.)* – ‘ficar a meio (do caminho)’

¹⁴⁸ Um viajante que envereda por caminhos desconhecidos corre o risco de se perder ou de se enganar no caminho, isto é, de seguir o rumo errado. Encontrando-se numa situação destas, ele pode (i) continuar nesse caminho e verificar que é um caminho que não tem saída, não vai dar a lado nenhum; (ii) continuar nesse caminho e constatar que é um caminho que vai dar ao mesmo, melhor dizendo, vai dar ao mesmo lugar de destino do caminho inicial; (iii) procurar virar para trás, mudar de direcção, na tentativa de encontrar o caminho ou rumo certo.

Antes de mais, importa contextualizar as expressões acima na estrutura dos campos semânticos desenvolvida por Schemann. As expressões dos grupos (1) e (2) integram os campos semânticos Aa 6 – *Entwicklung* (‘desenvolvimento’) – e Aa 7 – *initiiieren* (‘começar/iniciar’), respectivamente. O grupo (3) contém expressões de dois campos semânticos subordinados ao arquilexema *moralisches Erscheinungsbild* (‘a natureza moral do homem/o sentido moral’): Cc 5 – *Pflichtbewußtsein, Vorbild* (‘sentido de dever moral, ser um exemplo’) e Cc 6 – *schlechte Gesellschaft, Abwege* (‘más companhias, perder-se, seguir mau caminho’). A expressão do grupo (4) insere-se no campo semântico De 20 – *schwer* (‘difícil/custoso/duro/árduo’); por último, as expressões do grupo (5) fazem parte do campo semântico De 25 – *Mißerfolg* (‘insucesso’)¹⁴⁹. Verificamos, ao observar as expressões dos grupos (1) a (5) e a descrição das circunstâncias e situações que caracterizam e podem surgir no âmbito de uma viagem e de uma prova de atletismo, que parece existir uma correlação entre a experiência concreta e a expressão ou manifestação dessa experiência em domínios abstractos do conhecimento humano. Um atleta que fique pelo caminho, que desista a meio do caminho, não alcança o objectivo de cortar a meta. Em suma: o atleta não teve êxito, fracassou. Ao utilizar a expressão (5b), *auf halbem Weg steckenbleiben*, para comentar a decisão dos responsáveis por determinado projecto em não prosseguir o plano que estava em curso para atingir objectivos definidos no início do

¹⁴⁹ Para além dos campos semânticos do *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten* aqui referidos, o conceito de ‘path’ em articulação com os conceitos de ‘ponto de partida’ e ‘meta’ também está presente nos seguintes campos semânticos:

- Ab *Raum* (espaço): Ab 1.33 *noch einen langen/weiten Weg vor sich haben (bis...)*;
- Bc *gesund - krank* (são - doente): Bc 1.11 *auf dem Weg der Besserung/Heilung/Gesundung/...sein*;
- Cd *geistiges Erscheinungsbild* (a natureza intelectual do homem): Cd 20.11 *etw. auf schriftlichem Weg lösen/regeln/...*
- Db *denken, meinen* (pensar, crer):;
- Dd *handeln* (agir): Dd 5.19 *einen anderen/... (über einen anderen/...) Weg gehen*;
- Ea *Umgang* (relacionamento): Ea 10.6 *jm./e-r S. aus dem Weg gehen*;
- Ed *Liebe* (amor): Ed 4.9 *unsere/ihre/... Wege trennen sich*;
- Fa *Einfluß, Macht, Druck* (influência, poder, pressão): Fa 21.11 *jm. bleibt kein anderer Weg (offen), als etw. zu tun*;
- Ga *Fertigwerden in schwerer Lage* (enfrentar situações difíceis): Ga 6.27 *einen Weg finden (müssen) (um/wie...)*;
- Gc *Kampf und Streit* (luta e disputa): Gc 4.78 *jm. den Weg abschneiden*;
- Ha *Gewicht, Bedeutung, Wert, Sinn* (importância, significado, valor, sentido): Ha 9.9 *an etw. führt kein Weg vorbei*;
- Hb *Vor- und Nachteil* (vantagem e desvantagem): Hb 3.4 *für etw./e-r S.) den Weg bahnen*;
- Ie *Bezug - Beziehung* (referência - relação): Ie 1.7 *auf direktem/indirektem/gütlichem/diplomatischen/... Weg erledigen/...*;
- If *gleich - verschieden* (igual - diferente): If 6.4 *einen neuartigen/ungewöhnlichen/seltsamen/... Weg beschreiten*
- Ii *möglich - unmöglich* (possível/exequível – impossível/inviável): Ii 2.1 *dieser/... Weg ist für ihn/Helga/... nicht gangbar*

Esta exemplificação da abrangência do conceito ‘path’ no domínio da idiomática alemã vem corroborar a ideia defendida pela teoria cognitiva da metáfora de que o conceito de ‘path’ constitui um princípio orientador na forma como percebemos, entendemos e damos voz às mais variadas situações e experiências do nosso dia-a-dia.

empreendimento, estamos a recorrer ao esquema do *path* acima exposto: ponto de partida (projecto que tem um plano ou esquema para atingir metas específicas) – caminho (pôr em prática o plano) – meta (resultados). Neste caso, as propostas iniciais ficaram pelo caminho ou a meio do caminho. Como tal, o esquema *source – path – goal* (ponto de partida – caminho/trajecto/percurso - meta) que assenta na nossa experiência real e concreta funciona como pano de fundo ou motivação para o entendimento e concepção da ideia de ‘insucesso’ no plano abstracto de significação. Em conformidade com a perspectiva cognitiva estamos perante um processo de transposição de elementos do domínio fonte para o domínio alvo. Uma vez que não é fácil definir o que se entende por ‘insucesso’, “we typically conceptualize the nonphysical *in terms of* the physical – that is, we conceptualize the less clearly delineated in terms of the more clearly delineated” (Lakoff & Johnson, 1980: 59). À luz das considerações tecidas, a metáfora enquanto mecanismo que envolve “understanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (*ibidem*: 5) é eminentemente conceptual. Com efeito, este modelo cognitivo constitui uma teoria explicativa e justificativa de um certo tipo de processo metafórico, designadamente um processo entre conceitos: o conceito do domínio fonte, conceito enraizado que se funda na nossa interacção com o mundo, e o conceito do domínio alvo. Não obstante a relevância desta concepção metafórica para a própria estrutura da língua, trata-se, no meu entender, de uma abordagem que carece de capacidade explicativa em relação a outros factores inalienáveis que podem influir no processo metafórico. Do ponto de vista que nos interessa, o processo metafórico é muito mais complexo. A investigação que aqui empreendo sobre a sinonímia no domínio das expressões idiomáticas centra-se no significado das expressões, quadro de análise que, como já foi possível verificar e como veremos nas observações que seguem, permite identificar e dilucidar determinados fenómenos que servem de suporte ao processo metafórico.

A secção que segue ocupa-se da descrição dos factores constitutivos da sinonímia no contexto das expressões idiomáticas alemãs cujo significado se baseia nas ideias atrás expostas a propósito do conceito de ‘*path*’. Para encontrar os blocos sinonímicos adequados ao nosso estudo, procedeu-se ao levantamento das expressões idiomáticas que apresentam na sua constituição o lexema nuclear ‘*Weg*’ (‘caminho’), unidade lexical equivalente ao lexema inglês ‘*path*’, seguido de uma análise dessas expressões

com o objectivo de por de lado as unidades que, embora apresentem a palavra nuclear ‘Weg’, não exprimem o conceito de ‘path’.

Consideremos em primeiro lugar o bloco sinonímico Cc 6.39, subordinado ao arquilexema *schlechte Gesellschaft, Abwege* (‘más companhias, perder-se, seguir mau caminho’). A decisão de começar com este grupo de sinónimos deve-se ao facto de ser possível, através da sua contextualização no conjunto dos blocos do campo semântico Cc 6 que realizam a ideia de ‘path’, esquematizar aspectos essenciais da correspondência entre o conceito de ‘path’ e o significado das expressões em questão. Veja-se as unidades do bloco sinonímico Cc 6.39 e os blocos contíguos:

- Cc 6.4**
- 1 vom rechten/(geraden) **Weg** abweichen/(weichen)
 - 2 vom **Weg** der Pflicht/des Gesetzes/der Moral/... abkommen/abweichen
 - 3 vom (rechten) **Weg** abkommen
 - 4 vom rechten **Pfad** abkommen

- Cc 6.5**
- 1 vom **Pfad** der Tugend abweichen
 - 2 den **Pfad** der Tugend verlassen

- Cc 6.7**
- 1 aufs falsche **Gleis** geraten

- Cc 6.6**
- 1 aus der **Bahn** geraten
 - 2 (ganz/...) aus dem **Gleis/Geleise** geraten/kommen

- Cc 6.8**
- 1 auf **Abwege** geraten
 - 2 auf die schiefe/(abschüssige) **Ebene** geraten/(kommen)
 - 3 auf die schiefe/(abschüssige) **Bahn** geraten

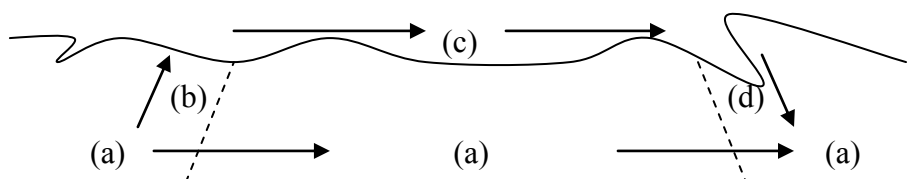
- Cc 6.10**
- 1 auf dem falschen/verkehrten/... **Weg** sein

- Cc 6.12**
- 1 krumme **Wege** einschlagen
 - 2 krumme **Wege** gehen
 - 3 verbotene **Wege** gehen
 - 4 auf krummen **Pfaden** wandeln

- Cc 6.13**
- 1 auf der schiefen **Bahn** sein

- Cc 6.39**
- 1 jn. auf den rechten/(richtigen) **Weg** bringen
 - 2 jn. auf die richtige/(rechte) **Bahn** bringen
 - 3 jn. auf den rechten **Pfad** zurückführen
 - 4 jn./etw. auf **Vordermann** bringen
 - 5 jn. (wieder) ins **Gleichgewicht** bringen

Diagramaticamente, pode-se representar assim a articulação entre os significados dos blocos de expressões acima:



Em primeiro lugar, as expressões do bloco Cc 6.4 assentam no pressuposto de que existe um caminho rectilíneo, a linha recta representada na figura acima pela letra (a), caminho em relação ao qual nos podemos desviar. O desvio implica necessariamente o afastamento (*des-*) de uma dada via (*-vio*): sair do caminho (a) é sair do caminho que vai a direito. Este pressuposto orientador encontra-se de forma clara nas expressões (1), (3) e (4) do bloco em análise. Onde reside a diferença entre estas expressões e a expressão (2) do mesmo grupo? Responder a esta questão implica, entre outros aspectos, abordar a oposição concreto – abstracto. Como é visível pelo significado literal das unidades (1), (3) e (4), trata-se de expressões que fora do contexto do campo semântico exprimem um caminho concreto. Por sua vez, a unidade (2), refere-se explicitamente a um caminho abstracto, isto é, ao caminho da vida (*‘der Lebensweg’*). Se desenvolvermos esta ideia da ligação entre as unidades (1), (3), (4) e a unidade (2) baseada na oposição entre ‘caminho concreto’ e ‘caminho abstracto’, diremos que estamos na presença de um processo de transposição metafórica de ordem classemática, uma vez que passar das expressões (1), (3), (4) para a expressão (2) implica uma deslocação da classe [+ CONCRETO] (caminho real) para a classe [+ ABSTRACTO] (caminho abstracto). A expressão (2) exemplifica vários ‘caminhos abstractos’, designadamente o caminho da virtude, o caminho da lei e o caminho do dever. Cada um destes ‘caminhos’ constitui uma parte da esfera ‘caminho abstracto’. Assim visto, para além do processo metafórico acima referido, estamos na presença da sinédoque exemplificativa. Analisando mais de perto este processo, impõe-se reconhecer o papel que a ideia geométrica de uma linha recta (horizontal ou vertical) desempenha na relação que se estabelece entre o caminho que é recto e direito, e a conduta moral. Seguir a direcção da linha recta é, na nossa sociedade, entendido como algo que é conforme à norma, às regras da ética, à razão. Esta ideia também está patente no bloco Cc 6.39, de forma explícita nas expressões (1) a (3) e de forma implícita nas expressões (4) e (5). Se partirmos do princípio que existe um caminho recto com as associações acima expostas, torna-se viável estabelecer uma relação de oposição entre uma linha recta/caminho recto (*‘gerader Weg’*) e uma linha curva ou torta/caminho torto (*‘krummer Weg’*) e, por analogia, uma relação de oposição entre o ‘caminho certo’ e o ‘caminho errado’. A análise aqui efectuada pretende mostrar que a rede de relações de semelhança que estrutura o campo semântico Cc 6, em geral, e os blocos de expressões acima citados, em particular, move-se em torno dessas oposições:

- (i) o adjectivo ‘*gerade*’ (Cc 6.4) em oposição aos adjectivos ‘*krumm*’ (Cc 6.12) e ‘*schief*’ (Cc 6.8, Cc 6.13);
- (ii) os adjectivos ‘*recht*’ e ‘*richtig*’ (Cc 6.4, Cc 6.39) em oposição aos adjectivos ‘*falsch*’ e ‘*verkehrt*’ (Cc 6.7, Cc 6.10).

Cabe aqui fazer algumas considerações relativamente aos significados dos adjectivos ‘*krumm*’ e ‘*schief*’. Tomando como ponto de partida a ideia da linha recta no contexto deste campo semântico, isto é, a linha recta que designa o caminho moralmente correcto, parece ser possível afirmar que as locuções ‘*krummer Weg*’ e ‘*schiefe(r) Weg/Bahn/Ebene*’ convergem em direcção à mesma ideia, designadamente a ideia de um caminho sinuoso. Como vemos, os adjectivos em questão baseiam-se em configurações geométricas diferentes: o adjectivo ‘*krumm*’ na locução ‘*krummer Weg*’ sugere um caminho curvilíneo; já o adjectivo ‘*schief*’ na locução ‘*schiefe(r) Weg/Bahn/Ebene*’ evoca a ideia de um caminho em diagonal e, à semelhança do lexema ‘*abschüssig*’ na expressão *auf die abschüssige Ebene/Bahn geraten*, a noção de um caminho em declive, isto é, de uma inclinação que é perspectivada de cima para baixo. Este traço ligado ao movimento descendente em direcção ao solo constitui o pressuposto semântico que imprime às expressões (2) e (3) do bloco Cc 6.8 e à expressão do bloco Cc 6.13 a ideia de um mau desfecho. Observe-se que a expressão (1) do bloco Cc 6.8, *auf Abwege geraten*, não partilha com as expressões (2) e (3) do mesmo bloco o elemento de natureza geométrica e respectivas associações. O prefixo *ab-* no substantivo *Abwege* é portador do sentido ‘*weg/entfernt*’ (‘afastamento, distanciamento, desvio’). Este significado derivado do prefixo *ab-* é actualizado nos verbos *abweichen* e *abkommen*, constituintes das expressões dos blocos Cc 6.4 e Cc 6.5.

O que a seguir se irá abordar de forma simplificada é o papel que os verbos das expressões acima desempenham na estruturação do campo semântico Cc 6 e dos blocos sinonímicos aqui citados. Vejamos, em primeiro lugar, as expressões dos grupos Cc 6.4 e Cc 6.5. Os significados dos verbos *abweichen*, *abkommen*, verbos que regem um sintagma preposicional, *von etw. abweichen/abkommen* (‘afastar-se de algo’), e o verbo *verlassen*, verbo que rege um argumento no acusativo, *etw. verlassen* (‘deixar algo’), assentam na pressuposição de que o acto de afastamento ou distanciamento sucede a partir de um plano, uma linha, um caminho que existe, está definido ou está a ser percorrido. No que diz respeito às expressões dos blocos Cc 6.7 e 6.8, verifica-se que a

combinação da preposição *auf* e dos verbos *geraten* ou *kommen* no contexto lexemático acima sugere que a pessoa implicada ‘vai ter’ ao mau caminho de forma fortuita. Consideremos, agora, os verbos do grupo Cc 6.12. O significado do verbo *einschlagen* na expressão (1), *krumme Wege einschlagen* – ‘seguir/ir por/trilhar caminhos duvidosos/escuros’ – deixa transparecer uma certa ligação semântica com o emprego deste vocábulo no contexto histórico no qual se procedia ao abate de árvores com o fim de entrar numa terra selvagem e explorá-la (Röhrich, 1991, vol. 3: 1703; palavra-chave *Weg*): *einen Weg einschlagen*. Assim, o acto de deitar abaixo as árvores (*niederschlagen*) abria um novo caminho que tornava possível a entrada no terreno (prefixo *ein-*), isto é, o movimento para dentro do terreno. Além disso, importa referir que essa operação de desbravamento era realizada com uma intenção definida. De facto, retomando a observação da expressão idiomática em análise, reconhecemos que existe uma dada motivação semântica entre o significado do verbo *einschlagen* no contexto que acabo de delinear, contexto que pode ser definido como sendo ‘*konkret-anschaulich*’¹⁵⁰, e o seu comportamento no contexto da expressão idiomática *krumme Wege einschlagen*. Vejamos os elementos do contexto ou situação original que se fazem sentir no significado da expressão idiomática: (i) a ideia de ‘entrar em’ determinado caminho; (ii) a ideia de um agir intencional e racional, isto é, um agir segundo critérios de escolha e decisão. Pensemos agora nas restantes expressões do bloco Cc 6.12. Nas construções (2) e (3) está bem patente a intervenção do significado do verbo *gehen* enquanto ‘ideia’ de movimento (*Idee’ der Bewegung*): o significado do verbo *gehen* é simultaneamente de carácter concreto e abstracto¹⁵¹. Quanto à expressão (4), vemos que existe uma relação entre o significado da expressão idiomática e o significado livre do verbo *wandeln* – ‘andar, caminhar’. É oportuno, neste ponto, constatar que estamos perante expressões idiomáticas cujos significados deixam transparecer aspectos semânticos ligados aos significados livres dos verbos que integram a sua constituição.

¹⁵⁰ Este significado do verbo *einschlagen* ainda é perceptível no significado das seguintes expressões: *neue Wege einschlagen* (‘enveredar por outro caminho’), *andere Methoden einschlagen* (‘(ter que) recorrer a/adaptar/empregar/utilizar outros métodos’); *einen Mittelweg einschlagen* (‘optar por/escolher o meio termo’); *den Rechtsweg einschlagen* (‘recorrer aos tribunais’); *seinen/einen eigenen Weg einschlagen* (‘seguir o seu próprio caminho’).

¹⁵¹ Cf. a seguinte citação de Schemann (2005: 72-73): “Nehmen wir als Beispiel das deutsche Verb ‘gehen’ und seine verschiedenen Bedeutungen. – Indem ich ‘im Gehen’ einmal das ‘Gehen eines Menschen’, ein anderes Mal ‘das Gehen einer Maschine’, wieder ein anderes Mal das ‘Gehen von Verhandlungen’ u.a.m. ‘sehe’ – und schließlich auf einer Ebene ‘schaue’, auf der mir gleichsam *alle möglichen* Geh-vorgänge als ‘Varianten’ des *einen* Gehens (mehr oder weniger) deutlich ‘vor Augen stehen’ – wobei ich (im Prinzip) an allen Realisierungen des Gehens ansetzen kann –, habe ich nicht mehr ein konkretes Geh-Bild, nicht mehr ein an eine einzelsprachliche Bedeutung von *gehen* gebundenes Bild ‘im Blick’ – oder ‘im Gefühl’ –, sondern bewege mich – je durchlässiger, *transparenter*, das Bild wird, um so mehr – auf einer vor- oder übersprachlichen Ebene, die in eine (d.h. *irgendeine*) Einzelsprache (soll es zu einer sprachlich-begrifflichen Äußerung kommen) zu *überführen* ist –: *auf der Ebene der Ideen*”.

Esses aspectos semânticos constituem factores de diferenciação entre expressões tidas como sinónimas. Chegamos assim às expressões dos blocos Cc 6.10 e Cc 6.13. A combinação da preposição *auf* e o verbo *sein* não exprime, ao contrário do que acontece nos exemplos atrás apresentados, a transição ou a passagem do bom caminho para o mau caminho ou vice-versa. Voltando a olhar para o esquema acima, pode dizer-se que este sistematiza a articulação entre os significados dos blocos de expressões sinónimas, articulação que depende, entre outros aspectos, do significado dos verbos que integram as respectivas expressões: (a) estar no bom caminho – seguir o bom caminho; (b) sair do bom caminho – desviar-se/afastar-se do bom caminho; (b → c) ir ter ao mau caminho – enveredar/ir por maus caminhos – estar no mau caminho – andar por maus caminhos; (d) sair do mau caminho – deixar o mau caminho; (d → a) voltar ao bom caminho.

3.5. EXPRESSÕES VINCULADAS A ACTOS DE FALA ESPECÍFICOS (*SPRECHAKTRESTRINGIERTE IDIOMS*)

No primeiro capítulo deste estudo procurei delimitar e caracterizar a actuação dos actos de fala no plano da idiomática, tendo demonstrado a centralidade das unidades idiomáticas que realizam e, conseqüentemente, se encontram ‘presas’ a actos de fala específicos (*sprechaktrestringierte Idioms*). Nesta secção tratar-se-á a problemática da sinonímia a partir da análise do conjunto de parâmetros responsáveis pelo vínculo exclusivo de determinadas expressões idiomáticas a actos de fala específicos. Deve-se, para o efeito, não perder de vista, por um lado, as restrições inerentes às expressões idiomáticas e, por outro, os princípios que intervêm no funcionamento dos actos de fala. Como tal, recorro à seguinte citação de Schemann, passagem que fornece uma explicação dos planos linguísticos e de significação que entram em jogo na análise de expressões idiomáticas subordinadas a actos de fala específicos:

“die *Semantik der Äußerung* ist natürlich eine der Grundlagen, damit die Illokution überhaupt funktionieren kann („Vehikel“); doch bildet die *Illokutionsebene eine eigene Ebene, und die Illokutionsbedeutung fußt keineswegs stringent auf der semantischen Bedeutung eines Lexems, einer Lexemverbindung, eines Satzes, einer Äußerung*. Schon deswegen nicht, weil die Illokution nicht nur eine Variable der Proposition ist, sondern auch der übrigen Faktoren oder Ebenen des Kontexts” (Schemann, 2003: 91).

Schemann chama a atenção para a relação que se estabelece entre o significado literal de um lexema ou uma expressão e o significado do lexema ou da expressão enquanto acto de fala. Trata-se da relação entre dois planos de significação: o plano do que se diz (*das Gesagte*) e o plano do que se quer dizer (*das Gemeinte*). Schemann observa a este respeito que “von dem Zeichen als Gesagtem, zu dem mit ihm Gemeinten gibt es einen Sprung” (2003). Tendo em conta o papel decisivo do ‘salto’ (*Sprung*) que se verifica entre os planos de significação de uma mesma locução, há que reconhecer a necessidade de abordar o funcionamento e a natureza deste fenómeno no âmbito do presente estudo. Resta-me, para concluir esta nota preliminar, fazer referência ao plano da pragmática. O facto dos actos de fala constituírem fenómenos pragmáticos por excelência deixa já entrever o contributo dos factores de ordem pragmática, nomeadamente as pressuposições pragmáticas que condicionam a realização de determinado acto de fala, no esclarecimento do funcionamento da sinonímia no seio de expressões idiomáticas que apresentam como denominador comum o facto de exprimirem o mesmo acto de fala.

Vamos começar por examinar as expressões reunidas no bloco sinonímico Aa 7.32, bloco subordinado ao arquilexema *initiieren* (‘começar/iniciar’):

Aa 7.32			
1	jetzt/heute/... geht’s ans Arbeiten/...	10	na, denn mal/(man) zu!
2	(nun/nun mal) los!	11	(na,) denn man tau!
3	ab geht die Post!	12	packen wir’s an!
4	auf geht’s!	13	ran an die Gewehre!
5	los , (ab/weg/heraus/heraus mit der Sprache/...)!	14	(dann/mal) auf ins Gefecht!
6	(los) ran!	15	(dann/mal) ran an den Feind!
7	Hand ans Werk!	16	auf ins Getümmel!
8	frisch ans Werk!	17	ran an die Bulletten!
9	na, dann wollen wir mal!	18	ran an den Speck!

Procurando explicar a relação de dependência que parece existir entre as expressões acima e o acto de fala que realizam, parece ser possível afirmar o seguinte:

- (i) Não obstante o carácter estruturalmente heterogéneo das expressões que integram este bloco sinonímico, todas elas realizam o mesmo acto de fala, isto é, realizam uma directiva¹⁵² ou uma ‘ordem’ ao alocutário para executar, iniciar ou dar

¹⁵² Proponho a utilização do termo ‘directivo’ para designar os actos de fala que realizam o que em alemão se designa por ‘*Aufforderung*’.

andamento a qualquer tarefa ou actividade: é uma ‘ordem’ ao alocutário para agir, para se mexer.

- (ii) Da tentativa de alteração destas expressões no plano formal resultam unidades gramaticalmente inaceitáveis ou unidades que deixam de estar vinculadas ao acto de fala realizado pela expressão de partida. Repare-se nos seguintes exemplos e nas respectivas tentativas de transformação:

- (4) Auf geht’s!
(a) Es geht auf.
Na, dann wollen wir mal!
- (9) (a) Na, dann will ich mal!
(b) * Na, dann wollten wir mal!

As expressões de partida *Na, dann wollen wir mal!* e *Packen wir’s an!* assentam nos pressupostos pragmáticos de que o falante (i) se dirige a pelo menos um alocutário e (ii) ao utilizar o pronome pessoal da primeira pessoa do plural ‘*wir*’ (‘nós’) inclui-se a si próprio no colectivo de pessoas que terá de agir e pôr mãos à obra. A substituição da forma *wir* pelo pronome pessoal da primeira pessoa do singular *ich* no exemplo (9a) viola os pressupostos acima referidos. Como se vê, os actos de fala encontram-se ‘presos’ (‘*gebunden*’) a referências espacio-temporais, interpessoais e sociais particulares, ou seja, a restrições pragmáticas que limitam as transformações que podem ser efectuadas. No caso da expressão (4a), a alteração da ordem sintáctica dos constituintes da expressão de partida no imperativo tem como consequência a criação de uma estrutura do tipo declarativo, que apesar de ser gramaticalmente bem formada, não realiza o acto de fala da expressão de partida. Convém porém notar que há casos em que construções de tipo declarativo ou afirmativo realizam actos de fala directivos. Veja-se o exemplo (1) do bloco sinonímico Aa 7.32: *Jetzt/heute/... geht’s ans Arbeiten/...* Outro processo de transformação a ter em conta quando se trata de analisar a ligação necessária entre determinada expressão e um acto de fala específico diz respeito à modificação do tempo do núcleo verbal da expressão (*vd.* exemplo (9b)).

Avaliando pelas restrições morfo-sintácticas e pragmáticas às quais as expressões do bloco sinonímico Aa 7.32 estão sujeitas, parece ser possível concluir que estas expressões, compostas por uma combinatória fixa de elementos, estão ‘presas’ ao

acto de fala em questão e vice-versa. Por outras palavras, as expressões acima são fórmulas fixas que correspondem ao mesmo acto de fala. Sempre que o sujeito falante tiver a intenção de levar o seu alocutário a executar, iniciar ou dar andamento a qualquer tarefa ou actividade, ele tem, *mutatis mutandis*, as fórmulas fixas acima citadas à sua disposição. Intimamente ligada à fixidez do contexto lexemático destas fórmulas está a questão do seu tratamento ao nível lexicográfico, questão que adiante analisarei com mais pormenor.

- (iii) No interior do bloco sinonímico Aa 7.32 é possível reconhecer contextos lexemáticos que se repetem. Repare-se na estrutura sintagmática das expressões (13), (15), (17) e (18) – *ran + an + {die Gewehre/den Feind/die Buletten/den Speck}!* – e das expressões (14) e (16) – *auf + in + {das Getümmel/das Gefecht}!* Destaque-se que estamos perante dois modelos de combinação sintagmática de elementos: (i) *ran* (advérbio) + *an* (preposição) + {substantivo}!; (ii) *auf* (advérbio) + *in* (preposição) + {substantivo}!. Postas estas considerações, trata-se agora de analisar o funcionamento dos substantivos enquanto constituintes das expressões que integram os modelos referidos e, conseqüentemente, a relação entre o sentido literal e o sentido idiomático das expressões. Primeiramente, refira-se que os substantivos *Gewehre* (‘armas de fogo’), *Feind* (‘inimigo’) e *Gefecht* (‘luta’), constituintes das expressões *ran an die Gewehre!*, *ran an den Feind!* e *auf ins Gefecht!*, advêm do campo da vida militar, mais especificamente, são termos relacionados com o acto de guerrear. Tudo indica que estamos perante o fenómeno de sinédoque dinâmica (parte – todo), uma vez que estas expressões exemplificam a mesma ideia (‘atacar’) por via da inserção de lexemas nas que pertencem ao mesmo campo semântico nas respectivas estruturas. Em segundo lugar, estas expressões, que outrora eram empregues em situações reais de combate, isto é, eram proferidas pelo comandante de uma força militar como ordens que sinalizavam o início da operação militar, são hoje utilizadas em contextos mais generalizados: uma ordem para ‘atacar’ qualquer tarefa, trabalho, problema, etc. Em terceiro lugar, na sequência do acima exposto, observe-se que um sujeito falante que empregue as expressões *ran an die Gewehre!*, *ran an den Feind!* e *auf ins Gefecht!* para incitar o(s) seu(s) alocutário(s) a executar determinada tarefa equipara a situação em mãos a uma situação de combate. A existência de um certo contraste entre o que é dito, isto é, o significado literal das expressões e dos seus constituintes (*Gewehre*, *Feind*, *Gefecht*) e o significado das

mesmas em situações de fala que não estão associadas ao contexto concreto de combate torna estas expressões irónicas: por um lado, a evocação de uma situação de combate ou guerra na qual joga a vida e a morte; por outro, uma ordem para realizar um esforço inofensivo. Pode dizer-se que estamos perante expressões de natureza hiperbólica. Consideremos ainda as expressões *Ran an die Buletten!* e *Ran an den Speck!*. Como explicar a relação entre o sentido literal das expressões *Vamos às almôndegas!*/*Vamos ‘atacar’ as almôndegas!* e *Vamos ao toucinho!*/*Vamos ‘atacar’ o toucinho!* respectivamente e o sentido transposto das respectivas expressões – *Ran an die Arbeit!* (‘Vamos ao trabalho!’)? Por um lado, uma vez que os os lexemas *Buletten* e *Speck* se referem a comida apetitosa, a imagem linguística evoca uma acção agradável, que não custa a realizar. Por outro, o significado da expressão está relacionada com trabalho, com algo que exige esforço. Com efeito, existe um desfasamento entre o que se diz (*das Gesagte*) e o que se quer dizer (*das Gemeinte*), contraste intencional que, como já tivemos ocasião de referir, faz com que as expressões em causa adquiram um carácter irónico e sejam interpretadas de forma humorística. O mecanismo da ironia serve de certa modo para suavizar a ordem. Ainda em relação aos constituintes *Buletten* e *Speck* importa referir que estes lexemas apresentam como denominador comum o traço semântico ‘comida apetitosa’. Por outras palavras, estes lexemas são exemplos da mesma ideia. Assim sendo, estamos perante a sinédoque exemplificativa enquanto factor relevante na formação de expressões sinónimas. A substituição dos constituintes acima por lexemas que funcionam como ‘exemplos’ da ideia ‘comida apetitosa’ poderá levar à criação de expressões sinónimas.

- (iv) Comparando as expressões do bloco sinonímico em análise no que diz respeito ao modo como o acto de fala é realizado, parece ser possível afirmar que em alguns casos a ordem ou a directiva faz-se sentir de forma mais intensa do que em outros casos. Regra geral, os actos de fala expressos pelo modo imperativo caracterizam-se por possuírem mais força expressiva. Compare-se, por exemplo, a expressão (1), *Jetzt/heute/... geht’s ans Arbeiten/...*, com as expressões que começam com os advérbios *ab*, *auf*, *los*, *ran* ou com a expressão *Packen wir’s an!*. De facto, reconhecemos que, ao contrário do que se verifica no caso de expressões como esta última, o acto de fala realizado em (1) é expresso de forma neutra. Convirá

também registar o papel que os mecanismos linguísticos denominados *Partikeln* ('partículas') poderão desempenhar no modo como o acto de fala é expresso.

Para terminar este ponto, resta-me estabelecer a ligação entre as considerações aqui tecidas e o estudo da sinonímia. Como vimos, as expressões representadas no bloco Aa 7.32 são unidades que realizam o mesmo acto de fala específico, designadamente o pedido ou a ordem (*Aufforderung*) 'começar a trabalhar' (*an die Arbeit gehen*). A conjugação dos elementos 'pedido/ordem (*Aufforderung*) + significado *começar a trabalhar*' é determinante para a relação de sinonímia entre as unidades. Neste sentido, a sinonímia: (i) ocorre ao nível do que se quer ou pretende dizer (*das Gemeinte*), não ao nível do que se diz (*das Gesagte*). No entanto, em virtude (i) das diferenças de carácter pragmático, a atitude do sujeito falante e os contextos específicos de comunicação, e (ii) da multiplicidade de estruturas sintácticas e lexemáticas, a relação de sinonímia entre estas expressões é apenas parcial. Em alguns casos, por exemplo, nas expressões (13) a (15) e (17) a (18), é possível assinalar um outro elemento como determinante na relação de sinonímia: refiro-me à sinédoque exemplificativa.

Analisemos em seguida as expressões idiomáticas do bloco Cd 4.21 que, ao contrário do que se constatou em relação ao bloco anterior, apresenta um elevado grau de homogeneidade a vários níveis:

Cd 4.21

- 1 du kannst dich/er kann sich/... **begraben** lassen (mit etw.)
- 2 du kannst dich/die können sich/... **einpacken** lassen (mit etw.)
- 3 du kannst dich/er kann sich/... **einsalzen** lassen (mit etw.)
- 4 du kannst dich/er kann sich/... **einbalsamieren** lassen (mit etw.)
- 5 du kannst dich/er kann sich/... **einsargen** lassen (mit etw.)

Antes de mais, importa sublinhar que este bloco de expressões faz parte do campo semântico delimitado pelo arquilexema *unfähig* ('incompetente'), unidade que funciona como referência para o agrupamento das expressões acima. Ao proferir qualquer uma das expressões (1) a (5), o falante quer ou pretende dizer: 'tu és/ele é um incompetente; vós sois/eles são uns incompetentes'. Estamos perante cinco expressões diferentes que comunicam o mesmo. Estas observações introdutórias sugerem já a importância da análise do relacionamento que se estabelece entre o que é dito (*das Gesagte*) e o que se quer ou pretende dizer (*das Gemeinte*).

Examinando as expressões (1) a (5), concluímos que:

- (i) elas ostentam a mesma estrutura sintáctica, apresentando como elementos nucleares o verbo auxiliar modal *können* ('poder'), o verbo reflexivo e o verbo auxiliar *lassen*: *jd. + kann + sich + {begraben/ einpacken/ einsalzen/ einbalsamieren} + lassen*. A realização formal do sintagma preposicional, que tem como núcleo a preposição *mit* ('com'), constituinte que especifica em que aspecto a pessoa visada demonstra incompetência ou falta de capacidade, aptidão, qualificação, depende da forma como o sujeito falante integra esta informação no conjunto de sequências enunciativas produzidas na situação concreta de comunicação.
- (ii) é possível proceder à transformação das construções acima em construções imperativas e vice-versa sem repercussões para o plano da significação. Para exemplificar este fenómeno, servir-me-ei de dois exemplos retirados do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002):

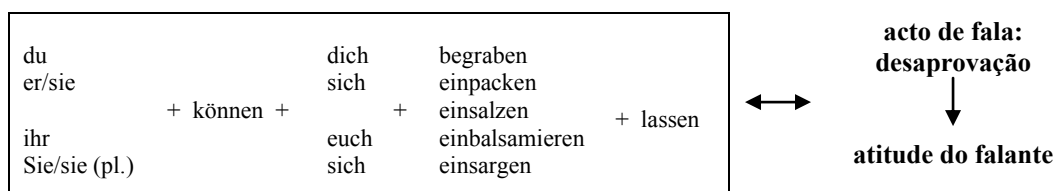
- (1) "Nicht einmal 4 Meter hast du geschafft im Weitsprung? **Laß dich begraben!** Das schafft doch jeder gesunde Junge!"
- (2) "**Laßt euch begraben mit eurem Französisch!** Ihr versteht genau so viel wie ich: nichts!"

Ao substituir nas expressões (1) e (2) as sequências linguísticas a negrito pela expressão declarativa correspondente, obtém-se o seguinte resultado:

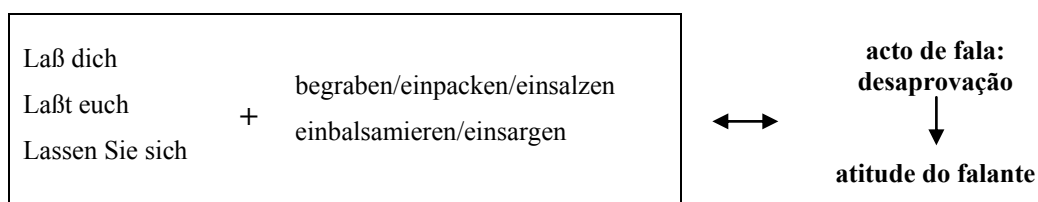
- (1') "Nicht einmal 4 Meter hast du geschafft im Weitsprung? **Du kannst dich begraben lassen!** Das schafft doch jeder gesunde Junge!"
- (2') "**Ihr könnt euch begraben lassen mit eurem Französisch!** Ihr versteht genau so viel wie ich: nichts!"

Como os exemplos mostram, o processo de substituição em nada altera os pressupostos pragmáticos que estão na base da realização destes enunciados. Isto significa que, a par da fixidez sintáctica que caracteriza tanto os enunciados no modo imperativo como os enunciados no modo declarativo, estas expressões também se encontram 'presas' à mesma atitude de desaprovação e de desagrado expressa pelo sujeito enunciadador face ao desempenho ou prestação do(s) alocutário(s) ou de terceiros. Retomando uma ideia já exposta no primeiro capítulo a propósito da caracterização do contexto extra-linguístico das

expressões idiomáticas, direi que estamos perante a lexicalização da relação ‘expressão – acto de fala – atitude do falante’, fenómeno que pode ser assim esquematicamente representado:



Correlativamente, a relação fixa entre o enunciado no modo imperativo e a acção que exprime a apreciação negativa que o sujeito enunciador faz da actuação do(s) alocutário(s) ou de terceiros, pode ser representada por um esquema como o seguinte:



A seta representa o carácter vinculativo da relação existente entre o contexto lexemático das expressões e o acto de fala específico.

Feitas as considerações sobre a relação entre o contexto lexemático das expressões em análise e o acto de fala que realizam, consideremos agora o conjunto das questões postas pela ligação entre os enunciados ou as expressões enquanto veículos de realização do mesmo acto de fala. Equacionar de modo adequado esta problemática envolve correlacionar o plano da enunciação (*das Gesagte*) e o plano do que se quer ou pretende dizer (*das Gemeinte*). No exemplo (1') o locutor emprega a expressão *Du kannst dich begraben lassen!*¹⁵³ como veículo para criticar a prestação do alocutário no salto em comprimento. Atendendo à fraca actuação do alocutário, o locutor está literalmente a propor ao alocutário que se vá enterrar ou inumar. A substituição paradigmática do

¹⁵³ A expressão equivalente em português: *vai à fava!*

lexema *begraben* ('enterrar', 'inumar') pelos lexemas *einpacken* ('encaixotar', 'empacotar'), *einsalzen* ('salgar', 'ensalmourar'), *einbalsamieren* ('embalsamar') e *einsargen* ('meter no caixão', 'amortalhar'), dá origem a expressões que tomadas de forma literal significam: *Vai-te encaixotar/ensalmourar/embalsamar/amortalhar!* Como vemos, neste plano do enunciado que é também o plano da imagem linguística (*sprachliches Bild*), estamos perante frases exclamativas – sugestões/ordens – de carácter ficcional (*fiktive Aufforderungen*). Posto isto, a pergunta que se coloca é a seguinte: quais são os pontos de contacto que existem entre estas expressões tomadas como meios para alcançar a realização do mesmo acto ilocutório? Por outras palavras, quais são os factores que estão na base da constituição deste bloco de expressões? Em primeiro lugar, a dimensão ficcional acabada de referir. O locutor serve-se da proposta de carácter fictício como forma de criticar o desempenho do alocutário. Como referi atrás, o 'conflito' entre estes dois planos de significação, o plano do enunciado e o plano da ilocução, pode gerar um efeito sarcástico e irónico. Em segundo lugar, note-se que, para além da fixidez ao nível do contexto lexemático, estas expressões também manifestam uma certa fixidez no eixo paradigmático na medida em que os verbos nucleares – *begraben*, *einpacken*, *einsalzen*, *einbalsamieren*, *einsargen* – apresentam afinidades semânticas: (i) os lexemas *begraben*, *einbalsamieren* e *einsargen* encontram-se directamente ligados ao domínio semântico da 'morte'; (ii) os lexemas *einbalsamieren* e *einsalzen* designam ambos processos de conservação: no primeiro caso trata-se da conservação de cadáveres; no segundo da conservação de alimentos, processo que envolve cobrir a carne ou o peixe com sal. Colocar algo em salmoura significa que esse algo deixa de estar visível, isto é, 'desaparece' e permanece num estado 'parado' por algum tempo. Assim visto, o lexema *einsalzen* inserido no contexto sintáctico-semântico acima sugere a ideia do 'desaparecimento' do alocutário. Em outros termos, face à incompetência demonstrada, o melhor que o alocutário tem a fazer é 'desaparecer', ou até, morrer. Esta ideia também está presente no lexema *einpacken*, uma vez que a acção de encaixotar ou empacotar um objecto faz com que esse objecto deixe de estar visível. Tudo indica que as expressões (1) a (5) e as respectivas imagens assentam na seguinte pressuposição: 'a prestação foi tão vergonhosa/és tão incompetente que o melhor que tens a fazer é desaparecer/morrer' → a prestação foi tão vergonhosa que o melhor que tens a fazer é 'ires-te enterrar/embalsamar/ensalmourar/amortalhar/...'. Dado que as expressões aqui em análise exemplificam (sinédoque dinâmica) a ideia 'desaparecer' por meio de imagens (*sprachliche Bilder*), pode afirmar-se que estamos

na presença de um esquema de imagem (*Bildschema*). Assim visto, está-se perante um *Gestalt*, isto é, um conjunto de expressões que partem da mesma ideia, constituindo variações da mesma ideia. Em terceiro lugar, a análise aqui efectuada pretende mostrar que o carácter ‘fixo’ das expressões do bloco Cd 4.21 ao nível sintáctico-semântico e pragmático, verificando-se apenas a variação paradigmática do verbo nuclear, influi decisivamente na criação de novas expressões que satisfaçam as condições formais, semânticas e pragmáticas acima discutidas. Vejamos, a título de exemplo, as seguintes duas expressões que ‘encaixam’ no esquema – *du kannst dich/... x lassen (mit etw.): du kannst dich/er kann sich/... **einpökeln** lassen (mit etw.); du kannst dich/er kann sich/... **einmotten** lassen (mit etw.)*. Observe-se que estes exemplos: (i) são estruturalmente equivalentes às expressões do bloco Cd 4.21; (ii) possuem, à semelhança das expressões (1) a (5), uma dimensão ficcional – ‘Vai-te ensalmourar!’ (*einpökeln*), ‘Vai-te proteger contra a traça!’ (*einmotten*); (iii) manifestam afinidades semânticas com as expressões do bloco Cd 4.21, verificando-se uma rede de semelhanças semânticas que opera entre os constituintes variáveis das expressões – os verbos nucleares –¹⁵⁴, rede que aliada ao contexto lexemático fixo contribui para a criação de novas expressões que realizam o mesmo acto de fala; (iv) exemplificam a ideia ‘desaparecer’ com base na pressuposição ‘a prestação foi tão vergonhosa que o melhor que tens a fazer é desaparecer/morrer’. Para completar esta reflexão, observemos a expressão *du kannst dich/er kann sich/... **einrahmen** lassen (mit etw.)* (‘vai-te encaixilhar/emoldurar’). Note-se que o pressuposto no qual esta expressão assenta vai na direcção inversa ao pressuposto que fundamenta as expressões do bloco Cd 4.21: a prestação é tão vergonhosa que a pessoa se deve ‘emoldurar’, ou seja, a pessoa deve mostrar-se (ao mundo). Esta linha de pensamento compreende-se a partir do significado do lexema *einrahmen*: regra geral, as pessoas emolduram algo que seja digno de ser mostrado. Neste sentido, a expressão é de carácter irónico, dado que a pessoa não vai ser objecto de admiração, mas sim objecto de troça devido à sua ‘triste figura’. Não obstante esta diferença, a expressão *du kannst dich/er kann sich/... **einrahmen** lassen (mit etw.)* coincide com as expressões do bloco Cd 4.21 nos seguintes aspectos: o plano da imagem (*sprachliches Bild*) é de natureza ficcional; o pressuposto pragmático (crítica e desaprovação do sujeito falante em relação à prestação de outrem); o contexto lexemático.

¹⁵⁴ Reencontramos aqui a questão das ‘semelhanças de família’ de Wittgenstein.

Tudo isto vem reforçar a ideia de que as expressões idiomáticas que se encontram ‘presas’ a certo acto de fala específico funcionam como ‘molde’ (*Schablone*) a partir do qual é possível criar outras expressões. Uma consequência deste fenómeno que se manifesta claramente na repetição e recorrência de determinados elementos e/ou certas estruturas e fórmulas é a existência de um conjunto de unidades que vão dar ao mesmo acto de fala. Esta situação da relativa abundância de expressões sinónimas no domínio da idiomática contrasta com a escassez de sinónimos no domínio não-idiomático.

Chegados aqui, reter-se-á que as expressões do bloco Cd 4.21, em conformidade com o processo metafórico e de transposição abordado no primeiro capítulo, apresentam dois planos de significação, designadamente o plano do enunciado ou do significado literal e o plano do acto de fala realizado. A relação de sinonímia entre essas expressões fundamenta-se nos seguintes aspectos: (i) na dimensão ficcional; (ii) no esquema de imagens: as expressões partem de uma mesma ideia, isto é, são variações de uma mesma ideia; (iii) na mesma pressuposição (*Hintergrund*) pragmática; (iv) na construção sintáctica fixa. Quer dizer, todos estes factores contribuem para a convergência dos diferentes enunciados na realização do mesmo acto de fala.

3.6. MODELOS DE CONSTRUÇÃO COM TENDÊNCIA PARA A GENERALIZAÇÃO

Já em diversas ocasiões, ao longo deste estudo, fiz referência ao facto da idiomática manifestar claramente uma tendência para a padronização. Neste quadro, o conceito de padronização implica a existência de um molde (*Schablone*) que dá origem a uma série de expressões linguísticas, melhor dizendo, exemplares linguísticos. Vamos retomar este conceito através da análise de determinados modelos de construção que são produtivos no que respeita a formação de expressões sinónimas. Importa, portanto: (i) analisar a construção base do ponto de vista sintáctico e semântico, com especial atenção para a interligação entre estas duas dimensões; (ii) captar a natureza da relação entre o plano idiomático e o plano não idiomático; (iii) descortinar o mecanismo de generalização subjacente aos modelos de construção aqui em destaque.

3.6.1. Modelo de construção com o constituinte nuclear *wohl*

Em virtude do campo semântico Cd 12 – *spinnen* (‘não regular bem’) – apresentar um número elevado de unidades idiomáticas que assentam no modelo de construção marcado pela partícula modal *wohl*, as considerações que se seguem cingir-se-ão ao âmbito deste campo semântico. Tomo como ponto de partida o bloco sinonímico Cd 12.6 cujas expressões apresentam a matriz *du hast/er hat wohl x* ou *bei jemandem ist wohl x*:

du hast/er hat wohl ...?!	bei jm. ist wohl ...?!
1 einen Knall	10 ein Schraubchen locker
2 einen Stich in der Birne	11 eine Schraube locker
3 einen Stich	12 ein Rädchen locker
4 nicht alle Tassen im Schrank	
5 nicht alle auf dem Christbaum	
6 einen Dachschaden	
7 nicht alle zusammen/beisammen	
8 nicht alle auf der Latte	
9 einen Sparren zuviel im Kopf	

Repare-se que estamos aqui perante perguntas retóricas que realizam o mesmo acto de fala. Ao enunciar qualquer uma das expressões acima, o sujeito falante está a criticar a atitude ou o comportamento do alocutário ou de um terceiro: ‘tu não regulas bem/ele não regula bem (da cabeça)’. É interessante verificar que o significado da partícula *wohl* no contexto do modelo de construção em análise não corresponde ao seu significado em contexto não idiomático. Em sentido não idiomático a partícula *wohl* encontra-se, regra geral, associada à realização de uma suposição (*Vermutung*) relativamente a um estado de coisas especificado no conteúdo proposicional do enunciado. Consideremos o seguinte exemplo, enunciado por um trabalhador que admite a doença como explicação plausível para a ausência do colega de trabalho: *Der Meier ist wohl krank* (‘O Meier deve estar doente’). Este enunciado encontra-se marcado por um certo grau de incerteza: *Der Meier dürfte krank sein*. Pelo contrário, um locutor que pronuncie o enunciado *Der Meier ist wohl krank!* em sentido idiomático – ‘O Meier não regula bem (da cabeça)’ – fá-lo com base no juízo que ele próprio faz do comportamento da pessoa em questão. Por outras palavras, o factor de ‘incerteza’ está ausente do significado idiomático da partícula *wohl* neste modelo de construção. Posto isto, refira-se também que as expressões (1) a (12), vinculadas à posição certa e convicta do falante de que a pessoa em causa ‘não regula bem’, parecem estar condicionadas ao tempo verbal do presente. Veja-se os seguintes exemplos: *Der Meier hatte wohl einen Sparren zu viel im Kopf, als er ...!* (‘O Meier não deveria estar bem (da cabeça) quando fez ...’). Ao pronunciar este enunciado o locutor está a realizar uma suposição. Como vemos, o

processo de substituição do tempo verbal do presente por formas do passado poderá estar associado à realização de outro acto de fala.

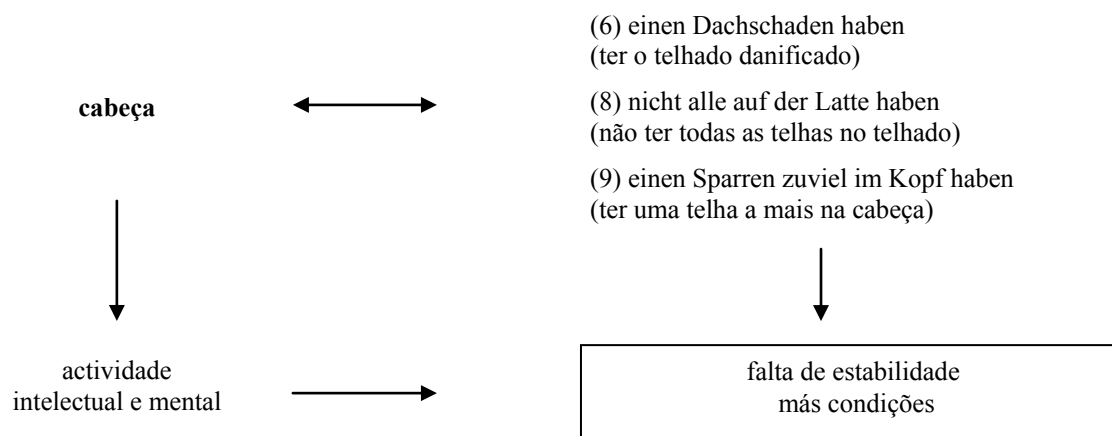
O problema que agora se põe consiste em descortinar a articulação entre o significado literal dos constituintes (1) a (12) e o significado idiomático das expressões e, conseqüentemente, desvelar a rede de ligações semânticas que existe entre estes constituintes e os constituintes de outras expressões contíguas pertencentes ao mesmo campo semântico. Antes de mais, importa não perder de vista que o arquilexema – *spinnen* –, unidade que delimita o campo semântico Cd 12, funciona como ponto de referência para este propósito. Repare-se, em primeiro lugar, na importância que a cabeça (*der Kopf*), órgão do corpo humano responsável pela actividade intelectual, desempenha no seio do campo semântico em análise. Aliás, importa assinalar que para além do número elevado de somatismos que apresentam o lexema *Kopf* como constituinte, existe, como se verá a seguir, uma rede complexa de expressões idiomáticas que têm a cabeça, nomeadamente as características que a distinguem, como pano de fundo (*Hintergrund*). Limite-me aqui a referir as seguintes características: (i) a cabeça situa-se na extremidade superior do corpo; (ii) anatomicamente, a cabeça humana pode ser comparada a uma ‘caixa’ óssea, designada de crânio, constituída por uma cavidade craniana onde se encontra o cérebro e quatro cavidades mais pequenas¹⁵⁵; (iii) o cérebro é tido como o centro das operações intelectuais¹⁵⁶ e, conseqüentemente, como centro de actividade e vida¹⁵⁷. Voltando aos constituintes (1) a (12), pretendo

¹⁵⁵ A ideia que temos da cabeça enquanto ‘caixa’/‘câmara’, isto é, um espaço físico dotado de limites e profundidade, serve de fundamento para expressões tais como as referidas por Schemann (Quelle): *jm. (immer wieder/...) durch den Kopf gehen* (‘não sair da cabeça a alg’); *jm. nicht aus dem/ in den Kopf wollen* (‘qc não sai da/não entra na cabeça a alg’); *etw. noch/... im Kopf haben* (‘qc não sai da cabeça/da ideia a alg’); *es geht jm. alles/alles mögliche/das wirrste Zeug/... um Kopf herum* (‘ter aquelas coisas todas/... a dançar na cabeça’); *etw. genau/...im Kopf behalten* (‘fixar bem qc’); *plötzlich/... kommt es jm. in den Kopf, etw. zu tun* (‘dá na cabeça a alg fazer qc’); *Gedanken schießen jm. blitzartig/plötzlich/... durch den Kopf* (‘passar de repente pela cabeça a alg’); *wo du/sie/der Emil/... nur (immer) deinen/ihren/seinen/... Kopf hast/hat/...!* (‘onde é que alg anda com/tem a cabeça’); *nicht ganz klar im Kopf sein* (‘não estar lá muito bem da cabeça’).

¹⁵⁶ Lembrarei que esta ideia do cérebro como centro de operações da faculdade intelectual serve de base ao processo de transposição que dá origem à expressão ‘ser o cérebro de qualquer coisa’: *O cérebro desta operação estratégica foi o Chefe das Forças Armadas; Neste pólo está localizado o cérebro da organização.*

¹⁵⁷ Importa integrar aqui uma referência à oposição entre a noção ‘cheio/repleto de vida’ (‘*Leben*’) e a noção ‘desprovido de vida’ (‘*Tod*’). Chamo a atenção para expressões do campo semântico Cd 10, campo delimitado pelo arquilexema *dumm* (‘ser burro’), que jogam com a oposição ‘cabeça cheia’ – ‘cabeça vazia/oca’. Vejamos a expressão *eine hohle Nuß sein* que significa literalmente ‘ser uma noz sem miolo/‘desmiolada’’. A palavra *Nuß* (‘noz’) designa um fruto seco que tem uma forma redonda e que é recheado de miolo, ou seja, contém matéria. No entanto, também é possível encontrar-se nozes cuja matéria está seca, engelhada, chocha e nozes que não têm miolo, estão vazias. Facilmente se reconhece, portanto, as semelhanças existentes entre a cabeça de uma pessoa e o fruto seco conhecido por noz. Com base nestas semelhanças é possível substituir a expressão *ein Hohlkopf sein* (‘ser um(a) cabeça oca’) por *eine hohle Nuß sein* (‘ser um(a) cabeça vazia/oca’) e vice-versa sem que haja alterações do significado idiomático ‘ser burro’: estamos perante duas expressões que através dos constituintes *Hohlkopf* e *hohle Nuß* assentam num mesmo núcleo de imagem (*Bildkern*): a ausência ou a falta de matéria. Outro exemplo pode ainda ser acrescentado à nossa reflexão sobre a oposição ‘cheio’ – ‘vazio’: *ein Strohkopf sein* (sentido literal: ‘ser um(a) cabeça com palha’; equivalente: ‘ser um(a) cabeça-de-alho-chocho’). Tendo em conta que a palha é algo seco e o que

mostrar de que forma os aspectos atrás mencionados funcionam como pressupostos na relação que se estabelece entre a cabeça enquanto sede das faculdades mentais do homem e as expressões em questão. Começemos por analisar os exemplos (6), (8) e (9), recorrendo, para tal, ao seguinte esquema:



Observando os significados literais das expressões (6), (8) e (9), verifica-se que estes fazem referência de forma mais explícita ou menos explícita à parte superior da cobertura de um edifício, designada de *Dach* ('telhado'). Enquanto que na expressão (6) a referência ao telhado ocorre explicitamente através do composto *Dachschaden* ('danos no telhado'), nas expressões (8) e (9) essa referência sucede por meio dos lexemas *Latte* ('ripas') e *Sparren* ('telha') que designam o material utilizado para cobrir o telhado, isto é, está-se perante o uso metonímico destes lexemas (metonímia da matéria). Perante estas expressões que são empregues para exprimir a ideia de que alguém não regula bem da cabeça ('*spinnt*'), como explicar a ligação semântica entre os lexemas *Kopf* e *Dach*, a não ser pelo facto de ambos remeterem para entidades que mantêm semelhanças entre si. Em primeiro lugar, tanto a cabeça como o telhado situam-se na extremidade superior das entidades de que fazem parte: a cabeça no extremo do corpo humano e o telhado no extremo de um edifício. Para demonstrar a relevância deste aspecto, vejamos as seguintes expressões que fazem parte do bloco sinonímico Cd 12.7: *bei dir fehlt oben etwas* ('falta-te qualquer coisa em cima') e *im Oberstübchen nicht ganz richtig sein* ('não estar bem no/do sótão'). Facilmente se reconhece que são os lexemas *oben* ('em

é seco não é fértil, é possível concluir que quando afirmamos que certo indivíduo tem palha na cabeça, estamos a dizer que essa pessoa não tem 'nada' (de fértil) na cabeça. Por outras palavras: a pessoa não é fértil em ideias, demonstrando falta de capacidade para criar, inventar, pensar.

cima’/‘na parte superior’) e *Oberstübchen* (‘sótão’) que estabelecem uma ligação com a cabeça. Em segundo lugar, refira-se que o estado da cabeça e do telhado depende do estado em que se encontram os elementos que as compõem: o bom funcionamento da cabeça e das funções a ela associadas depende da condição em que se encontram, por exemplo, o crânio e o cérebro; o estado de um telhado depende das condições em que se encontra o material que o cobre, por exemplo, o estado as telhas ou das ripas. Partindo do facto de que um telhado forma um todo composto por um conjunto de partes ou peças, é de esperar que um telhado que apresente telhas a mais (9) ou a menos (8) apresenta falta de estabilidade e de segurança. Em outros termos: o telhado não está em boas condições. Encontramo-nos na presença da transposição desta ideia para a esfera de significação ‘cabeça’: a cabeça da pessoa não está em boas condições. O princípio da totalidade de que acabei de dar conta também desempenha um papel importante nas expressões (4), *nicht alle Tassen im Schrank haben* (‘não ter todas as chávenas no armário’), (5), *(sie) nicht alle auf dem Christbaum haben* (‘não ter todas (as luzes) na árvore de Natal’) e (7), *(sie) nicht alle zusammen/beisammen haben* (‘não estar completo’; ‘faltar algo’). Comparando estas três expressões, parece ser possível tomar a expressão (7) como neutra, unidade que constitui o ponto de partida para a formação das expressões variantes (4), (5) e (8). Interessa registar que a variação da unidade (7) e as expressões que reflectem o princípio da totalidade é uma constante no campo semântico Cd 12 – *spinnen*: *seinen Verstandskasten nicht (so) recht/richtig beisammen haben*; *seine fünf Sinne nicht (recht) beisammen/zusammen haben*; *bei ihm fehlt oben etwas*; *bei dir fehlt’s wohl im Kopf*. Face ao até aqui exposto, é possível distinguir duas circunstâncias que contribuem para desestabilizar o princípio da totalidade, isto é, que afectam a unidade ou o todo negativamente: por um lado, a falta ou ausência de um ou mais componentes considerados necessários ao todo¹⁵⁸; por outro, o excesso de componentes para além do que é considerado essencial ao bom funcionamento do todo¹⁵⁹. Observando os exemplos (10) a (12) do bloco Cd 12.6, verificamos a existência de uma terceira circunstância que interfere de modo negativo no funcionamento do todo. Antes, porém, de abordarmos este aspecto, repare-se que essas expressões apontam, no plano literal, para o funcionamento de um mecanismo enquanto sistema

¹⁵⁸ Cf. as expressões: *(sie) nicht alle zusammen/beisammen haben*; *nicht alle auf der Latte haben*; *nicht alle Tassen im Schrank haben*; *(sie) nicht alle auf dem Christbaum haben*; *bei ihm fehlt oben etwas*; *bei dir fehlt’s wohl im Kopf*; *seine fünf Sinne nicht (recht) beisammen/zusammen haben*; *seinen Verstandskasten nicht (so) recht/richtig beisammen haben*; *die Sparren nicht alle haben*; *einen Sparren zuwenig haben*; *bei dir fehlt wohl ein Rad*.

¹⁵⁹ Cf. as expressões: *einen Sparren zuviel (im Kopf) haben*; *eine Latte zuviel haben*.

composto por um grupo de peças que operam conjuntamente: uma máquina que tem um parafuso (*Schraube*) solto deixa de funcionar – está avariada – ou funciona de forma defeituosa; o mesmo acontece, por exemplo, com um relógio ou dispositivo que tem uma roda/rodinha (*Rädchen*) frouxa. Na base do emprego da imagem de uma máquina que tem um parafuso desapertado para dizer que uma pessoa tem comportamentos que revelam pouco juízo, isto é, que a pessoa ‘não funciona bem da cabeça’ ou ‘está avariada da cabeça’, encontra-se um paralelismo entre a cabeça, em particular, o cérebro do ser humano enquanto sistema composto por subsistemas interdependentes e uma máquina composta por peças que engrenam umas nas outras. Qualquer falha numa das peças destes sistemas vai ter repercussões no funcionamento do todo¹⁶⁰. Eis o terceiro factor que afecta o bom funcionamento de um mecanismo: problemas com a sua estrutura, com os elementos que o compõem.

Dito isto, parece ser possível afirmar-se que as expressões (4) a (12) exemplificam a ideia ou o conceito ‘*kaputt*’ (‘partido’, ‘quebrado’, ‘estragado’): (i) dano/estrago (‘*Schaden*’); (ii) estar a menos (num todo)/faltar (‘*einen zuwenig haben*’; ‘*nicht alle haben*’; ‘*fehlen*’); (iii) estar a mais (*einen zuviel haben*); (iv) desarticulação dos componentes (*locker sein*). Por outras palavras, no plano da imagem estas expressões constituem variações do conceito ‘*kaputt*’. Estamos de novo perante um esquema de imagens (*Bildschema*).

Para terminar a análise do bloco Cd 12.6, análise que pretende mostrar, entre outros aspectos, que a fixidez das expressões idiomáticas não se observa apenas ao nível do contexto lexemático, manifestando-se igualmente no plano do contexto semântico, em conexão com factores de natureza sintáctica, semântica, pragmática e antropológica, abordam-se em seguida as expressões (1) a (3). Para compreendermos melhor a ligação entre o significado literal do exemplo (1), *du hast wohl einen Knall?!*, e o significado idiomático ‘falta de juízo’/‘não regular bem (da cabeça)’, tomemos como ponto de

¹⁶⁰ Neste ponto, é necessário relembrar que a transposição classemática que ocorre entre o domínio fonte ‘máquina’ e o domínio alvo ‘ser humano’ é uma constante no domínio da idiomática. Vejamos, a título de exemplo, as seguintes expressões que significam ‘dar cabo de alg’: *jn. auseinander nehmen* (‘decompor alg’) e *jn. in seine Bestandteile zerlegen* (‘decompor alg nas suas partes’). Ambas as expressões têm como base a construção bivalencial transitiva *etw. auseinander nehmen*, que faz referência ao acto de desmontar determinado objecto, isto é, de separar as peças de um conjunto. A construção base *etw. auseinander nehmen* apresenta na posição do complemento directo a restrição semântica [+ CONCRETO] e [- ANIMADO], admitindo apenas lexemas que designam especificamente objectos ou coisas que possam ser decompostas, como, por exemplo, um motor: *einen Motor auseinander nehmen* (‘desmontar um motor’). A expressão *dar cabo de alg* será objecto de análise no capítulo sobre a equivalência idiomática.

referência as expressões *du hast wohl einen Schlag?! e du hast wohl einen Hieb?!*, ambas com o significado literal ‘ter um golpe/uma pancada (na cabeça)’. Estas expressões assentam no seguinte pressuposto de causa – efeito: uma pancada ou um golpe na cabeça de uma pessoa pode provocar lesões cerebrais que terão impacto no seu discernimento, na sua capacidade de raciocinar. Chamo aqui a atenção para a ligação entre estas expressões e o ponto (i) do esquema de imagens acima: dano/estrago (*Schaden*). Aliás, importa sublinhar que o princípio de ‘causa – efeito’ está bem patente no campo semântico aqui em análise. Limito-me aqui a considerar a seguinte expressão do bloco Cd 12.15: *du hast wohl eins mit dem Holzhammer auf den Kopf/Wirsing/Schädel*¹⁶¹ *gekriegt/bekommen?!* Tendo em conta que um maço de madeira é um instrumento pesado, é de esperar que o impacto deste objecto na cabeça de uma pessoa provoque ferimentos e, conseqüentemente, leve à perda de lucidez¹⁶². Posto isto, onde reside a ligação entre as expressões *du hast wohl einen Schlag/einen Hieb?!* e a expressão *du hast wohl einen Knall*, melhor dizendo, a ligação entre os lexemas *Schlag* e *Hieb*, por um lado, e o lexema *Knall* (‘estalo’), por outro? O ponto de contacto parece ser o barulho ou o som produzido quando se dá uma pancada violenta a alguém: *der Schlag knallt*. Com base no pressuposto de que um golpe que estala está associado à força e à violência e, por conseguinte, a contusões e ferimentos, compreende-se pois: (i) a relação metonímica entre os lexemas *Schlag* e *Knall* e (ii) a transposição metafórica que tem lugar entre o significado literal da expressão *du hast wohl einen Knall?! e o significado idiomático da expressão ‘ter pouco juízo’*¹⁶³.

Por fim, ocupo-me das expressões (2) – *du hast wohl einen Stich in der Birne?! – e (3) – du hast wohl einen Stich?! – do bloco Cd 12.6. A ligação entre os significados literal e idiomático destas expressões parece basear-se fundamentalmente nos seguintes*

¹⁶¹ A relação paradigmática existente entre o lexema *Kopf* e o lexema *Wirsing* (‘couve lombarda’) baseia-se na semelhança que estas entidades apresentam ao nível da forma: tanto a cabeça como a couve lombarda têm uma forma redonda. Seguindo o critério da forma, entende-se a possibilidade de substituir o lexema *Kopf* pelo lexema *Birne* (‘pêra’) no contexto lexemático em questão: *du hast wohl eins mit dem Holzhammer auf die Birne gekriegt/bekommen?!* A relação paradigmática entre o lexema *Kopf* e o lexema *Schädel* (‘crânio’) pode ser entendida num duplo sentido: por um lado, o crânio tem uma forma oval ou oblonga; por outro, o crânio é uma das ‘peças’ que compõe a cabeça.

¹⁶² Observando a expressão do bloco Cd 12.15 *dich haben sie wohl (als Kind) zu heiß gebadet?*, verificamos que esta faz referência no plano literal à acção de dar banho a uma criança em água escaldante, acção que pode provocar queimaduras e ferimentos. Subentendido na relação entre o significado literal e o significado idiomático destas expressões está a transposição das marcas físicas produzidas por um escaldão ou uma pancada para o domínio mais abstracto da actividade mental.

¹⁶³ Vejam-se as reflexões de Schemann (2003: 103-107) sobre a relação entre o conceito genérico *schlagen* e o lexema *knallen* desenvolvidas no âmbito da análise da sinonímia no interior do bloco Cc 26.29 cujas expressões possuem o significado idiomático *jn. ohrfeigen* (‘esbofetear alg’).

contextos semânticos vinculados ao lexema *Stich* enquanto forma livre: (i) no contexto de alimentos que azedam e se tornam impróprios para consumo – *die Suppe/die Milch hat einen Stich* (‘a sopa/o leite azedou’); (ii) no contexto da fruta que é ‘picada’ ou atacada pela traça e que acaba por apodrecer – *angestochenes Obst* (‘fruta bichosa’); (iii) no contexto de um estado patológico provocado pela excessiva exposição aos raios solares – *einen Sonnenstich haben/bekommen* (‘sofrer uma insolação’). Trata-se, como se vê, de contextos que implicam uma mudança de um estado considerado normal para um estado ou uma condição de azedamento, de apodrecimento, de doença. Ao tentarmos estabelecer o nexos entre o significado literal e o significado idiomático da expressão *du hast wohl einen Stich?!*, constatamos a existência da transposição metafórica desta ideia comum aos contextos ligados ao sentido literal do lexema *Stich* para o domínio alvo abstracto da actividade intelectual e da capacidade de raciocínio do homem. Tudo indica que as expressões (2) e (3) constituem, graças ao lexema *Stich* (→ doente, estragado), uma variação da ideia ‘*kaputt*’. Assim visto, este elemento também faz parte do esquema de imagens relativo ao conceito ‘*kaputt*’. Verificada a ligação do lexema *Stich* com o traço semântico ‘não estar são’, é interessante notar que este traço está patente em outras expressões do mesmo campo semântico, a saber: *hast du sonst noch Schmerzen?* (‘tens mais dores?’); *aber sonst/ansonsten/im übrigen bist du gesund (was/oder/ja)?* (‘mas de resto estás bem (de saúde)?’); *du bist wohl krank!* (‘só podes estar doente!’); *kriegst/hast du das (eigentlich) öfter?* (‘isso dá-te muitas vezes?’).

Esta reflexão sobre o modelo de construção com a partícula modal *wohl* – *du hast/... wohl...?!*, *du bist/... wohl...?!*, *bei dir/... ist/... wohl ...?!* – tem como objectivo mostrar que, independentemente do conjunto variado de pressupostos e contextos semânticos aqui representados, todas as expressões analisadas possuem o mesmo significado idiomático – *spinnen* (‘não estar no seu (perfeito) juízo’) – e realizam o mesmo acto de fala. Resta-me, para concluir esta secção, chamar a atenção para o facto do modelo de construção aqui em foco funcionar como padrão (*Schablone*) a partir do qual é possível formar uma série de variantes que, abstraindo das diferenças e nuances inerentes aos significados literais dos seus constituintes, são sinónimas. Para reforçar esta observação, termino com uma breve referência às expressões idiomáticas do campo semântico Cd 12 cujos constituintes designam animais ou estejam semanticamente relacionados com animais: *bei dir piept’s wohl?*; *du hast wohl einen Vogel (im Kopf)!* (‘tens decerto um pássaro (na cabeça)’). De facto, se pensarmos em construções paralelas às expressões

acabadas de citar, como, por exemplo, *bei dir zirpt's wohl?, du hast wohl Grillen/Mäuse im Kopf!* ('tens decerto grilos/ratos na cabeça')¹⁶⁴, *du hast wohl einen Spatz im Dach!* ('tens decerto um pardal no telhado'), vemos que elas constituem variantes que seguem o mesmo modelo de construção, modelo esse que se encontra vinculado ao significado idiomático 'não regular bem' e à realização do acto de fala no qual o sujeito falante critica a atitude ou o comportamento pouco ajuizado do alocutário ou de um terceiro.

Ainda em relação à partícula modal *wohl*, como se pôde avaliar pelos exemplos apresentados nesta secção, tratam-se de expressões cujas imagens no plano literal são de ordem ficcional, isto é, a pessoa a quem o sujeito falante se dirige não tem nenhum pássaro, nem grilos ou ratos na cabeça, não levou nenhuma pancada, nem sofreu nenhuma insolação, etc. Verifica-se, assim, que o sujeito falante exprime uma certeza (*wohl*) aparente ou fingida que assenta na seguinte pressuposição pragmática: '*du benimmst dich so, dass ich annehmen 'muss': 'du bist verrückt'*' ('comportas-te de tal forma que sou obrigado a concluir que estás louco').

Convirá neste ponto isolar os factores que intervêm na relação de sinonímia existente entre as expressões do bloco Cd 12.6: (i) o saber antropológico sobre o órgão do corpo humano designado de *Kopf* ('cabeça'); (ii) a transposição metonímica (*Kopf – Schädel – Wirsing – Birne*) e metafórica (*Kopf – Dach*); (iii) o esquema de imagens que integra elementos que exemplificam e variam o conceito de '*kaputt*'; a pressuposição pragmática que conduz à mesma conclusão: '*du bist verrückt!*'; (iv) um modelo de construção fixo com a partícula modal *wohl*; (v) a dimensão ficcional da imagem linguística (*sprachliches Bild*).

3.6.2. Modelos de construção característicos de categorias específicas

Ao longo da exposição que segue, pretendo mostrar a existência no domínio da idiomática de modelos de construção que, estando perfeitamente delimitados nos eixos sintagmático e paradigmático, se encontram presos a categorias semânticas específicas. Proponho-me fazer uma exposição sumária de alguns destes modelos, focando com maior rigor os modelos que desempenham um papel estruturante no seio da idiomática.

¹⁶⁴ Cf. a expressão equivalente em português: *ter macaquinhos na cabeça/no sótão*.

3.6.2.1. *Categoria: Um colectivo de pessoas*

Considerem-se as seguintes expressões do bloco sinonímico Ia 2.8:

Ia 2.8

- 1 der ganze Verein
- 2 der ganze Klub
- 3 die ganze Gesellschaft
- 4 die ganze Bande
- 5 die ganze Blase

Em primeiro lugar, destaque-se que os substantivos *Verein* ('associação'), *Klub* ('clube'), *Gesellschaft* ('sociedade'; 'comunidade'), *Bande* ('bando'), *Blase* ('malta') designam um colectivo de pessoas, sendo que o lexema *Bande* enquanto forma livre possui do ponto de vista sincrónico uma conotação pejorativa ou depreciativa¹⁶⁵ e o lexema *Blase* faz referência a uma vesícula cutânea (bolha/empola) que geralmente contém um líquido no seu interior, isto é, designa algo negativo que causa alguma repulsa física. Quanto à expressão *die ganze Blase*, verifica-se, portanto, uma transposição metafórica, dado que o lexema *Blase* (erupção cutânea) é empregue no contexto lexemático em questão para designar um colectivo de pessoas. Como seria de esperar, a conotação depreciativa associada à expressão (5) resulta deste processo. Em segundo lugar, a unidade deste bloco de expressões assenta no modelo de construção que pode ser representado da seguinte forma:

der/... + ganze + substantivo colectivo [neutro/de conotação pejorativa]

colectividade/grupo/conjunto de pessoas

Independentemente das nuances que existem entre os significados dos substantivos colectivos das expressões do bloco Ia 2.8, estas exprimem o mesmo significado base: um conjunto de pessoas.

¹⁶⁵ Sobre a evolução semântica do lexema *Bande*, cf. a entrada correspondente ao lema *Bande* do *Deutsches Wörterbuch*: "<frz. *bande* >Schar<, aus einem agerm. Wort für >Fahne< (verw. mit *binden*), also eigentl. >Kriegerschar, die unter einer Fahne vereinigt ist<, dann überhaupt >Genossenschaft<, seit Ad. fast nur neg., i.Ggs.zu *Gruppe* häufig im Kriminalwesen: *eine Bande Diebe, Räuber*".

3.6.2.2. Categoria: *Um colectivo de coisas*

Observemos os seguintes exemplos pertencentes ao bloco Ia 2.16 cujo modelo de construção apresenta afinidades com a estrutura que exprime um colectivo de pessoas:

Ia 2.16

- | | | | |
|---|---------------------|---|--------------------|
| 1 | das ganze Zeug | 6 | der ganze Rotz |
| 2 | der ganze Kram | 7 | der ganze Rummel |
| 3 | der ganze Krempel | 8 | der ganze Zimt |
| 4 | der ganze Zauber | 9 | der ganze Zinnober |
| 5 | der ganze Schwindel | | |

Repare-se que: (i) os substantivos aqui representados têm como denominador comum o traço semântico ‘coisa(s) com pouco valor’/‘coisa(s) insignificante(s)’. Note-se aliás que, no contexto lexemático aqui em análise – *der/... + ganze + x* –, estes constituintes exemplificam um mesmo conceito: ‘coisas com pouco valor’. De facto, a substituição de qualquer um dos substantivos das unidades (1) a (9) por um lexema que funcione como ‘exemplo’ do conceito ‘coisas com pouco valor’ levará à criação de uma expressão sinónima das expressões do bloco Ia 2.16. É o que se verifica, por exemplo, em relação ao lexema *Gerümpel* (‘velharias’; ‘trastes velhos’): *das ganze Gerümpel*. Convém porém notar que o lexema *Gerümpel* abarca apenas parte da esfera semântica do lexema *Zeug*. Em outros termos: o lexema *Gerümpel* é semanticamente mais restrito. As observações precedentes confirmam a ideia defendida por Schemann (2003: 107-109) de que a sinédoque exemplificativa (*exemplifizierende Synekdoche*) é um factor que contribui para a constituição de expressões sinónimas no âmbito da idiomática. Ainda em relação ao traço semântico ‘coisa(s) insignificante(s)’, importa assinalar que esta característica encontra-se geralmente associada a um significado depreciativo; (ii) embora alguns dos substantivos tomados como formas livres – *Zeug*, *Kram*, *Krempel*, *Rummel*¹⁶⁶ – possam designar um colectivo de coisas, o sentido do ‘conjunto’ é reforçado pelos constituintes *das/die + ganze*. Dito isto, a interacção entre o modelo de construção, vinculado à categoria com o valor semântico ‘um colectivo/conjunto de coisas’, e o significado dos substantivos acima pode ser representada por um esquema como o seguinte:

¹⁶⁶ Uma vez que, segundo a entrada correspondente ao lema *Rummel* constante do Röhrich, a palavra *Rummel* pode ser empregue para designar uma feira anual – *auf den Rummel gehen* (‘ir à feira’), *Rummelplatz* (‘lugar onde se realiza a feira’) – parece ser possível afirmar que o substantivo *Rummel* adquire um valor colectivo por metonímia: o vocábulo *Rummel* com a acepção ‘mercado’ ou ‘feira’ é empregue para designar o conjunto dos artigos, das velharias e dos produtos que aí se expõem e vendem.

por nada’), expressão que no plano idiomático significa *‘für alles’* (por tudo). Como vemos, no plano da imagem a expressão (1) exprime dois pólos extremos – *alles* (‘tudo’) e *nichts* (‘nada’), isto é, exprime a ideia da ‘totalidade’ ou do ‘todo’ – o que é considerado em toda a extensão. Trata-se, portanto, do princípio da totalidade (*Totalisierung*)¹⁶⁷.

Por último, nas expressões (2) a (5) podemos falar de uma intersecção dos eixos sintagmático e paradigmático. O ponto de intersecção ocorre na posição *x* da estrutura sintagmática fixa: *für/um + jeden + x*. Efectivamente sucede que todos os lexemas que ocupam essa posição – *Kram* (‘tralha’, ‘trastes’), *Dreck* (‘porcaria’), *Mist* (‘lixo’, ‘porcaria’), *Scheißdreck* (‘merda’, ‘caca’) – fazem referência a coisas às quais atribuímos pouco valor. Estes lexemas exemplificam o conceito de ‘pouco valor’. Escreve Schemann a respeito do processo de exemplificação: “Jedes Exemplum setzt Weltwissen und die Fähigkeit voraus, dieses Wissen in Begriffe umzusetzen – bzw., umgekehrt, Begriffe in ‘Beispiele aus der Welt’ ‘aufzulösen’” (2003: 109). Podemos, por conseguinte, dizer que este processo assenta, por um lado, na interacção homem – mundo e, por outro, na capacidade de convertermos ou transformarmos o conhecimento que resulta desta interacção em conceitos (capacidade de abstracção) e vice-versa, a capacidade de resolver conceitos em exemplos. Voltando aos exemplos (2) a (5), reconhecemos que se trata de um caso de sinédoque dinâmica que ocorre por via da substituição do elemento nuclear (*x*) da construção *für/um + jeden + x*. E com isto verificamos que estamos perante um modelo de construção que para além da fixidez no plano sintagmático também revela fixidez no plano paradigmático.

(b) *Sich über jede Kleinigkeit ärgern/aufregen* – ‘chatear-se/afligir-se por qualquer ninharia’

Observemos as seguintes expressões do bloco sinónimo Ia 3.23:

¹⁶⁷ Releva salientar a relevância da ideia da ‘totalidade’ ou do ‘todo’ enquanto esquema que funciona como base para a formação de unidades linguísticas no âmbito da idiomática. Sirvam de exemplo algumas das expressões que integram o bloco sinónimo Ic 1.8, bloco que pertence ao campo semântico delimitado pelos arquilexemas *echt* (‘autêntico’/‘genuíno’), *typisch* (‘típico’/‘característico’), *durch und durch* (‘completamente’/‘de cima a baixo’/‘do princípio ao fim’): *von Kopf bis Fuß* (‘da cabeça aos pés’); *vom Scheitel bis zur Sohle* (sentido literal: ‘do alto da cabeça à planta dos pés’; equivalente: ‘da cabeça aos pés’); *von hinten bis vorne/vorne bis hinten* (‘de trás para a frente’/ ‘de frente para trás’); *von oben bis unten* (‘de cima/alto a baixo’). Como se pode depreender, todas estas expressões transmitem a ideia ‘totalmente’/‘integralmente’/‘completamente’. Consulte-se Schemann (2003: 109-112) para uma análise detalhada de expressões que partem deste esquema.

Ia 3.23

- 1 sich über jeden Käse aufregen/ärgern/...
- 2 sich über jeden Quark aufregen/ärgern
- 3 sich über jede/(die) Fliege an der Wand ärgern/...
- 4 sich über jeden Fliegenschiß an der Wand ärgern/...

À semelhança do que se verifica em relação às expressões do bloco Ia 3.19, os constituintes das expressões do bloco Ia 3.23 que exprimem a ideia ‘por tudo e por nada/por qualquer ninharia’ também designam coisas ou objectos insignificantes – *Käse* (‘queijo’), *Quark* (‘requeijão’), *Fliege* (‘mosca’), *Fliegenschiß* (‘merda de mosca’). Quer dizer, estes lexemas são empregues como exemplos da mesma ideia, o que significa que estamos perante o processo da sinédoque dinâmica. Assim sendo, a substituição destas palavras pelos lexemas *Kram*, *Dreck*, *Mist*, *Scheißdreck* do bloco Ia 3.19 não altera em nada o significado idiomático *sich über jede Kleinigkeit ärgern/aufregen* (‘chatear-se’/‘afligir-se por qualquer coisinha’): *sich über jeden Kram/Dreck/Mist/Scheißdreck aufregen/ärgern*. Em segundo lugar, repare-se que, para além da estabilidade paradigmática acima exposta, estamos perante um modelo de construção cuja fixidez ao nível do contexto lexemático se encontra aliada a restrições ao nível do contexto semântico: *sich + über + jede(n) x* (coisa insignificante) + *verbo (aufregen/ärgern)*. Posto isto, parece não ser infundamentado afirmar-se que a fixidez ao nível sintáctico e semântico que enforma o modelo de construção aqui em análise não constitui impedimento para o surgimento de outras expressões sinónimas dos exemplos do bloco Ia 3.23. Pelo contrário, o modelo ou padrão linguístico, conjuntamente com os factores de ordem sintáctica e semântica que estão na sua origem, parece funcionar como elemento facilitador da criação ou construção de novas expressões.

(c) *Nichts verstehen vom etwas* – ‘não entender/perceber (absolutamente) nada de algo’

Observando as expressões do bloco Cd 2.10, concluímos que:

Cd 2.10

- 1 einen Quark von etw. verstehen
- 2 einen Dreck von etw. verstehen
- 3 von etw. so viel verstehen wie die Kuh vom Sonntag
- 4 von etw. so viel verstehen wie der Ochs vom Klavierspielen
- 5 von etw. so viel verstehen wie der Esel vom Lautenschlagen
- 6 von etw. so viel verstehen wie der Hahn vom Eierlegen

- (i) As expressões (1) e (2) apresentam uma estrutura sintagmática fixa: *einen* + *x* (coisa com pouco valor) + *von etw. verstehen*. Tal como sucede com as categorias acima, verifica-se uma fixidez paradigmática na posição *x* do modelo. De modo geral, todos os lexemas já apresentados, portadores do traço semântico ‘coisa com pouco valor’ ou ‘coisa insignificante’ podem ser inseridos na posição *x* sem que daí resulte alterações do significado idiomático ‘não perceber/entender (absolutamente) nada de qualquer coisa’. Importa, no entanto, referir que as expressões (1) e (2) possuem uma estrutura sintático-semântica irregular na medida em que, do ponto de vista da construção base *nichts von etw. verstehen* (*Er versteht nichts von Architektur/Musik*), não é usual o emprego do sintagma nominal com valor semântico de quantidade – *nichts* (‘nada’) – em função de complemento no acusativo¹⁶⁸.
- (ii) As expressões (3) a (6) apresentam uma estrutura paralela que estabelece uma comparação: *von* + *etw.* + *so viel* + *verstehen* + *wie* + *x* + *von y*. Analisando mais de perto esta estrutura – *von etw. versteht A so viel wie {x₁/x₂/x₃... von y₁/y₂/y₃...}*, impõe-se reconhecer que o contexto lexemático *von* + *etw.* + *so viel* + *verstehen* + *wie* por si só já sugere a ideia de ‘grau mais elevado possível’ (*höchster Grad*), isto é, a pessoa em questão não percebe absolutamente nada de determinado assunto. Assim visto, os lexemas que ocupam as posições *x* e *y*, isto é, os termos de comparação (*Vergleichselemente*), não têm influência sobre o significado idiomático da expressão ‘não entender/perceber (absolutamente) nada de algo’. Isto significa que, teoricamente, qualquer lexema poderá ser inserido nas posições *x* e *y* sem alteração do significado idiomático. Estamos, portanto, perante uma construção comparativa que funciona como uma fórmula vazia (*Leerformel*).
- (iii) O plano da imagem das expressões (3) a (6) é de natureza ficcional e hiperbólica. Em primeiro lugar, repare-se na relação de incongruência entre o constituinte verbal *verstehen* (‘compreender’/‘entender’/‘perceber’) e os lexemas que ocupam a posição *x* – *Kuh* (‘vaca’)/*Ochs* (‘boi’)/*Esel* (‘burro’)/*Hahn* (‘galo’). Em segundo lugar, observe-se a ligação desconexa existente entre as unidades *x* e as respectivas unidades *y*: *Kuh* – *Sonntag* (‘domingo’); *Ochs* – *Klavierspielen* (‘tocar piano’); *Esel* – *Lautenschlagen* (‘tocar alaúde’); *Hahn* – *Eierlegen* (‘pôr ovos’).

¹⁶⁸ Cf. o seguinte enunciado do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002): *Versteht der Rainer denn überhaupt etwas von Atomphysik? - Einen Quark versteht er davon. Er tut nur immer so, als wenn er etwas davon verstünde.*

Dito isto, parece ser possível dizer que a evidência da relação de incongruência entre estes constituintes suscita um efeito cómico¹⁶⁹ e reforça ou intensifica de forma hiperbólica a ideia de ‘grau muitíssimo elevado’ (*höchster Grad*): alguém percebe tanto de qualquer coisa como o galo de pôr ovos. Em outros termos: o indivíduo não percebe rigorosamente nada do assunto. Explorando a ideia de que as imagens de natureza ficcional são um produto da imaginação humana que, regra geral, se inspira nos mais diversos contextos, tudo indica que, dando asas à nossa imaginação, é possível chegar à ideia ‘não entender/perceber absolutamente nada’ por meio de outras imagens do domínio do fantástico que, à semelhança do que se verifica relativamente aos exemplos (3) a (6), assentam na relação de incongruência dos seus constituintes.

- (iv) O emprego destas expressões está limitado ao contexto específico ligado ao entendimento ou à compreensão de algo. Não obstante a predominância do verbo *verstehen* nos exemplos acima, tome-se em consideração, por exemplo, o verbo *begreifen* (‘compreender’) proveniente do mesmo campo semântico. Efectivamente, a substituição do constituinte verbal *verstehen* pelo verbo *begreifen* dá origem a expressões sinónimas que exprimem o mesmo significado idiomático: *einen Quark von etw. begreifen; von etw. so viel begreifen wie die Kuh vom Sonntag*. Em outros termos: estas expressões são variantes das respectivas expressões do bloco Cd 2.10.

Resta-me, para concluir esta secção, reunir os factores que influem na constituição de expressões sinónimas decorrentes das considerações acima: (i) os modelos de construção que se distinguem pela sua fixidez tanto no plano sintagmático como paradigmático – *der/... + ganze + substantivo colectivo; der/... + ganze + substantivo (coisa de pouco valor); für/um + jeden + substantivo (coisa de pouco valor); sich + über + jeden/... + substantivo (coisa de pouco valor) aufregen/ärgern; einen/... + substantivo (coisa com pouco valor) von etw. verstehen*; (ii) intimamente ligada ao ponto (i) encontra-se a sinédoque dinâmica ou exemplificativa. O constituinte nuclear dos contextos lexemáticos referidos em (i) corresponde a lexemas que exemplificam o mesmo conceito ou a mesma ideia; (iii) a estrutura comparativa na qualidade de fórmula

¹⁶⁹ Escreve Beattie ([1779], in Robinson, 1996: 320-321): “Laughter arises from the view of two or more inconsistent, unsuitable, or incongruous parts or circumstances, considered as united in one complex object or assemblage, or as acquiring a sort of mutual relation from the peculiar manner in which the mind takes notice of them”.

vazia (*Leerformel*) – *von etw. so viel verstehen wie ...* – que exprime a ideia de ‘grau mais elevado possível’ (*höchster Grad*); (iv) a dimensão ficcional da imagem (*sprachliches Bild*).

3.7. A SINONÍMIA NÃO IDIOMÁTICA VERSUS A SINONÍMIA IDIOMÁTICA

3.7.1. Comparação dos factores de diferenciação de sinónimos nos planos não idiomático e idiomático

Nesta secção proponho-me estabelecer uma comparação entre os factores de diferenciação sinonímica que actuam no plano linguístico não idiomático e aqueles que operam no plano da idiomática. Para tal, tomo como ponto de partida três estudos que, embora não lhes tenha sido dada a devida atenção, abordam alguns aspectos básicos e essenciais da problemática da sinonímia não idiomática. Trata-se do capítulo intitulado “La Synonymie” do *Précis de Lexicologie Française* (1988) da autoria de Bárdosi e Pálffy, do artigo de Ducháček intitulado “Différents types de synonymes” (1964) e do capítulo “Le problème de la synonymie: valeurs symboliques et valeurs symptomatiques” da obra *Vers une sémantique moderne* (1984: 173-203) de Baldinger. A sistematização dos factores que jogam no plano da idiomática basear-se-á na abordagem da sinonímia idiomática apresentada no presente capítulo.

A questão da existência ou não existência de sinonímia perfeita tem sido discutida sob diferentes perspectivas e suscita algumas dúvidas e dificuldades. Segundo a análise efectuada por Söll no seu estudo intitulado “Synonymie und Bedeutungsgleichheit” (1966), é possível identificar três tipos de respostas dos investigadores da sinonímia à pergunta “*Gibt es bedeutungsgleiche Wörter?*” (1966: 91):

- (i) Um primeiro grupo de investigadores contesta a existência de sinónimos perfeitos. Bally, na sua obra *Traité de stylistique française*, afirma que “un fait d’expression ne trouve pas toujours un terme qui puisse l’identifier, et que ce terme, s’il existe, ne lui équivaut jamais exactement; car *deux faits de langage ne sont jamais complètement synonymes*” (1951: 108). Observemos que Bally fundamenta a sua posição relativamente à não existência de sinonímia perfeita a partir do plano da ‘ideia’ (*fait d’expression*). Ao falar da ideia que procura uma expressão linguística, expressão que, caso exista, não coincide com ou não corresponde

exactamente à ideia que se pretende exprimir, Bally supõe a existência de uma espécie de ‘hiato’ entre a ‘ideia’ e a expressão linguística (*fait de langage*). Com efeito, nenhuma das duas expressões linguísticas que ‘correspondam’ à mesma ‘ideia’ são totalmente sinónimas. Já outros influentes autores manifestam a sua posição a partir do plano da língua¹⁷⁰. Limitar-me-ei aqui a apontar o contributo do filólogo e lexicógrafo alemão Dornseiff, que no prefácio da primeira edição do seu dicionário *Der deutsche Wortschatz nach Sachgruppen*, publicado em 1934, denuncia a sua posição, recorrendo à seguinte anedota:

“Ein Botschafter zu seinem Vorgesetzten: “Ja, die deutsche Sprache ist so schwer, immer bedeuten zwei Wörter das gleiche: *speisen* und *essen*, *springen* und *hüpfen*, *schlagen* und *hauen*, *senden* und *schicken*”. Darauf der Chef: “Das stimmt nicht. Eine Volksmenge kann man *speisen*, aber nicht *essen*, eine Tasse *springt*, aber sie *hüpft* nicht, die Uhr kann *schlagen*, aber nicht *hauen*, und sie sind ein *Gesandter*, aber kein *geschickter*”. Und zu einer anwesenden Dame: “Ich kann Sie an einen *sicheren* Ort führen, aber nicht an einen *gewissen*”” (Dornseiff (1934), *apud* Söll, 1966: 96, *nota*).

Segundo Dornseiff, averiguar a existência de uma relação de sinonímia entre palavras pressupõe tomar em consideração os contextos sintático-semânticos nos quais estas unidades ocorrem ou podem ocorrer.

- (ii) Um segundo grupo de investigadores mantém uma posição ambígua, visto que os exemplos e argumentos aduzidos para fundamentar a possibilidade da existência de sinonímia perfeita são pouco convincentes. Ullmann dá início ao capítulo da sua obra *Semantics* (1964: 141-155) dedicado à sinonímia com a seguinte afirmação:

“(…) it would be wrong to deny the possibility of complete synonymy. Paradoxically enough, one encounters it where one would least expect it: in technical nomenclatures. The fact that scientific terms are precisely delimited and emotionally neutral enables us to find out quite definitely whether any two of them are completely interchangeable, and absolute synonymy is by no means infrequent” (1964: 141).

¹⁷⁰ Cf. a afirmação de Bloomfield (1973: 145): “each linguistic form has a constant and specific meaning. If the forms are phonemically different, we suppose that their meanings are also different – for instance, that each one of a set of forms like *quick*, *fast*, *swift*, *rapid*, *speedy*, differs from all the others in some constant and conventional feature of meaning. We suppose, in short, that there are no actual *synonyms*”.

Ullmann expressa a ideia de que a sinonímia absoluta ou perfeita ocorre no domínio do vocabulário técnico-científico, pois que o significado destes termos pode ser delimitado com rigor e não possui valor afectivo. Baseando-se nos exemplos de sinónimos absolutos apresentados por Ullmann – *spirants* = *fricatives*, *Semantik* = *Semasiologie*, *Lautlehre* = *Phonetik*, *Formenlehre* = *Morphologie* –, Söll (1966: 93-94) chama a atenção para o facto de que este linguista circunscreve a sua análise sinonímica dos termos técnicos ao nível da *langue*, descurando, desta forma, outros factores que põem em evidência as diferenças entre os vocábulos em questão. As reservas postas por Söll fundam-se sobretudo em duas ordens de argumentos: em primeiro lugar, na identificação de sinónimos absolutos, há que analisar as restrições de distribuição dos termos em análise. Söll observa que, por exemplo, no caso do par sinonímico *Semantik* – *Semasiologie*, não é possível substituir o termo *Semantik* pelo termo *Semasiologie* nas seguintes combinações sintagmáticas: *philosophische Semantik*, *logische Semantik*, *allgemeine Semantik*. Assim visto, a análise dos contextos linguísticos em que os termos ocorrem e da possibilidade ou não de comutação entre os mesmos assume particular relevância na discriminação de diferenças semânticas ténues entre lexemas que, à primeira vista, são tidos como sinónimos absolutos. Em segundo lugar, a oposição entre os conceitos de ‘sentido’ e ‘referente’ é um factor a ter em conta na verificação da existência de sinonímia absoluta entre termos técnicos. Aqui é necessário, certamente, evocar a diferença entre sentido e referência: palavras ou locuções que, tendo o mesmo referente, são portadoras de sentidos diferentes, isto é, apresentam o referente sob aspectos ou ângulos diferentes¹⁷¹. Segundo Söll, os pares de termos técnicos tidos como sinónimos absolutos não constituem excepção em relação à oposição sentido – referência.

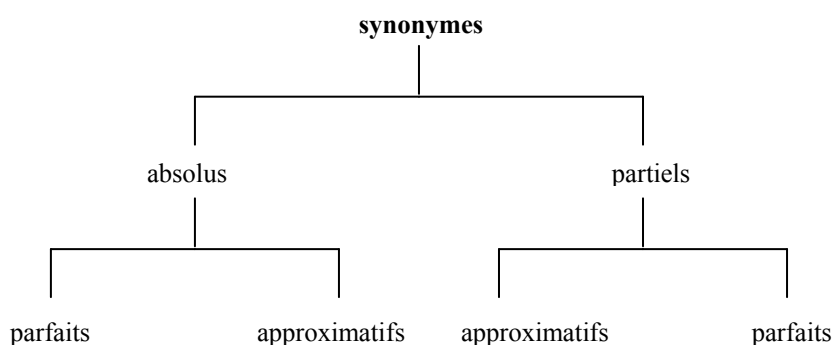
¹⁷¹ Em alguns autores encontra-se o termo ‘sinonímia referencial’ para designar este fenómeno. Cf. a interpretação deste termo, formulada por Bastuji no manual intitulado *Comment apprendre le vocabulaire?* e citada no artigo de Bárdosi e Pálffy (1988: 82): “On peut (...) dénoter le même objet par une classe de parasyonymes et de périphrases. Ainsi, pour éviter de répéter le mot *Paris*, on le remplacera par *capitale de la France*, *ville-lumière* ou *grande métropole française*. De même, on peut désigner la planète *Vénus* comme *l'étoile du soir*, *l'étoile du matin*, *l'étoile du berger*. De telles périphrases définissent sur les mots *Paris* ou *Vénus* une synonymie référentielle: l'objet nommé demeure identique, mais les propriétés qui lui sont attribuées sont à chaque fois différentes. Ainsi s'opposent le référent (l'objet ou l'être auquel renvoie un mot ou un groupe de mots) et le signifié (les traits et propriétés sémantiques qui lui sont attribuées)”. Por sua vez, Baldinger (1984: 197-198) distingue entre *synonymie extensionnelle* e *synonymie compréhensionnelle*: “Synonymes par extension, *Paris* et *capitale de la France* ne le sont que pour ceux qui connaissent leur identité. *L'étoile du matin* (Morgenstern) et *l'étoile du soir* (Abendstern) sont définies comme deux objets différents quand on procède par compréhension; ils sont pourtant extensionnellement synonymes (Vénus)”.

(iii) O último grupo de estudiosos defende categoricamente a existência de sinónimos absolutos. Ducháček, um dos poucos linguistas que procurou sistematizar as relações sinonímicas entre unidades de significação, faz uma divisão primária entre sinónimos absolutos (*synonymes absolus*) e sinónimos parciais (*synonymes partiels*). O fulcro desta divisão, que se baseia na análise do conteúdo semântico das unidades linguísticas, consiste na distinção clara entre unidades lexicais monossémicas e unidades lexicais polissémicas. Ducháček afirma explícita e reiteradamente que

“Cette distinction est, cependant, très importante puisque – en ce qui concerne les contenus sémantiques – *seuls les mots monosémiques* peuvent s’accorder intégralement avec d’autres mots également monosémiques, par exemple *deuxième* avec *second* ou bien *nul* avec *aucun*. Nous les appellerons *synonymes absolus*.

Quant aux noms *polysémiques*, seulement l’une de leurs acceptions peut égaler celle d’un autre mot monosémique ou l’une des acceptions d’un autre mot polysémique. Dans ce cas, il s’agit donc de *synonymes partiels*, parce que les deux unités lexicales ne s’accordent que par une partie de leurs contenus sémantiques, par exemple *revue* coïncide avec *parade* par l’une de ses acceptions et avec *magazine* par l’autre” [sublinhado por mim] (1964: 36).

Como se pode depreender, o princípio explicativo desta divisão entre sinónimos absolutos e sinónimos parciais consiste na verificação do número de acepções que as unidades lexicais em questão possuem. Já a subdivisão destes dois tipos de sinónimos baseia-se num critério qualitativo (Söll, 1966: 95), critério esse que envolve verificar se a equivalência semântica entre as acepções dos sinónimos absolutos ou parciais é uma equivalência total ou aproximada. Para compreendermos melhor o que está em causa, reproduzo aqui o esquema da estrutura base do modelo complexo de Ducháček (1964: 49):



Deixemos, para já, as especificidades dos sinónimos aproximativos que serão objecto de reflexão aquando da abordagem dos factores de diferenciação entre sinónimos, e examinemos o modelo no que diz respeito à equivalência semântica total entre sinónimos absolutos (= *synonymes absolus parfaits*) e sinónimos parciais (= *synonymes partiels parfaits*). Ducháček considera que, se, por um lado, a equivalência semântica total entre unidades linguísticas do léxico comum é um fenómeno extremamente raro, o mesmo não se verifica no plano do léxico científico (*ibidem*: 37). Vejamos os exemplos do domínio do léxico científico nos quais Ducháček se apoia: *voyelles vélaires* ('vogais velares') = *voyelles postérieures* ('vogais posteriores') e *voyelles labialisées* ('vogais labializadas') = *voyelles arrondies* ('vogais arredondadas'). Se considerarmos que (i) as vogais velares são produzidas na parte posterior da cavidade bucal onde se encontra o articulador passivo designado de véu palatino ou velum e (ii) a articulação das vogais que se distinguem pelo traço [arredondado] implica o arredondamento dos lábios, parece ser possível afirmar que, nos contextos lexemáticos em questão, está-se perante a caracterização das mesmas vogais a partir de diferentes ângulos da produção dos sons da fala. Podemos observar que os termos qualificativos *vélaires* e *labialisées* adquirem no contexto lexemático *voyelles* + *vélaires/labialisées* o significado 'posteriores' e 'arredondadas' respectivamente¹⁷². Assim visto, estes exemplos de Ducháček são sinónimos. Coloca-se, no entanto, a questão se a relação entre os exemplos apresentados é uma de sinonímia total. No meu entender, a relação de sinonímia total, por exemplo, entre as locuções *voyelles vélaires* e *voyelles postérieures* suscita dúvidas pelas seguintes razões: o entendimento do termo *voyelles postérieures* encontra-se ligado ao enquadramento da propriedade 'posterior' no sistema fonético da língua em questão, isto é, à relação do termo com outros termos que têm o mesmo critério comum: o ponto de articulação da vogal em relação à cavidade bucal. Por outras palavras, o termo *voyelle postérieure* faz sentido em oposição aos termos *voyelle antérieure* ('vogal anterior') e *voyelle centrale* ('vogal central'). Por seu turno, o termo *voyelle vélair* mantém uma relação semântica com os termos que, tal como

¹⁷² Cf. os exemplos *rotes Haar* ('cabelo ruivo') e *rotes Papier* (papel de cor vermelha). O adjectivo *rot* no contexto lexemático *rotes* + *Haar* (cabelo) é diferente do adjectivo *rot* no contexto lexemático *rotes* + *Papier* (papel). Ao contrário do que sucede com esta última expressão, a primeira funciona como uma unidade fraseológica (*phraseologische Verbindung*). Com efeito, é no contexto lexemático com o lexema *Haar* que o lexema *rot* significa 'so etwas wie rot' ('avermelhado').

este, identificam determinado ponto de articulação com base no respectivo articulador passivo: *voyelle labiale* – *voyelle dentale* – *voyelle alvéolaire* – *voyelle palatale* – *voyelle uvulaire*.

Voltemo-nos agora para a argumentação de Ducháček no que diz respeito à ocorrência de sinonímia absoluta e perfeita no plano da linguagem comum:

“Dans la langue commune (...), la synonymie absolue et parfait est parfois limitée, n'étant réalisée que dans certains contextes, par exemple il n'y a pas de différence entre *je crains de te perdre* et *j'ai peur de te perdre* (...), mais *craindre* ne peut être remplacé par *avoir peur* dans la tournure *je n'ai rien à craindre*. Il n'y a pas de différence entre *Charles fut calme* et *Charles fut tranquille*, entre *la mer était calme* et *la mer était tranquille*, mais on ne peut dire que *le temps est calme*. Dans la phrase *j'ai attrapé un étourneau*, ce dernier mot peut être remplacé par *sansonnet*, ce qui est évidemment impossible dans la phrase *il raisonne comme un étourneau*, puisque *sansonnet* ne comporte pas l'acception «étourdi»” (*ibidem*: 37).

Ducháček reconhece, desta forma, que o método no qual ele se baseia para elaborar a sua tipologia de sinónimos, método que, como acima referido, consiste na análise do conteúdo semântico das unidades linguísticas, é insuficiente para dar conta na prática da existência de equivalência semântica total entre unidades linguísticas do léxico comum, sendo necessário recorrer ao teste da comutação dos lexemas tidos como sinónimos em determinado contexto linguístico. Importa sublinhar que para se poder averiguar a existência de sinonímia total entre termos seria necessário ter em conta todos os possíveis contextos nos quais estes pudessem ocorrer, processo que é inexecutável. Se nos fixarmos agora mais atentamente nos exemplos de Ducháček, verificaremos que, se é possível a substituição de um lexema por outro em certos contextos linguísticos sem prejuízo de alteração do significado da frase ou enunciado, contextos há em que esses mesmos lexemas não são comutáveis. O próprio Ducháček reconhece que é muito difícil, senão improvável, verificar-se o caso de equivalência semântica total entre unidades linguísticas, ao constatar que

“Quand deux unités lexicales deviennent synonymes parfaits dans la langue commune, familière ou populaire (*bien que* – *encore que*, *abeille* – *avette*, *brûler* – *ardoir*), l'une d'elles sort généralement peu à peu de l'usage (*encore que*), devient archaïque (*avette*) et disparaît enfin (*ardoir*) ou bien se différencie sémantiquement, par exemple en enrichissant son contenu

sémantique par un nouveau élément complémentaire. Par ce fait, les synonymes parfaits changent en synonymes approximatifs” (*ibidem*: 37).

Quer dizer, o fenómeno de sinonímia perfeita entre unidades de significação despoleta, regra geral, um de dois tipos de processos de mudança semântica: a diferenciação semântica das unidades em questão na medida em que uma das unidades adquire, geralmente, um traço semântico complementar ou a evolução lenta de um dos lexemas em direcção à obsolescência¹⁷³.

Retomando a análise das unidades expostas por Ducháček, é necessário, porém, distinguir adequadamente entre os primeiros exemplos – *je crains de te perdre; j’ai peur de te perdre; je n’ai rien à craindre; Charles fut calme; Charles fut tranquille; la mer était calme; la mer était tranquille; j’ai attrapé un étourneau* – e o último exemplo – *il raisonne comme un étourneau* (‘ele raciocina como um estorninho’), unidade equivalente à expressão alemã ‘*er hat ein Hirn wie ein Spatz/ein Spatzenhirn*’ (‘ele tem cérebro de passarinho/pardal’), com significado idiomático ‘*ele é burro*’. Repare-se que Ducháček não trata este último exemplo como uma expressão idiomática, isto é, como uma expressão cujos constituintes funcionam em bloco, cingindo-se a abordar a sinonímia no plano das expressões idiomáticas da mesma forma como aborda a sinonímia no plano não idiomático, ou seja, por via da análise do conteúdo semântico dos constituintes na qualidade de formas livres¹⁷⁴.

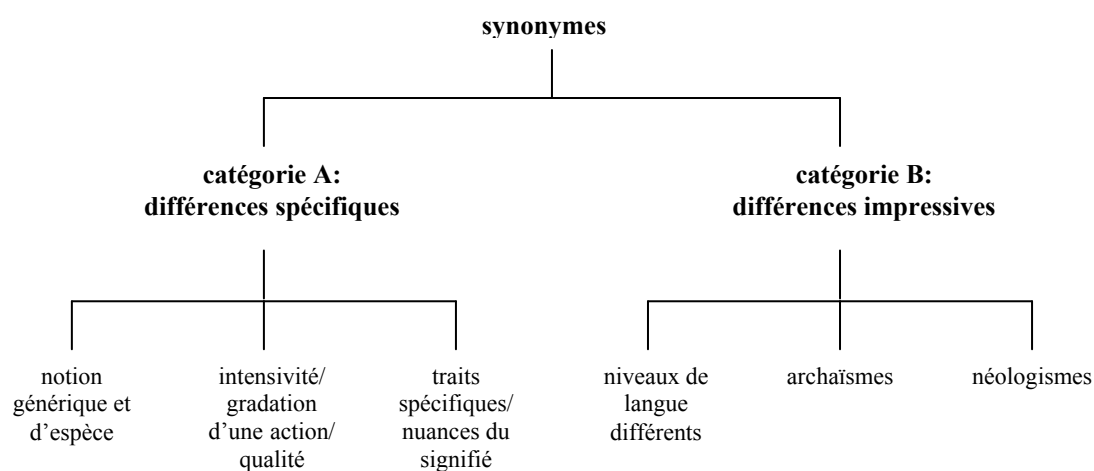
Como já se pôde avaliar pelas reflexões tecidas no âmbito deste estudo, abordar a sinonímia no plano das expressões idiomáticas implica tomar em consideração as questões relacionadas com a natureza das expressões idiomáticas em si, por exemplo, a fixidez sintáctico-semântica aliada às restrições morfológicas, factores de ordem pragmática, a ligação entre o significado literal e o significado idiomático das expressões, isto é, a ligação entre a imagem (*sprachliches Bild*) e o significado. Voltando à expressão *er hat ein Hirn wie ein Spatz/er hat ein Spatzenhirn*, podemos afirmar que o significado literal desta unidade linguística reflecte um aspecto específico da nossa realidade, nomeadamente a cabeça de um pássaro, como a do pardal, que se

¹⁷³ Cf. Ullmann (1964: 142): “it is perfectly true that absolute synonymy runs counter to our whole way of looking at language. When we see different words we instinctively assume that there must also be some difference in meaning, and in the vast majority of cases there is in fact a distinction even though it may be difficult to formulate”.

¹⁷⁴ Bally, ao analisar a sinonímia no plano fraseológico, afirma: “La phraséologie est, elle aussi, en conflit perpétuel avec la synonymie, et c’est encore une faute de méthode fréquente que de mettre sur le même pied les synonymes dans leur emploi indépendant et dans les groupements phraséologiques” (1951: 144).

caracteriza pelo seu tamanho reduzido. Ao utilizar a expressão *er hat ein Hirn wie ein Spatz*, está-se a comparar o tamanho do cérebro da pessoa em causa com o tamanho do cérebro de um pássaro ou pardal. Esta expressão constitui uma imagem – *sprachliches Bild* – da ideia ‘minúsculo, tamanho reduzido’. Se pensarmos na expressão *er hat ein Hirn wie eine Erbse* (‘ele tem um cérebro do tamanho de uma ervilha’), constatamos que esta sugere a mesma ideia da expressão *er hat ein Hirn wie ein Spatz*: ‘tamanho reduzido’ resulta em ‘pouca capacidade de raciocínio/compreensão’. A imagem funciona, portanto, com base na pressuposição ‘*kleines Gehirn* → *wenig Denkkraft*’ (‘cérebro minúsculo’ → ‘pouca capacidade de raciocínio’). Repare-se que estas expressões que constituem variações da mesma ideia possuem o mesmo significado idiomático ‘ele é burro’. Como vemos, enquanto que os estudos efectuados no âmbito da sinonímia não idiomática se debruçam sobre os detalhes do conteúdo semântico das palavras enquanto formas livres, o estudo da sinonímia idiomática assenta na relação entre a imagem (*sprachliches Bild*) e o significado idiomático global, isto é, no significado de toda a expressão e não no significado dos seus constituintes como formas livres.

Passamos agora a descrever e explicar os factores tidos como elementos de diferenciação que intervêm na relação entre unidades sinónimas não idiomáticas, tomando como ponto de partida a abordagem que Bárdosi e Pálffy fazem da sinonímia. Observe-se antes de mais que esta abordagem parte da categorização dos factores de diferenciação entre sinónimos proposta por Bally na sua obra *Traité de stylistique française* (1951), modelo que pode ser representado por um esquema como o seguinte¹⁷⁵:



¹⁷⁵ Esta esquematização gráfica do modelo de Bally foi elaborada a partir da descrição que Bárdosi e Pálffy (1988: 78- 79) fazem do mesmo, razão pela qual decidi manter os termos originais em língua francesa.

Sob o ponto de vista da concepção de um dicionário bilingue francês-húngaro, Bárdosi e Pálffy entendem que o estudo da sinonímia deve circunscrever-se à análise de dois dos três tipos de diferenças específicas de ordem semântica que integram a categoria A de Bally, a saber:

- (i) O tipo de diferenças relacionadas com o fenómeno de intensidade ou gradação de dada qualidade ou acção. Bárdosi e Pálffy limitam-se a apresentar de forma descontextualizada os seguintes exemplos: *respecter* ('respeitar') – *vénérer* ('venerar'); *pâle* ('pálido') – *blême* ('branco'; 'descorado'), *livide* ('lívido'). Tratando-se de uma noção relacional que, no seu sentido lato, “est impliquée dans toute comparaison des faits de langage, à condition qu’on comprenne sous le terme d’intensité toutes les différences qui se ramènent à une mesure de la quantité, de la grandeur, de la valeur, de la force, etc.,” (Bally, 1951: 170), não parece adequado falar em diferenças de grau de intensidade entre termos sinónimos sem ter em conta a base de comparação (*Vergleichsgrundlage*), a partir da qual se pode considerar a(s) nuances(s) de intensidade entre estes mesmos termos.

Como tivemos oportunidade de constatar nas secções anteriores, o factor ‘intensidade’ (*Intensivierung*) desempenha um papel importante no seio da idiomática e na constituição de expressões sinónimas no plano idiomático, contrastando com o papel secundário que este factor assume no âmbito da sinonímia não idiomática. Refira-se, em primeiro lugar, a expressão do significado ‘grau mais elevado (possível)’ (*höchster Grad*) nas expressões idiomáticas que estabelecem uma comparação que se baseia na realidade como ela se apresenta: *bleich wie {ein Leinentuch/Wachs/Kreide/Kalk/die Wand} sein/werden* – ser ou ficar de tal forma pálido que faz lembrar a cor de um pano de linho/da cera/do giz/da cal/da parede; *schwarz wie {Pech/Kohle/Ebenholz/die Nacht} sein* – ser de tal forma preto ou escuro que faz lembrar a cor acentuadamente preta do asfalto, do carvão, do ébano, da noite. Em segundo lugar, a expressão do significado ‘grau mais elevado (possível)’ está ligada a qualquer imagem (*sprachliches Bild*) hiperbólica de natureza ficcional. Por último, sublinhe-se que a própria estrutura formal que estabelece a comparação – *bleich/schwarz/... wie x sein/werden* – joga numa esfera ficcional. Lembrarei aqui as seguintes expressões sinónimas que comportam, como ficou claro no capítulo anterior, uma dimensão ficcional: (i)

von etwas so viel verstehen wie {die Kuh vom Sonntag/der Ochs vom Klavierspielen/der Esel vom Lautenschlagen/der Hahn vom Eierlegen}; (ii) du kannst dich {begraben/einpacken/einsalzen/ einbalsamieren/einsargen} lassen. Em terceiro lugar, refira-se a imagem (*sprachliches Bild*) que evoca uma consequência ou um efeito impossível ou ficcional como expressão do significado ‘em grau elevado’: *sich zu Tode schämen; jemand möchte/würde vor Scham (am liebsten) in die Erde sinken/versinken; jemand wäre am liebsten in ein Mauselloch gekrochen*. Quer dizer, a pessoa está de tal forma envergonhada que tem vontade de morrer, de desaparecer, de se meter pelo chão dentro, de se enfiar num buraco.

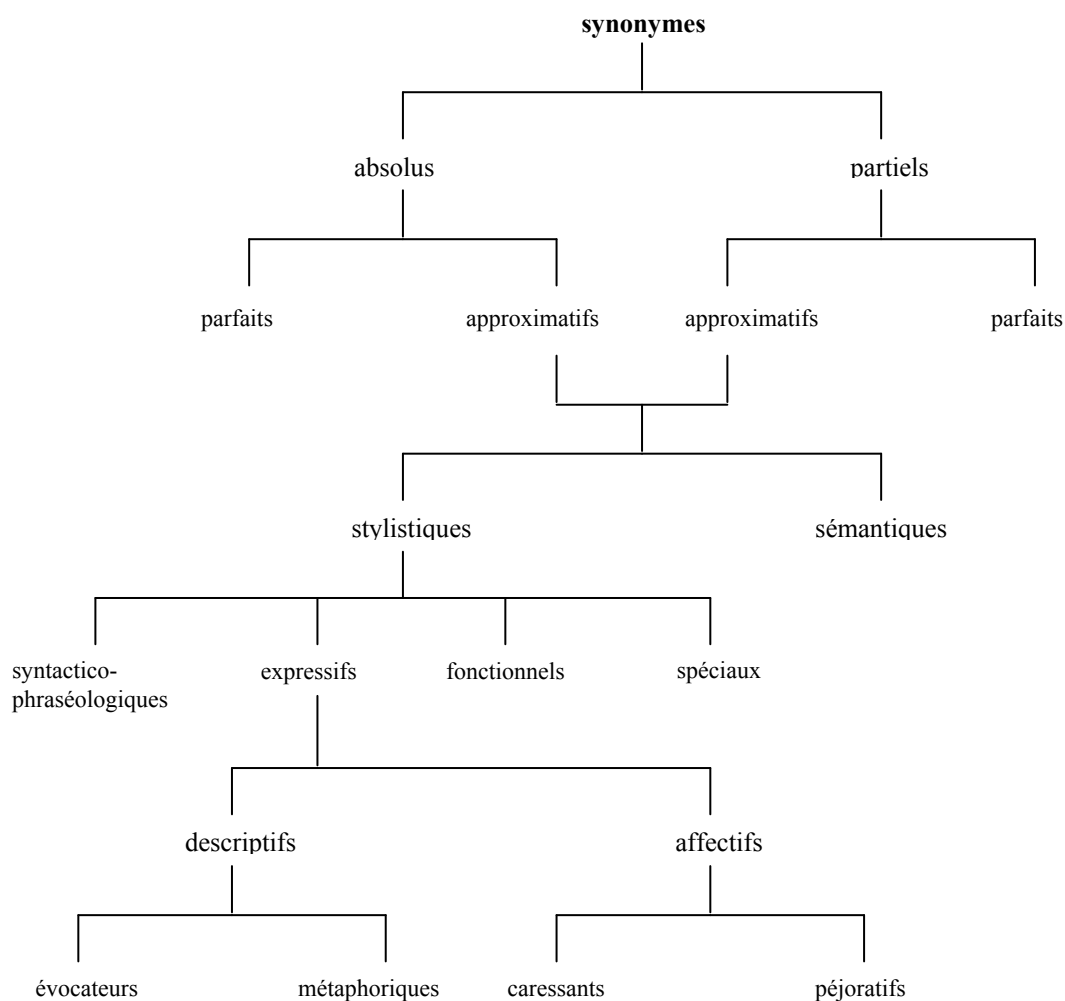
- (ii) O tipo de diferenças relacionadas com traços específicos ou nuances do significado. Numa primeira abordagem da questão, Bárdosi e Pálffy apresentam quatro sinónimos do francês (*exiger, réclamer, revendiquer, sommer*) que correspondem a um único lexema do húngaro (*követel*). As unidades lexicais que compõem a série sinonímica realizam um denominador comum na medida em que todas exprimem a noção de *exiger* (‘exigir’). O lexema *exiger* constitui, por assim dizer, o termo neutro¹⁷⁶. Os restantes lexemas da série evocam, para além da significação genérica e objectiva *exiger*, outros atributos ou semas diferenciadores: *réclamer* (‘reclamar’) – exigir algo a que se julga ter direito; *revendiquer* (‘reivindicar’) – exigir que seja cumprido aquilo que é considerado um direito; *sommer* (‘intimar/notificar/citar’) – exigir que alguém faça algo sob pena de punição. Note-se que estas observações derivam da análise da semelhança entre os significados (*Bedeutungsähnlichkeit*) das palavras aqui em causa. Parece ser possível inferir que uma abordagem que incide sobre os pormenores inerentes aos conteúdos semânticos dos lexemas tidos como sinónimos terá sempre como resultado nuances ou traços diferenciadores. Assim visto, compreende-se as dificuldades que os linguistas que se debruçam sobre a sinonímia não idiomática

¹⁷⁶ Bally descreve a natureza do termo ‘neutro’ da seguinte forma: “Qu’est en effet un terme identificateur, sinon celui qui exprime une pensée d’où l’on aurait éliminé, par la réflexion, toute manifestation de l’une ou l’autre des tendances inhérentes à l’esprit humain? Peut-on se représenter un terme d’identification qui soit péjoratif ou laudatif, qui produise un effet par évocation (...)? Peut-on imaginer, d’une façon générale, un mot identificateur qui soit essentiellement affectif? Non, et si nous nous donnons tant de peine pour trouver à chaque idée une expression aussi «neutre» que possible, c’est que nous voulons chercher à quelle catégorie de pensée correspond un fait étudié” (1951: 153-154). O termo neutro corresponde ao ‘*reiner Begriff*’ que exclui qualquer ligação ao sentimento ou à emoção (*Gefühl*), a manifestações de opinião (*Stellungnahmen*) e a referências espacio-temporais.

experimentam em formar séries de palavras sinónimas. Este cenário contrasta com o que sucede na abordagem da sinonímia idiomática.

No que diz respeito ao teste de comutação no âmbito do estudo da sinonímia, Bárdosi e Pálffy reconhecem que o facto de certos elementos serem comutáveis, isto é, serem susceptíveis de aparecer no mesmo contexto, não implica necessariamente que sejam palavras sinónimas. Efectivamente, nas palavras de Bárdosi e Pálffy, “interchangeabilité ne veut pas dire synonymie” (1988: 81). Todavia, estes autores fazem incidir, no meu entender, erroneamente, a sua observação e a sua análise deste processo sobre unidades fraseológicas: *vif (=agile) comme un lézard* (‘ágil como um lagarto’); *marcher d’un pas vif (=léger, rapide)* (‘andar em passo ligeiro’); *couleurs vives (=intenses)* (‘cores quentes’, ‘cores vivas’). Estes linguistas encaram os constituintes das expressões idiomáticas como unidades livres, descurando (i) o funcionamento em bloco dos constituintes – o contexto lexemático versus o contexto semântico; (ii) a ligação entre o sentido literal e o sentido idiomático das expressões; (iii) a base metafórica subjacente.

Passa-se em seguida a analisar, com algum pormenor, a tipologia dos factores de diferenciação entre sinónimos elaborada por Ducháček. Para além de constituir um modelo mais rigoroso, esta tipologia procura dar conta do comportamento sintáctico das expressões idiomáticas, estabelecendo como um dos factores de diferenciação entre sinónimos o elemento sintáctico-fraseológico. Assinalável é também o facto do modelo de Ducháček propor uma categoria de factores de diferenciação de ordem expressiva (*expressif*) que contempla diferenças de índole metafórica. Posto isto, impõe-se completar o esquema da estrutura base do modelo de Ducháček com uma subestrutura que representa os tipos de factores de diferenciação entre sinónimos por ele elaborados:



Dado que se trata de fazer o levantamento dos factores que estabelecem diferenças entre palavras sinónimas, apenas me ocuparei nas observações que se seguem da divisão da categoria dos sinónimos aproximativos, categoria que “naît (...) du désir de distinguer précisément les êtres, les choses, les qualités, les actions ou les états semblables, mais non identiques” (Ducháček, 1964: 39). Como se vê no esquema acima, Ducháček subdivide os sinónimos aproximativos em dois grandes grupos: o grupo dos sinónimos estilísticos e o grupo dos sinónimos semânticos. Começando pelo grupo dos sinónimos estilísticos, Ducháček distingue quatro tipos de factores de diferenciação entre unidades lexicais sinónimas, a saber: (i) factores de ordem sintáctico-fraseológica; (ii) factores relacionados com traços de expressividade; (iii) factores ligados a aspectos funcionais das unidades; (iv) factores caracterizados como especiais (*spéciaux*). No que diz respeito à categoria dos factores de ordem sintáctico-fraseológica, Ducháček toma como base os pares sinonímicos *briser/casser* (‘quebrar’, ‘partir’) e *battre/frapper* (‘bater’)

que são, segundo este autor, comutáveis num número considerável de contextos livres, isto é, contextos que permitem o processo de substituição no eixo sintagmático e paradigmático: *briser/casser une glace, une fenêtre, un vase* ('partir um copo/um vidro/uma jarra'); *battre/frapper un enfant* ('bater a uma criança'). Contudo, esta relação de comutação entre estes lexemas não se verifica quando se trata de expressões multi-palavra cujos constituintes funcionam e significam em bloco: *se battre/se frapper la poitrine* ('bater no peito'), *briser son discours* ('quebrar o fio ao discurso'), *briser un traité* ('quebrar um acordo'), *briser le cœur à quelqu'un* ('partir/despedaçar o coração a alguém'), *se battre en duel* ('bater-se em duelo'). A impossibilidade de substituir os verbos *briser* e *battre* pelos verbos *casser* e *frapper* respectivamente nas expressões acima levou Ducháček a concluir que os sinónimos *briser/casser* e *battre/frapper* apresentam diferenças de natureza sintático-fraseológica. Ducháček faz ainda uma breve referência às expressões empregues em sentido figurado. Nestes casos não é possível substituir o verbo *briser* pelo verbo *casser*¹⁷⁷.

No que diz respeito ao tipo de factores de ordem expressiva, Ducháček divide esta categoria em sinónimos entre os quais existem diferenças descritivas e sinónimos entre os quais se verificam diferenças de natureza afectiva. As diferenças descritivas entre sinónimos subdividem-se em diferenças do tipo evocatório e diferenças do tipo metafórico¹⁷⁸. Por sua vez, as diferenças afectivas entre sinónimos subdividem-se em diferenças do tipo positivo e diferenças do tipo pejorativo. Analisando o tratamento concedido por Ducháček à categoria dos factores de diferenciação de ordem expressiva, verifica-se, primeiramente, que, em relação às diferenças descritivas, não há especificação da natureza das nuances de tipo evocatório e metafórico. Ducháček limita-se a enumerar pares e séries de sinónimos (*vieillard* ('velho/homem de idade') – *barbon* ('velhote'), *grison* ('grisalho'); *avare* ('avarento') – *grippe-sous* ('forreta'), *pince-maille* ('somítico'); *visage* ('cara/rosto/face') – *gueule* ('goela'), *mufle* ('focinho'), *museau* ('focinho/fuça'), *trombine* ('tromba/ventas'); *réprimander* ('repreender/admoestar/censurar') – *savonner la tête* ('dar uma ensaboadela a alg')),

¹⁷⁷ Veja-se a única referência de Ducháček à oposição entre sentido literal e sentido figurado no artigo em análise (1964: 41): "La possibilité de remplacer *briser* par *casser* n'est pas si grande. Employés au sens propre, ils sont généralement le même sens (*briser* ou *casser une glace, une vitre, une fenêtre, un vase, un verre*), mais au figuré, seul *briser* peut être utilisé (*briser son discours, un traité, le cœur, l'unité, les efforts de quelqu'un, etc.*)".

¹⁷⁸ Note-se que esta subdivisão das diferenças de tipo descritivo em diferenças de tipo evocatório e de tipo metafórico suscita dúvidas, uma vez que é contraditório ligar estas subcategorias à categoria descritiva. A tipologia de Ducháček torna-se confusa a partir deste ponto.

mas não dá qualquer tipo de explicação em relação ao que entende por diferenças evocatórias e diferenças metafóricas entre sinónimos. Analisando mais de perto alguns destes exemplos, impõe-se reconhecer, em primeiro lugar, que, ao empregar os lexemas *focinho/fuça/tromba* e os lexemas *goela/venta* para fazer referência ao rosto ou cara de uma pessoa, está-se perante os processos de transposição metafórica e metonímica respectivamente. Em segundo lugar, repare-se que no caso do par *reprender – dar uma ensaboadura a alg* o primeiro elemento do par é de carácter não idiomático, enquanto que o segundo elemento é de carácter idiomático. Mais ainda, a expressão *dar uma ensaboadura a alg* é uma imagem (*sprachliches Bild*) que tem como motivação a acção concreta de ensaboar, esfregar com sabão, alguém ou alguma coisa. Entre o significado literal da expressão e o significado idiomático ‘reprender alg’ dá-se uma transposição metafórica do domínio concreto para o domínio abstracto de significação (domínio moral). Em terceiro lugar, importa chamar a atenção para a dimensão ficcional da expressão idiomática *dar uma ensaboadura a alg*. Como se pode depreender, o factor ‘ficção’ não se põe no caso das expressões não idiomáticas. Por último, Ducháček observa com acerto que o facto da diferenciação entre as unidades sinónimas acima expostas ser classificada de descritiva, isto não implica a exclusão da intervenção de factores do tipo afectivo (nuances de tipo positivo ou pejorativo). Surge, assim, a questão da sobreposição de factores de diferenciação pertencentes a categorias diferentes, fenómeno que, como temos vindo a observar, assume grande relevância no estudo da sinonímia idiomática.

Relativamente às diferenças de ordem afectiva, veja-se a seguinte definição de Ducháček: “Les synonymes affectifs comportent l’expression de la sympathie du sujet parlant pour l’être ou la chose dont il parle ou bien de son antipathie” (*ibidem*: 42). O que é certo é que Ducháček se cinge, na sua análise das diferenças de ordem afectiva entre os sinónimos *animal* (‘animal’) – *bête* (‘animal/bicho’), ao plano sintáctico-semântico, chegando à conclusão que, em oposição ao lexema *animal*, considerado neutro no que respeita a nuances de ordem afectiva, o emprego do lexema *bête*, por exemplo, no contexto *pauvre bête* (‘coitado/coitadinho’), possui uma conotação afectiva. Considere-se ainda o seguinte exemplo fornecido por Ducháček: *bouche* (‘boca’) – *gueule (museau, mufle, bec)*. Embora reconheça que os termos que designam a boca de um animal adquirem um valor afectivo pejorativo ou depreciativo num contexto específico, isto é, quando empregues em relação a um ser humano, este autor

não exemplifica e não faz referência ao processo de transposição de semas de uma classe semântica para outra. Interessa sublinhar devidamente a importância que o processo de transposição metafórico desempenha enquanto factor de diferenciação entre sinónimos. Para tal, servir-me-ei da seguinte série de expressões alemãs do campo semântico Dc 2 do *Synonymwörterbuch*:

Dc 2.14

- | | | | |
|---|----------------------------|---|---------------------------|
| 1 | den/seinen Mund halten | 4 | das/sein Maul halten |
| 2 | den/seinen Schnabel halten | 5 | die/seine Schnauze halten |
| 3 | die/seine Klappe halten | 6 | die/seine Fresse halten |

Ao pronunciar o enunciado *Halt den Mund/die Klappe/den Schnabel/die Schnauze/die Fresse/das Maul!*, o sujeito falante ordena ao seu alocutário que se cale: ‘Silêncio!’, ‘Caluda!’, ‘Bico calado!’, ‘Bico!’. A diferença entre a primeira expressão *den Mund halten – Halt den Mund!* (‘Cala a boca!’) – e as restantes expressões – *den Schnabel halten* (‘calar o bico’), *die Klappe halten*, *das Maul halten*, *die Schnauze halten* (‘calar o focinho’), *die Fresse halten* (‘calar o focinho/a tromba’) – no que respeita a atitude do falante dá-se ao nível do que é dito (*das Gesagte*). Vejamos que o lexema *Mund* enquanto forma livre designa a parte do corpo humano por onde se processa a emissão da voz. Tomado no contexto lexemático em questão o constituinte *Mund* é empregue de forma metonímica. Já no que se refere às demais expressões, observa-se que os constituintes *Schnabel*, *Maul* e *Schnauze* tomados como formas livres designam a boca e/ou o apêndice nasal de alguns animais, a parte anatómica através da qual os animais emitem sons. Isto significa que no contexto lexemático *Halt den Schnabel/das Maul/die Schnauze!* os substantivos são empregues, por um lado, de forma metafórica – transposição classemática entre o domínio fonte ‘animal’ e o domínio alvo ‘ser humano’ – e, por outro, de forma metonímica – relação de contiguidade entre os órgãos ‘boca’, ‘nariz’ e a produção de sons (metonímia do instrumento). No que diz respeito à expressão *Halt die Klappe!*, está-se perante uma transposição metafórica de tipo classemática entre o domínio fonte ‘coisa’ (que possui um tampo) e o domínio alvo ‘ser humano’. Como se vê, o processo de transposição metafórica funciona como factor de diferenciação entre a expressão *Halt den Mund!* e as expressões *Halt den Schnabel/das Maul/die Schnauze/die Klappe!*, processo responsável pelo carácter disfemístico destes últimos enunciados. Do ponto de vista do que se quer ou pretende dizer ou alcançar (*das Gemeinte*), todas as expressões estão à disposição do sujeito falante sempre que este tenha a intenção de impor silêncio. A propósito da natureza disfemística das expressões

acabadas de analisar importa não perder de vista que os traços de apreciação positiva ou depreciativa vinculados a lexemas que integram unidades idiomáticas podem assumir no plano do sentido literal uma função diferenciadora entre expressões sinónimas, como comprovam as considerações tecidas no ponto 3.6.2. sobre os lexemas *Bande* e *Blase* em comparação com os lexemas *Verein*, *Klub* e *Gesellschaft*, constituintes das expressões do bloco sinónimo Ia 2.8 – *die/der ganze Verein/Klub/Gesellschaft/Bande/Blase*. Para além da relevância dos processos de transposição metafórica e metonímica, há ainda outros aspectos que se devem ter em conta na análise do bloco sinónimo Dc 2.14: em primeiro lugar, chamo a atenção para o facto das expressões (1) a (6) serem predominantemente utilizadas na realização de um acto de fala directivo (*Aufforderung*). Como já foi referido, apesar das diferenças de natureza disfemística que existem entre as unidades em análise, a sinonímia ocorre ao nível do que se pretende dizer ou alcançar (*das Gemeinte*) e não ao nível do que se diz (*das Gesagte*). Em segundo lugar, importa referir que o verbo *halten* no contexto lexemático *den Mund/den Schnabel/die Klappe/das Maul/... + halten* não tem o significado que possui enquanto forma livre: *etwas halten* – ‘segurar/agarrar com a mão’. Por outras palavras, tratam-se de expressões cujos constituintes significam em bloco. Em suma: os critérios de ‘simpatia’ e ‘antipatia’ avançados por Ducháček para caracterizar os sinónimos afectivos não são suficientes para dar conta do que está em causa nesta categoria.

Procurando em seguida caracterizar o terceiro tipo de factores de diferenciação entre sinónimos não idiomáticos, os factores de carácter funcional, cito aqui a explicação de Ducháček:

“Les synonymes fonctionnels se distinguent par leur appartenance aux différents styles fonctionnels. Le choix des mots dépend de plusieurs facteurs. On se sert d’autres mots en écrivant qu’en parlant; le style et le vocabulaire changent selon l’interlocuteur (enfant, ami, personnage estime, etc.) et plus encore d’après ce qu’on dit (causerie, discours, harangue, sermon, traité scientifique, etc.). Du point de vue du lexique, la poésie diffère de la prose et du drame, la langue des belles-lettres de la langue scientifique (technique), la langue littéraire du langage courant (familier, populaire) et des argots” (*ibidem*: 42-43).

Trata-se de uma categoria que *grosso modo* diz respeito à adaptação ou adequação da forma de expressão ao contexto ou à situação específica de comunicação. Assim, os

diferentes tipos de processos de comunicação – literária, normal, técnica, científica – aliados aos meios da fala ou da escrita exigem formas diferenciadas de organização e estruturação do discurso por parte dos intervenientes.

Estas orientações deverão ser relacionadas, no meu entender, com os tipos de variação linguística estabelecidos por Coseriu (1970: 32), nomeadamente as variações de natureza diatópica, diastrática e diafásica. O fenómeno de variação diatópica corresponde à existência de diferenças de uso de determinada língua em áreas geográficas diferentes. Considere-se, a título de exemplo, os seguintes pares de lexemas do alemão: *Sonnabend – Samstag*¹⁷⁹; *Kloß – Knödel*; *Kohl – Kraut*¹⁸⁰; *fegen – kehren*¹⁸¹. A diferença entre os constituintes de cada par de sinónimos, elementos que sincronicamente designam o mesmo referente, prende-se com o uso destes elementos em contextos geográficos diferentes: o primeiro elemento de cada par de lexemas é característico do Norte da Alemanha; já o segundo elemento é característico do Sul da Alemanha. Por conseguinte, a variação lexical de natureza diatópica é um fenómeno que permite identificar um falante como sendo proveniente de determinada zona geográfica. Por sua vez, a variação diastrática tem a ver com diferenças linguísticas que derivam da organização sócio-cultural da sociedade em classes e categorias sociais. Por último, o fenómeno de variação diafásica diz respeito a diferenças que resultam de factores de ordem pragmática, como sejam a modalidade do discurso (oral ou escrita), o tipo de situação de comunicação, os registos ou estilos linguísticos (maior ou menor grau de formalidade). Para ilustrar o acima exposto, sirvo-me do seguinte exemplo apresentado por Ducháček: *spleen – mélancolie* (*'spleen' – 'melancolia'*). Pela sua ligação íntima com a vida e a obra do poeta francês Charles Baudelaire, ligação que se encontra expressa de forma explícita nos poemas reunidos sob o título “Spleen” na sua obra *Les Fleurs du Mal*, Ducháček dá a entender que o termo *spleen* pertence ao domínio literário.

¹⁷⁹ Sobre a distribuição geográfica e o sentido etimológico dos lexemas *Samstag* e *Sonnabend*, cf. König, *dtv-Atlas Deutsche Sprache* (1998: 187-189): “Diese beiden Ausdrücke sind gleichermaßen hochsprachlich, je nach Region wird einem von ihnen der Vorzug gegeben. *Sonnabend* ist etymologisch durchsichtig: ahd. *sunnūn āband* ist der Abend vor dem Sonntag, dessen Bezeichnung sich auf die Benennung des ganzen Tages ausdehnte, wobei es sich hier um eine Klammerform handelt: Das mittlere Glied *-tag-* ist ausgelassen. Der *Samstag* ist vom Griechischen über die Donaustraße ins Bair.[ische] gedrungen und hat von da aus das hochdeutsche Gebiet erobert”.

¹⁸⁰ Escreve König (*ibidem*: 209): “Das deutsche Sprachgebiet ist geprägt vom Gegensatz südlich *Kraut*, nördlich *Kohl*”.

¹⁸¹ Cf. König (*ibidem*: 234): “Die Tätigkeit, die man mit einem Besen ausführt, nennt man im Norden *fegen*, im Süden *kehren*”.

Verificada a importância dos factores de carácter funcional na diferenciação de sinónimos não idiomáticos, vejamos o papel que estes factores desempenham no plano das expressões idiomáticas. Em primeiro lugar, refira-se que, como oportunamente foi apontando, uma parte substancial das expressões idiomáticas está vinculada (*gebunden*), por um lado, a elementos de natureza histórico-cultural e, por outro, a fontes literárias. Observe-se, por exemplo, as expressões (1) dos seguintes blocos sinonímicos, unidades ancoradas, por um lado, na Bíblia, Livro que desempenha uma função fulcral em várias civilizações, em particular a civilização judaico-cristã, e, por outro, nas civilizações grega e latina:

Aa 1.9	De 28.11	Cb 13.37
1 seit Adam und Eva	1 ins Danaidenfaß schöpfen/das Faß	1 etw. ist jemandes Achillesferse
2 seit eh und je	der Danaiden füllen wollen	2 js. schwache Stelle sein
3 seit Menschengedenken	2 etw. (zu) tun ist dasselbe/das	3 js. schwache Seite sein
4 seit Urzeiten	gleiche wie mit dem/einem Sieb	
5 seit uralter Zeit	Wasser schöpfen	
6 seit ewigen Zeiten	3 etw. (zu) tun ist dasselbe wie	
7 von alters her	Wasser in den Rhein/in die	
	Elbe/ins Meer tragen	

Note-se que qualquer uma das expressões do bloco sinonímico Aa 1.9 pode ser empregue para exprimir o significado ‘desde sempre’/‘desde tempos primitivos’. A expressão *seit Adam und Eva* (‘desde o tempo de Adão e Eva’) destaca-se, no plano do sentido literal, das restantes expressões pelo seu enraizamento nos primeiros dois capítulos do primeiro livro do Antigo Testamento *Génesis*, que descrevem e narram a criação do mundo e do primeiro homem, Adão, e da primeira mulher, Eva. Esta referência bíblica pode funcionar como base a partir da qual é possível formar outras expressões que exprimem a mesma ideia: *seit Adams/Evas Zeiten*. Relativamente ao bloco sinonímico De 28.11, vemos que os exemplos (1) a (3) podem ser utilizados numa situação em que o sujeito falante pretende exprimir a ideia ‘tentar ou fazer uma coisa impossível’. No entanto, observando o sentido literal destas expressões, verifica-se que a expressão (1) tem a sua razão de ser nas figuras mitológicas gregas conhecidas por ‘Danaides’, nome genérico atribuído às cinquenta filhas do herói mitológico da Grécia Dánao. Reza a lenda que as Danaides foram condenadas por Júpiter, por terem assassinado os respectivos esposos na noite de núpcias, a encher de água um tonel

perfurado ou sem fundo¹⁸². A ligação estreita que a expressão (1) mantem com a tradição mitológica grega e, conseqüentemente o seu carácter sincronicamente opaco contrasta com as imagens (*sprachliche Bilder*) concretas e ‘palpáveis’ (*konkret-anschaulich*) das expressões (2) – *etw. (zu) tun ist dasselbe wie mit dem Sieb Wasser schöpfen* (‘fazer qc é a mesma coisa que (querer) tirar água com um crivo’) – e (3) – *etw. (zu) tun ist dasselbe wie Wasser in den Rhein/das Meer tragen* (‘fazer qc é a mesma coisa que (querer) levar/carregar água para o Reno/para o mar’)¹⁸³. Verificamos também que as expressões (2) e (3) constituem exemplos (*Synekdoche*) de actos absurdos e sem sentido. Em outros termos: estas expressões exemplificam a mesma ideia. Considereremos ainda os exemplos do bloco Cb 13.37. Como sabemos, a expressão (1) tem como ponto de referência e fonte de motivação a figura da mitologia grega Aquiles. Diz a lenda que a mãe de Aquiles mergulhou-o nas águas da lagoa Estígia, tornando-o invulnerável, salvo no calcanhar, por onde o segurou¹⁸⁴. Daí que a expressão *etw. ist js. Achillesferse* possua o seguinte significado idiomático: ‘qc é o ponto ou lado fraco e vulnerável de alguém’. Note-se que as unidades (2) – *js. schwache Stelle sein* – e (3) – *js. schwache Seite sein* – exprimem literalmente o significado idiomático da unidade (1). Interessa registar que entre o constituinte *Ferse* e os constituintes *Stelle* e *Seite* existe uma relação ‘elemento/parte – unidade/todo’ (*Element/Teil – Einheit/Ganzes*), isto é, verifica-se “diese Bewegung vom Element/Teil zur Einheit/zum Ganzen (...) – das von mir [Schemann] *Totalisierung* genannte Phänomen” (Schemann, 2003 : 152). Como vemos, as expressões (1) a (3) realizam o mesmo significado idiomático; no entanto, é ao nível do significado literal, graças ao

¹⁸² Cf. a informação registada no artigo do Röhrich indexado com a palavra-chave *Danaiden*: “Die bis heute üblichen Wdgn. [*Eine Danaidenarbeit verrichten; ins Danaidenfaß schöpfen; das Faß der Danaiden füllen wollen*] beziehen sich auf eine griech.[iesche] Sage (...): Die Danaiden, die 50 Töchter des Königs Danaos, hatten, mit Ausnahme von Hypermnestra, auf Befehl ihres Vaters ihre Männer in der Brautnacht ermordet. Zur Strafe wurden sie dazu verdammt, in der Unterwelt beständig Wasser in ein durchlöcherter Faß zu schöpfen” (1991, vol. 1: 303). Dada a influência da tradição cultural e literária helénica na civilização ocidental, não é de estranhar que este motivo das Danaides figure no repertório linguístico de outras línguas do mundo ocidental, como, por exemplo, do inglês – *to (try to) fill the sieve/vessel/tub of the Danaides* (Schemann/Knight, 1995), do francês – *vouloir remplir le tonneau des Danaïdes* (Schemann/Raymond, 1994) e do português – *querer encher o tonel das Danaides* (Schemann/Dias, 2005).

¹⁸³ Cf. as expressões equivalentes em português: *fazer qc é a mesma coisa que procurar uma agulha num palheiro; fazer qc é a mesma coisa que querer passar um camelo pelo buraco de uma agulha*.

¹⁸⁴ Sobre o mito do calcanhar de Aquiles e a sua transposição para o domínio da literatura, veja-se o artigo do Röhrich indexado com a palavra chave *Achillesferse*: “Nach der griech.[ischen] Sage tauchte die Meerestgöttin Thetis ihren Sohn Achilles, um ihn unverletzlich zu machen, in das Wasser des Styx; nur die Ferse, an der sie ihn hielt, blieb unbenetzt und daher verwundbar. (...) Die Rda. [Redensart] ist wohl z. Zt. des Humanismus aufgekommen, aber erst im Anfang des 19. Jh. lit.[erarisch] belegt” (1991, vol. 1: 64). À semelhança do que se verifica relativamente à expressão *ins Danaidenfaß schöpfen*, também o motivo mitológico do ‘calcanhar de Aquiles’ encontra expressão em outras línguas do Ocidente. Cf., por exemplo, a expressão equivalente em inglês – *the heel of Achilles*, em francês – *le talon d’Achille*, em português – *o calcanhar de Aquiles*.

seu arremetimento na tradição mitológica grega, que a unidade (1) se distingue das unidades (2) e (3).

Em segundo lugar, observe-se as variações de natureza diafásica, por exemplo, no seio do campo semântico Ba 2 – *sterben (müssen)* (‘(ter de) morrer’). Se compararmos os exemplos do bloco sinonímico Ba 2.8, expressões que são, como ficou demonstrado no ponto 3.1., claramente de carácter eufemístico, com as expressões *ins Gras beißen (müssen)* (‘ir para as malvas’), *hops gehen* (‘ir desta para melhor’, ‘bater a bota’), *alle viere von sich strecken* (‘esticar o pernil/a canela’), *den Arsch zukneifen* (‘esticar o pernil/a canela’) do mesmo campo semântico, notamos que estamos perante a oposição ‘eufemismo – disfemismo’¹⁸⁵. Se, por um lado, as expressões aqui consideradas exprimem o mesmo significado idiomático, designadamente ‘morrer/falecer’, por outro, as intenções e as situações de comunicação em que estes dois grupos de expressões podem ser empregues são distintas. Vejamos um segundo exemplo ilustrativo de diferenças de ordem diafásica que se baseia em quatro expressões do bloco sinonímico Ba 5.8, bloco delimitado pelo arquilexema *tot* (‘falecido’, ‘defunto’): *schon/... unter der Erde liegen; jd. weilt schon 3 Jahre/lange Zeit/... nicht mehr unter uns; (schon/...) in Gottes Erdboden ruhen; sich (schon/...) die Radieschen von unten ansehen*. Para tal, sirvo-me do teste de substituição aplicado ao seguinte enunciado retirado do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002):

Wie lange ist deine Großmutter jetzt tot? – **Sie liegt jetzt schon zehn Jahre unter der Erde.**

Ao substituir a sequência linguística a negrito pelas restantes três expressões, obtém-se o seguinte resultado:

- (1) Wie lange ist deine Großmutter jetzt tot? – **Sie weilt jetzt schon zehn Jahre nicht mehr unter uns.**
- (2) Wie lange ist deine Großmutter jetzt tot? – **Sie ruht jetzt schon zehn Jahre in Gottes Erdboden.**
- (3) Wie lange ist deine Großmutter jetzt tot? – **Sie sieht sich schon zehn Jahre die Radieschen von unten an.**

¹⁸⁵ Sobre as tendências eufemísticas e disfemísticas no português, veja-se a obra de Kröll intitulada *O Eufemismo eo Disfemismo no Português Moderno* (1984).

Como se depreende deste processo de substituição, enquanto que as expressões (1) e (2) se situam num registo de língua formal, a expressão (3) pode, dependendo da situação concreta de comunicação, ser classificada de grosseira, indelicada ou jocosa.

Passando agora ao último tipo de factores de diferenciação entre sinónimos de ordem estilística no plano não idiomático, designadamente ao tipo de factores designados de especiais (*'spéciaux'*), tem de se reconhecer, primeiramente, que a definição dada por Ducháček para fundamentar esta categoria não é elucidativa: “Les synonymes spéciaux proviennent des langues spéciales” (1964: 43). Em segundo lugar, este linguista não explicita o que entende por *'langues spéciales'* (*'líguas especiais'*) e, conseqüentemente, não caracteriza os elementos de diferenciação que estão na base dos sinónimos *'especiais'*. Por último, os exemplos fornecidos não contribuem para uma clarificação desta categoria, pelo contrário, as diferenças entre os pares de sinónimos aduzidos são de natureza funcional: *rosse – bourrin* (*'sendeiro' – 'burro'*); *peau – épiderme* (*'pele' – 'epiderme'*); *nuage – nue* (*'nuvem' – 'nuvem'*). A própria argumentação de Ducháček aponta para diferenças de registo entre os elementos dos pares de sinónimos acima em função do contexto de uso. Isto é, os primeiros elementos dos pares de sinónimos pertencem ao registo comum ou corrente do francês, enquanto que os segundos elementos correspondem aos registos vulgar, especializado ou técnico e literário, respectivamente. Em relação aos sinónimos *nuage – nue*, Ducháček refere ainda que o lexema *nue* apenas ocorre na linguagem corrente em construções idiomáticas, tal como: *tomber des nues* (*'cair das nuvens/do céu'*). Reencontramos aqui a oposição forma livre – forma fixa e a questão das restrições de ordem vária às quais as expressões fixas estão sujeitas.

Efectuada a reflexão sobre os sinónimos estilísticos, resta-nos considerar o segundo grupo de sinónimos aproximativos proposto por Ducháček, designadamente o grupo dos sinónimos semânticos. Tal como o próprio termo *'sinónimos semânticos'* indica, as diferenças entre os sinónimos que integram este grupo situam-se ao nível do conteúdo semântico. Partindo do princípio de que cada acepção de determinada palavra polissémica é composta por um elemento dominante e um ou mais elementos complementares, Ducháček admite a existência dos seguintes tipos de diferenças semânticas entre sinónimos:

- (i) diferenças relacionadas com a intensidade do elemento dominante comum aos sinónimos. Tomando alguns dos exemplos apresentados por Ducháček, *sec – aride* (‘seco’ – ‘árido’), *petit – minime* (‘pequeno’ – ‘mínimo’), *mouillé – trempé* (‘molhado’ – ‘encharcado’), poder-se-á dizer que a diferença entre estas unidades, que realizam o mesmo elemento dominante, representado pelo primeiro termo de cada par sinonímico, prende-se com a intensidade maior ou menor da noção expressa pela primeira unidade do par. Reencontramos aqui o factor de diferenciação ‘intensidade ou gradação de dada qualidade ou acção’ proposto por Bally;
- (ii) diferenças no que respeita ao número de elementos complementares que compõem o conteúdo semântico dos sinónimos. Este ponto parece corresponder ao tipo de diferenças relacionadas com traços específicos (*‘traits spécifiques’*) ou nuances do significado apresentado por Bally;
- (iii) diferenças no que respeita a qualidade dos elementos complementares na medida em que estes se situam em diferentes níveis de língua;
- (iv) diferenças ligadas à frequência com que cada uma das unidades sinónimas é empregue.

Importa tirar a seguinte conclusão no que diz respeito à tipologia de factores de diferenciação de sinónimos proposta por Ducháček: ao centrar a sua análise predominantemente em lexemas isolados, este linguista descarta o papel fulcral que o elemento ‘fixidez’ desempenha tanto no plano não idiomático como no plano idiomático.

Passo agora a apresentar o inventário de critérios que influem na diferenciação sinonímica não idiomática apresentado por Baldinger. Limitar-me-ei aqui a focar os critérios que cumprem os seguintes requisitos: (i) não foram tratados nas propostas de Bárdosi/Pálffy e Ducháček; (ii) são relevantes para a sinonímia idiomática. Os critérios de diferenciação apresentados por Baldinger são os abaixo citados:

A. Critérios (de ordem ...)

1	geográfica	7	sexo
2	social (nível de formação)	8	arcaísmos
3	profissional (linguagem normal/administrativa/técnica)	9	neologismos
4	religiosa (confissões/comunidades religiosas)	10	palavras cultas (<i>mots savants</i>)
5	política, económica, cultural (grupos sociais)	11	estrangeirismos
6	idade (faixas etárias)	12	termos técnicos

B.	
13	intensidade/gradação
14	humor
15	ironia e paródia
16	apreciação laudativa
17	apreciação pejorativa
18	eufemismo
C.	
19	synonymie compréhensionnelle e synonymie extensionelle
20	juízo de valor (inerente ao signo linguístico)
21	família de palavras
22	motivação
23	forma fonética (<i>phonostylistique</i>)
24	distribuição (sintaxe e contexto)

O primeiro grupo de critérios encontram-se relacionados com fenómenos espaço-temporais, sociológicos, culturais e históricos. Dado que muitos dos factores que integram este grupo já foram objecto de análise nas considerações anteriores, parece-me conveniente destacar o seguinte fenómeno que de algum modo se faz sentir num número significativo de critérios (1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11): num dado momento sincrónico coexistem várias gerações¹⁸⁶. Isto significa que coexistem formas diferentes de perspectivar o ‘mesmo’ fenómeno, facto, acontecimento religioso, social, político e cultural. Esta conjuntura constitui um ponto de partida para o surgimento de imagens linguísticas (*sprachliche Bilder*) que constituem variações de uma mesma ideia. Lembrarei aqui, a título de exemplo, as expressões sinónimas abordadas no ponto 2.2. para exprimir a ideia da morte. Por último, repare-se que o critério (12), critério relativo aos termos técnicos, não desempenha um papel significativo no plano da sinonímia idiomática.

Significativo para a sinonímia idiomática é indubitavelmente o segundo grupo de critérios que são de ordem retórico-pragmática. Dado que a importância dos factores (13), (16) a (18) para a diferenciação de sinónimos idiomáticos já foi objecto de análise neste trabalho, cingir-me-ei aqui a comentar os critérios (14) e (15). Recorde-se que considerámos atrás, no ponto 2.7.2.3., expressões que pela relação de incongruência existente entre os seus constituintes provocam o riso. Refiro-me às expressões *von etw. so viel verstehen wie die Kuh vom Sonntag*, *von etw. so viel verstehen wie der Ochs vom Klavierspielen*, *von etw. so viel verstehen wie der Esel vom Lautenschlagen* e *von etw. so viel verstehen wie der Hahn vom Eierlegen*. Outro elemento que suscita o riso está patente nos seguintes exemplos que constam do campo semântico Cd 10 – *dumm*

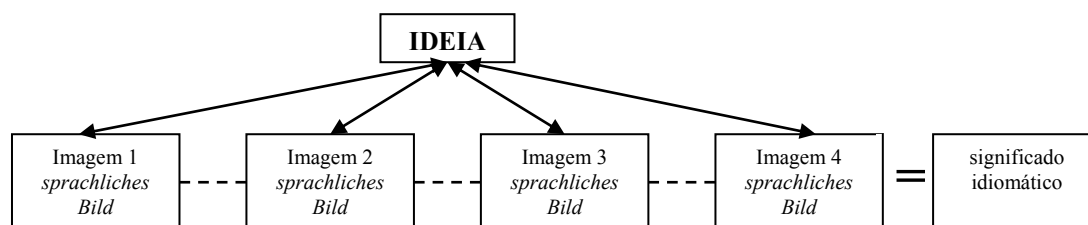
¹⁸⁶ Cf., a este respeito, a citação de Baldinger (1984: 189-190): “Il faut, en effet, admettre qu’il y a un facteur *diachronique* dans la synchronie (il ne faut pas oublier qu’il y a plusieurs générations qui vivent au même moment synchronique)”.

(‘burro’, ‘estúpido’): *einen Esel von einem Ochsen nicht unterscheiden können* (‘não conseguir distinguir um burro de um boi’); *zu dumm sein, um einen Eimer Wasser auszugießen* (‘ser burro demais para despejar um balde de água’); *zu dumm sein, um ein Loch in den Schnee zu pinkeln* (‘ser burro demais para mijar um buraco na neve’). Como vemos, estas imagens (*sprachliche Bilder*) funcionam com base na mesma pressuposição, a saber: ‘não consegue ver/distinguir o que é óbvio ou fazer as coisas mais básicas’ → ‘é pouco inteligente/burro’. Quer dizer, estas expressões constituem variantes desta pressuposição. O cómico da situação expressa pela imagem assenta precisamente na pressuposição ‘não conseguir fazer o que é básico’. Está-se perante o cómico da imagem que funciona como veículo para transmitir o elevado grau de burrice apresentado por dada pessoa. As imagens são diferentes, mas o significado é o mesmo. Quanto à ironia, aludo aqui às seguintes expressões sinónimas que integram o campo semântico Cb 12, campo delimitado pelo arquilexema *empfindlich* (‘sensível’, ‘melindroso’): *das/etw. ist (gar/überhaupt) nicht witzig* (‘qc não tem graça nenhuma’); *sehr witzig!* (‘muito engraçado!’). A diferença entre estas expressões prende-se com o carácter irónico da última, expressão que no plano da imagem diz (*das Gesagte*) o contrário daquilo que pretende comunicar (*das Gemeinte*). O humor e a ironia jogam em dois planos de significação, nomeadamente os planos literal e o idiomático, facto que confirma a relevância destes critérios para a sinonímia idiomática.

No que diz respeito ao terceiro grupo de critérios, sublinhe-se a importância dos critérios (22) e (24). A motivação do signo linguístico idiomático assenta, como procurei mostrar, na relação ‘imagem – significado’. A diferença entre expressões que possuem o mesmo significado idiomático pode estar no fundo (*Hintergrund*) que motiva a sua criação. Relativamente ao critério ‘distribuição’, é necessário salientar que no plano da idiomática uma parte significativa das expressões idiomáticas pressupõe, como vimos na secção intitulada “Caracterização do contexto extra-linguístico das expressões idiomáticas” e na secção que aborda as *Sprechaktrestringierte Idioms*, restrições de ordem pragmática. Em segundo lugar, o critério da distribuição está bem patente nos modelos de construção que exprimem determinadas categorias (*vd.* secção 2.7.2.): “um colectivo de pessoas”; “um colectivo de coisas”; “(chatear-se/afligir-se) por tudo e por nada”; “não entender/perceber (absolutamente) nada de algo”. Em terceiro lugar, a distribuição está intimamente ligada à polilexicalidade e carácter imagético inerente às expressões idiomáticas.

3.7.2. Sistematização dos factores que intervêm na sinonímia idiomática

Como conclusão da presente secção, em que tentei comparar a sinonímia idiomática com a sinonímia não idiomática, passo a sintetizar os pontos fulcrais da minha reflexão. Na base das diferenças entre a sinonímia idiomática e a sinonímia não idiomática está o facto de estes tipos de sinonímia assentarem em pontos de partida diferentes: enquanto que a sinonímia não idiomática parte da palavra, a sinonímia idiomática parte da ideia. Tratando-se de um estudo que incide sobre as expressões idiomáticas, limitar-me-ei, aqui, a apontar os factores que intervêm no modo de funcionamento da sinonímia idiomática. A relação existente entre ‘a ideia’ e as expressões idiomáticas sinónimas pode ser representada por um esquema como o seguinte:



Observa-se o seguinte: (i) a expressão idiomática joga em dois planos de significação, nomeadamente o plano do que é dito (*das Gesagte*), isto é, o plano da imagem (*sprachliches Bild*), e o plano do que se quer ou pretende dizer (*das Gemeinte*), isto é, o plano do significado idiomático; (ii) as expressões idiomáticas tidas como sinónimas sugerem (*suggestions*) a mesma ideia através de imagens (*sprachliche Bilder*) diferentes. Por outras palavras, as imagens sugerem a mesma ideia a partir de ângulos ou pontos de vista diferentes. Como vemos, tal conjunto de imagens que partem da mesma ideia formam uma *Gestalt*; (iii) como tivemos oportunidade de constatar ao longo deste estudo, os elementos do meio físico, social, cultural onde o homem está inserido, isto é, os elementos do seu *Umwelt*, e os elementos do seu mundo interior, isto é, os elementos que fazem parte do seu *Lebenswelt*, como, por exemplo, o seu corpo¹⁸⁷,

¹⁸⁷ Tem particular interesse, o que diz Köller, na obra intitulada *Perspektivität und Sprache. Zur Struktur von Objektivierungsformen in Bildern, im Denken und in der Sprache*, sobre a relação ‘eu – corpo – mundo’: “Die Prämisse, die ein Wahrnehmungssubjekt in einem Wahrnehmungsprozeß nicht mehr wählen kann, weil sie als Grundbedingung jeglicher Wahrnehmung immer schon gegeben ist, das ist der eigene Leib. Räumliche, zeitliche und geistige Sehpunkte kann das Wahrnehmungssubjekt wechseln, aber nicht seinen Leib als apriorischen Ausgangspunkt jeglicher Form von Wahrnehmung (...). Anthropologisch gesehen läßt sich sagen, daß mein Leib nicht nur den räumlichen Punkt fixiert, von dem aus ich in die Welt sehe, sondern auch die Motive bestimmt, warum ich in die Welt sehe, und die Ziele, auf die ich meine Aufmerksamkeit richte. (...) Leib und Welt bilden einen Korrelationszusammenhang, dessen Instanzen sich nicht als autonome Gegebenheiten einzeln beschreiben lassen, sondern nur als interdependente Größen” (2004: 29ss.). Esta citação põe em evidência a correlação íntima entre os agentes da tríade ‘eu – corpo – mundo’: (1) não se pode pensar a experiência humana, sem ter em conta o papel

tornam-se fonte ou matéria de inspiração para a expressão da ideia. Face ao até aqui exposto, destacam-se os seguintes factores que possibilitam a formação de imagens (*sprachliche Bilder*) diferentes que sugerem a mesma ideia, melhor dizendo, factores constitutivos de expressões idiomáticas que são sinónimas: a metáfora, a metonímia, a sinédoque, a dimensão ficcional ou hiperbólica e a relação causa – efeito. Como se depreende das análises anteriores, a dimensão ficcional parece ser transversal aos factores aqui registados. É oportuno, neste ponto, referir que a relevância do aspecto ficcional da nossa concepção do mundo no âmbito da idiomática e da sinonímia idiomática, não se verifica no plano não idiomático. A sinonímia idiomática assenta numa base ficcional, verificando-se a criação de significado através da ‘ficção’.

Constatamos também que na maioria dos casos as expressões idiomáticas caracterizam-se pela sobreposição dos factores acima, situação que influi na diferenciação das expressões sinónimas.

Resta-me, para concluir esta síntese, relevar os seguintes factores de índole sintáctica, semântica e pragmática que podem intervir na relação de sinonímia entre expressões idiomáticas: traços semânticos de ordem eufemística ou disfemística vinculados aos constituintes das expressões; restrições sintáctico-semânticas (contextos lexemático e semântico); restrições de ordem pragmática (contexto não linguístico). Como vemos, a abordagem da sinonímia idiomática aqui proposta conjuga a dimensão da ideia (*Ideenbildung*) com os diversos níveis de análise linguística.

fundamental do corpo humano nos actos de (re-)conhecimento e acção; (2) o corpo humano, organismo complexo, funciona como *interface* entre o ‘eu’ e o ‘mundo’. Por um lado, o corpo humano ‘motiva’ e ‘orienta’ a interacção do ‘eu’ com o meio físico, social e cultural que o rodeia. Por outro lado, os factores externos e as influências exteriores, tais como evoluções científicas e tecnológicas, ‘actuaem’ sobre o organismo humano, levando o ‘eu’ a modificar, alargar, adaptar as suas ideias sobre o universo. Assim entendida, a experiência humana supõe um duplo ‘condicionamento’ (*Gebundenheit*): por um lado, como se pôde verificar, temos o ‘olhar’ particular-individual-pessoal que reflecte o modo como o sujeito se situa em relação a si próprio e ao seu corpo. Por outro lado, temos uma perspectiva social-cultural-histórica que assenta no sistema social e cultural ao qual o indivíduo pertence.

CAPÍTULO 4

SINONÍMIA – EQUIVALÊNCIA – TEXTO

Como os capítulos anteriores deixam entrever, a sinonímia idiomática constitui um processo de ‘aproximação’ a determinada ideia a partir de ângulos diferentes. Justamente porque (i) as sociedades estão em constante mutação, assistindo-se cada vez mais a uma fragmentação das estruturas socioculturais, políticas, éticas e religiosas no seio de uma determinada sociedade, (ii) cada ser humano tem o seu próprio mundo, ou seja, “não há nenhuma concepção do mundo verdadeira com validade universal, mas somente uma concepção do mundo verdadeira com validade individual” (Scheler, 2003: 36), (iii) “La disposition générale du vocabulaire d’une seule et même langue est fort différente chez deux individus différents, ceci tient à l’inégalité des expériences de la vie” (Wartburg, 1969: 242), compreende-se que a sinonímia idiomática enquanto processo de ‘aproximação’ intralingual à realidade e àquilo que nos move é, dado o enquadramento dos pontos (i) a (iii) supracitados, em essência, um processo dinâmico e criativo. Os níveis do plano linguístico (denotação, conotação, semântica, pragmática) reflectem e evidenciam a interacção do homem com ele próprio, com o meio físico, social e cultural que o rodeia através de imagens (*sprachliche Bilder*), símbolos, conceitos, esquemas imagéticos, modelos de construção sintáctica, etc. Para além destes aspectos, há ainda que referir a interdependência entre o contexto lexemático e o contexto semântico das expressões e a sua ligação com o contexto extra-linguístico, bem como a interligação entre o plano do que é dito (*das Gesagte*), o plano da imagem linguística (*sprachliches Bild*) e o plano do que se pretende dizer (*das Gemeinte*). As considerações tecidas neste estudo em torno da sinonímia idiomática ilustram que é a ‘ideia’, isto é, aquilo que queremos dizer, que nos conduz e orienta. Neste sentido, a nossa (con)vivência com a língua é eminentemente de carácter dinâmico.

Importa integrar aqui uma referência à dimensão convencional da língua. Refiro-me aqui à existência de determinadas situações de interacção (*‘scripts’*) que estão vinculadas a comportamentos linguísticos específicos. Intimamente ligado a este ponto encontram-se as fórmulas fixas ou estereotipadas, denominadas de *Routineformeln*, fórmulas às quais os

falantes recorrem para resolver ou gerir situações de comunicação rotineiras (vd. capítulo 1.5.3.). Neste quadro dos fenómenos de índole convencional que do ponto de vista pragmático se encontram bem delimitados, cabe ainda fazer referência aos actos de fala enquanto fenómenos vinculados a pressupostos pragmáticos específicos. Sublinho aqui os ‘ritos’ sociais (convenção social) aliados a fórmulas ou enunciados específicos (convenção linguística) que estruturam actos de natureza religiosa, institucional, jurídica, etc.

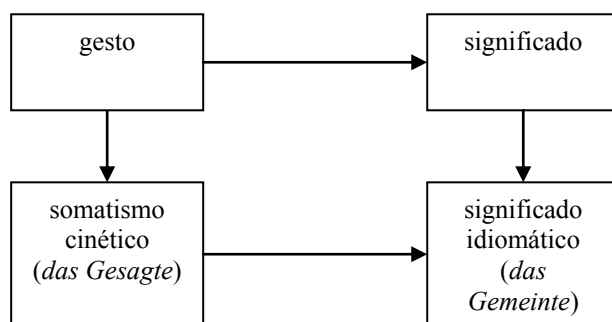
4.1. A EQUIVALÊNCIA IDIOMÁTICA

Ao contrário do que sucede com a sinonímia, a equivalência joga no nível interlingual. Uma questão central no âmbito do estudo da equivalência é a do anisomorfismo formal e semântico que se verifica entre os lexemas e as expressões de línguas diferentes. Esta situação deve-se primariamente ao facto de cada língua ter como ponto de referência uma cultura diferente. Quer dizer, em conformidade com Wilhelm von Humboldt, cada língua enquadra-se numa concepção diferente do mundo: “La différence des langues n’est pas une différence entre les sons, mais une différence qui implique une conception différente du monde” (Humboldt (1820), *apud* Baldinger, 1984: 74, nota).

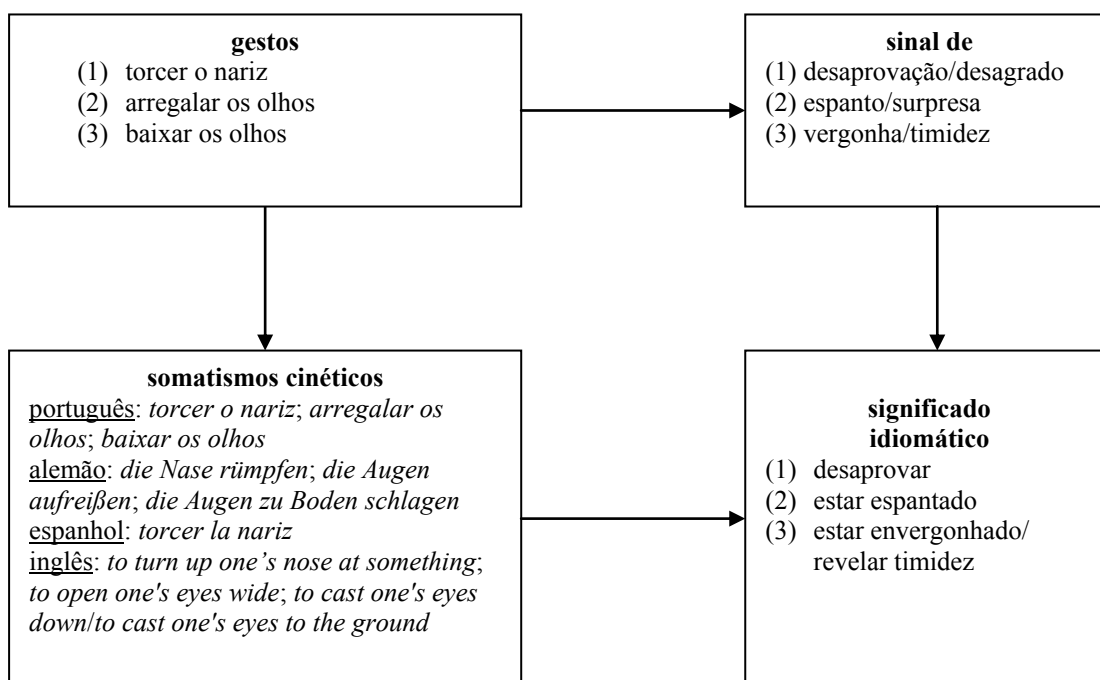
Não obstante os condicionalismos sócio-culturais e históricos, é possível assinalar dois factores que favorecem a relação de equivalência formal, semântica e conceptual ou ideológica entre línguas. O primeiro factor está ligado à proximidade ou afinidade entre culturas no que diz respeito aos seus usos, costumes e às suas convenções. É de esperar que culturas que possuem ‘ritos’ muito semelhantes ou até iguais apresentem expressões idiomáticas muito semelhantes em termos formais, semânticos e conceptuais. O segundo factor, a abordar com algum pormenor nesta secção, está relacionado com a partilha de uma mesma base antropológica. O capítulo 5.º da obra intitulada *Fraseologia contrastiva del alemán y el español* de Larreta (2001: 95-124), dedicado às relações de equivalência entre os somatismos¹⁸⁸ alemães e espanhóis, vem confirmar a relevância deste factor no contexto da equivalência interlingual. Para melhor se poder compreender o que está em causa quando se fala de equivalência interlingual e da correlação entre a equivalência interlingual e o factor aqui em análise, tomo como referência o capítulo supra-citado de Larreta (2001). Antes,

¹⁸⁸ Cf. a definição do termo ‘somatismo’ de Mellado Blanco (2004: 22): “los SO [somatismos] son FR [fraseologismos] que contienen un lexema referido a un órgano o parte del cuerpo humano, a veces animal”.

porém, de analisarmos a tipologia da equivalência interlingual proposta por este autor, vejamos o que se entende por ‘partilha da mesma base antropológica’ no âmbito dos somatismos cinéticos. Segundo Mellado Blanco (2004: 32), “Dentro del grupo de los SO [somatismos] se distingue un amplio grupo de SO cinéticos, denominados así porque en su significado recto se describe un gesto o movimiento del cuerpo”. Tratam-se de somatismos que no plano literal (*das Gesagte*) ‘traduzem’ a postura física, os gestos, os movimentos e atitudes corporais do ser humano, isto é, todo o género de ‘expressões’ fisiológicas, fisionómicas e corporais. Podemos, por conseguinte, dizer que o somatismo cinético corresponde à ‘expressão linguística’ da ‘expressão física’. Parece ser possível representar a relação existente entre a ‘expressão física’ e a ‘expressão linguística’ por um esquema como o seguinte:



O que este esquema revela é um paralelismo entre o que se passa no plano da expressão física e o que se verifica no plano da expressão linguística. Para ilustrar este facto, consideremos os seguintes gestos aplicados ao esquema acima:



Como vemos, os somatismos portugueses *torcer o nariz*, *arregalar os olhos* e *baixar os olhos* têm expressões equivalentes em alemão, espanhol e inglês. Uma vez que a transcrição do gesto pressupõe o conhecimento desse mesmo gesto, estes exemplos sugerem . os gestos de torcer o nariz, arregalar e baixar os olhos nas culturas aqui representadas são entendidos ou interpretados da mesma maneira. O que estes exemplos sugerem é que a base antropológica comum às várias culturas desempenha um papel fulcral no estabelecimento de equivalência formal, semântica e conceptual entre línguas. No centro dessa base antropológica está o corpo humano¹⁸⁹.

Posto isto, consideremos agora a tipologia da equivalência interlingual elaborada por Larreta (2001: 95-124) com base num corpus bilingue (alemão – espanhol) de somatismos. A exemplificação do modo de funcionamento dos tipos de equivalência interlingual apoiar-se-á em expressões das línguas alemã e portuguesa¹⁹⁰. Larreta faz uma distinção entre equivalência total, equivalência parcial e equivalência lexical e ainda subdivide a equivalência parcial em sinonímia estrutural interlingual, sinonímia ideográfica interlingual e sinonímia funcional interlingual. Repare-se que Larreta emprega o termo ‘sinonímia’ para se referir ao fenómeno de equivalência interlingual. Em conformidade com as diversas considerações que tenho vindo a fazer relativamente aos fenómenos da sinonímia e da equivalência, interessa sublinhar o seguinte: visto que a sinonímia e a equivalência operam em planos distintos – a sinonímia no plano intralingual e a equivalência no plano interlingual –, entendo que estes fenómenos devem ser considerados como distintos. Deste ponto de vista proponho que o termo ‘sinonímia’ que consta das citações que se seguem de Larreta seja entendido como ‘equivalência’. Começemos com o tratamento da equivalência total, que, de acordo com Larreta (*ibidem*: 96), se caracteriza “por la sinonimia interlingual del par contrastado, la isomorfía de sus estructuras morfosintácticas y la congruencia de sus componentes léxicos”. Vejamos os seguintes exemplos:

¹⁸⁹ A este propósito ver a citação de Köller (2004: 29, nota 187). É interessante consultar igualmente Johnson que na Introdução à sua obra sugestivamente intitulada *The Body in the Mind* (1987: xix) escreve: “The centrality of human embodiment directly influences what and how things can be meaningful for us, the ways in which these meanings can be developed and articulated, the ways we are able to comprehend and reason about our experience, and the actions we take”.

¹⁹⁰ Para exemplificar os tipos de equivalência interlingual tomo como ponto de partida, sempre que seja possível, as expressões idiomáticas alemãs que constam do estudo de Larreta.

*jm. die Augen öffnen
ein Herz aus Stein haben
ein hartes Herz haben
kein Herz haben*

*abrir os olhos a alg
ter um coração de pedra
ter um coração duro
não ter coração*

Como se pode observar, as expressões alemãs e portuguesas obedecem aos critérios formais e semânticos estipulados na definição da equivalência total supra-citada¹⁹¹: isomorfia das estruturas morfo-sintáticas e congruência dos elementos lexicais. No que diz respeito à equivalência entre componentes lexicais, Larreta conclui que, ao contrário do que se verifica em relação à equivalência interlingual entre os componentes que pertencem à categoria dos substantivos, a equivalência interlingual entre componentes verbais poderá levantar algumas dificuldades. A avaliação do grau de equivalência interlingual entre verbos depende do ponto de vista a partir do qual se encara os significados dos verbos em questão: por um lado, estes elementos podem ser considerados do ponto de vista do sistema linguístico; por outro, podem ser considerados do ponto de vista do seu significado nas expressões idiomáticas de que fazem parte, isto é, do ângulo do “significado actualizado” (*ibidem*: 98) dos verbos. Tendo em conta que as expressões idiomáticas se caracterizam pelo funcionamento em bloco dos seus componentes e pela interacção de dois planos de significação, parece não ser infundamentado privilegiar o ângulo de análise que assenta no ‘significado actualizado’ dos verbos. Veja-se, a título de exemplo, as seguintes expressões:

*sich die Ohren zuhalten
die Hände über dem Kopf zusammenschlagen*

*tapar os ouvidos
deitar/agarrar/atar as mãos à cabeça*

Perspectivando a relação de equivalência interlingual a partir do significado das expressões acima, verificamos que as imagens subjacentes são as mesmas. Por outras palavras, o significado literal das expressões nas respectivas línguas traz à mente a mesma imagem. Assim visto, existe uma relação de equivalência total entre estas unidades idiomáticas. Já uma análise da equivalência interlingual que incida sobre o significado dos verbos tomados isoladamente, isto é, enquanto elementos dos respectivos sistemas linguísticos, põe em

¹⁹¹ Se compararmos as expressões alemãs aqui em análise com os seus equivalentes portugueses e espanhóis, verificamos uma relação de equivalência total entre as unidades das três línguas.

evidência diferenças que levam a que as expressões não sejam consideradas equivalentes totais.

Dito isto, Larreta faz uma chamada de atenção para a existência de unidades inter-língua que levantam dificuldades de categorização porque se encontram na fronteira entre a equivalência total e a equivalência parcial. O problema que agora se põe consiste na determinação do tipo de diferenças que fazem com que as unidades contrastadas se situem entre a categoria da equivalência total e a categoria da equivalência parcial. Em primeiro lugar, destaque-se os casos em que se verifica a “imposibilidad de establecer equivalencias biunívocas entre las preposiciones de una y otra lengua” (*ibidem*: 100).

aus dem Kopf sagen
aus voller Lunge schreiben

dizer de cabeça
gritar a plenos pulmões

Em segundo lugar, refira-se os casos em que as diferenças entre as unidades contrastadas são de ordem gramatical. O primeiro grupo desta categoria diz respeito a diferenças relativamente ao emprego de artigos definidos, indefinidos e determinantes possessivos. No âmbito do estudo contrastivo alemão – espanhol, Larreta propõe sete tipos de diferenças¹⁹². Limito-me aqui a fazer referência ao tipos de diferenças que, no meu entender, são relevantes no contexto do par de línguas alemão – português:

(i) artigo indefinido no alemão versus artigo definido no português

einen kühlen/klaren Kopf bewahren
eine trockene Kehle haben
eine lockere/lose Hand haben

manter a cabeça fria
ter a garganta seca
ter a mão leve

¹⁹² Cf. Larreta (*ibidem*: 101-102): (i) ausência de determinante em alemão vs artigo definido em espanhol; (ii) artigo definido em alemão vs ausência de determinante em espanhol; (iii) artigo definido em alemão vs artigo indefinido em espanhol; (iv) artigo definido em alemão vs determinante possessivo em espanhol; (v) artigo indefinido em alemão vs ausência de determinante em espanhol; (vi) artigo indefinido em alemão vs artigo definido em espanhol; (vii) determinante possessivo em alemão vs artigo determinado em espanhol.

(ii) determinante possessivo no alemão versus artigo definido no português

<i>seine (eigene) Haut retten</i>	<i>salvar a pele</i>
<i>seine Nase in etw., was einen nichts angeht, stecken</i>	<i>meter o nariz naquilo que não diz respeito a alg</i>

O que se deve notar em relação a este grupo de diferenças gramaticais é que a variabilidade do tipo de diferenças entre as duas línguas não favorece a existência de dados quantitativamente significativos.

O segundo grupo de diferenças de natureza gramatical diz respeito à “disparidad en la marca de número” (*ibidem*: 102):

<i>jn./etw. aus den Augenwinkeln beobachten</i>	<i>olhar/observar pelo canto do olho</i>
<i>in js. Hand/Händen sein</i>	<i>estar nas mãos de alg</i>
<i>durch js. Hand/Hände gehen</i>	<i>passar pelas mãos de alg</i>
<i>für jn. die Hand/Hände ins Feuer legen</i>	<i>pôr as mãos no fogo por alg</i>
<i>die Ohren spitzen</i>	<i>arrebatar a orelha</i>
<i>sich von Kopf bis Fuß waschen</i>	<i>lavar-se da cabeça aos pés</i>

No caso das expressões cujos componentes podem aparecer tanto no singular como no plural, a disparidade interlingual dá-se quando o número do componente da variante escolhida não coincide com o número do componente da expressão equivalente.

Há ainda que considerar um terceiro grupo de diferenças gramaticais em que entre as expressões das duas línguas existem dois tipos de diferenças, nomeadamente diferenças do primeiro grupo – o emprego dos determinantes – e diferenças do segundo grupo – a marca do número:

<i>jm. sein Ohr leihen</i>	<i>dar/prestar ouvidos a alg</i>
<i>eine gute Lunge haben</i>	<i>ter bons pulmões</i>

Comparando a primeira expressão alemã com o seu equivalente português, verificamos as seguintes diferenças: a presença do determinante possessivo na unidade alemã versus a ausência de determinante na unidade portuguesa; o substantivo *Ohr* no singular versus o substantivo *ouvidos* no plural. No segundo par de expressões equivalentes constata-se, por um lado, a presença de um determinante indefinido no alemão versus a ausência de determinante no português e, por outro, a oposição singular (*Lunge*) – plural (*pulmões*).

Prosseguindo o objectivo de apresentar o tipo de diferenças que fazem com que as unidades contrastadas se situem entre a categoria da equivalência total e a categoria da equivalência parcial, detenhamo-nos no tipo de diferenças que Larreta designa de ‘anisomorfias tipológicas’ (*ibidem*: 103). Este termo é empregue para referir diferenças sistemáticas, isto é, diferenças características de determinado sistema linguístico. Refira-se, em primeiro lugar, o tipo de discrepância que assenta na capacidade produtiva da composição de palavras em alemão (*ibidem*: 104):

Krokodilstränen weinen
 auf **Kriegsfuß** mit jm. stehen
 das/etw. ist (eine) reine **Nervensache**
 jn./etw. bis zum letzten **Blutstropfen** verteidigen

chorar **lágrimas de crocodilo**
 estar em **pé de guerra** com alg
 isso/qc é simplesmente uma **questão de nervos**
 defender alg/qc até à última **gota de sangue**

Tendo em conta o potencial da língua alemã no que concerne a formação de palavras compostas, não é de estranhar a existência de um número elevado de equivalentes alemães e portugueses que apresentam este tipo de diferença.

Outro caso de ‘anisomorfia tipológica’ refere-se à supressão em alemão de verbos de movimento quando acompanhados de um verbo modal ou à substituição do verbo de movimento pelo verbo modal:

etw. **geht** jm. nicht in den Kopf/etw. **will** jm. nicht in den Kopf
 etw. **geht** jm. nicht aus dem Kopf/etw. **will** jm. nicht aus dem Kopf

qc não entra na cabeça a alg
 qc não sai da cabeça a alg

Por último, outra característica da língua alemã que poderá contribuir para a existência de diferenças formais e semânticas entre equivalentes alemães e portugueses diz respeito aos verbos de prefixo separável:

in js. Kopf **geht** nichts mehr herein
 (die) Augen und Ohren **aufhalten**

não entra mais nada na cabeça a alg
 manter os olhos e os ouvidos (bem) abertos

Voltemo-nos agora para a categoria da equivalência parcial, categoria que, como disse acima, Larreta subdivide em: (i) sinonímia estrutural interlingual; (ii) sinonímia ideográfica interlingual; (iii) sinonímia funcional interlingual. Antes de passar a apresentar estas subcategorias, Larreta observa que existem casos de equivalência que se enquadram entre a

equivalência estrutural e a equivalência ideográfica. Debrucemo-nos, primeiramente, sobre a equivalência estrutural, definida “por la equivalencia del significado denotativo idiomático y la isomorfía de la estructura sintáctica entre las unidades contrastadas, combinadas con la no congruencia del componente léxico” (*ibidem*: 106-107). Repare-se nos exemplos seguintes:

jm. das/sein Herz ausschütten
jm. schießt etw. (plötzlich) durch den Kopf

abrir o coração a alg
qc passa (de repente) pela cabeça a alg

Vemos que, a divergência que encontramos nas expressões acima diz respeito ao componente verbal: no plano literal, os significados dos verbos *ausschütten* (‘vazar’; ‘esvazear’) e *schießen* (‘disparar’) não correspondem aos significados dos verbos *abrir* e *passar* respectivamente. Esta discrepância ao nível dos verbos repercute-se sobre o significado das respectivas expressões idiomáticas, tendo como consequência a realização de imagens (*sprachliche Bilder*) diferentes. Há, porém, uma distinção a fazer entre as expressões acabadas de considerar e expressões inter-língua que, apesar dos seus componentes verbais apresentarem significados literais diferentes, realizam imagens (*sprachliche Bilder*) similares. Se compararmos a expressão alemã *jm. knurrt der Magen* com o seu equivalente português *ter a barriga/o estômago a roncar*, notamos que a imagem subjacente ao significado destas duas expressões é a mesma. Em outros termos, independentemente das diferenças de significado existentes entre os verbos *knurren* (‘rosnar’) e *roncar*, as expressões em causa evocam a mesma imagem (*sprachliches Bild*): a barriga ou o estômago produz um som. Importa observar que na base destas expressões está o mesmo fenómeno antropológico. Como sabemos, perante a condição fisiológica que se traduz na necessidade de ingerir alimentos, o corpo humano emite sinais que funcionam como indicadores de fome. Um desses sinais é precisamente o som produzido pelo estômago ou pela barriga. Dado o carácter universal deste fenómeno fisiológico, é de esperar que o processo de transposição deste fenómeno para o plano linguístico se verifique num número considerável de línguas. Veja-se, a título de exemplo, as seguintes expressões equivalentes em francês, inglês e espanhol respectivamente: *avoir l’estomac qui grogne*, *s.o.’s stomach is rumbling* e *a alg le ladra/ruge el estômago*. Como vemos, estas expressões assentam na mesma base antropológica; a diferença dá-se ao nível da fixação linguística.

Prosseguindo a análise da equivalência estrutural interlingual, observemos as seguintes diferenças que podem ocorrer entre os substantivos somáticos de expressões equivalentes. Refira-se os casos em que os substantivos designam partes do corpo que (i) são contíguas e (ii) podem estar associadas às mesmas funções vitais e orgânicas (*ibidem*: 110):

*einen hohlen **Schädel** haben*
*jm. etw. (Beleidigungen/Vorwürfe/...) an den **Kopf***
werfen
*jm. in die **Finger** fallen*
*jm. unter die **Finger** kommen/geraten*

*ter a **cabeça** oca*
*atirar qc à **cara** de alg*
*cair nas **mãos/unhas** de alg*
*ir/vir dar/ter às **mãos** de alg*

Como se vê, as partes do corpo designadas pelos constituintes somáticos das expressões alemãs encontram-se numa relação de contiguidade com as partes do corpo designadas pelos lexemas somáticos das expressões portuguesas: *Schädel* ('crânio') – *cabeça*; *Kopf* ('cabeça') – *cara*; *Finger* ('dedos') – *mãos/unhas*. Anatomicamente o crânio faz parte da cabeça e os dedos fazem parte das mãos. Com base na divisão do corpo humano em cabeça, tronco e membros, a cara faz parte da cabeça. Quanto ao segundo critério, note-se, por exemplo, a ligação funcional estreita entre os órgãos 'mãos' e 'dedos': ambos são órgãos do tacto e ambos participam conjuntamente em acções de preensão.

Em segundo lugar, mencione-se os casos em que as diferenças entre os constituintes somáticos assenta na oposição 'organismo humano' versus 'organismo animal': *jm. in die **Finger** fallen* – *cair nas **garras** de alg*. Na expressão *cair nas garras de alg* o lexema *garras* é empregue de forma metafórica, verificando-se uma transposição classemática entre o domínio fonte 'animal' (unhas recurvadas e aguçadas de predadores) e o domínio alvo 'ser humano'. Como oportunamente foi apontando, o processo de transposição metafórica que se realiza entre partes do corpo animal e partes do corpo humano encontra-se não raras vezes associado a um valor depreciativo. Como se pode depreender, este processo contribui para a existência de diferenças semânticas entre expressões equivalentes.

Continuando com as diferenças entre os lexemas somáticos de expressões equivalentes, vejamos os seguintes exemplos:

*ein **Herz** und eine **Seele** sein*
*mit **Herz** und **Hand** dabei (bei einer Sache) sein*

*ser **unha** com **carne***
*empenhar-se de **corpo** e **alma**/de **alma** e **coração***

Repare-se que, embora estas combinatórias fixas compostas por dois elementos somáticos não sejam coincidentes do ponto de vista lexical, a relação de equivalência entre as expressões alemãs e portuguesas deve-se ao facto dos pares de elementos somáticos realizarem nos respectivos contextos lexemáticos um esquema similar, esquema esse que nos exemplos aqui em análise está relacionado com a ideia do conjunto de duas ‘partes’ que formam uma unidade ou um todo.

Passo agora a descrever a segunda categoria subordinada à equivalência parcial: a equivalência ideográfica interlingual, categoria que Larreta define como “la relación de equivalencia semántica interlingual establecida entre dos unidades fraseológicas, unida a la congruencia del léxico, entendido éste como conformador de la imagen de los FrL [fraseolexemas], y a una estructura sintáctica anisomórfica” (*ibidem*: 114). Está-se perante expressões equivalentes que revelam, por um lado, congruência no plano léxico e uma relação de similaridade ao nível da imagem (*‘sprachliches Bild’*) e, por outro, estruturas sintácticas divergentes. Por exemplo:

sich auf die Zunge beißen
jn. nicht aus den Augen lassen

morder a língua
não tirar os olhos de cima de alg

Como vemos, as expressões acima divergem no plano da estrutura sintáctica: verbos sem complemento no acusativo e com complemento prepositivo nas expressões alemãs versus verbos com complemento directo nas expressões portuguesas.

Para completar a reflexão sobre a equivalência parcial, resta fazer referência à equivalência funcional interlingual. Trata-se, segundo Larreta, da “relación semántica establecida entre dos FrL [fraseolexemas] en los que la equivalencia de los significados denotativos no está acompañada de ninguna congruencia formal” (*ibidem*: 118). Este autor chama a atenção para o facto de um *corpus* ideográfico prestar-se para uma análise da equivalência funcional (*ibidem*: 118). Temos aqui a ver com a relação de equivalência semântica entre uma expressão de uma língua e uma série de expressões sinónimas da outra língua. Considere-se, a título de exemplificação, os seguintes casos de equivalência funcional:

kein gutes Haar lassen an jm.

*fartar-se de dizer mal de alg
dizer cobras e lagartos de alg
dizer horrores/raios/coriscos de alg*

sich das Maul (über jn.) zerreißen

*falar mal de alg
cortar na casaca (de/a alg)*

Kübel voll Schmutz über jn. ausgießen

*fartar-se de dizer mal de alg
dizer um monte de imundices de alg*

Como se pode observar, do ponto de vista intralingual as expressões alemãs realizam o mesmo significado idiomático ('falar mal de alguém'), isto é, são expressões sinónimas. Uma pesquisa no *Synonymwörterbuch* de Schemann permitirá fazer o levantamento de outras expressões que fazem parte do mesmo campo semântico das expressões acima¹⁹³, como, por exemplo: *jn. in/durch den Schmutz/den Dreck/die Gosse/die Scheiße ziehen; jn. mit Schmutz/Dreck bewerfen*. O mesmo se pode dizer em relação às expressões portuguesas: são sinónimas, dado que exprimem o mesmo significado idiomático ('falar mal de alguém') e pertencem ao mesmo campo semântico. A equivalência funcional reside no facto das expressões alemãs e portuguesas exprimirem nas respectivas línguas a mesma noção. Isto significa que qualquer uma das expressões portuguesas acima pode, *mutatis mutandis*, funcionar como equivalente de qualquer uma das expressões alemãs supra-citadas.

Para terminar esta secção sobre a tipologia da equivalência interlingual elaborada por Larreta, resta-me apresentar a última categoria por ele proposta: a equivalência lexical. Larreta define este tipo de equivalência interlingual como "la relación de sinonimia funcional entre una unidad fraseológica y una unidad léxica" (*ibidem*: 120). Repare-se nos exemplos seguintes:

(i) unidade fraseológica em alemão versus unidade lexical em português:

*ohne mit der Wimper zu zucken
jm. das Fell über die Ohren ziehen*

*sem pestanejar
esfolar alg*

(ii) unidade lexical em alemão versus unidade fraseológica em português:

*jn. beflügeln
katzbuckeln
kopfstehen*

*dar asas a alg
fazer vénias a alg/fazer salamaleques a alg
pôr/estar de pernas para o ar*

¹⁹³ Trata-se do campo semântico Db 19, campo delimitado pelos seguintes arquilexemas: *Kritik* ('crítica; censura'), *Mißachtung* ('desprezo; desdém; desrespeito'), *Schmähung* ('injúria; difamação; insulto').

Em primeiro lugar, note-se que as unidades lexicais acima são verbos formados por meio dos processos de derivação ou composição. Em segundo lugar, observe-se que a raiz da unidade lexical ou um dos constituintes da palavra composta corresponde a um lexema somático: *pestanejar* – *pestanda* (‘Wimper’); *esfolar* – *fole* – *pele* (‘Fell’); *beflügeln* – *Flügel* (‘asa’); *Katzbuckeln* – *Buckel* (‘costas’); *Kopfstehe*n – *Kopf* (‘cabeça’). Em terceiro lugar, podemos constatar que as unidades lexicais possuem um significado idiomático. Veja-se, a título de exemplo, o lexema *pestanejar*, cujo sentido literal se refere ao movimento das pálpebras e das pestanas quando abrimos e fechamos os olhos. Entre o plano do significado literal da expressão *sem pestanejar* – ‘sem movimentar as pestanas’ – e o plano do significado idiomático – ‘sem hesitar/vacilar’ – dá-se um processo de transposição. Trata-se da idiomatização do significado dos próprios lexemas. Isto significa que existe uma ligação entre as imagens subjacentes às unidades lexicais ou aos constituintes das palavras derivadas ou compostas e os respectivos significados idiomáticos. Por outras palavras, a imagem sugere o significado. Observe-se os seguintes exemplos: a imagem associada ao lexema *Flügel* (‘asas’) sugere o significado da expressão *jn. beflügeln* – ‘dar asas a alg’; a imagem subjacente à unidade *katzbuckeln*, isto é, a imagem de um gato a arquear a espinha, sugere o significado da expressão: lisonjear servilmente; a imagem associada ao verbo *kopfstehe*n, imagem que alude à posição na qual uma pessoa se põe quando faz o pino – a cabeça para baixo e as pernas para o ar – sugere o significado ‘estar ao contrário/estar em posição invertida’. Importa reconhecer, como faz Larreta (*ibidem*: 122) com base em Fleischer, que dificilmente se pode pensar a unidade derivada ou composta sem se ter em conta a base idiomática subjacente: “Wortbildungskonstruktionen dieser Art sind nicht ohne Bezug auf die phraseologische Basis dekodierbar, auch wenn diese formal nur reduziert in der Wortbildungskonstruktion erscheint” (Fleischer, 1982: 193). Assim visto, a imagem funciona como ‘*Andeutung*’, isto é, a imagem dá a entender ou sugere o significado da unidade.

Os exemplos e as considerações apresentadas nesta secção mostram que é possível encontrar no quadro do par de línguas português – alemão um sem número de equivalentes que se baseiam no fenómeno pré-linguístico e antropológico da ‘expressão humana’ que se concretiza através de gestos, da fisionomia e de atitudes corporais. Avaliando pelos equivalentes do par de línguas alemão – espanhol fornecidos por Larreta no trabalho supra-citado, parece ser possível concluir que nas três línguas – alemão, português, espanhol – muitas das ‘expressões’ fisiológicas,

fisionómicas e corporais são ‘traduzidas’ ou transpostas para o plano linguístico de uma forma muito similar ou idêntica. Nesta linha de pensamento, tudo indica que temos aqui a ver com uma ‘equivalência translingual’ (‘sprachübergreifende Äquivalenz’).

Este conceito de ‘equivalência translingual’ também se verifica em relação às situações de comunicação que possuem o estatuto de convenções sociais e, por conseguinte, às respectivas convenções linguísticas. Como é sabido, neste domínio das convenções sociais as culturas ocidentais apresentam muitas semelhanças, situação que, como veremos a seguir, tem como consequência a existência de ‘*kommunikative Äquivalenz*’ (Glenk, 2009: 194). Em outros termos: a existência de expressões que numa situação de comunicação específica desempenham a mesma função comunicativa.

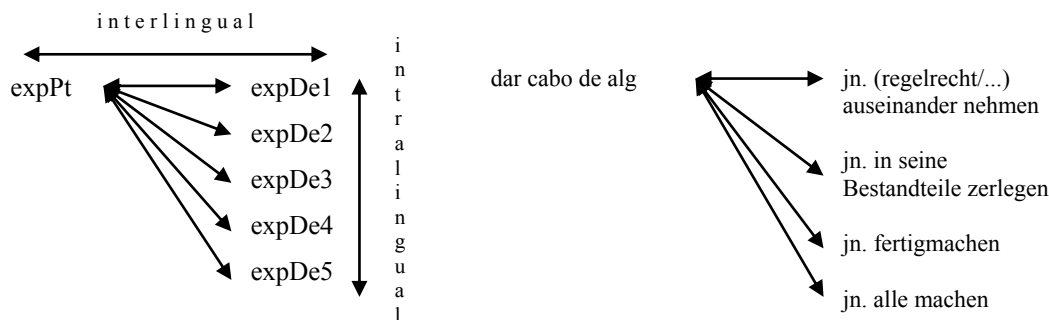
4.2. ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DA RELAÇÃO DE EQUIVALÊNCIA ENTRE A EXPRESSÃO PORTUGUESA *DAR CABO DE* E AS EXPRESSÕES DE PARTIDA ALEMÃS¹⁹⁴

4.2.1. Metodologia

Esta secção tem como objectivo específico a reflexão sobre o funcionamento do fenómeno da equivalência interlingual com base na observação de expressões idiomáticas e também não idiomáticas da língua portuguesa e da língua alemã. A decisão de tomar o *Dicionário Idiomático Português – Alemão* (Schemann/Dias, 2005) como *corpus* de referência para este estudo justifica-se pelo facto deste dicionário apresentar uma estrutura bifacetada. Por um lado, oferece-nos uma perspectiva interlingual: expressão portuguesa → respectivos equivalentes em alemão; por outro lado, uma perspectiva intralingual: relação sinonímica entre os equivalentes alemães. Esta estrutura pode ser representada por um esquema como o seguinte¹⁹⁵:

¹⁹⁴ Entenda-se por ‘expressões de partida alemãs’ as expressões alemãs do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann *et al.*, 2002) que funcionaram como unidades de partida no processo de compilação do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* (Schemann/Dias, 2005).

¹⁹⁵ Os símbolos que figuram neste esquema representam o seguinte: expPt = expressão portuguesa; expDe = expressão alemã.



A partir desta estrutura foi possível ordenar electronicamente as expressões idiomáticas portuguesas de acordo com o número de equivalentes que apresentam. Deste trabalho resultou um índice numérico das expressões portuguesas do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* que apresentam mais de dois equivalentes alemães¹⁹⁶. Neste contexto, proponho-me tratar a problemática da equivalência interlingual com base na expressão portuguesa *dar cabo de alg*, a qual apresenta o número mais elevado de equivalentes alemães de todo o dicionário, a saber, doze expressões. Como tal, começo por fazer uma análise estrutural e semântica da expressão *dar cabo de (qc/alg)*. De seguida, passa-se a uma inversão da perspectiva de análise, isto é, passa-se à análise dos equivalentes alemães da expressão *dar cabo de alg* que constam do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*.

4.2.2. Análise estrutural e semântica da expressão *dar cabo de (qc/alg)*

Debrucemo-nos, em primeiro lugar, sobre o significado do constituinte *cabo*. Vejamos os significados da palavra *cabo* registados no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*:

cabo¹ *s. m.* (Do lat. *caput*, ‘cabeça’, ‘extremidade’). **1.** *Geog.* Zona da costa em que a terra avança pelo mar, formando uma saliência natural. ≈ PONTA, PROMONTÓRIO. (...) **2.** Fim, termo, extremidade. (...) **3.** Chefe, comandante. **4.** *Náut.* Rumo, direcção de navegação.

cabo² *s. m. e f.* (Do lat. *caput*, ‘cabeça’, ‘extremidade’). **1.** *Mil.* Posto militar mais alto da categoria de praças da armada, cuja insígnia é constituída por duas divisas encarnadas com o vértice voltado para cima. **2.** Praça da armada com este posto.

¹⁹⁶ Sobre o processo de compilação do *corpus* electrónico do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* (Schemann/Dias, 2005), veja-se a informação que consta do Anexo 2.

cabo³ *s. m.* (Do lat. *capūlus*). **1.** Parte de um utensílio, em geral alongada, por onde se segura. ≈ PEGA. (...) **2.** *Náut.* Corda de grossura variável, usada num navio ou numa embarcação de grande porte. (...) **3.** Espécie de corda grossa, feita com fios metálicos. (...) **4.** *Electr. e Telecom.* Condutor formado por um feixe de fios revestidos de diversas camadas isoladoras que serve para transportar energia ou sinais eléctricos à distância. (...) **5.** *Arquit.* Ornato com a forma de estrias em espiral, semelhante à das cordas utilizadas nos navios. (...) **6.** Rabo, cauda de animal. **7.** Réstia de alhos ou de cebolas. **8.** *Region. (Alg.).* Vara de vinha que se deixa na poda.

Como se depreende da observação das entradas lexicais acima, deparámos com dificuldades, do ponto de vista sincrónico, em associar ou ligar a palavra *cabo* a um núcleo semântico específico. Uma vez que a análise que se segue incide sobre a expressão fixa *dar cabo de* e os seus equivalentes alemães, concentrar-nos-emos na acepção (2) do lema *cabo*¹, composta pelas palavras ‘fim, termo, extremidade’. Começamos por observar a expressão *dar cabo de* enquanto construção com verbo suporte (*Funktionsverbgefüge*). Polenz (1999) descreve este tipo de construções da seguinte forma:

“Es geht hier um Verbgefüge mit Verben, deren Bedeutungen sehr abstrakt sind im Unterschied zu ihrer Verwendung als Vollverben (*sein, bringen, kommen, erfahren, geraten, finden, leisten* usw.). Dabei ist der semantische Kern des Prädikats in einem flexivisch oder präpositional ausgedrückten Substantiv enthalten (*in Erfahrung bringen, Verzicht leisten* usw.), das meist als Substantivierung aus einem Verb oder Adjektiv abgeleitet ist” (Polenz, 1999: 351).

Consideremos alguns exemplos de construções com verbo suporte em português: *dar ajuda a* (→ ajudar); *dar permissão a* (→ permitir); *dar combate a* (→ combater); *dar cumprimento a* (→ cumprir); *dar uma informação a* (→ informar); *dar um abraço a* (→ abraçar). Como se vê, o substantivo que ocorre à direita do verbo *dar* funciona como núcleo semântico e sintáctico da construção. O facto destas expressões poderem corresponder a verbos de sentido pleno, verbos intimamente ligados aos respectivos substantivos, vem confirmar a relevância do substantivo em termos sintácticos e semânticos. Por seu turno, o verbo *dar* desempenha a função de verbo suporte de predicção, isto é, serve de apoio à estrutura. Isto significa que, tal como refere Polenz, o significado do verbo suporte seja de carácter abstracto no sentido de ‘vago’ ou ‘impreciso’ comparativamente ao seu significado na qualidade de verbo pleno. No que diz respeito à expressão *dar cabo de*, o comportamento do substantivo *cabo* corresponde ao comportamento dos substantivos das construções com verbo suporte acima na medida em

que é possível parafrasear a construção recorrendo a um verbo pleno ligado ao substantivo *cabo*, a saber: o verbo *acabar*. Tal como sucede com o verbo *beflügel*, também o verbo *acabar* se torna idiomático. Quanto ao verbo suporte *dar* na expressão *dar cabo de*, pode dizer-se que, não obstante o papel semântico reduzido desempenhado por este verbo na construção, é possível ainda reconhecer a presença de um elemento do significado do verbo *dar* (*‘geben’*) enquanto forma livre (*‘alguém dá algo [+ CONCRETO] a alguém’*), a saber: o valor causativo. Considere-se agora a frequência da co-ocorrência do verbo *dar* com a preposição *de* no contexto lexemático *dar + substantivo + preposição*. Basta percorrer o *corpus* elaborado por Schemann (1981: 289-396) no âmbito da sua investigação sobre o verbo básico da língua portuguesa *dar* em contexto idiomático e não idiomático¹⁹⁷ para nos darmos conta de que o número de expressões que apresentam o contexto lexemático *dar + substantivo + de* é restrito. A expressão *dar + cabo + de* enquadra-se neste grupo reduzido de expressões. É interessante constatar que a combinação sintagmática que ocorre com mais frequência neste *corpus* é a combinação do verbo *dar* com a preposição *a*: *dar + substantivo + a*. Por exemplo: *dar lugar a*; *dar azo a*; *dar alento a*; *dar força a*; *dar início a*; *dar fim a*; *dar andamento a*; *dar seguimento a*; *dar cumprimento a*; *dar luz a*; *dar um empurrão a*; *dar folga a*. Ainda em relação à preposição *de*, importa assinalar que a ideia *‘von...weg’* (*‘ponto de partida’*) associada a esta preposição parece intervir no significado da construção *dar cabo de*. Esta ideia está presente, por exemplo, nas expressões *dar cabo da paciência a alg* (= *‘tirar’* paciência a alg) e *dar cabo da saúde a alg* (= *‘tirar’* saúde a alg).

Feitas estas considerações, é possível avançar alguns elementos semânticos que parecem estar associados à expressão *dar cabo de*: (i) a ideia de *‘fim’* (*‘Ende’*); (ii) o valor causativo; (iii) a ideia de afastamento de um ponto de partida.

Uma melhor compreensão do comportamento sintático-semântico da combinação fixa *dar cabo de* pode ser obtida através da análise de constituintes que podem ocupar a posição *x* da construção sintagmática *dar + cabo + de + x*. Observemos as seguintes expressões:

¹⁹⁷ Cf. Schemann (1981: 8): “Unser Corpus umfaßt etwa 650 idiomatische Verwendungen von DAR, denen rund 800 Bedeutungen zugeordnet wurden”. Quanto à relevância de um estudo aprofundado do verbo *dar*, escreve Schemann (*ibidem*: 6): “Dies Verb [DAR] scheint für die Konstituierung von Idioms das fruchtbarste Lexem der portugiesischen Sprache zu sein”. Schemann parte, na obra aqui em destaque, de uma análise semântico-sintática do verbo *dar* em contexto não-idiomático (*alguém dá algo [+ CONCRETO] a alguém*), procedendo, de seguida, à categorização dos significados que o verbo *dar* assume em contextos idiomáticos, a saber: (i) DAR I: *jem. etwas Abstraktes geben*; (ii) DAR II: (*bei jem./etw.*) *etwas hervorrufen*; (iii) DAR III: *bei jem. einen (plötzlichen/seltsamen) Anfall hervorrufen*; (iv) DAR IV: *eine Bewegung verursachen (an/mit Körper(-teil)/Gegenstand)*; (v) DAR + PREPOSIÇÃO: *sich bewegen/gehen (an/zu/mit Körper(-teil)/Gegenstand)*.

1 dar cabo de uma máquina
2 dar cabo da fortuna

3 dar cabo dos planos a alg
4 dar cabo da paciência a alg
5 dar cabo de alg

Parece ser possível concluir o seguinte:

- (i) Subjacente à expressão *dar cabo de uma máquina* está a ideia de ‘causar estragos ou danos’. O constituinte *uma máquina* pode ser substituído por outros lexemas que pertencem ao mesmo paradigma lexical: *dar cabo de um aparelho*; *dar cabo de um carro*; *dar cabo de um vestido*; *dar cabo de um penteado*. O lexema alemão ‘*kaputt*’ parece corresponder à ideia aqui transmitida.
- (ii) Os exemplos (2) a (4) sugerem a ideia de ‘fim’ (‘*Ende*’): subjacente à expressão *dar cabo da fortuna* está a ideia do ‘fim’ da fortuna; *dar cabo dos planos de alg* significa ‘pôr fim’ aos planos de uma pessoa; por último, a expressão *dar cabo da paciência a alg* sugere que a pessoa atingiu ‘o fim’ da sua paciência (‘*Meine Geduld ist zu Ende*’).
- (iii) Subjacente à expressão *dar cabo de alg* está um processo de transposição metafórica que parte da expressão *dar cabo de qc*, unidade que, como acima referido, significa ‘causar estragos ou danos’ em alguma coisa. No caso da expressão *dar cabo de alg* os estragos ou danos dizem respeito a uma pessoa. Contudo, esta expressão não nos dá indicação relativamente ao tipo de estrago, isto é, se o estrago é de ordem física ou de natureza abstracta (estrago psicológico ou moral).

Partindo das considerações feitas sobre as expressões *dar cabo de qc/alg*, parece ser possível estabelecer as seguintes expressões alemãs como equivalentes das expressões portuguesas: (i) *etw. zerstören*; *etw. kaputt machen*; (ii) *jn. fertigmachen*. Daqui é preciso reter que o conceito de equivalência pressupõe a existência de uma expressão na língua de partida a partir da qual é possível chegar a uma expressão equivalente na língua de chegada. Em outros termos: o processo de equivalência dá-se a partir de algo – termo/expressão – que já existe.

4.2.3. Inversão da perspectiva: análise da equivalência interlingual a partir dos equivalentes alemães da expressão *dar cabo de alg*

Consideremos os equivalentes alemães da expressão *dar cabo de alg* constantes do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*. Lembrarei que estas expressões alemãs

constituem as unidades de partida que no *Dicionário Idiomático Alemão – Português* apresentam a expressão portuguesa *dar cabo de alg* como equivalente:

1	jn. fertig machen	7	jn. restlos/(völlig) am Boden zerstören
2	jn. alle machen	8	jn. wie einen Wurm zertreten
3	jn. kaputt machen	9	jn. zur Strecke bringen
4	jn. (regelrecht/...) auseinander nehmen	10	jn. unschädlich machen
5	jn. in seine Bestandteile zerlegen	11	über die Klinge springen müssen
6	jm. den Boden unter den Füßen wegziehen	12	etw. geht jm. an die Nieren

A expressão (1), *jn. fertig machen*, deriva de um processo de transposição metafórica que parte da construção *etw. fertig machen*, expressão que significa ‘*etw. zu Ende machen*’ (‘findar algo’, ‘dar fim a algo’). Verifica-se um ‘salto’ metafórico do domínio fonte ‘tarefas/actividades’ para o domínio alvo ‘dimensão psicológica ou física do ser humano’ (*die Nerven* (‘os nervos’), *die Geduld* (‘a paciência’), *die Widerstandskraft* (‘a força de resistência’)).

À semelhança do que acontece em (1), a expressão (2) – *jn. alle machen* – encontra-se metaforicamente ligada à expressão *etw. alle machen*¹⁹⁸ utilizada em relação a coisas ou substâncias que podem ser consumidas ou esgotadas como, por exemplo, comidas, bebidas, dinheiro: *du kannst die Suppe alle machen*¹⁹⁹ (‘podes acabar com a sopa’). A expressão *etw. alle machen* assenta, portanto, na ideia ‘*etw. zu Ende machen*’ (‘acabar com qc’), ideia que é transposta para o domínio do ser humano, referindo-se especificamente à força física, psíquica, moral ou mental de uma pessoa.

Neste ponto, repare-se que as expressões (1) e (2) sugerem a mesma ideia expressa pela expressão portuguesa *dar cabo de*: ‘*zu Ende*’.

Passemos agora a considerar o exemplo (4). O verbo *auseinander nehmen*, composto pelo verbo *nehmen* e a partícula *auseinander*, transmite de forma plástica a ideia de ‘desintegração’, ‘desmembramento’. A expressão idiomática *jn. auseinandernehmen* resulta de um processo de transposição metafórica (metáfora classemática) a partir da construção *etw. auseinander*

¹⁹⁸ Cf. a expressão *alle sein* no sentido ‘*zu Ende sein/nicht mehr ... haben*’ (‘ter-se acabado/não ter mais ...’): *die Butter ist alle* → *die Butter ist ‘zu Ende*’.

¹⁹⁹ Este Exemplo encontra-se no *DUDEN Deutsches Universalwörterbuch* integrado no lema *alle*.

nehmen. Está-se perante a transposição do domínio fonte ‘objecto’ (decomponível) para o domínio alvo ‘ser humano’. Analisando mais de perto os domínios envolvidos neste processo, impõe-se reconhecer a seguinte semelhança entre um objecto que pode ser desmontado, por exemplo, um motor, e um ser humano: tal como um motor é composto por um conjunto de peças que funcionam em conjunto, isto é, cada peça possui uma função especializada e interage com as outras peças do todo, também o ser humano é composto por um conjunto organizado de órgãos, desempenhando cada um a sua função. Contudo, tendo em conta que o homem para além da dimensão física e corporal também possui uma dimensão espiritual e uma alma, não é possível decompor uma pessoa ou um animal da mesma forma que se decompõe uma máquina. Isto significa que a imagem (*sprachliches Bild*) transmitida pelo plano literal da expressão idiomática *jn (regelrecht/...) auseinandernehmen* – ‘decompor uma pessoa como se ela fosse uma máquina’ – é de carácter ficcional. Daí o emprego de lexemas como *regelrecht* e *richtig* como elementos enfáticos. A expressão *etw. auseinander nehmen* funciona, portanto, como base (‘Grund’) do processo de transposição. O ‘salto’ entre *etw. auseinander nehmen* (‘Grund’) e *jn. auseinandernehmen* (‘Ziel’) dá-se por meio da metáfora classemática.

Ao comparar a expressão portuguesa *dar cabo de qc* (‘*dar cabo de um motor*’) com a expressão alemã *etw. auseinander nehmen* (‘*einen Motor auseinander nehmen*’), verificamos a seguinte diferença: enquanto que a expressão portuguesa dá a entender que o motor fica num estado irrecuperável, ou seja, é o ‘fim’ do motor, a expressão alemã refere-se à separação das peças do motor, não denotando a ideia do ‘fim’ do motor. A desmontagem de uma máquina não implica necessariamente o seu ‘fim’. Por outro lado, importa notar que a desmontagem de um motor tem como consequência o seu não funcionamento: um motor desmontado não funciona. Esta relação de causa-efeito que constitui uma extensão da ‘base’ (‘Grund’) – *etw. auseinander nehmen* – é transposta para a expressão *jn. auseinandernehmen*. Tudo indica que, para além do processo metafórico, temos aqui a ver com um processo de transposição metonímica. O nexa que a expressão *jn. auseinandernehmen* estabelece com a ideia transmitida pelo lexema alemão ‘*kaputt*’ assenta no processo metonímico de causa-efeito. Estamos perante um dos ‘exemplos’ que enformam o conceito ‘*kaputt*’: desintegração/decomposição de um objecto → o objecto não funciona²⁰⁰.

²⁰⁰ Já tivemos oportunidade de abordar outros ‘exemplos’ (‘algo tem falta de peças’ – não funciona/funciona mal/defeituoso) que constituem o conceito ‘*kaputt*’, exemplos que são transpostos para outros domínios: cabeça de uma pessoa não está a funcionar bem/está avariada.

Uma expressão que pode funcionar como equivalente da unidade alemã *jn. auseinandernehmen* é a expressão *desfazer alg (todo/toda)*: ‘Se não deixares a minha irmã em paz, desfaço-te todo’²⁰¹. Importa pôr em evidência os seguintes aspectos: (i) à semelhança do que acontece em relação à construção *jn. auseinandernehmen*, também a expressão *desfazer alg* advém de um processo de transposição metafórica (metáfora classemática) entre o domínio fonte ‘objecto’ (*desfazer uma porta*) e o domínio alvo ‘ser humano’; (ii) subjacente a ambas as expressões está a ideia expressa pelo lexema alemão ‘*kaputt*’; (iii) os verbos *desmontar* (‘*auseinander nehmen*’) e *desfazer* sugerem, no contexto acima, a mesma imagem; (iv) o carácter fictício está presente em ambas as expressões. Repare-se que, tal como sucede com a construção alemã, também a expressão portuguesa é empregue com um elemento enfático.

Não é difícil concluir que entre a expressão (4), *jn. auseinander nehmen*, e a expressão (5), *jn. in seine Bestandteile zerlegen* (‘desmontar alg nos seus componentes/nas suas partes’), existe uma relação semântica estreita. Tal como sucede com a expressão (4), também:

- (i) a expressão (5) resulta de um processo de transposição metafórica; neste caso, o processo tem como base a construção *etwas in seine Bestandteile zerlegen* (‘*Grund*’), unidade que funciona como paráfrase da expressão *etwas auseinander nehmen: einen Motor auseinander nehmen* → *einen Motor in seine Bestandteile zerlegen*;
- (ii) a relação de causa-efeito que pode ser extrapolada da construção base (um objecto desmontado → não funciona) é transposta para o plano do que se quer expressar (‘*Ziel*’). É este processo metonímico que faz com que a expressão *jn. in seine Bestandteile zerlegen* se encontre ligada à ideia ‘*kaputt*’;
- (iii) a imagem expressa pelo sentido literal da expressão (4) é de natureza ficcional.

A diferença que se verifica entre a unidade (4) e a unidade (5) está relacionada com o constituinte *in seine Bestandteile* (‘nas suas partes/nos seus componentes’). Repare-se que a expressão *etw. zerlegen* por si só é o mesmo que dizer *etw. auseinander nehmen*. Isto significa que o constituinte *in seine Bestandteile* é uma repetição da ideia já expressa pelo verbo *zerlegen*: *eine Maschine in seine Bestandteile zerlegen* → desmontar uma máquina nos seus

²⁰¹ Em português não se verifica a transposição metafórica de *desmontar qc* para **desmontar alg* como é o caso no alemão.

componentes. Observando a expressão idiomática *jn. in seine Bestandteile zerlegen*, note-se que o carácter tautológico da expressão imposto pelo constituinte *in seine Bestandteile* aliado à natureza ficcional da mesma suscita um efeito irónico, efeito esse que está ausente da expressão portuguesa *dar cabo de (qc/ alg)*.

Passemos à análise da expressão (6) – *jm. den Boden unter den Füßen wegziehen* (‘(re)tirar o chão debaixo dos pés de alg’), começando por fazer algumas considerações sobre o constituinte verbal na expressão trivalente *jm. (B) etw. (C) wegziehen* (‘(re)tirar qc (C) a alg (B)’). O verbo *wegziehen* está associado a uma mudança de estado que envolve o argumento no dativo: B deixa de ‘ter’ C. Consta-se, assim, que existe uma mudança no que respeita a relação de posse (‘*Haben-Verhältnis*’) entre B e C. Refira-se ainda que o prefixo *weg-* enquanto morfema do verbo *wegziehen* expressa a ideia de privação: ‘von B weg’ (‘afastar-se de B’). Vejamos agora o que se passa relativamente ao constituinte *den Boden unter den Füßen*. O lexema *Füße* (‘pés’) designa os membros do homem que lhe permitem pôr-se de pé, estar de pé e andar. Para concretizar estas acções é necessário uma base na qual os pés se podem apoiar: o chão. (Re)tirar o chão a uma pessoa significa tirar-lhe o que ela necessita para se erguer, para estar em posição erecta, para andar. É este o pressuposto que está na base (‘*Grund*’) da constituição da imagem linguística (‘*sprachliches Bild*’) *jm. den Boden unter den Füßen wegziehen*. Quanto ao lexema *Boden* (‘chão’), verifica-se uma transposição metafórica entre o ‘chão’ real e palpável do plano literal da expressão e o ‘chão’ abstracto do plano idiomático da expressão (*wirtschaftliche/... Grundlage* (‘a base económica/o sustento económico’), *Existenz-Grundlage* (‘a base para a existência de algo’)). Comparando a expressão alemã *jm. den Boden unter den Füßen wegziehen* com a expressão portuguesa *dar cabo de alg*, direi que embora seja difícil estabelecer uma relação de equivalência entre estas expressões, dificuldade essa que está ligada à natureza imagética da expressão alemã, é possível reconhecer o seguinte ponto de intersecção: a ideia de ‘fim’ (‘*Ende*’). A acção de retirar a base necessária para a existência de alguma coisa implica o seu ‘fim’.

Observemos agora o exemplo (7), *jn. restlos/völlig am Boden zerstören* (‘destruir alg por completo no chão’). Para tal, tomo como ponto de partida a expressão *etw. am Boden zerstören* (‘destruir qc no chão’), unidade que, segundo Röhrich, surgiu no contexto da

Segunda Guerra Mundial²⁰²: os bombardeamentos reduziram os edifícios e as cidades ao nível do chão, isto é, a destruição foi total. Com efeito, inerente à expressão *etw. am Boden zerstören* está a ideia de ‘kaputt’²⁰³. Podemos, portanto, afirmar que entre a expressão *etw. am Boden zerstören* e a expressão *jn. restlos/völlig am Boden zerstören* ocorre um processo de transposição metafórica de ordem classemática: domínio fonte ‘coisas com existência material’ → domínio alvo ‘ser humano’. Como vemos, a unidade linguística *etw. am Boden zerstören* é a base (‘Grund’) a partir da qual a expressão (7) se constitui. Estreitamente relacionada com esta base (‘Grund’) está a natureza ficcional da imagem realizada no plano literal da expressão *jn. restlos/völlig am Boden zerstören*: ‘destruir uma pessoa como se ela fosse um edifício/uma cidade’. Importará reter que o carácter ficcional da expressão implica o grau mais elevado possível de ‘destruição’ ou de abatimento físico, moral ou emocional. Está-se perante a ideia ‘*am Ende sein*’, ideia também ela presente na expressão *dar cabo de alg.*

No que diz respeito à expressão (8), *jn. wie einen Wurm zertreten* (‘esmagar alg como quem esmaga um verme’), note-se, em primeiro lugar, que estamos perante uma estrutura de comparação. Em segundo lugar, o lexema *Wurm* (‘verme’) designa um animal que na cultura alemã possui uma conotação claramente pejorativa²⁰⁴: o verme simboliza o que é repugnante e abjecto. Enquanto símbolo, este animal funciona como expoente máximo da repugnância. É interessante verificar que, ao contrário do que acontece no contexto alemão, o animal designado de ‘verme’ não possui no contexto português o estatuto de símbolo. Como já tivemos oportunidade de constatar em pontos anteriores, a expressão por meio de símbolos encontra-se intimamente ligada à noção de ‘grau mais elevado possível’ (‘*höchster Grad*’). Vem a propósito lembrar que um dos aspectos que caracteriza a comparação idiomática é precisamente o recurso a símbolos. Em terceiro lugar, repare-se que a comparação expressa no plano literal é de carácter ficcional e hiperbólico: não é possível esmagar uma pessoa como se esmaga um verme (= animal pequeno que não custa nada a esmagar). Mais ainda, a dimensão ficcional e hiperbólica da expressão encerra a noção de ‘grau mais elevado

²⁰² Cf. a informação sobre o surgimento da expressão *etw. am Boden zerstören* documentada em Röhrich [palavra-chave: *Boden*] (1991, vol. 1: 234): “Im Zusammenhang mit den Bombenangriffen auf Flugplätze im 2. Weltkrieg, durch die gegnerische Luftstreitkräfte ausgeschaltet wurden, entstanden die Wndgn. [Wendungen]: *etw. am Boden zerstören*: völlig vernichten, *jem. am Boden zerstören*: ihn heftig prügeln und *völlig am Boden zerstört sein*: kraftlos, fassungslos, niedergeschlagen, auch betrunken”.

²⁰³ Outra expressão alemã que transmite de forma plástica a ideia da destruição total é: *etw. dem Erdboden gleichmachen* (‘nivelar qc pelo chão’).

²⁰⁴ Lembrarei aqui a peça de Schiller intitulada *Kabale und Liebe*, obra na qual uma das personagens que apenas merece desprezo se chama *Wurm*.

possível’ de ‘esmagamento’: ‘esmagar’ integralmente. Dito isto, parece poder afirmar-se que a expressão idiomática *jn. wie einen Wurm zertreten* tem como base (‘Grund’), por uma lado, o pressuposto ‘se pisar um verme, esmago-o por completo’, por outro lado, a simbologia do animal. Por último, apesar das divergências que se verificam no plano literal, a expressão portuguesa *dar cabo de alg* pode ser tida como bom equivalente para a expressão (8). Isto porque ambas as expressões têm como denominador comum a ideia ‘acabar com uma pessoa’.

Passando à observação do exemplo (10), *jn. unschädlich machen* (‘tornar alg inócuo’/‘impossibilitar alg de causar prejuízos’), note-se que esta unidade tem como construção base (‘Grund’) a expressão *Tiere unschädlich machen*. Verifica-se, portanto, uma transposição metafórica do domínio ‘animal’ para o domínio ‘ser humano’: as pessoas são tratadas como bichos, em especial, insectos que causam prejuízos (*Ungeziefer*), como, por exemplo, o bicho da madeira/bicho-carpinteiro e a lagarta ou morcão da couve ou da fruta. Em outros termos: do mesmo modo que os insectos que fazem estragos são destruídos através da aplicação de produtos insecticidas, também uma pessoa que ‘faz estragos’, em particular, no campo da política e no contexto dos serviços secretos, é impossibilitado de prosseguir a sua acção ou actividade através de meios como a detenção e execução. Feitas estas considerações, diremos que a diferença que se verifica entre a expressão *jn. unschädlich machen* e a expressão *dar cabo de alg* prende-se com o facto da expressão portuguesa, expressão que transmite a ideia geral ‘kaputt’, não transmitir as ideias específicas de ‘abate’ (‘abater alg’), ‘aniquilamento’ e ‘extinção’ presentes na expressão alemã.

Consideremos agora o exemplo (11), *über die Klinge springen müssen* (‘ter de saltar por cima da espada’). Esta expressão encontra-se relacionada com a expressão *jn. über die Klinge springen lassen* que provém da linguagem de esgrima e traduz de forma imagética a decapitação de uma pessoa utilizando uma espada. Tal como refere Röhrich²⁰⁵, esta expressão não traduz fielmente o acto de degolação, uma vez que não é o corpo, mas sim a cabeça da pessoa que ‘salta por cima da espada’, separando-se do resto do corpo. O acto da decapitação está ligado à ideia de ‘queda’ (‘Fall’) – o corpo da pessoa decapitada cai para o chão (*Grund; Boden*) – e à ideia do ‘fim’ da vida da pessoa (‘ganz aus’/‘vorbei’). Este cenário de execução física de um indivíduo pode ser transposto para outros contextos, como, por exemplo, a

²⁰⁵ Cf. Röhrich, palavra-chave *Klinge* (1991, vol. 2: 855).

destruição de uma pessoa no contexto económico ou profissional. Posto isto, a expressão *dar cabo de* enquanto ideia parece ser um bom equivalente para a expressão alemã, porém esta não possui nem a dimensão da imagem nem o ‘humor negro’ patentes na expressão alemã.

Por fim, voltemos-nos para a expressão (12), *etw. geht jm an die Nieren* (‘qc atinge/afecta os rins de alg’). Segundo Röhrich, o órgão denominado de ‘Niere’ (‘rim’) funciona simbolicamente desde a Idade Média como sede de vitalidade²⁰⁶. Assim sendo, qualquer coisa que afecte os rins de uma pessoa perturba a estabilidade das forças e funções vitais, provocando danos em termos de saúde. Uma vez que entre o lexema *Nieren* e o homem existe uma relação parte – todo, verifica-se entre o plano literal e o plano idiomático da expressão uma relação sinedóquica: o que acontece com os rins é transposto para a pessoa humana, isto é, a pessoa fica ‘doente’ e perde o equilíbrio, em particular, no sentido moral e psicológico. Nesta linha de pensamento, pode então dizer-se que a expressão *dar cabo de* é de carácter mais geral. Daí propor a expressão *qc põe alg doente* como equivalente da expressão alemã *etw. geht jm. an die Nieren*.

Neste capítulo, procurei dar conta do modo de funcionamento da equivalência interlingual. Começou-se pela apresentação da expressão *dar cabo de qc/alg*, investigando, em particular, aspectos estruturais e semânticos que caracterizam esta construção. A partir desta análise foi possível chegar às seguintes expressões equivalentes alemãs: *etw. zerstören*; *etw. kaputt machen*; *jn. fertigmachen*. Ao proceder a uma inversão da perspectiva de análise, isto é, ao tomar como ponto de partida os equivalentes alemães da expressão *dar cabo de alg* constantes do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*, constatou-se que o sistema das figuras funciona tanto em relação às expressões alemãs como em relação à expressão *dar cabo de alg*. Por outro lado, a expressão *dar cabo de alg* não integra determinados elementos que fazem parte das expressões idiomáticas alemãs, elementos esses que passo a destacar: (i) a base imagética (*Bildbasis*) subjacente ao plano literal; (ii) a dimensão ficcional; (iii) a dimensão simbólica; (iv) aspectos pragmáticos, como, por exemplo, a atitude ou opinião do falante em relação ao seu interlocutor ou a terceiros. Resumindo, neste ponto: uma vez que a

²⁰⁶ Veja-se a informação documentada em Röhrich [palavra-chave: *Niere*] (1991, vol. 2: 1097): “Die Nieren galten im MA. [Mittelalter] als Sitz der Gemütsbewegungen, insbes. aber des Geschlechtstriebes, und wurden erappten Ehebrechern bisweilen ausgeschnitten. Doch bez. [bezeichnet] Niere oft auch wie Herz allg. das Innere des Menschen, den Sitz der Lebenskraft”.

equivalência interlingual pressupõe uma expressão de partida, o(s) equivalente(s) encontra(m)-se condicionado(s) por esta unidade de partida.

4.3. O FUNCIONAMENTO DA SINONÍMIA E DA EQUIVALÊNCIA NO PLANO DO TEXTO

Com o intuito de completar a reflexão sobre o que distingue o *modus operandi* da sinonímia do *modus operandi* da equivalência, proponho uma breve análise da actuação destes fenómenos no plano do texto, em particular, do texto literário. Tome-se como ponto de partida a seguinte definição da natureza dos textos literários fornecida por Brinker: “Texte, die sowohl in grammatischer als auch in thematischer Hinsicht einen höheren Komplexitätsgrad aufweisen” (1992: 17-18). De acordo com esta citação, a produção de um texto literário pressupõe dois planos, designadamente o plano gramatical, relacionado com “die sprachlichen Mittel des Textierens (...), also die sprachlichen Mittel, die (...) aus Sätzen Texte machen” (Wolf, 1981: 205), e o plano do tema. Entenda-se por ‘tema’ de um texto literário “[die] Entfaltung eines Inhaltskerns” (*ibidem*: 22), isto é, a estrutura temática do texto literário resulta do desdobramento da ideia nuclear. Reencontramos aqui a noção de *centrale pureté* proposta por Mallarmé. Por outras palavras, o autor de uma obra literária vai tecendo uma teia de expressões que vão ter ao mesmo ponto central. Neste processo que é eminentemente dinâmico e criativo, o autor procura ‘penetrar’ a ideia central da obra a partir de perspectivas diferentes. Como se pode depreender, estas considerações vão ao encontro das observações feitas no âmbito da análise da sinonímia idiomática ficcional. O autor da obra serve-se de meios estilísticos ficcionais como, por exemplo, dos símbolos, das alusões e perspectivagens, dos eufemismos, da personificação, da comparação e das imagens para explorar e transmitir a ideia da obra. Uma vez que este processo é similar ao processo de criação da sinonímia idiomática, o estudo da sinonímia idiomática contribui para uma melhor compreensão do processo literário.

Quanto ao fenómeno da equivalência no plano do texto, refira-se que o acto de traduzir um texto literário é “ein Verstehens- und Interpretationsprozeß” (Koller, 1987: 63). Isto significa que o tradutor está logo à partida ‘condicionado’ pela estrutura do texto tanto no que diz respeito ao plano gramatical como no que se refere ao plano do tema. Diremos que o tradutor,

mediante a sua análise do texto de partida, procura os equivalentes que, no seu entender, melhor correspondem à forma e aos sentidos das unidades que compõem esse texto. Tome-se como exemplo a tradução de um texto literário cujo autor caracteriza as suas figuras e sugere o tema ou a ideia da sua obra através dos mais variados meios estilísticos – imagens específicas, repetições, provérbios, etc.. Para conseguir transmitir a ideia (*Ausdrucks-Ziel*) do autor, o tradutor terá de encontrar expressões equivalentes tão exactas ou precisas quanto possível na língua de chegada. Isto significa que a tradução de uma obra literária envolve duas tarefas: por um lado, o tradutor procura aproximar-se da ideia do autor da obra; por outro, terá de jogar com as expressões equivalentes que a língua de chegada permite. Assim sendo, o tradutor vê-se confrontado, por um lado, com os problemas da sinonímia (a ideia de *pureté centrale*) e, por outro, com os problemas da equivalência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DICIONÁRIOS

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Editorial Verbo.

DUDEN *Deutsches Universalwörterbuch* (1996), 3.^a edição, revista e ampliada, Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich, Dudenverlag.

PAUL, HERMANN (1992), *Deutsches Wörterbuch*, 9.^a edição, revista e actualizada, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

SCHEMANN, HANS (1992), *Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten*, Stuttgart/Dresden, Ernst Klett Verlag für Wissen und Bildung.

—(1993), *Deutsche Idiomatik. Die deutschen Redewendungen im Kontext*, Stuttgart, Ernst Klett Verlag für Wissen und Bildung.

SCHEMANN, HANS/ALAIN RAYMOND (1994), *Idiomatik Deutsch – Französisch. Dictionnaire Idiomatique Allemand-Français*, Stuttgart/Dresden, Ernst Klett Verlag für Wissen und Bildung.

SCHEMANN, HANS/PAUL KNIGHT (1995), *Idiomatik Deutsch – Englisch. German – English Dictionary of Idioms*, Stuttgart/Dresden, Ernst Klett Verlag für Wissen und Bildung.

SCHEMANN, HANS/MARIA LUIZA SCHEMANN-DIAS/LUISA AMORIM-BRAUN/TERESA MARTINS/MARIA JOÃO DUQUE-GITT/HELENA COSTA (2002), *Idiomatik Deutsch – Portugiesisch. Dicionário Idiomático Alemão – Português*, Barcelona/Budapest/London/Sofia/Stuttgart, Ernst Klett Sprachen.

SCHEMANN, HANS/IDALETE DIAS (2005), *Dicionário Idiomático Português – Alemão. Idiomatik Portugiesisch – Deutsch*, Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos Humanísticos.

SCHEMANN, HANS/GIOVANNI ROVERE/BEATRICE FENATI (2009), *Idiomatik Deutsch – Italienisch. Dizionario Idiomático Tedesco – Italiano*, Bologna, Zanichelli.

2. BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABRAHAM, WERNER (1975), “Zur Linguistik der Metapher”, in *Poetics* 4, 133-172.
- ADAMSKA-SAŁACIAK, ARLETA (2010), “Examining Equivalence”, in *International Journal of Lexicography*, .
- ARIAS, ISABEL GIRÁLDEZ (2007), “Hans Schemann. Dicionários Idiomáticos Português-Alemão e Idiomatik Deutsch – Portugiesisch”, in *Cadernos de Fraseologia Galega* 9, 297-322.
- BALDINGER, KURT (1960), “Alphabetisches oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch?”, in *ZRPh* 76, 521-536.
- (1984), *Vers une sémantique moderne*, Paris, Klincksieck.
- BALLY, CHARLES (³1951), *Traité de Stylistique Française*, volume I, Paris, Klincksieck.
- BARZ, IRMHILD (2007), “Wortbildung und Phraseologie”, in Harald Burger et al. (eds.) (2007), Vol. 1, 27-36.
- BÁRDOSI, VILMOS/MIKLÓS PÁLFY (1988), *Précis de Lexicologie Française*, Budapest, Tankönyvkiado, 77-89.
- BEATTIE, JAMES (1779), “On Laughter and Ludicrous Composition”, in Roger Robinson (ed.), *Essays: On Poetry and Music*, London, Routledge & Thoemmes, 1996.
- BERGSON, HENRI (1991), *O Riso. Ensaio sobre a significação do cómico*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D’Água.
- BÍBLIA SAGRADA (⁹1981), Lisboa, Difusora Bíblica.
- BLACK, MAX, (1962), *Models and Metaphors*, New York, Cornell University Press.
- BLOOMFIELD, LEONARD (¹²1973), *Language*, London, Unwin University Books.
- BLÜHDORN, HARDARIK (1993), “Deixis und Deiktika in der deutschen Gegenwartssprache”, in *Deutsche Sprache* 1, 44-62.

- BRINKER, KLAUS (1992), *Linguistische Textanalyse. Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden*, 3.^a edição, revista e ampliada, Berlin, Erich Schmidt Verlag.
- BÜHLER, KARL (³1999), *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*, Stuttgart, Lucius & Lucius Verlagsgesellschaft.
- BURGER, HARALD (1973), *Idiomatik des Deutschen*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag (= Germanistische Arbeitshefte, 16).
- (2007), *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*, 3.^a edição, revista e actualizada, Berlin, Erich Schmidt Verlag (= Grundlagen der Germanistik, 36).
- (2009), “Semantische Aspekte der deutschen Phraseografie: die aktuelle Praxis – allgemeine und phraseologische Wörterbücher im Vergleich”, in Carmen Mellado Blanco (ed.), *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 23-44.
- BURGER, HARALD/DMITRIJ DOBROVOL'SKIJ/PETER KÜHN/NEAL NORRICK (eds.) (2007), *Phraseologie. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*, 2 vol., Berlin/New York, Walter de Gruyter (= Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 28).
- BURKHARDT, ARMIN (1996), “Zwischen Poesie und Ökonomie. Die Metonymie als semantisches Prinzip”, *ZGL* 24, 175-195.
- BURNARD, LOU (1998), *On the hermeneutic implications of text encoding*, disponível em <http://users.ox.ac.uk/~lou/wip/herman.htm>, consultado em 10/09/2009.
- (1999), *Is Humanities Computing an Academic Discipline? or, Why Humanities Computing Matters*, disponível em <http://www.iath.virginia.edu/hcs/burnard.html>, consultado em 10/09/2009.
- CAMPOS, MARIA HENRIQUETA/MARIA FRANCISCA XAVIER (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CARVALHO, J. HERCULANO DE (1973/1974), *Teoria da Linguagem*, 2 vols., Coimbra, Atlântida.
- CASAS GÓMEZ, M. (1997), “Variación semántica de las relaciones sinonímicas”, in Hoinkes, U./W. Dietrich (eds.), *Kaleidoskop der lexikalischen Semantik*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 217-225.
- (1999), *Las relaciones léxicas*, Tübingen, Niemeyer Verlag.

- COENEN, HANS GEORG (2002), *Analogie und Metapher. Grundlegung einer Theorie der bildlichen Rede*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- COSERIU, EUGENIO (1967), "Lexikalische Solidaritäten", in *Poetica* 1, Jg., 293-303.
- (1970), *Einführung in die strukturelle Betrachtung des Wortschatzes*, Tübingen, Gunter Narr (= Tübinger Beiträge zur Linguistik, 14).
- (1976), *Das romanische Verbalsystem*, Tübingen, TBL-Verlag Narr (= Tübinger Beiträge zur Linguistik, 66).
- (1980), *Textlinguistik*, Tübingen, Gunter Narr Verlag (=Tübinger Beiträge zur Linguistik, 109).
- COSERIU, EUGENIO/HORST GECKELER (1981), *Trends in Structural Semantics*, Tübingen, Gunter Narr Verlag (= Tübinger Beiträge zur Linguistik, 158).
- COULMAS, FLORIAN (1981), *Routine im Gespräch. Zur pragmatischen Fundierung der Idiomatik*, Wiesbaden, Akademische Verlagsgesellschaft Athenaion (= Linguistische Forschungen, 29).
- (1982), "Ein Stein des Anstoßes. Ausgewählte Probleme der Idiomatik", in Dieter Wunderlich (ed.): *Studium Linguistik*, 13, 17-36.
- CRUSE, ALAN (1986), *Lexical Semantics*, Cambridge/ London/ New York/ Melbourne/ Sydney, Cambridge University Press.
- CRUSE, ALAN/FRANZ HUNDSNURSCHER/MICHAEL JOB/PETER LUTZEIER (eds.) (2002), *Lexikologie – Lexicology: Ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen*, 2 Vols., Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- DERRIDA, JACQUES, "Signature – Event - Context», in: Patricia Bizzell/Bruce Herzberg (eds.) (1990): *The Rhetorical Tradition. Readings from Classical Times to the Present*, Boston, Bedford Books.
- DIAS, IDALETE (2005), "Das deutsch-portugiesische PORTDE-Korpus", in Johannes Schwitalla/Werner Wegstein (eds.), *Korpuslinguistik deutsch: synchron – diachron – kontrastiv*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 255-258.

- (2007), “Text-Gewebe: Formen der Wiederaufnahme”, in Cristina Flores/Orlando Grossegeisse (eds.), *Wildern in luso-austro-deutschen Sprach- und Textrevieren. Festschrift zum 60. Geburtstag von Erwin Koller*, Poliedro 20, Braga, Cehum, Universidade do Minho, 335-348.
- DIJK, TEUN A. VAN (1980), *Textwissenschaft. Eine interdisziplinäre Einführung*, trad. Christoph Sauer, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- DIRVEN, RENÉ/RALF PÖRINGS (eds.) (2003), *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- DOBROVOL'SKIJ, DMITRIJ (1995), “Schiß und Espenlaub”, in *Folia Linguistica* XXIX/3-4, 315-346.
- (1997), *Idiome im mentalen Lexikon. Ziele und Methoden der kognitivbasierten Phraseologieforschung*, Trier, Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- (2002), “Phraseologismen in kontrastiver Sicht”, in Alan Cruse/Franz Hundsnurscher/Michael Job/Peter Rolf Lutzeier (eds.), *Lexikologie. Ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen*, Vol. I, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 442-451.
- DORNSEIFF, FRANZ (⁸2004), *Der deutsche Wortschatz nach Sachgruppen*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- DUBOIS, JEAN ET AL./GROUPE μ (1982), *Rhétorique générale*, Paris, Editions du Seuil.
- DUCHÁČEK, OTTO (1964), “Différents Types de Synonymes”, in *Orbis* 13, 35-49.
- (1965), “Sur quelques problèmes de l’antonymie”, in *Cahiers de Lexicologie* 6, 55-66.
- (1973), “Über verschiedene Typen sprachlicher Felder und die Bedeutung ihrer Erforschung”, in Lothar Schmidt (ed.), *Wortfeldforschung. Zur Geschichte und Theorie des sprachlichen Feldes*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 436-452.
- DU MARSAIS, CÉSAR (1981), *Traité des Tropes*, Paris, Le Nouveau Commerce.
- ECO, UMBERTO (1974), *As Formas do Conteúdo*, São Paulo, Editora Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo.

- FILATKINA, NATALIA (2007), "Pragmatische Beschreibungsansätze" in Harald Burger *et. al* (eds.), *Phraseologie. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*, Berlin/New York, Walter de Gruyter (= Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 28.1), 132-158.
- FIRTH, J. R. (1957), *Papers in Linguistics, 1934-1951*, London/New York/Toronto, Oxford University Press.
- FLEISCHER, WOLFGANG (1982), *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*, Leipzig, Bibliographisches Institut.
- FÖLDES, CSABA (ed.) (1992), *Deutsche Phraseologie in Sprachsystem und Sprachverwendung*, Wien, Praesens.
- (ed.) (2002), *Auslandsgermanistische Beiträge im Europäischen Jahr der Sprachen*, Wien, Praesens.
- FONTANIER, PIERRE (1968), *Les Figures du Discours*, Paris, Flammarion.
- GARCÍA-PAGE, M. (1998), "Expresión fija y sinonimia", in Wotjak, Gerd (ed.), *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*. Madrid/Frankfurt am Main, Iberoamericana, 83-95.
- GAUGER, HANS-MARTIN (1972), *Zum Problem der Synonyme*, Tübingen, Gunter Narr Verlag (= Tübinger Beiträge zur Linguistik, 9).
- GECKELER, HORST (1970), *Zur Wortfelddiskussion. Untersuchungen zur Gliederung des Wortfeldes „alt – jung – neu“ im heutigen Französisch*, München, Fink-Verlag.
- (1971), *Strukturelle Semantik und Wortfeldtheorie*, München, Fink.
- GEERAERTS, DIRK (2003), "The interaction of metaphor and metonymy in composite expressions", in René Dirven/Ralf Pörings (eds.) (2003), 435-465.
- GENETTE, GÉRARD (1975), "Die Metonymie bei Proust oder die Geburt der Erzählung", in Hatzfeld, Helmut (ed.), *Romanistische Stilforschung*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 371-400.
- GIBBS, RAYMOND (1993), "Why Idioms Are Not Dead Metaphors", in Cristina Cacciari/Patrizia Tabossi (eds.), *Idioms: processing, structure, and interpretation*, New Jersey, Lawrence Erlbaum, 57-77.

- GIPPER, HELMUT (1973), "Sessel oder Stuhl? Ein Beitrag zur Bestimmung von Wortinhalten im Bereich der Sachkultur", in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 371-398.
- GLENK, EVA (2009), "Probleme der zweisprachigen Phraseografie: die kommunikative Äquivalenz der Formeln des Sprachenpaares brasilianisches Portugiesisch/Deutsch", in Carmen Mellado Blanco (ed.), *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*, Berlin/New York, Walter de Gruyter/Max Niemeyer Verlag, 189-208.
- GLÜCK, HELMUT (ed.) (1993), *Metzler Lexikon Sprache*, Stuttgart/Weimar, Metzler.
- GONTSCHAROWA, NELLI (1981), *Untersuchungen zur phraseologischen Antonymie in der deutschen Gegenwartssprache*, Diss. Karl-Marx-Universität, Leipzig.
- GOOSSENS, LOUIS (2003), "Metaphtonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action", in René Dirven/Ralf Pörings (eds.) (2003), 349-377.
- GRECIANO, GERTRUD (1982), "Zur Semantik der deutschen Idiomatik", in *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 10, 295-316.
- GSELL, OTTO (1979), *Gegensatzrelationen im Wortschatz romanischer Sprachen*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag (= Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie, 172).
- HENNE, HELMUT/HELMUT REHBOCK (1995), *Einführung in die Gesprächsanalyse*, 3.^a edição, revista, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- IDE, NANCY/JEAN VÉRONIS (1995), "Encoding Dictionaries", in Ide Nancy/Jean Véronis (eds.), *Text Encoding Initiative: background and context*, Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Publishers, 167-179.
- JÄKEL, OLAF (2003), *Wie Metaphern Wissen schaffen. Die kognitive Metapherntheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion*, Hamburg, Kovaè.
- JAKOBSON, ROMAN (1990), *On Language*, Linda Waugh/Monique Monville-Burston (eds.), Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press.
- JESENŠEK, VIDA (2009), "Phraseologische Wörterbücher auf dem Weg zu Phraseologiedatenbanken", in Carmen Mellado Blanco (ed.), *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*, Berlin/New York, Walter de Gruyter/Max Niemeyer Verlag, 65-81.

- JOHNSON, MARK (1987), *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- KALLMEYER, W./KLEIN, W./MEYER-HERMANN, R./NETZER, K./SIEBERT, H.J. (eds.) (1974), *Lektürekolleg zur Textlinguistik. Band 1: Einführung*. Frankfurt am Main, Athenäum Fischer Taschenbuch Verlag.
- KANDLER, GÜNTHER (1973), “Die ‘Lücke’ im sprachlichen Weltbild. Zur Synthese von ‘Psychologismus’ und ‘Soziologismus’”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 351-370.
- KARTTUNEN, LAURI (1973), “Presupposition and Linguistic Context”, in Asa Kasher (ed.) (1998), *Pragmatics. Critical Concepts*, London/New York, Routledge, Vol. IV, 32-46.
- KEMPCKE, GÜNTER (1989), “Struktur und Gebrauch der somatischen Phraseme mit den Bedeutungskomponenten ‘Kopf’ und ‘tête’”, in Gertrud Gréciano, *Europhras 88. Phraséologie Contrastive. Actes du Colloque International Klingenthal – Strasbourg. 12-16 mai 1988*, Strasbourg, Université des Sciences Humaines, 225-232.
- KÖHLER, WOLFGANG (1971), *Die Aufgabe der Gestaltpsychologie*, Berlin, Walter de Gruyter.
- KOLLER, WERNER (1974), “Intra- und interlinguale Aspekte idiomatischer Redensarten”, in *Skandinavistik*, 4/1, 1-24.
- (1987), *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, Heidelberg/Wiesbaden, Quelle & Meyer.
- KÖLLER, WILHELM (2004), *Perspektivität und Sprache. Zur Struktur von Objektivierungsformen in Bildern, im Denken und in der Sprache*, Berlin/New York, de Gruyter.
- KONERDING, KLAUS-PETER (1993), *Frames und lexikalisches Bedeutungswissen*, Tübingen, Niemeyer Verlag.
- KÖNIG, WERNER (¹²1998), *dtv-Atlas Deutsche Sprache*, München, Deutscher Taschenbuch Verlag. [1.^a edição: 1978]
- KÖVECSES, ZOLTÁN/PÉTER SZABÓ (1996), “Idioms: A View from Cognitive Semantics”, in *Applied Linguistics* 17/3, 326-355.
- KRÖLL, HEINZ (1984), *O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- LAKOFF, GEORGE/MARK JOHNSON (1980), *Metaphors We Live By*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- LAKOFF, GEORGE (1987), *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- (1990), “The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image-Schemas?”, in *Cognitive Linguistics*, Vol. 1, 257-268.
- (1993), “The Contemporary Theory of Metaphor”, in Ortony A. (ed.), *Metaphor and Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 202-251.
- LANGACKER, RONALD (2002), *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- LARRETA, JUAN PABLO (2001), *Fraseología contrastiva del alemán y el español*, Frankfurt am Main, Peter Lang (= Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 4).
- (2002), “Theoretische und methodologische Kriterien zur makrostrukturellen Einteilung eines zweisprachigen phraseologischen Wörterbuches”, in Csaba Földes (ed.) (2002), 37-52.
- LAUSBERG, HEINRICH (1963), *Elemente der literarischen Rhetorik*, München, Max Hueber.
- LEISI, ERNST (1967), *Der Wortinhalt. Seine Struktur im Deutschen und Englischen*, 3.^a edição, revista e aumentada, Heidelberg, Quelle & Meyer.
- LEVINSON, STEPHEN (1983), *Pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LEWANDOWSKI, THEODOR (1973), *Linguistisches Wörterbuch*, 3 vol., Heidelberg, Quelle & Meyer.
- LINKE, ANGELIKA/NUSSBAUMER, MARKUS (1988), “Kohärenz durch ‘Präsuppositionen’”, in *Der Deutschunterricht*, 40/6, 29-51.
- LINKE, ANGELIKA/NUSSBAUMER, MARKUS/PORTMANN, PAUL (1991), *Studienbuch Linguistik*, Tübingen, Niemeyer.
- LUCHTENBERG, SIGRID (1985), *Euphemismen im heutigen Deutsch*, Frankfurt am Main, Peter Lang.

- LÜGER, HEINZ-HELMUT (2007), "Pragmatische Phraseme. Routineformeln", in Harald Burger/Dmitrij Dobrovol'skij/Peter Kühn/Neal Norrick, *Ein Internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*, Berlin/New York, 444-459.
- LUTZEIER, PETER (ed.) (1993), *Studien zur Wortfeldtheorie*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- LYONS, JOHN (1974), *Introduction to Theoretical Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MARTIN, BLANCA/ MARÍA, PAREDES (2008), "Frasas hechas con el verbo *tener* y partes del cuerpo", in María Álvarez de la Granja (ed.), *Lenguaje figurado y motivación*, Frankfurt am Main, Peter Lang (= Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 41), 249-258.
- MCENERY, T./WILSON, A. (1996), *Corpus Linguistics*, Edinburgh, Edinburgh University Press.
- MELLADO BLANCO, CARMEN (1998), "Aproximación teórico-práctica a los 'elementos únicos' del alemán actual en su calidad de fósiles léxicos", in Fernando Magallanes Latas et al. (eds.) (1998), *Tradición e innovación en los estudios de lengua y cultura alemanas en España*, Sevilla, Kronos Universidad, 493-501.
- (2004), *Fraseologismos somáticos del alemán*, Frankfurt am Main, Peter Lang (= Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 13).
- (2009), "Intensivierung durch Vergleich im Deutschen und Spanischen", in Csaba Földes (ed.) (2009), *Phraseologie disziplinär und interdisziplinär*, Tübingen, Günter Narr Verlag, 465-476.
- NIERAAD, JÜRGEN (1977), *Bildgesegnet und Bildverflucht. Forschungen zur sprachlichen Metaphorik*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- NIETZSCHE, FRIEDRICH (1988), "Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne", in Giorgio Colli/Mazzino Montinari (eds.), *Friedrich Nietzsche. Kritische Studienausgabe*. Bd. 1, Berlin/New York, Deutscher Taschenbuch Verlag/Walter de Gruyter, 873-890.
- ÖHMAN, SUZANNE (1973), "Sprachliche Feldtheorie", in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 288-317.
- PALM, CHRISTINE (1995), *Phraseologie. Eine Einführung*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 288-317.

- PATZIG, GÜNTHER (1981), *Sprache und Logik*, 2.^a edição, revista e aumentada, Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht.
- PENADÉS, MARTÍNEZ/M^a DIAZ HORMIGO (2008), “Hacia la noción lingüística de motivación”, in María Álvarez de la Granja (ed.), *Lenguaje figurado y motivación*, Frankfurt am Main, Peter Lang (= Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 41), 51-68.
- PILZ, K. (1981), *Phraseologie. Redensartforschung*, Stuttgart, Metzler.
- PLETT, HEINRICH (1973), *Einführung in die rhetorische Textanalyse*, 2.^a edição, revista, Hamburg, Buske.
- (ed.) (1977), *Rhetorik. Kritische Positionen zum Stand der Forschung*, München, Fink.
- (1979), *Textwissenschaft und Textanalyse*, Heidelberg, Quelle & Meyer.
- POLLENZ, PETER VON (1999), *Deutsche Sprachgeschichte vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart*, Vol. III, 19. und 20. Jahrhundert, Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht.
- PORZIG, WALTER (1973), “Wesenhafte Bedeutungsbeziehungen”, in Lothar Schmidt (ed.), 78-103.
- RAMALHO, JOSÉ/PEDRO HENRIQUES (2002), *XML & XSL. Da teoria à prática*, Lisboa, FCA – Editora de Informática.
- RICHARDS, IVOR ARMSTRONG (1965), *The Philosophy of Rhetoric*, London/Oxford/New York, Oxford University Press, [1936].
- (1976), *Principles of Literary Criticism*, London, Routledge, [1924].
- RICOEUR, PAUL (1976), *Interpretation Theory: Discourse and the Surplus of Meaning*, Fort Worth, Texas Christian University Press.
- SALVADOR, GREGORIO (1985), “Sí hay sinónimos”, in *Semántica y lexicología del español*, Madrid, Paraninfo, 51-66.
- RÖHRICH, LUTZ (1991), *Das große Lexikon der sprichwörtlichen Redensarten*, 3 vols., Freiburg/Basel/Wien, Herder.

- SANDER, FRIEDRICH (1928), “Experimentelle Ergebnisse der Gestaltpsychologie”, in *Bericht über den 10. Kongress der Deutschen Gesellschaft für Psychologie in Bonn 1927*, Jena, 23-87.
- SANROMÁN, ÁLVARO (2001), *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*, Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos Humanísticos.
- SCHÄFFNER, CHRISTINA (1991), “Zur Rolle von Metaphern für die Interpretation der außersprachlichen Wirklichkeit”, in *Folia Linguistica XXV/1-2*, 75-89.
- SCHELER, MAX (2003) [trad. João Tiago Proença], *A concepção filosófica do mundo*, Porto Editora. [orig]
- SCHEMANN, HANS (1981), *Das idiomatische Sprachzeichen. Untersuchung der Idiomatizitätsfaktoren anhand der Analyse portugiesischer Idioms und ihrer deutschen Entsprechungen*, Braga, Livraria Cruz.
- (1982), “Zur Integration der Funktionsvergefüge in die Idiomatikforschung”, in *Deutsche Sprache* 10, 83-96.
- (1985), *As perífrases verbais portuguesas e os seus equivalentes alemães*, Braga, Livraria Cruz.
- (2000a), *Idiomatik und Anthropologie: “Bild” und “Bedeutung” in linguistischer, sprachgenetischer und philosophischer Perspektive*, Hildesheim/Zürich/New York, Georg Olms Verlag.
- (2000b), “Lexikalisierte Sprecherhaltung und Wörterbucheintrag”, in *Germanistische Linguistik* 151-152, 35-70.
- (2001), “Signo linguístico – símbolo – signo (linguístico) idiomático”, *Diacrítica* 16 - Revista do Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, 229-248.
- (2003), *Kontext – Bild – idiomatische Synonymie*, Hildesheim/Zürich/New York, Georg Olms Verlag (= Germanistische Linguistik Monographien, 14).
- (2005), *Bild – Sprachbild – Weltbild – Phantasiebild ... Zur Natur des Bildes und seiner Beziehung zu Wort, Idee und Begriff*. Hildesheim/Zürich/New York Georg Olms Verlag/Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (= Germanistische Linguistik Monographien, 16).

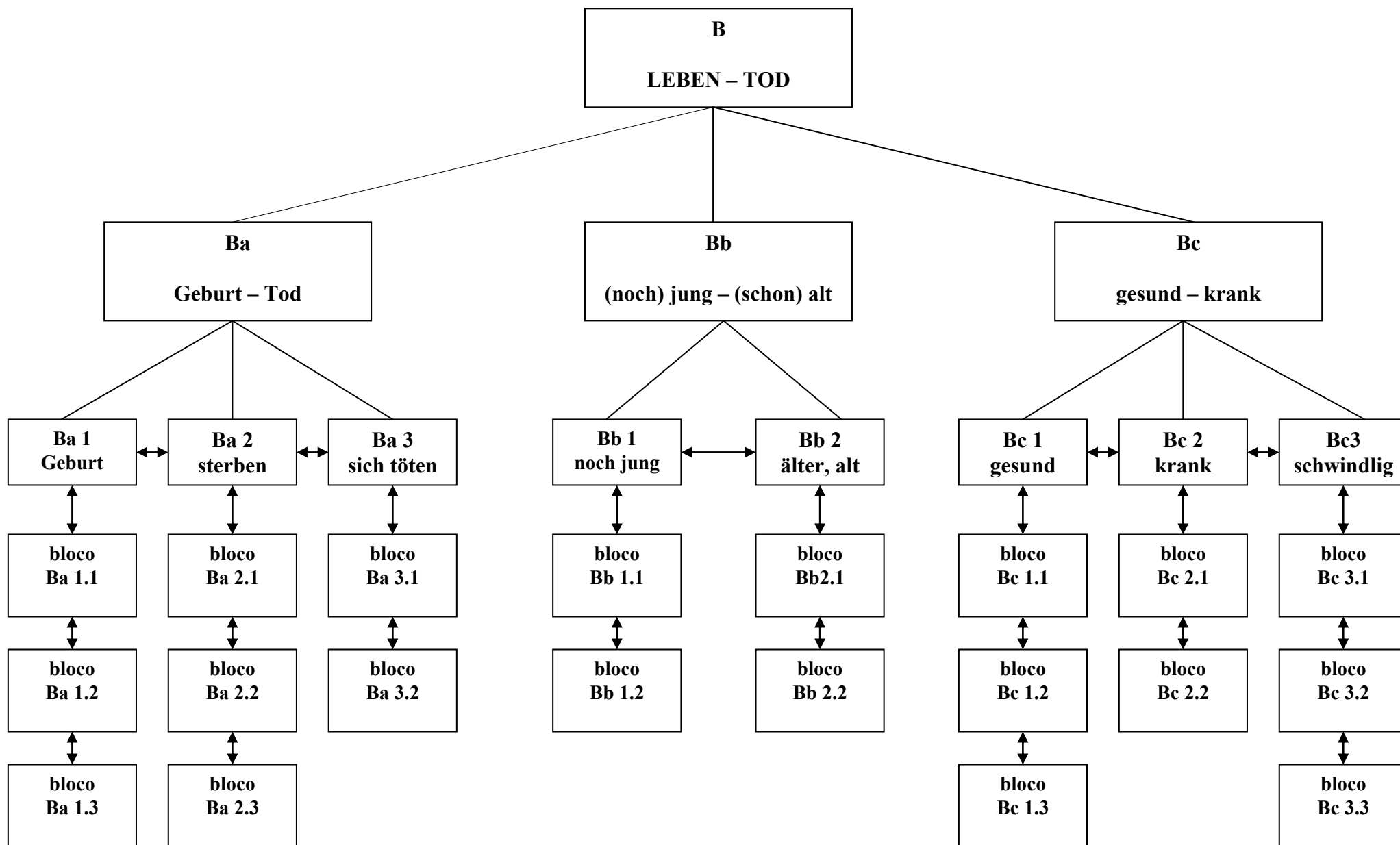
- (2007), “Factores modelo xeométricos descritibles e non descritibles para a constitución semântica de expresións idiomáticas e perspectivas de elaboración dun dicionário idiomático monolingüe e bilingüe galego”, trad. Isabel Giráldez Arias, *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 9, 195-221.
- (2007), “Dimensionen des Bildes”, in Cristina Flores/Orlando Grossegeisse (orgs.), *Wildern in luso-austro-deutschen Sprach- und Textrevieren*, Festschrift zum 60. Geburtstag von Erwin Koller, Coleção Poliedro 20, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 2007, 271- 290.
- (2008), “Die ‘Geburt’ eines idiomatischen Ausdrucks – Symbol für die ‘Geburt’ des Worts?”, in María Álvarez de la Granja (ed.), *Lenguaje figurado y motivación*, Frankfurt am Main, Peter Lang (= Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 41), 29-49.
- SCHEMANN, HANS/LUIZA SCHEMANN-DIAS (1983), *Die portugiesischen Verbalperiphrasen. Corpus und Analyse*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- SCHIPPAN, THEA (2002), *Lexikologie der deutschen Gegenwartssprache*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- SCHMIDT, LOTHAR (ed.) (1973), *Wortfeldforschung. Zur Geschichte und Theorie des sprachlichen Feldes*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- SCHWALL, ULRIKE (1991), *Aspektualität. Eine semantisch-funktionelle Kategorie*, Tübingen, Gunter Narr Verlag.
- SCHWARZ, HANS (1973), “Zwölf Thesen zur Feldtheorie”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 426-435.
- SEARLE, JOHN (1974), “Was ist ein Sprechakt?”, in Siegfried Schmidt (ed.), *Pragmatik I. Interdisziplinäre Beiträge zur Erforschung der sprachlichen Kommunikation*, München, Wilhelm Fink Verlag, 84-102.
- (1975), “Indirect Speech Act”, in Peter Cole/Jerry Morgan (eds.), *Syntax and Semantics*, Vol. 3, New York, Academic Press, 59-82.
- (1978), *Expression and Meaning. Studies in the Theory of Speech Acts*, London/New York/Melbourne, Cambridge University Press.
- SÖLL, LUDWIG (1966), “Synonymie und Bedeutungsgleichheit”, *Germanistisch-Romanische Monatsschrift*, Neue Folge XVI, 90-99.

- STEIN, STEPHAN (1995), *Formelhafte Sprache. Untersuchungen zu ihren pragmatischen und kognitiven Funktionen im gegenwärtigen Deutsch*, Frankfurt am Main/Berlin/Bern/New York/Paris, Lang.
- STEYER, KATHRIN (2009), “Zwischen theoretischer Modellierung und praxisnaher Anwendung. Zur korpusgesteuerten Beschreibung usueller Wortverbindungen”, in Carmen Mellado Blanco (ed.), *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 119-146.
- TRIER, JOST (1973a), “Über Wort- und Begriffsfelder”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 1-38.
- (1973b), “Die Idee der Klugheit in ihrer sprachlichen Entfaltung”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 41-54.
- (1973c), “Deutsche Bedeutungsforschung”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 116-128.
- (1973d), “Das sprachliche Feld. Eine Auseinandersetzung”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 129-161.
- UEDING, GERT (ed.) (1996), *Historisches Wörterbuch der Rhetorik*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- ULLMANN, STEPHEN (1964), *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning*, Oxford, Basil Blackwell.
- (1972), *Sprache und Stil*, trad. Suzanne Koopmann, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 195-225.
- VILELA, MÁRIO (1992), *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*, Coimbra, Livraria Almedina.
- (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.
- (2002), *Metáforas do Nosso Tempo*, Coimbra, Livraria Almedina.
- WARTBURG, WALTHER VON (1969), *Problèmes et méthodes de la linguistique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- (1973), “Betrachtungen über die Gliederung des Wortschatzes und die Gestaltung des Wörterbuchs”, in Lothar Schmidt (ed.) (1973), 162-184.
- WEINRICH, HARALD (1967), “Semantik der Metapher”, in *Folia Linguistica* I, 3-17.

- WEISGERBER, LEO (1964), *Das Menschheitsgesetz der Sprache*, 2.^a edição, revista e atualizada, Heidelberg, Quelle & Meyer.
- WELLEK, RENÉ/AUSTIN WARREN (1976), *Theory of Literature*, Middlesex, Penguin Books, 186-211.
- WITTGENSTEIN, LUDWIG (³2001), *Philosophische Untersuchungen. Philosophical Investigations*, Oxford, Blackwell Publishing.
- WOLF, NORBERT (1981), “Am Beispiel Elias Canettis Überlegungen zur Textsyntax und zur Texttypologie”, in Holzner, J. *et al.* (eds.), *Studien zur Literatur des 19. und 20. Jahrhunderts in Österreich*. Festschrift für Alfred Doppler zum 60. Geburtstag, Innsbruck, Kowatsch, 205-217.
- WOLFF, GERHART (1973), “Sprechakte im sozialen Kontext”, in *Der Deutschunterricht*, 25/6, 19-44.
- WOTJAK, BARBARA (1992a), “Mehr Fragen als Antworten? Problemskizze – (nicht nur) zur konfrontativen Phraseologie”, in Csaba Földes (ed.) (1992), 197-217.
- (1992b), “Probleme einer konfrontativen Phraseologieforschung am Beispiel verbaler Phraseolexeme”, in Jarmo Korhonen (ed.), *Untersuchungen zur Phraseologie des Deutschen und anderer Sprachen: einzelsprachspezifisch – kontrastiv – vergleichend*, Frankfurt am Main, Peter Lang, 39-60.
- (1992c), *Verbale Phraseolexeme in System und Text*, Tübingen, Niemeyer Verlag.

ANEXOS

ANEXO 1: MACRO- E MICROESTRUTURA DO *SYNONYMWÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN REDENSARTEN*



ANEXO 2

DESCRIÇÃO PORMENORIZADA DO PROCESSO DE COMPILAÇÃO ELECTRÓNICA DO *DICIONÁRIO IDIOMÁTICO* *PORTUGUÊS – ALEMÃO*²⁰⁷

1. Considerações gerais sobre a etiquetagem e o processamento de textos electrónicos

1.1. O conceito de *Markup* (etiquetagem ou anotação)

O conceito de *Markup* (etiquetagem ou anotação) é uma referência incontornável no domínio das Humanidades Digitais. A relevância do mecanismo da anotação observa-se, por exemplo, em processos de compilação e processos de análise (extração, recuperação e reutilização) de corpora electrónicos no âmbito do Processamento de Linguagem Natural (PLN) e em técnicas editoriais no âmbito da edição filológica. Não deixa de ser significativo o facto de Burnard ter terminado a sua participação no seminário interdisciplinar dedicado à reflexão em torno da questão “Is Humanities Computing an Academic Discipline? or, Why Humanities Computing Matters”²⁰⁸ com uma caracterização do conceito de anotação:

“At the very heart of this enterprise lies the process of transferring text, text interpretation, text analysis, and context to digital form in such a way as to make accessible and amenable to processing all of these ontologically distinct facets of a cultural object. Another word for that process is markup. And you will not therefore be surprised if I conclude with a brief sermon on that topic” (Burnard, 1999).

Esta definição de partida põe em evidência duas fases essenciais ao processo de etiquetagem: em primeiro lugar, anotar um texto significa ‘interpretar’ esse mesmo texto. Assim sendo, o acto de anotar um texto pode ser concebido como uma actividade hermenêutica que constitui uma forma específica de ‘olhar’ a estrutura e o conteúdo do

²⁰⁷ Schemann & Dias (2005): *Dicionário Idiomático Português – Alemão. Idiomatik Portugiesisch – Deutsch*, Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos Humanísticos.

²⁰⁸ Este seminário teve lugar no Instituto de Tecnologia Avançada em Humanidades (*Institute of Advanced Technology in the Humanities*), unidade de investigação da Universidade de Virgínia, em Novembro de 1999.

texto. Por seu turno, a segunda fase diz respeito à interação entre o texto anotado e o(s) sistema(s) de processamento de informação. É precisamente a explicitação da análise documental através de etiquetas que torna possível a manipulação automática do texto electrónico. Isto significa, tal como destacam McEnery & Wilson na sua obra *Corpus Linguistics*, que um corpus anotado constitui uma mais-valia para a investigação linguística:

“Unannotated corpora have been, and are, of considerable use in language study, but the utility of the corpus is considerably increased by the provision of annotation. The important point to grasp about an annotated corpus is that it is no longer simply a body of text in which the linguistic information is implicitly present (...) a corpus, when annotated, may be considered to be a repository of linguistic information, because the information which was *implicit* in the plain text has been made *explicit* through concrete annotation” [sublinhado por mim] (McEnery & Wilson, 1996: 24).

Para concretizar o que são, como funcionam e como se organizam as etiquetas de que temos falado, servir-me-ei do artigo correspondente à palavra de entrada *auseinandernehmen* do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002).

```
<verbete>
<palDe>auseinandernehmen</palDe>
<entrada>
<expDe>jn. (<negrito>regelrecht</negrito>/...)
<negrito>auseinandernehmen</negrito> <itálico>sal</itálico></expDe>
<expPt>pôr alg (mesmo/...) de rastos/a pedir (1);</expPt>
<expPt>dar cabo de alg <itálico>fam</itálico> (2); </expPt>
<expPt>desfazer alg <itálico>fam</itálico> (2) </expPt>
<exemplo>1. Eine sachliche und faire Kritik - gut, das hätte ich
akzeptiert. Aber den Mann da vor versammelter Mannschaft regelrecht
auseinanderzunehmen ist einfach unerzogen. - Du kannst doch an solche
Kommissionen nicht mit Erziehungskriterien herangehen! Das sind reine
Zyniker.</exemplo>

<exemplo>2. ... Meine Freundin hat mich mit dem Georg Seltzer
betrogen. Wenn ich den Typ in die Finger bekomme, werde ich ihn
auseinandernehmen, daß er sich selbst nicht mehr erkennt. Den werde
ich mal ordentlich aufmischen.</exemplo>
</entrada>
</verbete>
```

Conforme se pode ver neste exemplo, um texto anotado compreende dois planos formalmente distintos, a saber: o plano da anotação, assinalado a negrito, e o plano do conteúdo. As anotações demarcam os blocos ou as unidades de conteúdo através do emprego de uma etiqueta de início da unidade de informação, <>, e uma etiqueta de fim

da unidade de informação, </>²⁰⁹. Se nos fixarmos mais atentamente na linha de código que começa com a etiqueta <expDe> e termina com a etiqueta </expDe>, verificaremos que este par de anotações encerra um conjunto de etiquetas que assinalam as propriedades gráficas da expressão alemã (<negrito>expressão alemã</negrito>) e o seu registo linguístico (<itálico>registo</itálico>)²¹⁰ no dicionário impresso. Note-se que a ordem da abertura e do fecho das anotações respeita a estrutura hierárquica das unidades ou dos blocos que compõem o texto: a primeira etiqueta a abrir é a última a fechar e a última etiqueta a abrir é a primeira a fechar. Esta regra do aninhamento das anotações constitui um dos parâmetros de boa formação dos sistemas e linguagens de anotação²¹¹. Como se vê, não é sem razão de ser que Burnard compara um esquema de anotação a um sistema semiótico: “Like other semiotic systems, markup has its own lexis and its own syntax” (Burnard, 1998). Por outras palavras, um esquema de anotação é um sistema estruturado segundo uma gramática que, por um lado, define o conjunto de etiquetas que podem integrar o esquema e, por outro, prescreve a organização sintáctica e hierárquica das etiquetas.

Da análise anterior podemos inferir que o processo de anotação de um texto implica transformar o documento electrónico original, enriquecendo-o com metadados. Importa, neste ponto, classificar os tipos de anotação. Para tal, recorreremos à justaposição das anotações aplicadas no caso do artigo supracitado: <verbete>, <palDe>, <entrada>, <expDe>, <expPt>, <exemplo> versus <negrito>, <itálico>. Estamos perante dois tipos de anotação, respectivamente, a anotação de tipo descritivo e a anotação de tipo procedimental. A anotação de tipo procedimental, tal como o termo indica, fornece informação, melhor dizendo, instruções relativamente ao modo como o sistema informático ou a aplicação deve interpretar e processar os dados. Utilizar o código de anotação <negrito>Dicionário Idiomático Alemão-Português</negrito> significa ‘comandar’ ou instruir o processador de texto a formatar o bloco ou a unidade textual em negrito, estilo de letra mais acentuado. Enquanto que a anotação procedimental está direccionada para o aspecto gráfico dos elementos que compõem o

²⁰⁹ O termo inglês ‘tags’ (‘etiquetas’) é comumente utilizado para designar estes delimitadores.

²¹⁰ Neste artigo do dicionário encontram-se os seguintes registos linguísticos: *sal* é a abreviatura de *salopp* que indica que a expressão anotada com esta informação metalinguística pertence a um registo descuidado ou indelicado; *fam* é a abreviatura de *familiär* que indica que a expressão pertence ao registo familiar.

²¹¹ O conceito de ‘boa formação’ será retomado mais adiante, secção 1.2., aquando da abordagem da linguagem de anotação XML (*eXtensible Markup Language*).

texto, a anotação descritiva assenta na descrição da função que determinado elemento textual desempenha na estrutura do documento como um todo, isto é, no conjunto das relações que mantém com os restantes elementos do documento. Em outros termos: a anotação descritiva é orientada para o conteúdo. Uma vez que o texto ‘Dicionário Idiomático Alemão – Português’ desempenha a função de título do dicionário em causa, a etiqueta de tipo procedimental <negrito> pode ser substituída pela etiqueta descritiva <título>: <título>Dicionário Idiomático Alemão-Português</título>. Com base nestas observações é possível equacionar as vantagens da anotação descritiva tanto no que se refere ao armazenamento e à manipulação dos componentes do documento como no que se refere à preparação de múltiplos formatos de saída (*outputs*). Consideremos os componentes do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* que se encontram a negrito: títulos e subtítulos, as letras do alfabeto que indicam início de secção, as palavras de entrada, as expressões alemãs e as notas remissivas. Anotar estes componentes conforme o aspecto gráfico que apresentam no dicionário impresso, ou seja, etiquetar estes componentes estruturalmente distintos com a mesma marca <negrito>, impõe restrições à reutilização do documento electrónico, nomeadamente no que diz respeito à localização, extracção e transformação de elementos específicos. Em contrapartida, um esquema descritivo abre o leque de operações que se podem efectuar sobre um documento anotado e estruturado. Assim, a partir do mesmo documento electrónico do *Dicionário Idiomático Alemão – Português* anotado descritivamente é possível realizar operações de processamento, tais como: elaborar um conjunto de índices (palavras de entrada, expressões alemãs); seleccionar e extrair uma combinatória de componentes; extrair as expressões alemãs segundo o número de equivalentes portugueses; extrair as expressões correspondentes a determinado registo linguístico; etc.

Nos mais diversos campos de investigação têm sido desenvolvidas normas ou iniciativas de codificação para documentar recursos electrónicos ou digitais. No âmbito das ciências humanas e sociais podemos contar com a *Iniciativa de Codificação Textual* denominada *Text Encoding Initiative* (TEI)²¹² que fornece recomendações relativamente às anotações que podem ser utilizadas para codificar as características específicas de diferentes tipos textuais, tais como, textos lexicográficos, obras literárias pertencentes

²¹² Consulte-se as directrizes da TEI em <http://www.tei-c.org/Guidelines/>.

aos mais diversos géneros, transcrições de arquivos de fala e anotações de carácter linguístico. No campo da arquivística existe o *Encoded Archival Description* (EAD) utilizado no âmbito da documentação de artefactos, colecções de manuscritos e material arquivístico. Estas normas são aplicações XML, isto é, assentam nas directrizes da metalinguagem de anotação XML, abreviatura do termo inglês *eXtensible Markup Language*.

1.2. XML - *eXtensible Markup Language* – Metalinguagem de Anotação

Tal como o próprio termo *eXtensible Markup Language* (*Linguagem de Anotação eXtensível*) revela, está-se perante uma metalinguagem de anotação que define a gramática para a descrição da estrutura lógico-semântica de determinado tipo de documento. Este conjunto de regras encontra-se registado num DTD (*Document Type Definition – Definição do Tipo de Documento*). Um DTD especifica (i) os elementos que podem ser utilizados para descrever determinado tipo de conteúdo; (ii) os atributos que se encontram associados a estes elementos; (iii) as entidades que podem ser incluídas; (iv) a interacção entre os componentes (i), (ii) e (iii)²¹³. O qualificativo ‘extensível’ refere-se ao facto do XML ser um sistema aberto, isto é, permitir que novos elementos e atributos sejam acrescentados a um DTD já existente. Trata-se de uma propriedade que torna possível uma maior precisão ao nível da descrição da estrutura do documento em questão, facto que tem consequências ao nível da qualidade da execução dos processos de tratamento da informação. A necessidade de criar novos DTDs ou de introduzir elementos em declarações já existentes reflete a diversidade de estruturas inerentes a uma infinidade de tipos de textos e documentos. Mesmo no interior de um tipo textual específico é comum encontrarmos subtipos, cada um com propriedades estruturais próprias. Pense-se, por exemplo, na categoria dos dicionários que inclui, entre outros, dicionários etimológicos, semasiológicos, onomasiológicos, dicionários de sinónimos e de antónimos, dicionários de expressões multpalavra e dicionários técnicos. Começemos por destacar as propriedades comuns a este género de texto:

²¹³ Um DTD admite quatro tipos de declarações, nomeadamente elementos, atributos, entidades e instruções de processamento. Para um tratamento detalhado destes tipos de declarações, ver Ramalho & Henriques, 2002: 75-128. Neste trabalho, limitar-me-ei à declaração de elementos.

“Each dictionary entry is a highly structured object, in which a variety of abbreviatory and structural devices is used to present information compactly (...) dictionaries, unlike other text types, are at the same time both text and database (...) users typically do not read a dictionary linearly from A to Z as they do most texts, but access entries on the basis of a key (the headword) in order to retrieve various fields of information associated with that key (pronunciation, grammatical information, etymology, definitions, etc.)” (Ide & Véronis, 1995: 167).

Não obstante esta organização clara e compacta das unidades lexicográficas, e ao contrário do que seria de esperar, “dictionaries are among the most complex text types” (*ibidem*: 167). Os dicionários são recursos metalinguísticos por excelência que ostentam diferenças, tanto no plano da estrutura e/ou da subestrutura dos artigos como no plano conceptual²¹⁴.

Para completar a reflexão sobre a linguagem XML, há que abordar a articulação entre o DTD e o respectivo documento anotado²¹⁵. Da condição de correspondência e interdependência entre os elementos declarados no DTD e as anotações ou etiquetas (*tags*) utilizadas na instância resultam dois princípios orientadores no domínio do processamento de documentos estruturados, designadamente o princípio da bem formação (documento bem-formado) e o princípio da validação (documento válido). O primeiro princípio refere-se às regras às quais as anotações devem obedecer e ao problema da representação de documentos enquanto estruturas hierárquicas. Não cabe aqui abordar detalhadamente as regras de bem formação de um documento XML, todavia convirá referir alguns aspectos que considero essenciais para este estudo²¹⁶:

- (i) Todo o documento XML deve conter uma declaração XML que especifica a versão da linguagem que está a ser utilizada²¹⁷.

²¹⁴ Conclusões do Grupo de Trabalho da TEI responsável pela elaboração de um DTD para dicionários (*Dictionary Working Group*).

²¹⁵ O termo técnico utilizado para designar o documento anotado conforme a especificação XML é ‘instância’. Uma instância compreende a informação textual, as anotações e uma referência ao respectivo DTD caso se trate de um DTD externo, isto é, um DTD que se encontre armazenado em outro local do sistema informático.

²¹⁶ Para uma descrição detalhada do conceito de bem formação, cf. o Capítulo 4 da obra *XML & XSL – Da teoria à prática* (Ramalho & Henriques, 2002).

²¹⁷ A declaração XML apresenta a seguinte estrutura mínima: `<?xml version='1.0'>`. Para além da indicação da versão, é possível incluir um atributo que define o sistema de caracteres contido no texto: `<?xml version='1.0' encoding='ISO-8859-1'>`. Esta informação referente ao sistema de caracteres assume particular relevância no caso de textos que contêm caracteres de outras línguas que não a inglesa. Esta última anotação é composta pelo elemento `?xml`, pelo atributo obrigatório `version`, cujo valor é `1.0` e pelo atributo opcional `encoding`, cujo valor é `ISO-8859-1`.

- (ii) As anotações, mais precisamente, os elementos são delimitados por parêntesis angulares; os nomes atribuídos aos elementos devem satisfazer determinados requisitos²¹⁸; os elementos admitem três tipos de conteúdo, a saber: conteúdo formado apenas por texto (designado conteúdo textual); conteúdo composto por texto e outros elementos (designado conteúdo misto) e elementos vazios que, tal como a designação revela, não encerram qualquer tipo de conteúdo, apresentando, ao contrário do que se verifica em relação aos elementos já mencionados, uma única anotação²¹⁹.
- (iii) Os atributos acompanham os elementos que qualificam e podem ser obrigatórios ou opcionais dependendo do estipulado no DTD do documento: `<ELEMENTO ATRIBUTO="VALOR" ATRIBUTO="VALOR">`. Não existe restrição no que respeita ao número de atributos vinculados a determinado elemento.

Um documento estruturado que obedeça às regras de bem formação é considerado um documento XML bem formado.

Resta agora abordar o princípio da validação. A operação de validação assenta na interligação entre o DTD e o documento XML e é realizada por um programa específico conhecido por *parser* ('validador'). O processo de validação visa verificar se a estrutura lógica das anotações do documento XML está conforme as especificações do seu DTD. Concretizemos: o validador percorre o documento XML e compara as anotações nele contidas com o conjunto de regras formais declaradas no seu DTD. Tal cruzamento de dados só é possível se o validador 'tiver conhecimento' do DTD que rege o documento XML em questão. Esta informação, denominada declaração DOCTYPE, consta do documento XML e tem como função remeter o validador para o respectivo DTD. Para exemplificar, apresenta-se o início do documento XML do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*:

²¹⁸ Contentar-me-ei aqui a enumerar estas condições (Ramalho & Henriques, 2002: 58-59): o nome de um elemento pode começar com uma letra, um *underscore* (`_`) ou um sinal de dois pontos; os restantes caracteres podem ser letras, dígitos, *underscores*, hífens, pontos e dois pontos; não é permitida a utilização de espaços em branco; os elementos `<entrada>` e `<Entrada>` constituem anotações distintas, ou seja, o XML distingue entre letras maiúsculas e letras minúsculas (*case-sensitive*). Estas restrições também são válidas para os nomes atribuídos aos atributos.

²¹⁹ Estes conceitos serão concretizados mais adiante, secção 2.1., aquando da descrição da transformação do *corpus* electrónico do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* num *corpus* XML válido e bem formado.


```
<?xml version='1.0' encoding='ISO-8859-1'?>
<!DOCTYPE dicionario SYSTEM "dic.dtd">
<dicionario>
....
</dicionario>
```

A segunda linha de código corresponde à declaração DOCTYPE que define (i) o elemento raiz do documento XML, ou seja, *dicionario*²²⁰; (ii) o nome do ficheiro que contém o DTD, isto é, *dic.dtd*. No caso do validador detectar discrepâncias entre o esquema estrutural da instância e o DTD, o mesmo gere um documento com informações relacionadas com os erros, possibilitando que estes possam ser facilmente encontrados e corrigidos. Caso o programa não detecte erros, o documento é considerado um documento XML válido.

2. *Corpus* electrónico anotado do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*

2.1. *Corpus* XML válido e bem formado

Faz sentido criar um *corpus* XML válido e bem formado do *Dicionário Idiomático Português–Alemão* pelas seguintes razões:

a) Trata-se de uma obra lexicográfica integrada numa rede de dicionários idiomáticos electrónicos já existentes (*vd.* Figura 1). Esta rede tem como nodo principal o *Dicionário Idiomático do Alemão* (Schemann, 1993), recurso monolingue que serviu de base para a compilação dos seguintes dicionários idiomáticos bilingues: o *Dicionário Idiomático Alemão – Francês* (Schemann & Raymond, 1994); o *Dicionário Idiomático Alemão – Inglês* (Schemann & Knight, 1995); o *Dicionário Idiomático Inglês – Alemão* (Schemann & Knight, 1997); o *Dicionário Idiomático Alemão – Português* (Schemann, 2002); o *Dicionário Idiomático Português – Alemão* (Schemann & Dias, 2005) e o *Dicionário Idiomático Alemão – Italiano* (Schemann & Rovere & Fenati, 2009).

²²⁰ O elemento raiz de um documento XML é o elemento que marca o início e o fim do conteúdo textual de um documento XML. O *corpus* electrónico do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* abre com o elemento `<dicionario>` e fecha com o elemento `</dicionario>`. Ver secção 2.1.

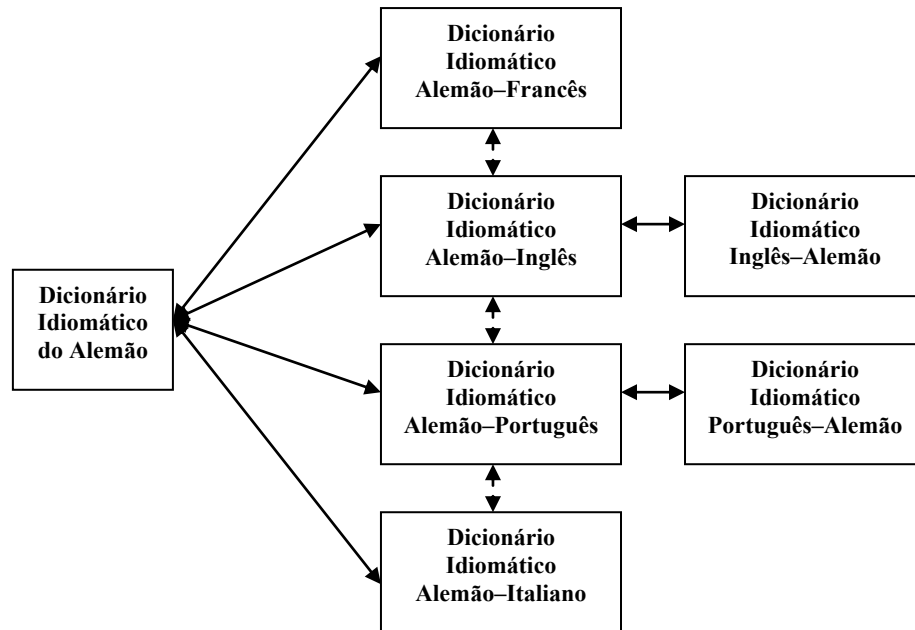


Figura 1: Arquitectura da rede dos dicionários idiomáticos compilados com base no *Dicionário Idiomático do Alemão* (Schemann, 1993)

Encontramo-nos diante de uma rede de recursos lexicográficos composta por sete *corpora* de dicionários idiomáticos anotados estruturalmente. O esquema de anotação que especifica a estrutura e interdependência hierárquica dos constituintes que integram os respectivos *corpora* é uma peça fundamental no processamento computacional dos documentos, nomeadamente no que se refere aos processos de cruzamento e inversão dos dados, operações que estiveram na base da compilação do *Dicionário Idiomático Inglês – Alemão* e do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*. Dada a relevância da anotação neste conjunto intrincado de *corpora*, faz todo o sentido trabalhar com documentos bem formados e válidos. Um sistema de anotação aliado aos conceitos de bem formação e validação é nada mais nada menos do que a base de um documento electrónico de referência na medida em que estes critérios contribuem para a qualidade dos resultados obtidos através de múltiplas operações de processamento da informação.

b) Como referido anteriormente, anotar determinado texto implica enriquecê-lo com uma ‘camada’ de meta-informação que, formalmente, não se confunde com a ‘camada’ do conteúdo do texto. Esta separação formal do plano da anotação por meio dos parêntesis angulares do plano do conteúdo do texto vai ao encontro do princípio da reutilização dos recursos electrónicos, ou seja, possibilita a geração de vários formatos

de saída (*outputs*) a partir do mesmo documento original. Em outros termos: o mesmo documento XML do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* pode ser utilizado para gerar, por exemplo, uma publicação em papel do dicionário ou partes do dicionário, uma publicação *Web* e, no âmbito dos estudos linguísticos e dos estudos de tradução, vários tipos de documentos resultantes das mais variadas operações de processamento e extracção de informação.

c) A criação desta rede de recursos dicionarísticos pressupõe, por um lado, a importação e exportação de um grande volume de ficheiros entre colaboradores, ou seja, entre plataformas diferentes, e, por outro lado, o tratamento e a manipulação do conteúdo dos documentos por diversos programas e aplicações. Assim, uma questão importante a discutir no quadro de um projecto deste género diz respeito à implementação de normas e formatos que solucionem os problemas de incompatibilidade entre sistemas e aplicações. Neste contexto, a linguagem XML desempenha um papel proeminente, uma vez que um documento XML é um ficheiro que contém exclusivamente texto, isto é, independentemente das características do sistema computacional e do programa que seja utilizado para criar o documento, qualquer editor de texto que se encontre em qualquer sistema informático pode ser usado para visualizar o mesmo. Atendendo à concepção e criação cada vez mais rápida de novas aplicações informáticas, é inegável a importância que o conceito de interoperabilidade, isto é, a independência de plataformas assume, mormente no que se refere ao ciclo de vida dos documentos electrónicos.

2.2. O Documento XML e o DTD do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*

Antes de analisarmos, com algum pormenor, o documento XML ou instância e o DTD do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*, vejamos os processos envolvidos na elaboração de um *corpus* electrónico anotado segundo a norma XML. O primeiro passo implica uma análise profunda (i) do tipo do documento em questão; (ii) da estrutura hierárquica do documento e, conseqüentemente das relações entre os níveis hierárquicos; (iii) da articulação entre a estrutura formal e o conteúdo do texto. Desta primeira fase resulta a identificação e classificação dos blocos e sub-blocos de texto que formam o documento. O segundo passo deriva do primeiro e implica descrever e explicitar as relações hierárquicas e as propriedades específicas do documento por meio de etiquetas. No que diz respeito aos termos utilizados no plano da anotação, o anotador

tem, essencialmente, as seguintes opções: recorrer às propostas definidas por normas de codificação, como, por exemplo, o TEI²²¹; recorrer às propostas de anotação de projectos mais específicos ao nível do tipo de texto a tratar; criar elementos próprios para dar conta da especificidade do tipo de texto a anotar.

Trata-se agora de aplicar estes processos ao *corpus* electrónico do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*. Uma vez que o nosso estudo da equivalência idiomática incide sobre a expressão idiomática portuguesa do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* que apresenta o número mais elevado de equivalentes alemães, tomemos como base para exemplificar e aprofundar os pontos anteriores, o verbete correspondente à palavra de entrada *cabo* que inclui a expressão *dar cabo de alg*, a qual ostenta precisamente doze expressões equivalentes alemãs (vd. ponto 2.3.). Começamos por reproduzir as dez primeiras entradas constantes do verbete com o lema *cabo*:

cabo

transmitir/...uma notícia/...por cabo = Draht: per Draht übermitteln/... *form veraltend*

levar qc a cabo *n* = Beine: auf die Beine stellen *ugs* + Ende: bis zu Ende machen/durchführen/...

levar qc até ao fim/a cabo/a seu termo = zuendeführen: zuendeführen

conseguir levar a cabo qc = durchsetzen: durchsetzen/es durchsetzen, daß ... (gegen jn./etw.)

(não) conseguir fazer n /levar a cabo n /acabar qc *n* = Pott: mit jm./etw. (nicht) zu Potte kommen *ugs*

(não) conseguir fazer/levar a cabo/acabar qc = kommen: mit jm./etw. zurande kommen

dar cabo de alg/qc = Bestandteil: in seine Bestandteile zerlegen *form od. iron* + herunterbringen: herunterbringen *selten* + kleinkriegen: kleinkriegen *ugs* + wegputzen: wegputzen

dar cabo de... (dinheiro) = Kopf: auf den Kopf hauen *ugs*

dar cabo de alg = auseinandemehmen: regelrecht/... auseinandemehmen *sal* + Bestandteil: die wird der Klaus/... in seine/ihre Bestandteile zerlegen *sal* + Boden: den Boden unter den Füßen wegziehen *selten* + Boden: restlos/völlig am Boden zerstören/am Boden zerstört sein *sal* + fertigmachen: fertigmachen + fertigmachen: fertigmachen + kaputtmachen: kaputtmachen *ugs* + Klinge: über die Klinge springen müssen *ugs* + machen: alle machen *sal selten* + machen: unschädlich machen *sal* + Nieren: geht jm. an die Nieren *ugs* + Strecke: zur Strecke bringen *ugs* + Wurm: wie einen Wurm zertreten *form – path veraltend selten*

dar cabo de qc *fam* = Bruch: zu Bruch fahren + draufgehen: draufgehen (für etw./bei etw.) *ugs* + kaputtmachen: kaputtmachen *ugs* + Teufel: zum Teufel gehen *sal selten* + verschludern: verschludern (lassen) *sal* + verwursteln: verwursteln *oft*: *verwursteln sal selten* + zerlegt: hat's ganz schön/... zerlegt *ugs selten*

²²¹ O carácter genérico das propostas do TEI poderá constituir uma limitação para projectos que requerem um grau de especificidade elevado.

Resultam da análise da estrutura lógica deste verbete alguns pontos fundamentais para a elaboração do documento XML do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* e do seu DTD: (i) o verbete é composto por uma palavra de entrada, item lexical comum às expressões idiomáticas portuguesas; (ii) a palavra de entrada, *cabo*, compreende uma sequência de sub-estruturas, isto é, uma sequência de entradas²²²; (iii) cada entrada contém os seguintes blocos de informação: a expressão portuguesa seguida de uma ou mais unidades de conteúdo alemão, unidades que, por sua vez, encerram outros dois blocos de texto, a saber: o lema associado à expressão alemã no *Dicionário Idiomático Alemão – Português* e a expressão equivalente alemã. Apresenta-se a seguir o documento XML do início do verbete correspondente ao lema *cabo*, documento resultante da análise anterior das propriedades formais do *Dicionário Idiomático Português – Alemão*.

```
<?xml version='1.0' encoding='ISO-8859-1'?>
<!DOCTYPE dicionario SYSTEM "dic_pt_de.dtd">

<dicionario>

<titulo>Dicionário Idiomático Português-Alemão</titulo>

<parte>

<letra>C</letra>

<verbeta>
<palPt>cabo</palPt>
<entrada>
<expPt>transmitir/...uma notícia/...por [cabo]</expPt>
<de><chaveDe>Draht:</chaveDe><expDe>per Draht übermitteln/...
<registro>form veraltend</registro></expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>levar qc a [cabo] <registro>n</registro></expPt>
<de><chaveDe>Beine:</chaveDe><expDe>auf die Beine stellen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Ende:</chaveDe><expDe>bis zu Ende machen/durchführen/...
</expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>levar qc até ao [fim]/a [cabo]/a seu [termo]</expPt>
<de><chaveDe>zuendeführen:</chaveDe><expDe>zuendeführen</expDe></de>
</entrada>
```

²²² Existem palavras de entrada compostas apenas por uma expressão idiomática. Este pormenor da frequência com que os vários elementos ou blocos de texto ocorrem na estrutura de determinado documento é relevante para o DTD.

<entrada>
<expPt>conseguir levar a [cabo] qc</expPt>
<de><chaveDe>durchsetzen:</chaveDe><expDe>durchsetzen{/es durchsetzen,
daß... (gegen jn./etw.)</expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>(não) conseguir [fazer] <registro>n</registro>/levar a [cabo]
<registro>n</registro>/[acabar] qc <registro>n</registro></expPt>
<de><chaveDe>Pott:</chaveDe><expDe>mit jm./etw. (nicht) zu Potte
kommen <registro>ugs</registro></expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>(não) [conseguir] fazer/levar a [cabo]/[acabar] qc</expPt>
<de><chaveDe>kommen:</chaveDe><expDe>mit jm./etw. zurande
kommen</expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>dar [cabo] de alg/qc</expPt>
<de><chaveDe>Bestandteil:</chaveDe><expDe>in seine Bestandteile
zerlegen <registro>form od. Iron</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>herunterbringen:</chaveDe><expDe>herunterbringen
<registro>selten</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>kleinkriegen:</chaveDe><expDe>kleinkriegen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>wegputzen:</chaveDe><expDe>wegputzen</expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>dar [cabo] de... (dinheiro)</expPt>
<de><chaveDe>Kopf:</chaveDe><expDe>auf den Kopf hauen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
</entrada>

<entrada>
<expPt>dar [cabo] de alg</expPt>
<de><chaveDe>auseinandernehmen:</chaveDe><expDe>regelrecht/...)
auseinandernehmen <registro>sal</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Bestandteil:</chaveDe><expDe>die wird der Klaus/... in
seine/ihre Bestandteile zerlegen <registro>sal</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Boden:</chaveDe><expDe>den Boden unter den Füßen
wegziehen <registro>selten</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Boden:</chaveDe><expDe>restlos/(völlig) am Boden
zerstören/am Boden zerstört sein <registro>sal</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>fertigmachen:</chaveDe><expDe>fertigmachen</expDe></de>
<de><chaveDe>kaputtmachen:</chaveDe><expDe>kaputtmachen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Klinge:</chaveDe><expDe>über die Klinge springen müssen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>machen:</chaveDe><expDe>alle machen <registro>sal
selten</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>machen:</chaveDe><expDe>unschädlich machen
<registro>sal</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Nieren:</chaveDe><expDe> geht jm. an die Nieren
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Strecke:</chaveDe><expDe>zur Strecke bringen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Wurm:</chaveDe><expDe>wie einen Wurm zertreten
<registro>form - path veraltend selten</registro></expDe></de>
</entrada>

```

<entrada>
<expPt>dar [cabo] de qc <registro>fam</registro></expPt>
<de><chaveDe>Bruch:</chaveDe><expDe>zu Bruch fahren</expDe></de>
<de><chaveDe>draufgehen:</chaveDe><expDe>draufgehen (für etw./bei
etw.) <registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>kaputtmachen:</chaveDe><expDe>kaputtmachen
<registro>ugs</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>Teufel:</chaveDe><expDe>zum Teufel gehen <registro>sal
selten</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>verschludern:</chaveDe><expDe>verschludern (lassen)
<registro>sal</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>verwursteln:</chaveDe><expDe>verwursteln <registro>oft:
verwursteln sal selten</registro></expDe></de>
<de><chaveDe>zerlegt:</chaveDe><expDe>hat's ganz schön{/(...) zerlegt
<registro>ugs selten</registro></expDe></de>
</entrada>

</verbete>

</parte>

</dicionario>

```

Em primeiro lugar, destaque-se a declaração XML e a declaração DOCTYPE, código que estabelece a ligação entre o documento XML (indicação do elemento raiz *dicionario*) e o ficheiro DTD (indicação da localização do ficheiro *dic_pt_de.dtd*). Em segundo lugar, repare-se que o corpo do texto a anotar se encontra embutido entre as etiquetas *<dicionario>* e *</dicionario>*, ou seja, entre a etiqueta de abertura e a etiqueta de fecho do elemento raiz. O corpo do texto a anotar é constituído por uma combinação estruturada de elementos: *<letra>* – indica a letra do alfabeto; *<verbete>* – define o início do verbete que apresenta uma sub-estrutura complexa, fechando depois da última expressão portuguesa, isto é, a última *<entrada>* que integra o lema *cabo*; *<palPt>* – identifica a palavra portuguesa que funciona como lema; *<entrada>* – marca o início de um bloco de texto composto por uma sequência de elementos; *<expPt>* – identifica a expressão portuguesa; *<de>* – assinala o início do bloco de texto alemão; *<chaveDe>* – delimita o lema associado à expressão alemã no *Dicionário Idiomático Alemão – Português*; *<expDe>* – demarca a expressão equivalente alemã. Postas estas clarificações, impõe-se apresentar e descrever o DTD que especifica as regras semântico-sintácticas às quais o esquema de anotação do *corpus* electrónico do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* deve obedecer.

```

<!ELEMENT dicionario (titulo, parte+)>
<!ELEMENT titulo (#PCDATA)>
<!ELEMENT parte (letra, verbete+)>
<!ELEMENT letra (#PCDATA)>
<!ELEMENT verbete (palPt, entrada+)>
<!ELEMENT palPt (#PCDATA)>
<!ELEMENT entrada (expPt, de+)>
<!ELEMENT expPt (#PCDATA|registro)*>
<!ELEMENT registro (#PCDATA)>
<!ELEMENT de (chaveDe, expDe)>
<!ELEMENT chaveDe (#PCDATA)>
<!ELEMENT expDe (#PCDATA|registro)*>

```

Figura 2: Documento DTD (*dic_pt_de.dtd*) que descreve a estrutura lógica do *Dicionário Idiomático Português - Alemão*

Este DTD contém apenas declarações de elementos. O elemento raiz *dicionario* tem como conteúdo os elementos filho *titulo* e *parte*. O operador de ocorrência ‘+’ especifica que o elemento *dicionario* é composto por um ou mais elementos *parte*²²³. Estes elementos, por sua vez, são constituídos por outros elementos e/ou texto. O elemento *titulo* contém apenas texto, isto é, contém conteúdo textual (*#PCDATA*)²²⁴. O mesmo se verifica em relação aos elementos *letra*, *palPt*, *registro* e *chaveDe*. O elemento *verbete* é composto por um elemento *palPt* e um ou mais elementos *entrada*. Na amostra aqui em análise, a palavra de entrada *palPt* contém treze elementos *entrada*, correspondendo às treze expressões portuguesas com o lema *cabo*. Cada elemento *entrada* é composto pelo elemento *expPt*, seguido de um ou mais elementos *de* (*de+*). Como vemos, o elemento *entrada* correspondente à expressão portuguesa *dar cabo de alg* contém doze unidades ou blocos *de*. Por seu turno, o elemento *de* é composto pelos elementos filho *chaveDe* e *expDe*. Enquanto que o elemento *chaveDe* contém apenas conteúdo textual (*#PCDATA*), o elemento *expDe* contém conteúdo misto²²⁵, ou seja, conteúdo textual (*#PCDATA*) e o elemento *registro*.

²²³ Para além deste operador de ocorrência, existem outros dois operadores que “visam limitar o número de ocorrências do termo ao qual são aplicados” (Ramalho & Henriques, 2002: 83), a saber: o sinal ‘*’ determina que o termo ao qual o operador se refere pode ocorrer um número ilimitado de vezes, ou seja, (0|X); o sinal ‘?’ impõe que o termo pode ocorrer no máximo uma vez, isto é, (0|1). Importa referir que a vírgula utilizada para separar os elementos funciona como operador de conexão, mais precisamente, como operador de sequência.

²²⁴ A palavra-chave *#PCDATA*, abreviatura de *Parsed Character Data*, é utilizada para declarar conteúdo de texto.

²²⁵ Um elemento composto por conteúdo misto contém um misto de conteúdo textual (*#PCDATA*) e elementos. Daí o conteúdo destes elementos mistos ser definido como alternativa (|). O operador de ocorrência ‘*’ especifica que o(s) elemento(s) que compõe(m) um elemento de conteúdo misto pode(m) aparecer uma ou mais vezes de forma intercalada com o conteúdo textual.

2.3. Relação das expressões idiomáticas portuguesas com mais de dois equivalentes alemães

O seguinte quadro das expressões idiomáticas portuguesas que apresentam mais de duas expressões equivalentes alemãs foi elaborado com base no *corpus* electrónico anotado e validado do *Dicionário Idiomático Português – Alemão* acima descrito. A disposição das expressões portuguesas por ordem decrescente segundo o número de equivalentes que apresentam fornece uma visão de conjunto das potencialidades desta relação para estudos nos domínios da linguística contrastiva português – alemão, da tradução, do ensino-aprendizagem do alemão ou do português como língua estrangeira.

LEMA	EXPRESSÃO PORTUGUESA		Número de equivalentes alemães	5
	Número de equivalentes alemães	12	constituição	ter uma [constituição] de ferro/aço
cabo	dar [cabo] de alg		perna	ter alg à [perna]
	Número de equivalentes alemães	9	substituir	[substituir] alg
cabeça	perder a [cabeça]		espertalhão	ser (um) [espertalhão]
ir	[ir] longe demais		pele	ser só [pele] e osso
Olhos	fechar os [olhos] (a qc)		partida	pregar uma [partida] a alg
	Número de equivalentes alemães	8	contar	poder [contar] com alg
boca	ficar de [boca] aberta		estribeiras	perder as [estribeiras]
exagerar	exagerar		pés	não ter [pés] nem cabeça
pirar-se	[pirar-se]		poder	não [poder] com qc
	Número de equivalentes alemães	7	fundo	no [fundo]
cabo	dar [cabo] de qc		respeito	(não) dizer [respeito] a alg
descobrir	[descobrir] qc		cordelinhos	mexer/puxar os [cordelinhos]
detestar	[detestar] qc		matar	[matar] alg
informar	[informar] alg (de qc)		botas	lamber as [botas] a/de alg
marcas	passar das [marcas]		durar	(já) não [durar] muito
palavra	[palavra] de honra!		ignorar	[ignorar] alg
portas	estar às [portas] da morte		ficar	[ficar] para trás
sabê-la	[sabê-la] toda		desaparecer	fazer [desaparecer] qc
	Número de equivalentes alemães	6	cotovelos	falar pelos [cotovelos]
cágados	armar(-se) aos [cágados]		forte	essa é [forte]!
casaca	cortar na [casaca] (de/a alg)		espalhar-se	[espalhar-se]
cinto	(ter que) apertar o [cinto]		parede	encostar alg à [parede]
costas	ter as [costas] quentes		dizer	[dizer] mal de alg
dar-se	[dar-se] por vencido		boas	[dizer] das [boas] e das bonitas a alg
enganar	[enganar] alg		desistir	[desistir]
entender	(não) se [entender] com qc		desaparecer	[desaparecer]
falhar	[falhar]		derrubar	[derrubar] alg
impossível	parece [impossível]!		maneira	de [maneira] nenhuma
liquidar	[liquidar] alg		deitar	[deitar] alg abaixo
nulidade	ser uma [nulidade]		dar	[dar] tudo por tudo
opinião	mudar de [opinião]		conhecimento	dar [conhecimento] a alg de qc
palha	não mexer uma [palha]		custe	[custe] o que custar
pensar	nem [pensar] nisso		consolar	[consolar]/[confortar] alg
pio	perder o [pio]		Confundir	[confundir] alg
reformar-se	[reformar-se]		carapau	armar(-se) ao pingarelho/aos [cágados]/em [carapau] de corrida/aos cucos
sorte	boa [sorte]!		nada	absolutamente [nada]

Número de equivalentes alemães

4

impossível	é [impossível]!	coragem	perder o [ânimo]/a [coragem]
mundo	viver num [mundo] à parte	paralisar	[paralisar] qc
feitiço	virar-se o [feitiço] contra o feiticeiro	opor-se	[opor-se] a alg/qc
coisas	ver as [coisas] como elas [são]	papas	não ter [papas] na língua
saúde	tratar da [saúde] a alg	brincadeiras	não ser para [brincadeiras]
cão	tratar alg abaixo de [cão]	chamado	não ser para aqui [chamado]
fraquinho	ter um [fraco]/[fraquinho] por alg/qc	mau	não ser nada [mau]
ódio	ter um [ódio] mortal/de morte a alg	prestar	não [prestar] para nada
mão	ter qc à [mão] (de semear)	pescar	não percebe/[pescar] patavina/nada de qc
terminar	[terminar]	largar	não [largar] alg
faca	ter a [faca] e o queijo na mão	cabeça	não deves/o Sr. Silva não deve/... estar bom da [cabeça]!
escola	ter a [escola] toda	boca	não abrir a [boca]
sumir-se	[sumir-se]	penses	nem [penses]/pense/... nisso!
disparates	(só/simplesmente/...) dizer [disparates]/[asneiras]/...	Deus	meu [Deus]!
vidrinho	ser um [vidrinho] de cheiro	medo	meter [medo] a alg
picuinhas	ser um [picuinhas]	ordem	meter alg na [ordem]/[linha]
gabarola	ser (um) [fanfarrão]/um [gabarola]	dentes	mentir com quantos [dentes] se tem na boca/como uma cesta rota
fanfarrão	ser (um) [fanfarrão]/um [gabarola]	mandar	[mandar]
fantástico	ser [formidável]/[fantástico]	mais	[mais] ou menos
série	ser fora de [série]	livrar-se	[livrar-se] de alg
ruína	ser a [ruína] de alg	fim	isso/qc não é o [fim] do mundo
sempre	[sempre]	sentido	isso/qc não faz [sentido] (nenhum) (para alg)
safar-se	[safar-se] {	música	isso/qc é [música] para os ouvidos de alg
bandeiras	rir às [bandeiras] despregadas	esteira	ir/seguir na [esteira] de alg/qc
revelar-se	[revelar-se]	cama	ir para a [cama] com alg
render-se	[render-se]	interromper	[interromper] alg
pés	rastejar aos [pés] de alg	incrível	é [incrível]!
problema	qual é o [problema]?	rabo	fugir/ir-se embora/retirar-se/... com o [rabo] entre as pernas
incredível	(qc) é [incrível]/[incredível]	força	[força]!
piro	[pôr-se] a andar/no [piro]	lixar	foder/[lixar]/tramar alg
mexer	pôr-se a [andar]/[mexer]	efeito	ficar sem [efeito]
prática	pôr qc em [prática]	vista	fazer [vista] grossa (a qc)
ordem	pôr qc em [ordem]/ordem em qc	curva	fazer uma [curva]
provocar	[provocar] alg	troca	[fazer] [troça]/pouco de alg
propagar-se	[propagar-se]	olhos	fazer qc de [olhos] fechados/com uma perna às costas
lado	pôr de [lado] qc	perna	fazer qc com uma [perna] às costas
lado	pôr alg de [lado]	negócio	fazer [negócio] com qc
porra	[Porra]!	tripas	fazer das [tripas] coração
calos	pisar os [calos] a alg		

barulho	fazer [barulho]
teso	estar [teso]/liso/depenado
borrifando	estar-se [borrifando]/marimbando para alg/qc
mortinho	estar morto/[mortinho] por fazer qc
disposição	estar disponível/à [disposição] de alg
cagaço	estar com [cagaço]/cheio de cagaço
trabalhar	estar a [trabalhar] em qc
costuras	estar a [rebentar] (pelas [costuras])
postos	estar a [postos]
morte	estar a pensar na [morte] da bezerra
últimas	estar a [dar] as [últimas]
dar	estar a [dar] as [últimas]
especialmente	[especialmente]
enganar-se	[enganar-se] redondamente
enfurecer-se	[enfurecer-se]
encolher-se	[encolher-se]
princípio	do [princípio] ao fim
verdades	dizer umas [verdades] a alg
diabos	[diabos] levem alg!
despachar-se	[despachar-se]
descarrilar	[descarrilar]
momento	de [momento]
demitir-se	[demitir-se]
critério	deixar à [escolha]/ao [critério] de alg
mão	deitar a [mão] a qc
mãozinha	dar uma mão/[mãozinha] (a alg)
vila-diogo	dar às de [vila-diogo]
suspiro	dar/exalar o último [suspiro]
graxa	dar [graxa] a alg
carta	dar [carta] branca a alg
cabo	dar [cabo] de alg/qc
correr	[correr] com alg
confortar	[consolar]/[confortar] alg
contas	(com qc) saírem as [contas] furadas a alg
roupa	chegar a [roupa] ao pêlo a alg
fim	chegar ao [fim]
casar-se	[casar-se]
calminha	[calminha]!
esquecimento	cair no [esquecimento]
caminho	bloquear o [caminho] a alg
saúde	beber/brindar à [saúde] de alg

retirada	bater em [retirada]
passagem	barrar a [passagem]/o caminho a alg
caminho	barrar a [passagem]/o [caminho] a alg
baralhar	[baralhar] tudo
caminho	atravessar-se no [caminho] de alg
cara	atirar (com) qc à [cara] a/de alg
traje	aparecer/vir em [traje] de gala/cerimónia
volta	andar sempre/... à/de roda/[volta] de alg
roda	andar sempre/... à/de [roda]/volta de alg
terra	andar de [terra] em terra
noite	a meio da [noite]
prazo	a longo [prazo]
coisa	ali/... há [coisa]!

Número de equivalentes alemães 3

zombar	[zombar]/troçar de alg
zangar-se	[zangar-se]
ceguinho	... (que) eu seja [ceguinho] se ...
atrás	voltar com a (sua) [palavra] atrás
planeta	viver noutra [planeta]
viver	[viver] à grande
viver	[viver] à grande e à francesa
custa	viver à [custa] dos outros
hora	vir na [hora] »h«
virar	[virar]
vir	[vir] ao de cima
luto	vestir-se de preto/[luto]
ver	[ver]/fazer tudo negro
vender	[vender] qc
vencer	[vencer] (alg)
pitada	um [pitada] de sal/...
limites	ultrapassar os [limites]
ultimamente	[ultimamente]
ideia	tu/ele/... não fazes/faz/... a mais pequena [ideia]!
trocar	[trocar] tudo/...
olho	trazer alg (sempre) debaixo de [olho]
indiferença	tratar alg/(qc) com [indiferença]/desprezo
trair	[trair] alg
turnos	trabalhar por [turnos]
vapor	trabalhar a todo o pano/gás/[vapor]
decisão	tomar uma [decisão]

posse	tomar [posse] de qc	faltava	só [faltava] mais esta!
precauções	tomar medidas/providências/ [precauções]	vira-casacas	ser um [vira-casacas]
juízo	tomar [juízo]	direitas	ser um [tipo]/uma [mulher]/...às [direitas]/como [deve] ser_
conta	tomar [conta] de alg	típo	ser um [tipo] às direitas/como deve ser
todo	[todo]	cabeçudo	ser (um) teimoso/[cabeçudo]/casmu rro
proveito	tirar [proveito] de qc	pau-de-virar- trípas	(ser) um [pau-de-virar- trípas]
proveito	tirar [partido]/[proveito]/ [vantagem] de qc	parvalhão	ser um [parvalhão]/estúpido/ [idiota]/...
partido	tirar [partido]/proveito/ vantagem de qc	papa-açorda	(ser) um [papa-açorda]
desforra	tirar a [desforra] (de qc)	descarado	(ser) um [descarado]/atrevido/ atrevião/desavergonhado
fraco	ter um fraquinho/[fraco] por alg/qc	bruta-montes	ser um [bruta-montes]
deslize	ter um [deslize]	bico	(ser) um [bico] de obra
coração	ter um [coração] de pedra/gelo/bronze	banana	ser um [banana]
black-out	ter um [black-out]	barra	ser uma [águia]/[barra]
língua	ter uma [língua] viperina	porcaria	(ser) uma droga/merda/[porcaria]
língua	ter uma [língua] destravada	boa	ser (toda) [boa]
coração	ter uma [alma]/um [coração] de ouro	útil	ser [útil] (a alg)
sorte	ter [sorte]	burro	ser teimoso como/que nem um [burro]/jerico
sorte	ter [sorte] com alg	coisas	ser superior a isso/a essas [coisas]
consciência	ter/sentir a [consciência] tranquila	inglês	(ser só) para [inglês] ver
sangue	ter [sangue] quente	responsável	ser [responsável] por alg/qc
diga	[ter] que se lhe [diga]!	raposa	ser [raposa] velha
mãos	ter qc entre [mãos]	invenção	ser pura [invenção]/ficção
problemas	ter [problemas] de/com o fígado/de/com os rins/de/com o coração/...	ser	[ser] [por] alg/qc
quês	ter os seus inconvenientes/[quês]	emenda	ser pior a [emenda] (do) que o soneto
dias	ter os [dias] contados	hora	ser pago à [hora]
sentido	ter o/um sexto [sentido] para qc	esperto	ser muito [esperto]
olho	ter [olho] vivo	sucedido	ser mal [sucedido]
habilidade	ter [jeito]/[habilidade] para qc	tremoços	ser mais conhecido que os [tremoços]
dificuldade	ter [dificuldade] em fazer qc	formidável	ser [formidável]/fantástico
conhecimento	ter [conhecimento] de qc	vistas	ser de [vistas] curtas
relações	ter boas [relações]	despedido	ser [despedido]
olho	ter alg (debaixo) de [olho]	manteiga	ser como [manteiga] em focinho de cão
ideia	tens/...cada [ideia]!	capaz	ser [capaz] de fazer qc
pensar	só/.&c.vp.&c.vp.[pensar] em qc	vez	ser a [vez] de alg
surgir	[surgir]	favor	ser a [favor] de alg/qc
suicidar-se	[suicidar-se]	consciência	sentir/ter a [consciência] pesada
estopinhas	suar as [estopinhas]	discórdia	semear a [discórdia] (entre as pessoas/...)
sondar	[sondar] alg		
sobrar	[sobrar]		
isso	só [isso]?		

interrupção	sem descanso/ [interrupção]/intervalo	deserto	pregar aos [peixes]/ no [deserto]
descanso	sem [descanso]/ interrupção/intervalo	lado	pôr/deixar qc de [lado]/parte
pestandejar	sem abrir a boca/[pestandejar]	maluco	pôr/deixar alg [maluco] (com qc)
boca	sem abrir a [boca]/pestandejar	vida	pôr a (sua) [vida] em risco/jogo
caminho	seguir o seu [caminho]/rumo	cartas	pôr as [cartas]/o jogo na mesa
Deus	santo [Deus]!	rua	pôr alg na [rua]/no olho da rua
prova	sair-se bem duma [prova] difícil	combate	pôr alg fora de [combate]
tiro	sair o [tiro] pela culatra a alg	liberdade	pôr alg em [liberdade]
vencedor	[sair]/ficar [vencedor]	maluco	pôr alg doido/[maluco]/louco
sabe-se	[sabe-se] lá!	dono	pôr alg com [dono]
saber	[saber] qc	descoberto	pôr a [descoberto]
poda	saber/ entender da [poda]/ do ofício	sim	pois [sim]
saber	[saber] de qc	certeza	podes/pode/... ter a [certeza]!
gargalhadas	rir às [gargalhadas]	pisgar-se	[pisgar-se]
retirar-se	[retirar-se]	picar-se	[picar-se]
restabelecer-se	[restabelecer-se]	prós	(pesar/...) os [prós] e os contras (de qc)
Responsabilizar	[responsabilizar] alg (por qc)	equilíbrio	perder o [equilíbrio]
repreender	[repreender]/censurar alg	vida	perder a [vida]
registar	[registar] qc	paciência	perder a [paciência]
recompor-se	[recompor-se]	vista	perder alg (completamente) de [vista]
realizar	[realizar] qc	pegar-se	[pegar-se] com alg
corra	que tudo te/vos/...[corra] bem/...	fogo	pegar [fogo]
vida	qc é uma questão de [vida] ou de morte	rasteira	passar uma [rasteira] a alg
questão	qc é uma [questão] de vida ou de morte	passar	[passar]
demais	qc já é [demais]/exagero	particularmente	[particularmente]
cúmulo	qc/isso é incrível/o máximo/o [cúmulo]	vilão	para [vilão] vilão e meio
incrível	(qc) é [incrível]/inacreditável	sempre	para (todo o) [sempre]
sentimento	puxar ao [sentimento]	parar	[parar]
cobro	pôr termo/[cobro] a qc	já	para [já]
cavar	pôr-se a [cavar]/na alhetta/ao fresco	moeda	pagar na mesma [moeda]
píncaros	pôr qc nos [píncaros] da lua	moeda	pagar a alg na mesma [moeda]
pés	prostrar-se aos [pés] de alg	Zé-povinho	o [Zé-povinho]
processar	[processar] alg	opor-se	[opor-se]
primeiro	[primeiro]	olho	[olho] por olho, dente por dente
pressionar	[pressionar] alg	ofender	[ofender] alg
cão	(é) preso por ter [cão], preso por não ter	pêlo	(nu) em [pêlo]/pelota/pelote
prender	[prender]/deter/capturar/[filar] alg	olhos	(não) ver qc com bons [olhos]
prejudicar	[prejudicar] alg/qc	pena	(não) valer a [pena]
peixes	pregar aos [peixes]/no deserto	sangue	(não) ter [sangue] nas veias/na gueltra
		coragem	(não) ter [coragem] de fazer qc

tempos	nos [tempos] mais próximos	levar	[levar] a melhor (a alg)
considerado	não ser [considerado]	miséria	levar alg à [miséria]
iludir-se	não se [iludir]	levar	[levar] alg (à certa)
respeitar	não [respeitar] nada nem ninguém	lebre	levantar a [lebre]
possível	não é [possível]!	largar-se	[largar-se]
crer	não [posso] ([crer])!	julgar-se	[julgar-se] sei lá o quê
ser	não pode [ser]!	barbas	já ter (umas) [barbas]!
patavina	não perceber [patavina] de qc	cor	(já) saber qc de [cor] e salteado
dedo	não mexer uma [palha]/um [dedo]	descaramento	já é preciso [descaramento]!
largar	não [largar] alg com qc	mão	(já) não ter [mão] em alg
faltar	não [faltar] nada a alg	usar	já não se [usar]/utilizar
exagerar	não [exagerar]	poder	já não [poder] mais com qc
pormenores	(não) entrar em [pormenores]	estar	(já) [estar] com qc por aqui (acompanhado do seguinte gesto: com a palma da mão atravessada no pescoço ou no alto da cabeça)
palavra	não dizer (nem) uma [palavra]	cabelos	(já) estar com qc pelos [cabelos]
dizer	não [dizer] nada a alg	olhos	já deitar qc pelos [olhos]
perceber	não [compreender]/[perceber]/[entender] nada de qc	chinês	isso/qc é [chinês] para alg
calcanhares	não chegar às [solas] dos sapatos/aos calcanhares de alg/qc	pergunta	isso nem se [pergunta]/...!
pé	não arredar [pé] (do sítio/...)	ir-se	[ir-se]
poder	não aguentar/[poder] mais	canetas	ir-se abaixo das [canetas]
boca	não abrir mais a [boca]	irritar-se	[irritar-se]
verdade	na [verdade]	vale	ir para / meter-se em [vale] de lençóis
totalidade	na sua [totalidade]	rua	ir para a [rua]
hipóteses	na pior das [hipóteses]	caminha	ir para a [caminha]/o quente/o ninho
nada	[nada]!	vento	ir de [vento] em popa
provavelmente	muito [provavelmente]	ir	[ir] desta para melhor
mãos	morrer às [mãos] de alg	lado	ir cada um para seu [lado]
morrer	[morrer]	lenha	(ir) arranjar/buscar/procurar [lenha] para se queimar
copos	meter-se nos [copos]	intervir	[intervir]
bolso	meter qc ao [bolso]	insultar	[insultar] alg
linha	meter/pôr alg na [linha]/nos eixos	processo	instaurar um [processo] contra alg
chinelos	meter alg num [chinelos]	guardar	[guardar] qc
matar-se	[matar-se]	grão	[grão] a grão enche a galinha o papo
tiro	matar alg a [tiro]	gozar	[gozar] com alg/qc
calma	manter a [calma]/o sangue-frio	gozar	[gozar] com alg
manifestar-se	[manifestar-se]	gostar	[gostar] muito de alg
mandar	[mandar] uma a/em alg	generalizar	[generalizar]
verdade	lá isso é (bem) [verdade]!	dinheiro	gastar [dinheiro] às mãos cheias/largas
lisonjear	[lisonjear]/[bajular] alg	fugir	fugir
vida	levar uma [vida] flauteada	pinga	ficar sem [pinga] de sangue
termo	levar qc a bom [termo]		

fala	ficar sem [fala]	marimbando	estar-se nas tintas/borrifando/[marimbando] (para qc)
visto	ficar mal [visto]	cagar	estar-se a [cagar] para alg/qc
enjoado	ficar [enjoado]	relacionado	estar [relacionado] com qc
lençóis	ficar em apuros/maus [lençóis]	parado	estar [parado]
fora	ficar completamente/... [fora] de si/louco	noutra	estar [noutra]
cara	ficar com a/de [cara] à banda	programa	estar no [programa]
cabeça	+ ficar com a [cabeça] (a andar) à roda	poder	estar no [poder]
olhar	ficar a [olhar]	mãos	estar nas [mãos] de alg
direitos	fazer valer os seus [direitos]	lonas	estar nas [lonas]
brinde	fazer um [brinde]/uma saúde a alg	lua	estar na [lua]
figura	fazer uma triste [figura]	tremido	estar (muito) [tremido]
saúde	fazer uma [saúde]/um brinde a alg	estar	[estar] (mesmo/...) para fazer qc
figura	fazer uma [figura] triste/...	distraído	estar longe/desatento/[distraído]
careta	fazer uma [careta]/um esgar	ultrapassado	estar fora de moda/[ultrapassado]
naturalidades	fazer qc com a maior das [naturalidades]	ponta	estar farto de qc até à [ponta] dos cabelos/até aos cabelos
ouvidos	fazer [ouvidos] de mercador	pontas	estar farto/cheio (até às) [pontas] dos cabelos de qc/alg
olhinhos	fazer [olhinhos] a alg	estragado	estar [estragado]
jogo	fazer o [jogo] de alg	bebé	estar à espera de [bebé]/de um filho
balanço	fazer o [balanço] (de qc)	encravado	estar encalhado/[encravado]
merda	fazer [merda]	disposto	estar [disposto] a fazer qc
disparates	fazer [disparates]/tolices/maluquices	serviço	estar de [serviço]
vida	fazer a [vida] negra a alg	dívidas	estar crivado de [dívidas]
vontadinhas	fazer a(s) vontade(s)/as [vontadinhas] (todas) a alg	maluco	estar completamente/... doido/[maluco]
pazes	fazer as [pazes] com alg	trabalhar	(estar a) [trabalhar]
compreender	fazer alg [compreender]/entender qc	pés	(estar) atado de [pés] e mãos
fascinar	[fascinar] alg	rebentar	estar a [rebentar] (pelas costuras)
palavra	faltar ao prometido/à (sua) [palavra]	pensar	estar a [pensar] noutra coisa
falar	[falar] sozinho	coisa	estar a pensar noutra [coisa]
falar	[falar] é fácil!	morrer	estar a [morrer]/à morte
explodir	[explodir]	passos	estar a dois [passos] da morte
explicar	[explicar] qc a alg	estabelecer-se	[estabelecer-se]
exaltar-se	[exaltar-se]	nova	essa é [nova]!
evaporar-se	[evaporar-se]	esquece	[esquece]/esqueçam/.../isso (tudo)/...!
digo	eu/eles/...já te/vos/... [digo]/dizem!	espera	[espera] por essa/ela!
planos	estragar/desarranjar os [planos] a alg	pena	escrever ao correr da [pena]
pernil	esticar a canela/o [pernil]	pronto	e [pronto]
bêbedo	estar totalmente/completamente /... [bêbedo]	Pontos	entregar os [pontos]
liso	estar teso/[liso]/depenado	conflito	entrar em [conflito] com a lei/a constituição/.../(alg)

dar-se	entender-se/[dar-se] bem com alg	estado	declarar/decretar/proclamar o [estado] de emergência (num país/...)
engasgar-se	[engasgar-se]	modo	de certo [modo]
levar	enganar/[levar] alg	mancira	de certa [mancira]
ludibriar	enganar/levar/[ludibriar]/intrometer alg	toque	dar um [toque] a alg
rédeas	encurtar as [rédeas] (a alg)	mão	dar uma [mão]/[mãozinha] (a alg)
encorajar	[encorajar] alg	trabalho	dar [trabalho] a alg
tempos	em [tempos] que já lá vão_	conta	dar-se [conta] de qc
empenhar	[empenhar] qc	dar	[dar] que fazer a alg
particular	em [particular]	publicidade	dar publicidade a qc
dominar-se	[dominar-se]	sermão	dar/pregar/passar um [sermão]/raspanete a alg
dominar	[dominar] qc	nó	dar o [nó]/laço
cena	dominar a [cena]	braço	dar o [braço] a alg
dizer	[dizer] qc a alg	berro	dar o [berro]
dizer	[dizer] das boas e das bonitas a alg	vistas	dar nas [vistas]
dizer	[dizer] a alg o que se pensa/qual é a sua [opinião]	cabeça	dar na [cabeça]/veneta a alg fazer qc
vida	[dificultar] as coisas/a [vida] a alg	trabalho	dar muito [trabalho]/muita canseira a alg
destruir	[destruir] qc	dar-lhe	[dar-lhe] a valer
tempo	desperdiçar/perder o (seu) [tempo]	graxa	dar [graxa] a alg/lamber as botas a alg/fazer salamaleques
despedir-se	[despedir-se] de alg	conta	dar [conta] de qc
desligar	[desligar]	dar	[dar] com qc
desembarcar	[desembarcar]	burros	dar com os [burros]/burrinhos na água/na areia (com qc)
tempos	desde [tempos] imemoriais	burrinhos	dar com os burros/[burrinhos] na água/na areia (com qc)
sempre	desde [sempre]	língua	dar com a [língua] nos dentes
descompor	[descompor] alg	dar	[dar] certo
circulação	esaparecer da [circulação]	cabo	dar [cabo] de um carro/...
desanimar	[desanimar]	cabo	dar [cabo]/conta dos nervos a alg
desabafar	[desabafar]	vida	custar a [vida] a alg
derrotar	[derrotar] alg	cumprimentar	[cumprimentar] alg
denunciar	[denunciar] alg (a alg)	cruzar-se	[cruzar-se] com alg
rir	+ deixa-me/...[rir]!	braços	cruzar os [braços]
ferro	deitar/lançar âncora/[ferro]	dificuldades	criar [dificuldades] (a alg)
unha	deitar a(s) [unha](s)/a mão/luva a qc	cravar	[cravar] alg
mão	deitar a [mão] a alg	relações	cortar [relações] com alg
lenha	deitar [achas]/lenha na/para a fogueira	corresponder-se	[corresponder-se] com alg (por causa de ...)
defender	[defender] alg	risco	correr o [risco]/o perigo de...
facto	de [facto]	perigo	correr o [perigo]/risco de ...
corpo	dedicar-se de [corpo] e alma a qc	boato	corre o [boato] (de) que alg ...
vida	dedicar/consagrar a (sua) [vida] a alg/qc	coragem	[coragem]!
dia	de [dia]		
correr	[decorrer]/[correr] bem/...		

matrimónio	contrair [matrimónio]	casar	[casar]
continuar	[continuar]	esparrela	cair na [esparrela]
conseguir	[conseguir] (fazer) qc	proveito	bom [proveito]!
coração	conquistar o [coração] de alg (com qc)	bota	bater a [bota]
mundo	conhecer meio [mundo]/toda a gente	busílis	ai/... é que está a dificuldade/o [busílis]
conhecer	[conhecer] alg	ver	a [ver] vamos
confundir	[confundir] tudo/qc	cucos	armar(-se) ao pingarelho/aos cágados/em carapau de corrida/aos [cucos]
comprometer	[comprometer] alg	porca	aqui/ai é que a [porca] torce o rabo
tempo	com o [tempo]	cinto	apertar o [cinto]
dedo	comer até lhe chegar com o/um [dedo]	doença	apanhar uma [doença] venérea
pé	começar a perder o [pé]/a patinar	bocas	andar nas [bocas] do mundo
paciência	(começar a) perder a [paciência]	bezerro	adorar o [bezerro] de ouro
mexer-se	começar a [mexer-se]	correr	a [correr]
certeza	com [certeza]!	passo	acelerar o [passo]
claro	[claro] que sim!	boca	abrir a [boca]
sentido	cingir-se à letra/ao [sentido] literal de qc	trono	abdicar do [trono]/da coroa
Gregório	chamar pelo [Gregório]		
ceder	[ceder]		